

A. P. Dillit... de Senador Barros
off. e outro

J. CANDIDO TEIXEIRA

A REPUBLICA BRAZILEIRA

A ultima propaganda — Apontamentos para a historia
Datas gloriosas — Factos memoraveis

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1890.

1154-90

V
981.05
J 266
RB
1890

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 7977

de ano de 1946

AO GENERALÍSSIMO

MARECHAL MANOEL DEODORO DA FONSECA

Invictus est

O AUTOR.

AO EMINENTE JORNALISTA

DR. RUY BARBOZA

Insignis virtus

O AUTOR.

AOS VELHOS REPUBLICANOS

*Vita est labor.
Laboremus. . .*

O AUTOR.

Á

Ilustrada impreña de Buenos-Aires

Tibi cor

O AUTOR.

UMA EXPLICAÇÃO

Os innumeros pedidos que tenho recebido desta capital e do interior, de collecções da *Republica Brasileira*, que dirigi desde o seu começo em maio até setembro de 1889, em que cessou a sua publicação, pelos motivos das perseguições de todas as ordens que nos foram feitas pelo governo do Sr. Visconde de Ouro Preto, conforme se verá dos nossos artigos na primeira parte deste livro, e constam de todos os jornaes dessa época, obrigando-nos a expatriarmos para o Rio da Prata, onde em Buenos-Aires iamõs montar um grande jornal de propaganda republicana, intitulado *Correio da America*, que chegou a ter a sua typographia prompta, quando illuminou a America a luz brilhante de 15 de novembro, que no nosso artigo de 14 de setembro do mesmo anno demos como prestes a irromper das almas patrioticas de nossos concidadãos, incitaram-me o desejo de publicar o presente livro, visto como não podia satisfazer aquelles pedidos de amigos e correligionarios, pela falta de collecções do referido jornal, que tinham-se esgotado absolutamente.

Procurando satisfazer, ao menos em parte, os desejos dos nossos amigos e correligionarios, resolvi colleccionar os artigos de fundo da *Republica Brasileira*, addicionando os que publiquei em Buenos-Aires depois de proclamada a Republica, nossa aspiração tão ardente, e pela qual tantos sacrificios e esforços tinhamos feito.

Como se comprehenderá, os artigos colleccionados neste livro foram todos de occasião, escriptos sob a primeira

impressão dos acontecimentos, como acontece no jornalismo e portanto resentindo-se muitas vezes da falta de certa meditação e estudo.

Por esses despreziosos escriptos, que não alteramos em cousa alguma, se verá como fizemos a ultima propaganda e se aquilatará do nosso patriotismo e da previsão que tínhamos do proximo advento da gloriosa proclamação da Republica em nosso paiz ; e para demonstrar os grandes esforços e os innumerados sacrificios que havia feito desde o seculo passado o partido republicano em prol da causa da patria, publicamos algumas datas gloriosas dos seus opulentos fastos e muitos importantes documentos que servirão para provar que essa aspiração estava sempre nitida e arraigada no peito dos verdadeiros patriotas, e que a brilhante evolução operada em 15 de novembro não foi mais do que a consequencia logica dessa latente propaganda que incitou o patriotismo do exercito e da armada, produzindo o facto mais memoravel que tem tido logar em todo o mundo, apreciando-o por todas as suas phases e consequencias beneficadas.

Sem aspirações de gloria, a que não temos direito, e muito menos por qualquer motivo de vaidade, publicamos este livro, que, si tem algum merecimento, consiste sómente na boa fé e no patriotismo com que no jornalismo sustentámos a causa republicana, que era incontestavelmente a da Patria, como vieram provar os gloriosos acontecimentos posteriores, que deram em resultado sermos actualmente cidadãos de uma patria livre, tendo por base a ordem e o progresso, que deverá para sempre, illuminado pelo magestoso Cruzeiro, unir esta grande nação, para o glorioso fim que lhe auguram as suas immensas riquezas, sob o brilhante influxo da mais plena liberdade.

A REPUBLICA BRAZILEIRA

Bastante difficil será a tarefa do historiador, quando imparcialmente quizer, ainda no meio das paixões, despertadas pelo patriotismo, e muitas vezes pelo interesse e egoismo, traçar as bases de uma revolução como a de 15 de novembro, que derruiu por terra com um grande imperio, quando julgava-se mais seguro, e para sempre esmagada a hydra republicana, cuja morte fôra confiada com plena confiança a um homem vaidoso e intelligente, audacioso e tenaz da altura do Visconde de Ouro-Preto no celebre pacto de Petropolis, a que por diversas vezes fizemos menção em nossos artigos na *Republica Brasileira*.

Mas os destinos são obscuros quanto immutaveis ! A grande revolução, como um mar de esperanças bem-ditas, espraçou-se serenamente alagando todo o Brazil com as suas aguas lustraes, sem mesmo o minimo protesto daquelles que pereciam afogados em suas correntes, como aconteceu com os representantes do senado e camara dos deputados, que aliás achavam-se funcionando, e que nem sequer lançaram contra a revolução o menor protesto em defesa das instituições que juraram manter !

E? que a grande luz da liberdade cegou-os ; e passados os primeiros momentos, voltaram-se para ella instinctivamente, como a vivificadora desta Patria, que elles tanto tinham estragado e corrompido.

Cada qual procurou fazer a sua profissão de fé, adherindo áquelles que eram os loucos, os idiotas, os miseraveis, que tanto tinham soffrido para que essa luz bemditá clareasse os destinos deste continente, fazendo de toda a America uma patria unica de liberdade e amor.

A historia mais tarde, quando estiverem arrefecidas todas as paixões de momento; quando todas as injustiças houverem sido reparadas; quando todos os *adhesivos e adherentes* tornarem-se verdadeiramente republicanos, por sentirem que gozamos todos de uma liberdade e igualdade que ha muito deviamos ter, e que esta Patria grande e respeitada seja uma feliz nação, e que a historia do imperio nos appareça em toda a sua nudez com o cortejo das corrupções, das malevolencias, das suspeitas e dos crimes, então seremos julgados, serão julgados todos aquelles que, desde o immortal Silva Xavier até ao presente, sacrificaram-se pela causa santa de possuir uma patria verdadeiramente livre.

O carro dos triumphadores vae passando, e nós o saudamos, porque vae nelle com o nosso coração tambem o nosso esforço, apezar de ouvirmos os alaridos, chamando as maiores attenções, de muitos que eram contra nós, apontando-nos como perturbadores da ordem publica, quando pugnávamos justamente pelo successo da causa de que elles se julgam tambem agora os verdadeiros victoriosos!

Mas a justiça da historia é fatal como o destino, e, mais tarde ou mais cedo, justiça ha de ser feita aos benemeritos da Republica.

No emtanto, não ha vencidos nem vencedores na actualidade.

Todos devemos ser Brasileiros e pugnar pela união e grandeza da Patria e o bellissimo nome da Republica;

mas cada qual, que tenha o seu verdadeiro quinhão de glórias no ingente acontecimento que offuscou a todas as nações pelo seu brilhantismo, elevando ainda mais o nome brasileiro, que já se achava tão esplendidamente recommendado pela pacifica evolução do 13 de Maio.

Desde a gloriosa inconfidencia mineira que o Exercito ligara-se à causa republicana, e percorrendo-se a historia de todas as tentativas para a proclamação da Republica em todas as provincias, reconhece-se o papel distincto que elle sempre representou, concorrendo com tantos martyres para a sua sagrada causa.

O glorioso 15 de Novembro, que é incontestavelmente a data mais notavel da Patria, deve-se occasionalmente, sem duvida alguma ao Exercito e à Armada, que unanimemente souberam compenetrar-se do seu dever civico de cidadãos de uma patria livre, e por cuja causa tinham-se já sacrificado não poucos de seus companheiros e compatriotas.

Gloria ao Exercito e a seus dignos chefes, entre os quaes fulgura o bravo e patriota General Deodoro, que naquella hora suprema tiveram a previsão de uma patria grande, livre e feliz, operando uma das maiores evoluções que teem-se realizado no mundo no meio de risos e de festas, que demonstraram exuberantemente o contentamento do povo por ver-se no pleno gozo de seus sagrados direitos, e satisfeita a sua mais ardente aspiração de tantos annos.

Mas não se organiza facilmente uma nação como a nossa, que acaba de sahir de duas escravidões e com um territorio tão grande, comprehendendo interesses tão heterogeneos.

E' preciso muita calma, patriotismo e abnegação para chegarmos ao termo glorioso de possuirmos uma patria, como todos devemos desejar, grande, forte, prospera e feliz; mas que para isso devemos cooperar todos, na razão de nossas forças, mesmo de nossos sacrificios, e ao Exercito glorioso e valente Armada, grandes factores da evolução, compete parte activa e patriótica nesse *desideratum*, que ainda mais nos ha de elevar, elevando-os tambem, no conceito de todos os povos.

Não temos a pretensão de escrever a historia da Republica dos Estados Unidos do Brazil, cujas paginas gloriosas enchem-se de fulgor desde o seculo passado, porém tão sómente contribuir com um pequeno subsidio para o historiador do futuro, quando tiver de estudar a ultima phase da propaganda republicana, e ao mesmo tempo fazer reviver os batalhadores que mais se sacrificaram em todas as épocas pelo triumpho da sagrada causa.

No artigo que escrevemos em Buenos-Aires, sob o titulo *Las aspiraciones del Brasil*, publicado em 24 de novembro no importante jornal daquella capital *El Censor*, que aqui reproduzimos, acham-se perfeitamente synthetisados os esforços e sacrificios feitos pelos nossos maiores á causa da Republica.

Como documentos historicos de alta valia para a ultima propaganda, publicamos diversos manifestos e os mais importantes acontecimentos que se deram nesta capital e no interior, e a organização do Club *Tiradentes* nesta capital, que foi incontestavelmente neste centro do imperialismo o fóco donde partiam as palavras de coragem e animação para todo o paiz, e aonde se alimentava quotidianamente o fogo sagrado da causa republicana, apezar dos maiores embaraços, sacrificios e temores.

A revolução foi feita brilhantemente ; o Exercito e a Armada tiveram o papel importante que todos reconhecem ; mas cumpre indagar quem levou a convicção a esses centros de força e de acção para obtermos tão almejado e glorioso fim.

Esta será a missão da historia.

Indagar das causas, attendendo aos effeitos ; discriminar os acontecimentos, ligal-os, concatenal-os, tendo em relação factos e pessoas, eis a philosophia da historia, que não consiste sómente na exposição fria dos acontecimentos.

E' para esse fim, para servir de base ao historiador do futuro, que publicamos o presente livro que, com os já publicados e mais alguns outros, servirão de documentos para com toda a imparcialidade e justiça lançar em bases largas e solidas, de que é digna, a historia brilhante da fundação da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

AS ASPIRAÇÕES DO BRAZIL (*)

Sempre as idéas republicanas predominaram no Brazil, e desde o seculo passado que tem tido não poucos martyres.

Uma das primeiras tentativas teve lugar em 1790, na provincia de Minas Geraes, cujo martyr principal, Joaquim José da Silva Xavier, conhecido na historia pelo *Tiradentes*, foi quem primeiro regou com o seu nobre sangue o solo brasileiro pela causa da Republica.

Em 1817, em Pernambuco, a revolução fez numerosos martyres, sendo barbaramente fuzilados, entre outros muitos, os notaveis cidadãos Domingos Martins, Miguel Caldas e padre Roma; assim como na Parahyba do Norte, que adheriu ao movimento, os importantes chefes Domingos Theotônio Jorge, Antonio José Henriques, Barros Lima e padre Tenorio.

Essa importante revolução em prol da Republica se estendeu tambem pelas provincias do Rio Grande do Norte e Alagoas, contando muitas victimas as suas principaes familias.

(*) Este artigo foi publicado no *El Censor* de Buenos-Aires, de 24 de novembro, como uma reivindicação para o partido republicano brasileiro, pelas versões que corriam na imprensa daquela capital, de que o movimento de 15 de novembro era devido somente a alguns batalhões despeitados do Exército, porque era nulla a aspiração republicana no Brazil, visto como o povo achava-se completamente satisfeito com o governo do Sr. D. Pedro II.

Cremos ter rebatido essas versões, sendo o nosso artigo muito apreciado por toda a imprensa argentina.

Em 1824, nova revolução rebentava no Norte, capitaneada por Manoel de Carvalho Paes de Andrade, proclamando a Confederação do Equador, e cujas numerosas victimas ensanguentaram o odioso 1º reinado, cujo descontentamento de todo o Brazil deu logar à revolução de 7 de abril de 1831, que banuiu o 1º imperador, e que, por ter sido realizada no Rio de Janeiro, debaixo da influencia dos irmãos Andradas, não foi, como devia ser, com a retirada de Pedro I, proclamada a Republica, que era a aspiração dos Brasileiros, demonstrada pelas revoluções anteriores.

O desterro de Pedro I, que havia anarchisado e desmoralizado todo o paiz, foi recebido com o maior jubilo e enthusiasmo por toda a nação, que no meio de sua alegria e satisfação por ver-se livre de um tal tyranno desmoralizado, não tendo quem a guiasse convenientemente e influenciada pelos Andradas, deixou de proclamar a Republica, que era a consequencia logica da revolução, e assim perdeu-se a occasião mais opportuna de ver-se realizada a aspiração mais ardente do paiz, e a revolução triumphante tornou-se por essa fôrma incompleta.

No emtanto, passados os primeiros momentos de enthusiasmo, que encheu todo o paiz, pelo banimento de Pedro I, novas tentativas revolucionarias produziram-se até 1834, principalmente durante a regencia do Marquez de Caravellas, Lima e Silva e Campos Vergueiro, que nas provincias do Ceará, Bahia, Pará, Minas Geraes e Rio de Janeiro não pouco sangue custaram aos patriotas brasileiros.

Seguindo tão nobre exemplo, e estimulado pelas violencias commettidas, o Rio Grande do Sul em 1835 proclamou a Republica, e, por espaço de dez annos, viu

muitas vezes triumphante o seu glorioso pavilhão nos mares do Sul ao mando de Garibaldi e seus exercitos conquistando as maiores adhesões e victorias em toda a provincia e Santa Catharina, dirigidos pelos valentes Bento Gonçalves, David Canavarro, Jacintho Guedes e tantos outros herões, cujos nomes registra a historia daquella verdadeira epopéa de um povo heroico e patriota.

Em 1842, as provincias de Minas Geraes e S. Paulo levantaram-se nobremente proclamando a Republica, tendo á sua frente os principaes cidadãos; porém no combate de Santa Luzia, sendo derrotados os seus chefes mais importantes, a revolução não pôde continuar, aliás contando com grandes elementos, por circumstancias que não é opportuno agora discutir.

Durante esse tempo, a contar de 1834 a 1842, grandes manifestações hostis á monarchia, verdadeiras revoluções algumas, tiveram logar nas provincias da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Maranhão.

As atrocidades então commettidas nessas provincias pelos imperialistas foram numerosas, assim como as mortes violentas e os assassinatos os mais infames pelas circumstancias, que os rodeavam, de enganos e traições.

Depois desse grande periodo de luctas, pacificadas as provincias pelo terror e pela morte de seus principaes homens, como que o paiz fatigado de tantos sacrificios improficuos, deixou-se amollentar nos braços da monarchia, que aliás fazia todos os esforços para ser-lhe util e agradável, procurando ao mesmo tempo corromper e estragar os seus melhores caracteres, que foi durante o seu longo reinado quasi que o unico afã do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Os caracteres mais serios, os homens mais intelligentes e dignos, eram afastados acintosamente do poder, porque não se sujeitavam à tutela que em tudo queria exercer o imperador, contra a lettra da propria Constituição, e muitas vezes em contrario aos interesses da nação para satisfazer os seus caprichos pessoaes.

As aspirações republicanas, porém, robustecidas nesse periodo, e sempre predominando, entraram francamente em lucta, sendo publicado em 1870 um notavel manifesto dirigido à nação pelos principaes chefes, obtendo innumeraveis e importantes adhesões em todas as classes da sociedade brasileira.

Fundaram-se centros, clubs e jornaes em todas as provincias, que diariamente demonstravam ao povo os erros da monarchia, que servia sómente de embaraço ao progresso da nação, da qual era como uma parasita a sugar-lhe toda a vitalidade.

O attentado commettido em 1872 contra a *Republica*, órgão do partido na capital, veio provar que as suas idéas estavam prevalecendo ao ponto de atemorisar o governo, que procurava por todos os meios, empregando mesmo a força bruta, supprimir os jornaes que sustentavam a causa popular.

A propaganda, porém, estava feita; a idéa republicana irrompia de todos os lados e por todo o paiz.

Nas academias e nas escolas, no Exercito e na Armada, no commercio e na lavoura, em todas as reuniões, emfim, discutia-se e advogava-se a causa da Republica, como o unico meio de progresso para o paiz, que achava-se completamente atrophiado pelas vacillações, desfallecimentos e caprichos de um monarcha que sómente aspirava ser considerado pela Europa como

um sabio, sem que nada fizesse para merecer tão glorioso titulo, antes, pelo contrario, á vista do estado de atrazo de um paiz que havia governado discrecionalmente por espaço de 59 annos, com os maiores elementos de riqueza que se possa imaginar.

Ultimamente o partido republicano, completamente organizado, em grande maioria no paiz, tinha conseguido, apesar de todos os obstaculos e violencias dos governos, levar ás assembléas provinciaes e á geral grande numero de seus membros, bem como fazer maioria em muitas camaras municipaes.

A lucta gloriosa, que o povo brasileiro havia sustentado ha tantos annos em defesa do seu ideal politico, parecia chegar a seu termo victorioso, quando a adhesão completa do Exercito e da Armada veiu apressar de uma maneira esplendida a verdadeira aspiração do Brazil, que era, como acabamos de ver, desde muitos annos, mesmo antes de sua organização politica independente, pela realização da fórma federativa republicana.

O sangue de tantos martyres derramado desde o seculo passado até 30 de dezembro do anno passado nas ruas do Rio de Janeiro, teve finalmente a sua gloriosa consagração e o mais completo e brilhante triumpho, que servirá para cimentar a paz e a união de todos os Brasileiros, fazendo ao mesmo tempo com que a politica americana seja verdadeiramente fraternal para a ventura e engrandecimento do nosso afortunado continente.

PRIMEIRA PARTE

A ultima propaganda

A Republica Brasileira

O nosso apparecimento na imprensa, combatendo ao lado daquelles que se acham junto ao povo brasileiro, hasteando bem alto a bandeira de seus direitos, tão espesinhados sempre, importa a grande evolução que agita o mundo inteiro, e principalmente o nosso paiz.

Na falta de quem, mais competente do que nós, viesse arvorar a tenda do combate nesta capital, apparecemos sem pretensão alguma, tendo por unico fim ser uteis a idéa de nossas crenças, demonstrando por todas as fórmãs ao povo brasileiro que não é mais possivel a continuação da monarchia, que nos tem trazido, além de outros males, a maior de todas as desgraças sociaes — o indifferentismo junto á corrupção.

A propaganda accentua-se, predominando nas classes mais importantes da nossa sociedade, e muito breve teremos de ouvir entre as alegrias de um povo verdadeiramente livre os hymnos da redempção de nossa patria.

Preferimos ao jornal diario a revista, porque nella se concretisarã todo o movimento do paiz, e os seus trabalhos servirão mais tarde para formar o historico dos acontecimentos da actualidade, além de que, representando este tentamen sómente o esforço individual de poucos, seria para nós tarefa por demais ardua pela limitação de nossas forças. Assim caminharẽmos mais desassombrados para cumprir a patriótica missão que nos impuzemos, si, como esperamos, não nos faltar o necessario apoio dos nossos concidadãos.

O papel das revistas politicas, assim como as scientificas, está traçado, e tem muitas dellas, por seus estudos sérios e digna propaganda, contribuido para diversas reformas que tiveram logar na Europa.

Assim como o jornalismo diario tem uma grande missão, tambem cabe-nos a tarefa não menos importante nos assumptos da actualidade, que carecem de toda a energia, mas tambem da maior calma e prudencia para leval-os á comprehensão publica.

Eis a nossa modesta tenda de trabalho ; serão bemvidos todos os nossos correligionarios, de cujo apoio dependerá o nosso porvir e a quem saudamos com a alma cheia do mais puro enthusiasmo.

Saudando a todos os cidadãos, lhes diremos que, na *Republica Brasileira*, encontrarão todos os que habitam este paiz defeza para os seus direitos.

A' imprensa dirigimos os mais cordiaes cumprimentos, pedindo o mais humilde dos logares na fileira dos que combatem pelos grandes interesses da humanidade e da patria.

(11 de maio de 1889.)

As nossas armas

Não ha negar o maior civismo ao partido republicano brasileiro.

Apezar de ter soffrido todos os attentados do poder, ainda assim, tem-se conservado calmo em sua grandeza, sem uzar dos meios de que poderia lançar mão para rebater os seus perseguidores, sacrificando sem vantagem os seus correligionarios e mais população.

Factos ainda recentes tiveram logar nesta corte, na Lage do Muriahé, Santo Antonio de Padua, Anta, Angustura, Valença e S. João d'El-Rei, nos quaes escaparam de ser victimas do trabuco os nossos mais distinctos correligionarios, que com o maior civismo, mas com a calma que sómente dá o direito, tiveram de reagir contra a horda dos malfeitores insuflados pelas proprias autoridades a quem incumbe a garantia dos cidadãos que pagam para isso pesados impostos!

E o que faziam esses nossos distinctos correligionarios? Procuravam convencer pela palavra, demonstrando *historicamente* que a monarchia tem-nos sido fatal, e que não pôde continuar nas livres terras da America.

Com forças para reagir contra a sanha dos *ajustados* pelo poder, no emtanto temos-lhe deixado o campo livre, continuando na propaganda pacifica da palavra, do livro e do jornal.

Temos dado todas as provas de coragem, assim como de calma e de prudencia.

Não queremos o sangue. Si elle vier, como já veio, terá só de recahir, como já recahiu, sobre os mantos da realaleza.

As purpuras são para os reis.

Temos recuado sempre diante dos morticinios. No emtanto, fiquem certos que havemos de defender a todo custo os nossos direitos e liberdades.

A nossa prudencia tem limites. As calmarias são prodromos das grandes tempestades.

As nossas armas tem sido e serão a propaganda pela palavra, pelo livro e pelo jornal.

Temos horror ao sangue, mas também sabemos, como Saint André, que não ha povo livre sem tyranno morto.

A perseguição é como o vento do deserto, leva bem longe a semente das idéas, na phrase animada de Esquiros, devem saber os nossos adversarios.

Temos fé que poderemos conquistar a liberdade para a nossa patria sem o morticínio de nossos irmãos, porque as leis do direito e da razão são immutaveis.

A idéa republicana como caudal corrente vaø levando diante de si todos os preconceitos. e ao mesmo tempo deixando a fertilidade por onde passa, de fórma que não estará longe o dia em que a vejamos surgir por entre as ridentes flores da nossa opulenta e rica natureza, completamente victoriosa.

As sombras negras do passado não de fugir espavoridas, aterradas, diante da clara luz da actualidade, que surge brilhante no horisonte com a elevação da Republica Federalista Brasileira.

Para que não esteja longe este grande dia, não precisamos de outras armas que não sejam a palavra e o jornal, e que, sempre unidos, caminhemos firmes e resolutos, tendo no coração o amor pela felicidade da patria.

(11 de maio de 1889.)

Este artigo foi transcripto por toda a imprensa democratica do Brazil, bem como quasi todos aqui publicados.

11 de maio

Neste dia, em 1817, os gloriosos republicanos do Ceará, que acompanharam aos pernambucanos na grande aspiração da patria livre, são arrastados ás enxovias do Crato pelo capitão-mór Figueiras, e em 1837, depois da brilhante tomada de Caçapava, no Rio Grande do Sul, o grande general Netto à frente de 2.000 homens intima Porto Alegre a render-se; resistindo as forças imperiaes, dão os republicanos segundo cerco que só termina quatro annos depois.

Honra aos martyres da felicidade da patria, cujo sangue tem felizmente fructificado; não estando longe o grande dia de sua completa liberdade.

Avançamos

Todos os dias novas adhesões importantes veem engrandecer o partido republicano, e as mais energicas manifestações para a completa realisação desse verdadeiro ideal da democracia irrompe de todos os pontos do imperio.

Homens até agora entregues completamente á vida privada apparecem no combate, com ardor que faz honra ao sangue brasileiro.

O nobre exemplo ha pouco dado pelo illustre Dr. Francisco Santiago Gonçalves da Silva é uma prova evidente de que teem fructificado as sementes do bem lançadas na generosa terra brasileira.

De um outro distincto conservador, homem de letras, antigo deputado e alto funcionario publico, pertencente a uma familia conhecidamente dedicada ao imperador, recebemos um livro, sob o pseudonymo de *William Cobbett*, que finalisa com a sua completa adhesão á Republica da seguinte fórma :

« Os funeraes da monarchia se approximam ! Na sua frente, em triumphal, com musica de rabeca e bandolins, rompe o funereo cortejo immensa cohorte de titulares e fidalgos ; immediatamente todos os filhos, parentes e adherentes do poder ; logo após todos os Loyos e Benedictôs em fila cerrada e unida, levando ás costas enormes malas repletas de concessões e contractos ; em seguida os representantes do poder, trazendo todos estampada sobre o peito a divisa que os traz congregados, a saber : — o interesse da barriga e a conservação das posições officiaes ; no fim a bandeira esfarrapada da monarchia, a area santa (outr'ora) das liberdades publicas, a garantia (perdida) de todos os nossos direitos !

.....
 Ao longe a Republica cercada de immenso cortejo, rodando em rico carro de ouro puxado por soberbos leões, formosa, esbelta e cheia de magestade, recolhendo os despojos sagrados da patria para sobre elles levantar monumento glorioso que atteste ás gerações futuras a força, o vigor e a pujança da grande e nova patria americana !

••

Liquidada a causa da monarchia, desmantelado o poder, perdidas todas as noções do justo e do honesto, apagadas do espirito nacional todas as crenças, morta a justiça, perdida a confiança publica, despedaçada a honra nacional, que mais resta e espera o povo brasileiro para conjurar o medonho cataclysmo que ameaça submergir a grande não do Estado?!

A republica que é o governo dos povos livres, que não precisa de côrte nem de titulares, que não tem filhos nem dynastia a sustentar, que não precisa impor-se senão pelas leis da boa razão e da justiça, a Republica que não traz manto dourado, nem corôa recamada de pedrarias para cegar a ninguem.

A idéa republicana é aspiração vencedora; louco será quem tentar embargar-lhe os passos na sua marcha triumphal, porque será esmagado pelas rodas do grande carro que a sustenta — a vontade nacional!

Deus a traga para felicidade, honra e gloria do povo brasileiro.

(11 de maio de 1889.)

A corrupção

Com o fim unico de impor-se a esta terra, dadiva de um rei que na historia será conhecido pelo *fujão*, tem procurado a realza por todos os modos possiveis dividir, esphacelar, corromper e estragar-nos.

Do norte ao sul deste vasto imperio não ha quem não sinta o mau estar que traz a miseria e a fome!

No emtanto, o nosso solo é o mais uberrimo de todo o mundo, as nossas minas são as mais ricas, os nossos mares e rios os maiores e mais fecundos!

E' preciso cerrar completamente os olhos para não ver e comparar o progresso de toda a America em relação a nós, os infelizes que possuem a unica monarchia do continente.

Nada ha de bom neste paiz que possa ser levado á conta de um longo reinado de mais de cincoenta annos de um *sabio* imperador, no meio da paz, governando sem peias, sem embaraço de especie alguma, e como disse Antonelli, com todos os elementos, e principalmente aquelles, para cuidar perfeitamente dos interesses do estado, porque aqui não havia idéas, nem politica, e sómente grupos de ambiciosos.

Esta é a grande verdade.

O imperador foi absoluto, e agora o está sendo a *futura* imperatriz.

A sua vontade é a unica, e o governo dobra-se completamente aos seus caprichos.

Os factos são evidentes.

Quem não vê dominando em todos os actos do actual gabinete a vontade firme de D. Isabel?

A falla do throno, ainda ha poucos dias, veio demonstrar-nos a orientação de sua politica.

Do que mais carecemos neste imperio são bispados ! Sim, de bispos, para, quando não forem subservientes ao rei, mettem-ni na cadeia, como fez o Sr. João Alfredo, contra a lei e o proprio direito canonico.

A realeza nada tem feito em beneficio do paiz, e sómente para attender aos seus interesses pessoaes. A lei 13 de maio estava realisada pelo povo brasileiro, sempre magnanimo e generoso, ao ponto de ser covarde, porque ha muito tempo que deveria ter libertado esta patria dos grilhões dourados que a prendem, entorpecendo o seu progresso e a sua grandeza.

Corromper para reinar tem sido, e é actualmente com maior força empregado esse meio, porque a alma popular levanta-se na sua pujante manifestação de desejos de liberdade, invadindo todas as classes, principalmente as superiores, que afinal comprehendem que sómente teem sido exploradas pelo actual regimen, do qual nada de bom podem esperar.

A' proporção que a monarchia vae perdendo terreno, e julga-se um corpo apodrecido, como é, emprega todos os esforços para galvanizar-se, e um dos meios tem sido a corrupção em larga escala ; porém tudo tem sido inefficaz, e do sul ao norte, como uma estatua gigante, levanta-se imponente com a voz do direito, ha tanto tempo velado pela injustiça e pelo sophisma, a alma da patria, exigindo a liberdade plena para este paiz !

Não ha duvida que este seculo não verá na America mais que um povo irmão e livre.

(18 de maio de 1883.)

18 de maio

Neste dia, em 1817, Domingos Theotonio Jorge, aclamado dictador na gloriosa revolução de Pernambuco, apesar dos desmandos e ameaças do brutal almirante Lobo, chefe das forças realistas, commette o grande acto de humanidade, só digno de tal coração republicano, concedendo a vida aos seus prisioneiros, apesar das ameaças de Lobo de mandar fuzilar a todos os republicanos que estavam em seu poder, quando os podia ter conservado como refens, demonstrando assim que não tinha medo de suas brutaes ameaças.

Eleição senatorial de Minas Geraes

A união do partido republicano é a sua verdadeira força.

O voto a arma de que devemos usar de preferencia.

Sentimos não poder publicar a brilhante proclamação do centro do partido em Ouro-Preto, que mais uma vez vem confirmar a grandeza e o alto patriotismo da terra mineira.

Todo o esforço será pouco, e com união seremos vencedores.

Eis a circular da illustre comissão central permanente, dirigida ao nobre corpo eleitoral:

Illm. Sr. — Levamos ao conhecimento de V. S. que os candidatos do partido republicano mineiro á eleição senatorial de 27 de maio, indicados por eleição prévia, são:

Dr. Joaquim Felício dos Santos, advogado, residente na cidade de Diamantina.

Dr. Francisco Honorio Ferreira Brandão, medico, residente na cidade da Campanha.

Dr. João Nogueira Penido, medico, residente na cidade de Juiz de Fóra.

A bem da disciplina partidaria e respeito ás normas de nosso partido, pedimos a V. S. esforçar-se para que sobre estes nomes recaia a votação republicana desta freguezia.

Chamamos a attenção de V. S. para a proclamação abaixo publicada pelo órgão official do partido, quando foram apuradas as eleições prévias.

Da comissão central permanente.

Antonio Olympio dos Santos Pires. — Francisco Ferreira Alves. — Domingos José da Rocha. — Pedro Baptista de Andrade. — João Pinheiro da Silva.

Ouro-Preto, 28 de abril de 1889.

A Republica Brasileira

No posto de sacrificios em que nos achamos, vejo animar-nos a palavra do nosso illustre chefe, o eminente cidadão Quintino Bocayuva, dirigindo-nos a carta que abaixo publicamos, demonstrando por essa fórmula, não só o nosso agradecimento, como em apoio do programma traçado pela *Republica Brasileira*:

« Aos seus correligionarios redactores da *Republica Brasileira* comprimenta Q. Bocayuva e agradece-lhes a gentileza das suas referencias e o nobre e franco apoio com que facilitam na imprensa o exito da espinhosa missão que lhe foi conflada, saudando-os fraternalmente.

« Rio, 17 de maio de 1889. »

Aos nossos concidadãos

Penhoradíssimos pelo acolhimento que temos recebido não só nesta côrte como do interior, que em muito excedeu a nossa melhor expectativa, resolvemos publicar a *Republica Brasileira* mais vezes por semana, abaixando o preço da venda, demonstrando por essa fôrma que, no logar espinhoso que tomamos no jornalismo, não temos em vista nenhuma especulação mercantil, mas sómente contribuir para a realisação das nossas idéas, apressando o quanto em nós couber o advento da Republica Federativa Brasileira.

Esperamos continuar a merecer o apoio que até agora nos tem surprehendido pela sua espontanea generosidade, muito além do nosso merecimento.

Manifesto republicano

O nosso illustre chefe, cujo honrado e lendario nome para o nosso partido é uma garantia de boa direcção e de triumpho, dirigio ao mesmo o brilhante manifesto que vem publicado n' *O Paiz* de 22 do corrente, no qual traça as normas a seguir do partido, na actualidade.

Folgamos estar de pleno accordo em todas as suas idéas, que são as mesmas que em seu programma expendeu a *Republica Brasileira*.

O manifesto do illustrado chefe é um documento de alta valia, que carece ser meditado e seguido por todos os nossos correligionarios, assim como todos os filhos desta terra que a desejem prospera e feliz.

Na falta absoluta de espaço para publical-o integralmente, damos a sua ultima parte, em que a largos traços estão patenteadas as vantagens da monarchia e da republica.

Comprimntamos com todo o enthusiasmo a Quintino Bocayuva.

A Republica Federativa Brasileira ha de ser, porque tem de ser.

Toda a equação do problema está circumscripta á vida do actual imperante, o qual, si ainda vê os successos humanos pelo prisma da intuição philosophica que o mundo lhe attribue, será o primeiro, como filho desta mesma terra e como quem respirou desde o berço as auras americanas, o primeiro a applaudir, no intimo da sua consciencia, este despertar viril do povo generoso

e grande, que o amparou na orphandade e que foi para elle, em todo o curso da sua larga existencia, carinhoso e respeitoso, apezar dos erros da sua politica e dos males resultantes da instituição fatal que representa.

O espectáculo que offerecem neste momento as mesmas grandes nações monarchicas do velho mundo são um ensinamento e um incentivo para a prompta restauração do regimen republicano no Brazil.

A secular Inglaterra vacilla sobre o pedestal da sua grandeza e não sabe ella propria si continuará a ser o Reino Unido ou si entrará fraccionada a fazer parte de uma nova Federação Anglo-Saxonia.

A Allemanha, minada pelo militarismo, tem no seu proprio seio o germen dissolvente do socialismo, que ameaça derruir a obra violenta da unificação germanica restabelecendo, quem sabe? a Confederação do Reno.

A Russia, trabalhada pelo nihilismo, tem o throno imperial dos czares assentado sobre uma vasta mina, donde em explosão sinistra rebentará mais cedo ou mais tarde a poderosa federação dos povos da raça slava.

A Austria, com a sua triplice corôa, representando as tres grandes diversas nacionalidades em que se reparte o imperio, sente-se ameaçada em todos os angulos do seu dominio territorial, e do Danubio ao Adriatico ouve o rumor soturno da tempestade proxima a rebentar, despedaçando a sua unidade monarchica e substituindo a confederação dos seus estados pela federação das nações que os compoem.

Em face desses grandes imperios e deste lado da America, qual é, no mundo inteiro, a nação mais forte e poderosa, a mais unida e a mais solida, a mais rica e a mais satisfeita, a mais tranquilla no seu trabalho e a mais segura dos seus futuros destinos?

E' a Republica dos Estados-Unidos da America.

Só este contraste, disse-o um publicista illustre que já não vive, só este contraste com o resto do mundo é já uma conquista, uma superioridade que fascina os espiritos e robustece a convicção geral quanto à excellencia das instituições republicanas.

Trabalhar, portanto, para assegurar á nossa patria os mesmos bens, a mesma fortuna, a mesma gloria adquirida pela nação — nossa irmã continental, tal é e tal deve ser o intuito e a tarefa do partido republicano brasileiro.

Si a monarchia, illuminada subitamente na consciencia dos seus representantes pelos clarões da verdade, da justiça e do patriotismo, quizer, por uma transacção honesta com o espirito nacional, prevenir os funestos effeitos de uma guerra fratricida, que, se pôde ser para o Brazil um desastre, será para a dynastia uma eterna deshonra, o momento é propicio e elle não deve ser perdido.

Um instante de reflexão e de patriotismo pôde apagar as fronteiras artificiaes que separam os partidos monarchicos entre si e, aproximando-os de nós, sob a influencia do mais nobre dos

sentimentos, pôde dar origem á mais bella e á mais fecunda das revoluções pacificas, respeitando-se nos proprios representantes da dynastia imperante a sua dignidade pessoal e as vantagens adquiridas por compromissos contrahidos em nome da nação.

Si outros, porém, forem os seus designios, e a obcecação do erro inspirar a ella e a elles o funesto intento de abafar pela compressão os nobres e ardentes estímulos do povo brasileiro, os herdeiros da tradição gloriosa dos revolucionarios immortaes que dentre as sombras do periodo colonial entreviram em Pernambuco, na Confederação do Equador, na Bahia e em Minas Geraes o espectro luminoso da patria brasileira autonoma e republicana; os legatarios mais proximos das tradições gloriosas de 7 de abril de 1831, da epopéa da revolução rio grandense, do heroismo resignado dos patriotas rebeldes victimados em 1842 e em 1848, em S. Paulo, em Minas, em Pernambuco, saberão certamente achar na sua consciencia e no seu coração a mesma subordinação ao dever civico, o mesmo generoso e abnegado impulso para sabermos sacrificar-se á causa da liberdade e da grandeza do Brazil.

E' desse posto, do qual me afastava naturalmente a minha inferioridade, com relação a tantos outros nobres companheiros, que eu tenho hoje a honra de dirigir a palavra a todos os meus correligionarios, invocando o seu patriotismo, deprecando o seu apoio, para em intima e cordial união, congraçados em torno da nossa bandeira, apparelharmos as forças do nosso partido e accelearmos, pelo nosso esforço e resolução, o advento da Republica Federativa Brasileira.

Rio de Janeiro, 22 de maio de 1889.— Q. BOCAYUVA.

(25 de maio de 1889.)

25 de maio

Nesta data em 1817 é preso Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, um dos martyres da revolução pernambucana, que se transformou na *Confederação do Equador*, proclamada em 1824.

Foi um dos vultos mais salientes daquella patriótica tentativa de libertar-se o paiz do jugo nefando de um estrangeiro sem fé e moralidade.

Na historia da liberdade, Frei Caneca occupa um logar salientissimo, pelos seus sacrificios e affrontosa morte, em bem de sua patria.

O clero brasileiro de hoje que siga o seu nobre exemplo, sendo antes de tudo patriota e digno desta livre America, seguindo os divinos preceitos do maior dos republicanos e revolucionarios o — CHRISTO.

Desorganização

E' preciso reorganizar o imperio. A actual organização é empirica, é elemento podre de elementos tambem apodrecidos. A actual organização não é mais órgão de vitalidade, é, pelo contrario, de morte, disse o Sr. Ferreira Vianna, hoje ministro da corôa.

Pois bem, nunca este paiz esteve tão desorganizado, e uma das causas de sua desorganização tem sido justamente S. Ex. com os seus actos impensados e prepotentes.

Conflictos com todas as corporações, principiando pelo Supremo Tribunal de Justiça e acabando pela Escola Polytechnica!

A administração da justiça, base de um governo serio, em completa desordem em Cantagallo e outros logares.

O desrespeito á lei e ás garantias sociaes, arvorado em principio de « ordem » e de « amor á monarchia ».

E, o que mais é, nada se faz para que entre o paiz no seu estado normal, isto é, na garantia effectiva dos direitos garantidos pela constituição a todos os cidadãos.

Tudo é uma desordem completa, mar encapellado de ambições inconfessaveis, no qual a todo o transe lutam pela posse do poder — o ministerio, a dissidencia conservadora, os liberaes e a MONARCHIA!

Só se cuida dos interesses dos parentes e amigos, e daquelles que principalmente podem firmar no poder por mais alguns dias o ministerio, e dos que parecem poder garantir o throno a D. Isabel, que apavorada vê « crescer e apparecer » de um lado a republica e do outro o espectro do principe D. Pedro, escudado em elementos que dizem ser grandes e importantes, mesmo porque não se conhecem.

E por todo o paiz a desorganização, desde o Rio Grande do Sul onde um pro-consul desrespeita solememente os poderes da assembléa provincial, até o Amazonas, onde o conego Amancio é o predilecto do ministerio, que o condecora e anima em seus desmandos, ao mesmo tempo que sustenta o presidente Oliveira Machado, que o demitte por prevaricação e actos reprovados!

No emtanto, todos estes elementos contraditorios e dissolventes se unem, se congregam como os vermes em cima do cadaver da monarchia, procurando encobri-lo com a sua alvaenta mas asquerosa podridão.

Os partidos monarchicos no parlamento cuidam cada qual de fazer barretadas á monarchia para galgar o poder, procurando enlamear o ministerio com a questão Loyo, como si em todos os gabinetes, mais ou menos não houvesse sempre Loyos, embora com differentes nomes.

O mal é simplesmente do systema.

E esses partidos se dizem cheios de patriotismo, quando deveriam ver que a teia de Penelope é que procuram ter em suas mãos.

As Republicas teem tido a pecha de serem desorganizadas ; pois bem, em confronto com as nossas florescentes vizinhas, temos a monarchia, e com ella essa « boa ordem » que todos admiramos, esse « bem-estar que todos gozamos », e que ainda em cima nos ameaça com a guerra civil por meio da sua guarda negra e dos filiados a d. Pedro na estulta pretensão de reinar nesta livre terra da America ! !

E nós, os republicanos, que vemos tudo isto, que temos força para reagir, é que somos os anarchicos, na phrase daquelles que vivem sem trabalho sómente á sombra da realza, mas que brevemente verão despertados os seus olhos trevosos pela luz clara que irradiará da proclamação da republica federativa nas livres terras deste Brazil até hoje tão victimado pelos erros e caprichos da monarchia.

(1 de junho de 1889)

Orientação

O povo pelo povo, a republica pela republica.

No momento actual, diante da crise que apavora todos os espiritos, até os mais aferrados e confiantes realistas, que já temem o advento do nosso triumpho, não devemos estar a discutir programmas, nem escolas, nem methodos. A epocha é de acção.

Quem quizer discutir, trazendo certa tibieza, desanimo e divergencias aos correligionarios e ao povo em geral, não poderá ser considerado bom republicano.

Queremos a republica pela republica, e só com ordem e união a teremos mais breve do que pensam.

Venha como vier, quaesquer que sejam os meios.

Depois de «estabelecida» a grande idéa nacional, serão escolhidos os chefes e discutiremos então os programmas dos partidos com suas diversas escolas, como acontece na Suissa, Chile, Estados Unidos e demais estados republicanos.

Este deve ser o nosso unico fito e a nossa verdadeira orientação.

O mais será dar forças e animo, que já lhe falta, á monarchia, e razão áquelles que entendem como o celebre publicista francez, de que o systema republicano é o das pequenas ambições, para as quaes, como paradeiro, um rei é necessario.

Não façamos como os monarchistas e os escolasticos de outr'ora que, enquanto os exercitos inimigos destruiam campos e cidades de suas patrias, discutiam o melhor meio de irem para o céu ou para o inferno; ou como o nosso bem conhecido D. João VI que, enquanto o povo do Rio de Janeiro soffria todos os males, todas as extorsões de seus companheiros de fugida, e o erario publico completamente exausto não pagava de ha muito os ordenados e soldo de seus servidores, gastava o seu tempo em escolher a melhor ladainha e ensaiar o cantoção, contanto que houvesse para a ueharia!

Não; deixemo-nos de inuteis discussões. A época é de combate.

No momento actual devem desaparecer todos os resentimentos, quaesquer que elles sejam, e chefes e soldados, confundidos n'um só pensamento, com ardor, com patriotismo, e com abnegação, principalmente, pugnarmos pela grande causa da patria.

Assim seremos vencedores, e daremos um bello exemplo ao mundo.

(5 de junho de 1889.)

Creascemos e apparecemos

Ficou perfeitamente constatado que a unica causa que obistou que fosse concedida ao ministerio a desejada dissolução foi o medo da republica, apesar de ter-se-lhe promettido com toda a segurança, como asseguravam os seus intimos.

No conselho de estado pleno, porém, vieram a discussão as forças com que contava o partido republicano, e um dos mais eminentes chefes conservadores, o Sr. Paulino de Souza, presidente do senado, fez ver ao imperador o pavoroso espectro da republica, no que foi acompanhado pelo Sr. Sinimbú, um dos mais aulicos que temos, secundando as suas tetricas palavras a respeito do proximo advento das idéas republicanas.

Até que afinal já mettemos medo, até que afinal já entramos nos calculos dos aulicos como uma força tal, que pôde, dada qualquer eventualidade, impor-se á nação, e, o que mais é, *pelo direito do voto!*

Creascemos e apparecemos de fôrma a apavorar os velhos carunchosos esteios da monarchia, que até bem pouco tempo ainda sorriam das nossas justas aspirações.

E' que as grandes causas não se regem sinão pela grande evolução do bem e caminham, a despeito de tudo, para o supremo ideal da perfeição humana.

Com dissolução ou sem ella, havemos de continuar a crescer, a ponto de inundar plenamente esta livre terra com as nossas idéas, unicas compatíveis com a dignidade do cidadão e dos destinos deste rico e esplendido paiz.

Mas já é uma grande conquista fazer com que o imperador, e a sua camarilha não satisfaça os seus desejos, e volte atraz com a sua palavra de rei.

(5 de Junho de 1889.)

Imposição

A solução da crise com a organização do gabinete presidido pelo Sr. Visconde de Ouro Preto trouxe-nos verdadeiro espanto.

Ainda estamos sorprendidos com semelhante resultado.

Procuramos ser calmos, mas não podemos.

Uma alta indignação patriótica se apodera de nós.

Cahiram as mascaras finalmente !

O imperador impoz e tudo foi acceito.

Sempre os liberaes trahindo a Nação !

O ministerio é de sua casa.

Miseria !

Inconstitucional e extra-parlamentar, queremos ver como as camaras o recebem, pois devem representar nesta emergencia a nação indignada.

Queremos vêr si o partido liberal torna-se solidario com esse grave attentado aos direitos da nação e á dignidade deste povo vilipendiado.

Todos sabem que a pertinaz inclusão de duas pastas extra-parlamentares no gabinete é que sómente influio para que não fosse organizado pelos conservadores, que perfeitamente julgaram que, no nosso regimen e ainda mais com o parlamento aberto, era um desrespeito sem nome á camara e ao senado, e por isso todas as combinações se mallograram.

Sempre o poder absoluto, sempre a imposição, e sempre os liberaes agachados para cumprirem servilmente os caprichos do imperador !

Veja-se a nossa breve historia, que malsina os liberaes sem « liberalismo », e o que é mais, « sem o menor patriotismo ».

O attentado estava premeditado ha muito tempo nos arraiaes do paço, e é por isso que contra todas as regras constitucionaes

e já estabelecidas não foram consultados desta vez os presidentes da camara e do senado.

O facto é unico no nosso infeliz systema.

O imperador e a sua camarilha já não guardam, nem sequer as apparencias, apavorados como se acham com a onda republicana que sobe de dia a dia patriótica e soberanamente.

E' por isso que impoz gente de sua casa para o gabinete, confiando as pastas da guerra e marinha a dignos cidadãos pertencentes áquellas classes, mas que antes de tudo hão de ser brazileiros para comprehenderem o fito de Sua Magestade impondo as suas entradas no gabinete contra todas as regras constitucionaes e porque achavam-se fóra do parlamento, d'onde devem sahir os ministros n'um regimen parlamentar como o nosso.

Comprehenderão os honrados cidadãos que servem de joguete ao rei, como serviu o Sr. Visconde de Ouro Preto, accetando semelhante imposição.

Esses benemeritos chefes, representantes do nosso glorioso exercito e altaneira armada, não servirão nunca de carrascos para os seus concidadãos.

Aguardemos, porém, os factos que se precipitam.

A actualidade de hoje como que nos traz a memoria a epoca gloriosa de 1831.

A geração de hoje que não se torne indigna dos nossos antepassados.

Esperemos com calma, porém firmes e resolutos, os acontecimentos, e a reacção que divisamos com o gabinete dos aulicos, e tornemo-nos dignos de uma nova patria.

(8 de junho de 1889.)

A onda

A memoravel sessão da camara de 11 do corrente, si houvesse ainda alguma duvida sobre a harmonia que existe entre todos os partidos da necessidade da mudança do actual systema de governo, viria provar exuberantemente.

E' assim que, de um lado acha-se o illustre deputado padre João Manoel, um dos representantes mais genuinos do conservantismo, e do outro, o não menos illustre Dr. Cesario Alvim, um liberal radical, que proclamaram a necessidade da republica, no seio do parlamento, sendo victoriados pelo povo, e em silencio medroso, e espantado, as suas palavras recebidas por aquelles que ainda por necessidade e conveniencia se dizem monarchistas!

A onda sobe. De todas as partes chegam novas e importantes adhesões á causa da patria, que é a causa republicana.

O imperio ainda vive pela nossa commiseração.

A memoravel sessão de 11 do corrente, veio trazer a todos os espiritos, ainda os mais obsecados á luz da evidencia, que os tristes dias da monarchia estão contados.

Já era tempo! O ministerio actual presidido pelo Sr. Affonso Celso, e escudado pelos ministros do exercito e armada, e visto pelo «olho» da providencia, ha-de comprehender no fim de contas que não tem força para reagir contra a unanime vontade da nação, apezar de trazer as tristes recordações da carnificina de 1.^a de janeiro,— a celebre campanha do vintem que tanto «elevou» no conceito publico o illustre visconde que hoje preside o ministerio da casa imperial.

A maneira digna porque a camara e todo paiz tem recebido o ministerio imperial, vem provar que tudo ha a esperar do seu civismo, e que brevemente no meio dos hymnos altisonantes da vontade popular havemos de saudar a liberdade de nossa querida patria.

(15 de junho de 1889.)

Os aulicos

Está na consciencia nacional que o ministerio de 7 de junho é o producto hybridado da vontade imperial.

Está provado á saciedade que esse gabinete não representa a vontade da nação e nem a do partido que pretende representar.

E' um ministerio só e unicamente da realaleza.

A nossa questão é de principios, e por isso, á vista da organização deste ministerio extra-parlamentar e com figuras *obrigadas* do paço, insistimos para que nos digam por que deu-se a mutação politica sem serem ouvidos *desta vez* os presidentes da camara e do senado?

Por que *se chamou pro formula*, para organizar um gabinete conservador, os Srs. Correia e Vieira da Silva, aquelle uma nulidade politica, e este um prolongamento do gabinete João Alfredo, quando, antes delles, pela grande importancia politica, estavam os Srs. conselheiros Paulino e F. Belisario?

Foi o capricho, a má vontade, o poder absoluto, emfim, do paço que quer á fina força desprestigiar, estragar, baralhar, como sempre, os partidos politicos, que já foram denominados grupos de ambiciosos pelo proprio imperador em conversação com Antonelli.

A situação não podia de fôrma alguma pertencer aos liberaes, antes daquelles chefes do conservatorismo, dos quaes estamos profundamente afastados, declararem que não tomavam a responsabilidade da situação.

Nunca em nosso paiz o poder pessoal, e hoje *inconsciente*, do imperador se levantou com mais atrevimento para lançar um repto à nação e aos seus partidos organizados!

Felizmente ella e elles teem-se collocado em sua verdadeira altura, repellindo esse ministerio do paço.

Aguardemos ainda os factos, e como a *Gazeta de Noticias*, que é neutra, mas patriótica e orientada, diremos:-- BRAZILEIROS, EM GUARDA!

(15 de junho de 1839.)

União

Deante do ministerio 7 de junho, que sómente foi organizado para a reacção contra o pujante e vencedor partido republicano, é preciso toda energia e toda união entre nossos co-religionarios.

Força alguma devemos desperdiçar, deante o ministerio, cujo fim é nosso aniquilamento.

Não nos illudamos com promessas, e tratemos o governo como fôra da lei, e traidor à patria.

A maior abnegação devemos ter na actual crise por que passa a nossa patria. O menor desanimo, o mais insignificante retrahimento irá encorajar os asseclas do ministerio.

O periodo que vamos atravessando está prenhe de ameaças. E' preciso preparar-nos para reagir. Não queremos a luta armada, porém não devemos deixar-nos immolar infantilmente.

O ministerio formou-se com o pensamento sinistro do esmagamento das forças republicanas e de amedrontar o povo com a sua caricata energia e força, que aliás não tem.

E' preciso esperar com firmeza e resolução a luta que se nos antolha.

Dizem-nos que o governo prepara os seus batalhões, e apezar de não crer que os nossos irmãos do exercito e armada sejam capazes de attentar contra a nossa vida e as liberdades publicas, contudo é preciso fazer comprehender ao imperial gabinete de 7 de junho, que havemos de reagir contra qualquer attentado, e que estamos para isto preparados.

Em todos os logares devem os nossos co-religionarios procurar os recursos de suas forças e unirem-se de forma que imponhamos a nossa vontade, fazendo recuar qualquer attentado que se premedite contra nós.

Em frente a esse aulico gabinete sómente bradamos aos nossos co-religionarios: — União para vencer !

(22 de junho de 1889.)

A liberdade de imprensa

Já desanimamos de chamar a attenção do governo para as violencias de que teem sido victimas os nossos vendedores e ultimamente do roubo de nossas placas, sem que a policia cuide, ao menos, de cohonestar o seu criminoso procedimento.

São da penna do emerito jornalista, que na redacção do *Diario de Noticias* faz de clava herculea em favor de todas as liberdades, as palavras que publicamos cheios do maior agradecimento, chamando para ellas a attenção do paiz, em cujo patriotismo confiamos, pondo sob sua guarda a nossa segurança individual e a propriedade de nossa folha, que já teem sido ameaçadas pelos esbirros do governo.

Falle por nós o illustre e benemerito conselheiro Ruy Barbosa, e o paiz que veja e admire a epoca miseranda que atravessamos.

« Essa idéa nefasta da violencia atravessou o espirito do nobre presidente do conselho no dia do seu pacto com o imperador como a tentação atravessa a alma dos justos, repellida com horror pelo illustre estadista. Mas o corisco do inferno, por momentaneo que fosse, deixou, está se vendo, um terrivel sulco de enxofre e chamusco na politica ministerial.

Não são sómente ameaças o que se perpetra contra a imprensa. Enganam-se os que suppoem estar o ministerio satisfeito com esses terrores de lanterna magica. Um órgão de publicidade respeitavel, a « Republica Brasileira », appella n'este momento para nós, contra os desvarios da policia criminosa, que lhe confisca as folhas na rua, mediante os instrumentos abjectos de que dispõe, maltratando-lhe os vendedores, e cortando-lhe a circulação a poder de attentados insistentes contra o seu direito legal de existir, sujeito apenas à repressão judicial. Este facto, para o qual chamamos a attenção do jornalismo independente,

revela na sua expressão mais audaz a covardia official, que, incapaz de arrostar os tribunaes, quer dar na rua, com as armas da capoeiragem, as suas batalhas contra a democracia da palavra.

Ora, não é assim que se afugenta a revolução. Assim prepara-se « a bernarda ».

(24 de junho de 1883.)

Revolução

A machina principia a montar-se, e as noticias pavorosas de ameaças e morticínios, demissões e nomeações, que nos transmittem pelo telegrapho, demonstram o fim do gabinete 7 de junho, que temos denunciado ao paiz.

Completamente aulico, o gabinete, organizado ao sabor do terceiro reinado, com a acquiescencia doentia do imperador, que vai fazendo tudo quanto lhe parece ser agradável a sua filha, com o fim unico, hoje um caso nevropathico, de firmar pretenciosamente a sua repellida dynastia nesta livre terra, já cansada de soffrer toda a sorte de imposições, de mentiras e vilipendios!!

A corrupção, arma predilecta dos reis, tem sido aquella que « melhor » tem manejado o Sr. D. Pedro II, durante o seu longo reinado e que o actual gabinete tem actualmente supprido pela sua impossibilidade de molestia, adivinhando o seu machiavelico systema, e empregando-o em prol do seu partido, que é o unico da realleza.

Accena-se ao povo, como si fosse a um imbecil, com um phantasmagorico programma de reformas, que jámais serão realizadas, e « tratam » dos auxilios á lavoura, « panacéa já muito conhecida », para enganar mais uma vez aos pobres lavradores que, ingenuos, acreditarem em semelhantes promessas, imaginadas machiavelicamente como armas eleitoraes.

No caso de falharem esses e outros planos não menos machiavelicos, mentirosos e enganadores, então appellar-se-ha para a força bruta, e teremos, dizem elles em sua cegueira de insensatos, liquidada por uma vez a idéa republicana!

Pobres imbecis, que fecham os olhos para não ver que a proclamação da republica nesta terra será brevemente um factio consummado!

Façam tudo quanto quizerem, lancem mão de todos os recursos, que a idéa da patria terá o seu proximo advento.

Sómente este ministerio aulico, cuja tradição se ennegrece recordando o dia 1º de janeiro, poderá levar-nos com os seus actos de violencia para a revolução armada, que não desejamos, nem queremos, conforme temos sempre proclamado destas columnas, mas da qual lançaremos mão em prol de nossos direitos e liberdades.

No entanto, o partido republicano saberá em qualquer emergência cumprir o seu dever e mostrar-se digno da sua grande idéa patriótica e desta livre terra americana.

Para cumprir, porém, o nosso dever, e darmos mais um bello exemplo ao mundo e aos aulicos, diremos: EM GUARDA CONTRA A REVOLUÇÃO!

(23 de junho de 1889.)

Fraternidade

Todas as grandes conquistas sociaes teem sido devidas á união e fraternidade que teem sempre existido entre todos os adeptos de uma idéa.

A união faz a força, axioma antigo, mas que cumpre lembrar áquelles que enciumados uns, e ambiciosos outros, teem em vista antes as suas personalidades do que a causa que querem servir.

Nestas columnas temos sempre proclamado a necessidade desse grande principio, unico que poderá resolver em tempo curto o nosso triumpho.

A nossa opinião, temos immensa satisfação em declarar, tem sido aceita e louvada por nossos concidadãos e correligionarios, principalmente do interior, que nos teem confundido com suas attensões e favores, aliás immerecidos.

No momento actual, em que o paiz passa por uma crise das instituições, devida aos constantes erros da monarchia, é preciso, é necessario que haja a mais perfeita união de vistas entre todos os nossos co-religionarios, para que não percamos como em 1831 a occasião de fazer triumphar a nossa causa, que é a causa da patria.

Mais patriotismo, mais abnegação e mais « fraternidade » entre os co-religionarios é do que carecemos para triumphar completamente.

Os esforços disseminados pouco produzem ou nada.

O interior tem dado exemplo á corte, unindo-se fraternalmente todos os co-religionarios.

Deixemo-nos de invejas e despeitos, e todos unidos coöperemos

na razão de nossas forças para a realização do nosso ideal republicano.

A « *Republica Brasileira* » não tem pretensões ; nada quer, nada deseja, sinão o triumpho da causa pela qual tem feito e continuará a fazer todos os sacrificios, e por isso mesmo, deante dos actuaes acontecimentos que nos podem assegurar-o de um momento para outro, é que pede sollicitamente que hajadirecção, união e fraternidade para a luta, que se nos antolha de grandes proporções.

(6 de julho de 1839.)

A « Republica Brasileira »

Temos procurado corresponder ao nosso fim na imprensa, honrando o partido ; e acreditamos tel-o conseguido, porque não nos tem faltado as mais espontaneas e sinceras adhesões, quer da imprensa, quer dos nossos co-religionarios mais illustres.

Tem excedido a nossa melhor espectativa o acolhimento fraternal que havemos recebido, principalmente do interior, que nos tem accumulado de todas as attenções e favores.

Nesta corte, podemos dizer que eram as nossas folhas procuradas com avidez, e si maior tiragem não faziamos, era devido ao systema adoptado como folha periodica.

Para corresponder a tanta confiança e benevolencia, resolvemos tornar em folha diaria a *Republica Brasileira*, e aguardamos justamente o dia 14 de julho, o grande dia da democracia, para fazel-o, prestando assim homenagem á gloriosa França republicana.

Julgamos ser o melhor preito que prestariamos a essa altiva data, estabelecendo no jornalismo o combate de todos os dias, intemerato e sem tregoa, á bastilha dos direitos conspurcados neste paiz, que ha tanto tempo aspira a realização dos plenos direitos da sociedade moderna com a proclamação da Republica Federativa Brasileira.

A' França, e a todos os nossos co-religionarios enviamos, jubilosos, saude e fraternidade.

(14 de Julho de 1839.)

Sangue!

Devem estar satisfeitos a monarchia e o gabinete 7 de junho. O sangue já correu nas ruas do Rio de Janeiro, no centenario do dia 14 de julho!

Os republicanos devem ter aprendido, mais uma vez, que é necessario andar prevenidos e não arriscarem-se á sanha dos turbulentos e apaniguados da policia.

Pois que! Nesta terra já nem se consente a commemoração pacifica da data mais gloriosa de uma nação amiga!

E' mais um « padrão de gloria » para o ministerio aulico que tem á frente o Sr. de Ouro Preto . .

Os factos eram previstos, e em nosso numero de ante-hontem, os denunciámos.

A impressão que os acontecimentos hão de produzir na Europa civilisada em nada honrará a nossa nacionalidade, que ainda conserva um governo que a envergonha por essa fórma.

A monarchia deve estar satisfeita, e procurar saber quem foram aquelles que lhe encheram de « vivas », e de « morras » aos republicanos, e ver que acha-se perfeitamente « firmada » nesta livre terra.

Só diremos aos nossos co-religionarios que se devem precaver contra a sanha do gabinete-fêra, cuja missão é acabar com a hydra da republica, conforme o pacto de Petropolis.

Mais uma vez ficou provado que não provocámos, e que tudo foi feito para que houvesse hontem uma hecatombe de victimas.

O nosso partido, felizmente, deu provas de que sabe collocar-se na altura de cidadãos dignos de uma sociedade civilisada.

Os acontecimentos de ante-hontem são uma gloria para a republica e uma vergonha para a monarchia.

Attentado!

Nós já previamos que a policia, auxiliada pelos seus asseclas, os miseraveis órgãos de todas as desordens, viria pôr embargos á nossa boa circulação.

Si é que ha um governo nesta terra, um governo que se diz « liberal », si é que no programma e nas promessas de seu partido figura a « liberdade de pensamento », para elle é que

appellamos ; a elle é que imputamos a responsabilidade do vergonhoso facto que deu em resultado não termos hontem publicado a nossa folha.

Alguns dos nossos vendedores que, aliás, o são tambem de jornaes officiosos, foram barbaramente, covardemente, espancados por agentes da força publica e por miseraveis representantes da « guarda » sem brio, que se arregimentou em redor do throno bragantino.

O que nós queremos não é uma satisfação. O que nós queremos é que não nos matem tão miseravelmente os menores que vendem a nossa folha...

Matem-nos, si quizerem ; si a sua séde é de sangue.

Somos nós os responsaveis pelo que dizemos, somos nós os que dizemos, somos nós os autores das ardentes verdades que aqui são ditas.

O nosso posto de sacrificios é uma vanguarda de honra e uma vanguarda de morte...

Perdão, miseraveis, para os inoffensivos entes que ganham a vida com a venda dos jornaes, perdão para elles...

Nós aqui estamos...

O governo que attente contra a nossa vida, que deixe ao desamparo nossos filhos, porque elles saberão vingar-nos, elles, deixados sem pão, sem o nosso braço protector.

Garantam-nos morrer, ao menos, como lutadores que somos.

Coragem, senhores !

Aos nossos peitos !

(15 de julho de 1889.)

O imperador

O partido republicano não tem a menor responsabilidade pelo desacato commetido contra ss. mm.

Dos proprios factos se deprehende que a onda agita-se pela maneira por que os que querem ser mais realistas do que o proprio rei procuram nas ultimas camadas inconscientes os seus defensores e querem abafar por meio da capoeiragem das ruas a propaganda digna, sincera e patriotica que fazemos em prol de nossa causa, que entendemos ser a da patria.

Quando apparecemos na imprensa, fizemos ver claramente quaes eram as nossas armas de combate, e entendemos que para ser-se republicano deve-se, antes de tudo, ser digno e respeitar os direitos alheios.

O desacato que soffreu o chefe do Estado, alquebrado pelos annos e pela molestia, junto á santa senhora que o acompanhava, só pôde ser levado á conta da loucura daquelles que a todo transe procuram indispor e vilipendiar o nosso partido.

Appellamos para o proprio imperador, e elle, que com consciencia nos diga se julga que haja nesta terra um « verdadeiro republicano » que seja capaz de attentar contra a sua vida.

Revolucionaries, sim, assassinos nunca !

Não consentiremos, porém, como se tem feito, na exploração do facto, que, já pela maneira por que foi praticado, já pela posição e nacionalidade do individuo que o fez, sem a menor ligação com o partido republicano, não pôde ter de nenhuma forma o character politico que querem dar-lhê os monarchistas.

Fique certo sua magestade que, quando entendermos chegada a occasião de mudar a forma de governo, lhe diremos francamente, imponentemente, como dignos representantes de uma idéa e de uma nacionalidade, que terá o direito de dirigir-se como melhor entender.

Havemos de voltar ao assumpto, demonstrando que o partido republicano brasileiro em todos os tempos, apezar de todos os attentados commettidos contra elle, tem sempre se mostrado digno desta terra, e não seria hoje que iria macular as suas gloriosas tradições, quando vê que a nação quasi que unanime o acompanha patrioticamente.

(17 de julho de 1879.)

Continuemos

Não nos detenhamos um só instante na propaganda de nossas idéas, e como temos feito até agora, por todos meios pacíficos procuremos a completa victoria do nosso partido. As eleições batem ás portas. Arregimentemo-nos, e com a arma do direito, mostremo-nos dignos desta patria, que queremos tornar digna desta America, fadada para ser completamente livre.

O facto, que está sendo explorado, do desacato ao imperador já é cousa velha, e está exuberantemente provado que o partido republicano não tem nelle a menor co-participação, e que não precisa lançar mão de semelhantes meios reprovados, quando é a maioria do paiz.

Si a compressão vier, como se nos antolha, teremos ainda meios, como maioria que somos, para legalmente, dentro da propria lei, e até de accôrdo com o proprio imperador, impôr a nossa vontade.

E elle não resistirá.

Como homem, o imperador é assaz estimado, por seu character brando e conciliador, como monarcha, que tem estragado e

corrompido este paiz, não pôde pretender a amizade, nem a consideração dos cidadãos verdadeiramente patriotas.

Em todos os paizes, com os chefes de estado, reis ou presidentes, e com os mais queridos do povo, tem-se dado o lamentavel facto de que nos temos occupado, sem que fossem suspensas as garantias, quando está averiguado que nenhuma parte politica influio para o mesmo, que só pôde ser levado á conta de loucura ou bebedice de um pobre mocinho sem a menor imputabilidade social.

Não estamos dispostos, que com esse pretexto se nos tirem as garantias que temos para batalhar no terreno legal pelas nossas idéas.

Havemos de reagir e pugnar pelos nossos direitos, quaesquer que sejam as consequencias que tivermos de arrostar.

Não abandonaremos a nossa causa, nem enfraqueceremos no combate.

Deixemos que o governo faça o seu inquerito napoleonico e continuemos na nossa propaganda, dispostos a morrer, si nos quizerem matar, porém promptos tambem a reagir por todos os meios.

Não morreremos como martyres, porque o tempo delles já se foi, assim como tambem o dos reis.

(19 de julho de 1889.)

O terror !

E' innegavel que estamos em estado de sitio, e que, sob o menor pretexto, pôde qualquer de nós ir parar ás garras da policia monarchista e bassonica, ficando incommunicavel !

Só falta elevarem uma nova Bastilha, porque o edital, que nisso importa, para o direito de pensar, já foi publicado.

As disposições citadas no famoso edital são simplesmente nesta livre terra nem mais nem menos do que o estabelecimento da censura prévia e o amordacamento de todas as idéas.

Como muito bem disse a *Gazeta de Noticias* :

« Executar rigorosamente tudo o que está no edital da policia é prohibir ao partido republicano, não só as conferencias publicas, que o partido conservador prohibiu, pelo que foi profligado pela *Tribuna Liberal*, de que era então redactor o nobre presidente do conselho, e pelo actual Sr. ministro da justiça no senado, mas prohibir á imprensa republicana, mas prohibir á imprensa embora não partidaria o direito, de por meios pacificos, sem perturbação da ordem publica, fazer a propaganda que julgar mais conveniente para o bem do paiz, e que pôde consistir

ou em promover a mudança de fôrma de governo, ou a justificação de impossibilidade physica ou moral do imperador ou a destruição de algum ou alguns dos artigos da constituição, como, por exemplo, o relativo á religião do Estado.

Ora, nada nos parece mais inconveniente, mais attentatorio á ordem e tranquillidade, do que a ameaça feita por um governo, que não tem meios de a executar. E, repetimos, o governo não conseguirá nem pela força impedir aquillo que o uso já transformou em direito. E' preciso não esquecer que, si da parte dos governos tem havido tolerancia para com a nação, da parte desta tambem a tem havido para com os governos. Ha factos nas altas regiões que não estão bem esclarecidos, que constituem talvez uma irregularidade, ou pelo menos são suspeitos, e que a nação não tem procurado verificar; dir-se-hia que o edital quer agora positivamente impedir que alguem se lembre de o fazer. »

Mas, vendo o governo e a policia que, apesar de suas bravatas e do edital famoso nada podem conseguir, lançam mão de outros meios, e estes então ainda mais indignos, porque se servem de entes ignobeis, sahidos ainda ha pouco da escravidão, inconscientes, massas brutalisadas pelo vicio e pelo crime, para com ameaças, insultos obstem que a nossa folha tenha a grande circulação, que se basêa nas nobres idéas que propagamos.

O edital publicado é um insulto feito aos brios desta cidade, que toda reprovou o desacato commetido contra sua magestade, e tem-lhe dado todas as provas de consideração; assim como a toda a imprensa, que deveria reagir por todos os meios para que fosse elle retirado.

Pasma-nos a maneira fria por que a grande imprensa recebeu esse acto, attentatorio de sua liberdade, com excepção feita da *Gazeta de Noticias*, que deve tomar a deanteira, como já tomou, e continuar na reivindicacão dos nossos direitos.

Pela nossa parte, a acompanharemos com o maior enthusiasmo e abnegacão.

Quanto ao partido republicano, o edital foi um repto atirado á nossa já quasi esgotada paciencia.

Mas, ainda assim, procedam pelos meios legais, mandem-nos fechar as officinas, o escriptorio, a redacção, e até, si quizerem, prender-nos todos e deportar-nos; porém não nos mandem ameaçar pelos seus esbirros, não nos mandem vigiar o escriptorio, que não precisamos de semelhante guarda de honra.

Não ameacem os nossos vendedores, não os espanquem, venham a nós, mas pelos meios legais, porque do contrario, usando de um direito que nos é sagrado, poderemos reagir contra as perseguições da maneira que melhor entendermos e pudermos.

O governo que reflecta, e deixe-nos propagar pacificamente as nossas idéas, garantindo-nos o direito da villa, ou então assuma francamente a sua posição de carrasco.

Adulação

O publico tem sido testemunha da maneira por que temos nestas columnas discutido todos os assumptos, sendo intemeratos, resolutos, porém numa linguagem sempre correctea, digna e nobre.

A nossa penna terá sido uma espada cortante e atrevida, mas sempre de cavalheiro.

A seriedade tem sido a base de nossas discussões.

Quando escrevemos nossos artigos, como que procuramos uma atmosphera dos bellos tempos cavalheirescos da imprensa.

Sérias, graves, dignas tem sido as nossas discussões.

Ha assumptos, porém, que por mais seriedade que se queira ter, não se pôde; ha « motivos » que só com a musica do Offenback e de Audran podem ser cantados.

Oh! manes de Felinto Elysió, de Bocage, de Garção e de tantos portuguezes illustres e illustrados, satyricos e patriotas, é que eu invoco hoje em frente à « grandiloqua » reunião convocada pelo honrado ministro de sua nação, o Sr. conselheiro Nogueira Soares, no Gabinete Portuguez de Leitura, para o fim de « aclamarem » a seguinte moção :

« Os portuguezes residentes no Rio de Janeiro, reunidos no edificio do Gabinete Portuguez de Leitura, manifestam a sua profunda magua pelos actos commettidos na noite de 5 do corrente contra a pessoa de sua magestade o imperador; affirmam os seus sentimentos de lealdade, respeito e veneração por sua magestade e por toda a augusta familia imperial e fazem os mais ardentes e sinceros votos para que a Divina Providencia, que concedeu a este formoso e fertilissimo paiz tantas e tão singulares mercês, lhe conceda ainda a prolongação, por muitos annos, da preciosa vida do seu venerando soberano, a paz, a tranquillidade e todos os meios necessarios, afim de alcançar a grandeza e a prosperidade para que parece ter sido destinado. »

Todos que conhecem os factos do dia 15, ficam por saber si é em prol do pequeno portuguez, victima de sua insania, hysteresismo, ou hebedice, ou si é para dar uma prova, já tantas vezes repetida, e exuberantemente até por nós, republicanos, de desgosto por semelhante facto, que, como temos demonstrado, não passa de uma insignificancia por todas suas relações, o que veio confirmar o celebre inquerito já publicado e que ainda hontem analysámos.

Si é por ser portuguez o pobre mocinho, victima de sua insania, nada tem de producente essa manifestação, porque não foi como portuguez que elle praticou semelhante desacato, mas sim como um louco!

Queremos ver como a illustrada imprensa portugueza recebe esse acto impensado e irrisorio do seu representante neste imperio, que, quanto a nós, não passa de uma simples adulação.

Attonitos !

A luta está travada. Temos por nós a sciencia, o direito e a força que nos dão a maioria popular.

Os nossos adversarios tem o thesouro, os bancos para os emprestimos, os empregos, as sinecuras, os titulos, as medalhas e todas as propinas enfim.

Dispoem, além disso, do exercito, da armada, da policia e da massa bruta e interesseira, que existe em todos os paizes e que acompanha todos que são governo.

Quem vencerá no emtanto ?

Nós, que somos a razão, a sciencia e o direito, e temos a força, que é o povo, mas o povo que paga impostos, que sabe, que estuda, que sente os males de sua patria e soffre com a sua miseria.

Por isso, brevemente, se desvenderá ao mundo inteiro a America unificada na democracia pura.

O hymno glorioso da livre America, elevando-se das infinitas campinas do sul até os altivos pincaros de João Ayres e do Paranapanema será tão grande e tão soberbo como as estridentes vozes da Paulo Affonso unindo-se ao marulhar das *pororocas* do Amazonas no concerto grandiloquo desse hymno, cujas harmonias serão ao mesmo tempo tão suaves e brilhantes como este céu a casar-se com a sonoridade da bahia do Guanabara.

E esse hymno, que breve ouviremos, si houver união e firmeza, repetirá ao mundo inteiro, que finalmente a America é livre !

E' por isso, que ao ouvirem já ao longe as suas ardentes harmonias, a magestade e seus aulicos, attonitos de medo, empregam todos os esforços para que elle não possa ser ouvido.

Procuram despedaçar todas as forças do nosso partido e por todas as maneiras afastal-o da luta travada entre o povo e o rei, que é a luta do direito contra a força, da sciencia contra o erro, da luz contra as trevas.

Imbecis, que não veem, que para que esse grande hymno não seja ouvido, seria preciso arremessar para bem longe este céu brilhante, este clima ardente, o Amazonas, a Paulo Affonso, a Guanabara e os pampeiros do sul, que levam os dias e as noites a soluçar a elegia funebre da nossa escravidão, e que ha muito accordam vozes para entoar hosannas ao nosso triumpho, que é o triumpho da patria, e com elle a glorificação da America.

A reacção

O pacto ajustado em Petropolis tem de ser cumprido, custe o que custar.

O partido liberal ha de ter maioria no parlamento, ainda que para isso reduza à miseria este pobre paiz, e o torne num mar de angustias e de sangue.

As noticias que nos chegam de todos os pontos do interior são tristes e pavorosas. Demissões em massa, familias inteiras reduzidas a completa miseria, ameaças, attentados, tudo é praticado em nome do partido liberal!

Não se recua deante de cousa alguma, por mais sagrada que seja, logo que dahi provenha uma adhesão eleitoral.

Os republicanos e os conservadores teem sido tratados fóra da lei, como habitantes de um paiz conquistado.

No Rio Grande do Sul, naquella provincia heroica, que tem as gloriosas tradições da Piratiny, os conservadores, fatigados de tanto soffrer, deixam o fetichismo, que sempre tem acompanhado a esse partido pelo rei, para declararem-se, em massa, republicanos.

S. Paulo, Minas, Pernambuco, Maranhão acompanham-n'ó.

Como que estacionaria, esperando ainda a voz de um chefe, que por ella nada tem feito, a provincia do Rio de Janeiro, uma das que mais teem soffrido do actual governo e da monarchia, conserva-se, como o musulmano, á espera de um advento, que será mesmo que tem sido sempre!

Levanta-te, provincia heroica, deixa esses chefes, que te amordaçam, e ergue, como as tuas irmãs, o estandarte activo de tuas crenças e de teu patriotismo!

E' tempo já de deixares de soffrer e seres o feudo mesquinho daquelles que nada teem feito por ti.

As eleições se approximam, e é occasião de mostrares que és activa e nobre, e que estás cansada de ser o joguete de chefes que não são vistos, que não te acompanham nas angustias e nas desgraças, mas sómenté mandam que votem em seus parentes e amigos!

A bandeira republicana é a unica que hoje traduz a unidade da patria com o progresso, a paz e a tranquillidade publica.

Mostrai-vos, filhos desta provincia tão massacrada pelos monarchistas, dignos de sua grandeza, si quereis um governo forte e patriótico, que garanta os vossos direitos e o futuro de vossos filhos.

(1 de Agosto de 1889.)

A nossa folha e a policia

Já basta de paciencia, já basta de moderação, desde que os nossos aggressores são capazes de tudo.

Salteadores da Calabria, roubam-nos ; não tardará que procurem assassinar-nos.

A prohibição da venda de um jornal é simplesmente um roubo.

Considera-se que, um jornal antes de sahir diariamente para a venda avulsa, é o producto de capitaes laboriosamente ganhos.

Prohibir a circulação de um jornal é praticar um roubo, contra o qual protestam todos os homens de bom-senso, e de que são capazes os governos destituídos de segurança na vontade popular.

Temos tentado todos os meios de fazer circular a nossa folha na côrte.

A policia, usando de meios arbitrarios, está elevando o nivel de nossas iras, obrigando-nos a usar de expedientes que conhecemos e não queremos empregar.

O Sr. Dr. chefe de policia que diga-nos até onde quer levar esta contenda.

(5 de agosto de 1889.)

A eleição senatorial

Como dissemos no nosso artigo do dia 3 do corrente, a eleição senatorial que ia proceder-se não tinha grande importancia, porque já sabia-se préviamente do seu resultado, attendendo que o governo havia lançado mão de todos os recursos, decentes ou não, para obter um triumpho, que para elle representaria a adhesão á sua nefasta politica ; e o desgosto profundo que lavra no partido conservador, como que abandonado, e ainda debaixo da pressão vergonhosa da sua despedida do poder com uma maioria absoluta na camara dos deputados !

A' vista destes factos era de prever o triumpho do governo, que sempre neste paiz « é o governo », e, como já disse um dos magnatas do liberalismo, que hoje com o laço de ferro esmaga a nobre e generosa provincia do Rio Grande do Sul, « o poder é o poder », phrase que caracteriza perfectamente o programma liberal, quando se acha á testa do governo

Mas quem venceu nesta eleição não foram os liberaes, representados pelo governo, mas sim a fraude, o suborno, a peita

vergonhosa, as promessas de todo o genero, e emfim a miseria em que se acha o nosso povo depois do descalabro produzido pela lei 13 de maio.

Quem foi derrotada neste pleito foi a monarchia, representada por aquelles que sempre foram os vencedores e seus verdadeiros sustentaculos.

A religião das cifras não tem misericordia, e comparando-se os algarismos das votações anteriores, como ainda havemos de fazer, verificar-se-ha que o partido conservador como que desanimado ou melhor orientado abandonou o pleito, e portanto deixou aquella de que era fiel alliado—a monarchia—que já não lhe merece, nem pôde merecer a menor confiança.

A derrota da chapa conservadora, representada pelo Sr. conselheiro Paulino de Souza, importa a derrota das instituições, que a todo o transe procura galvanisar.

Quem foram os vencedores, perguntamos aos proprios monarchistas, e elles que de boa fé nos respondam.

Foram aquelles que na primeira eleição senatorial em que se apresentaram em 1886 obtiveram 814 votos, e nesta 5240!

E' innegavel que ao partido republicano coube as honras do triumpho nesta eleição; sendo de notar que houve parochias na provincia, como a heroica Monte Verde, S. Sebastião do Alto, Aparecida e muitas outras, em que quasi a totalidade do eleitorado votou na nossa chapa gloriosa.

E' preciso notar que esses votos são reaes, verdadeiros, representam uma força, uma convicção, e não como aquelles do governo, em sua maioria fluctuantes, e de todos os partidos que estão no poder.

Além de que não tinhamos tenção de vencer no feudo do Sr. Paulino de Souza, e deante do ministerio que tem por chefe o Sr. de Ouro Preto e como ministro da justiça o Sr. Candido de Oliveira, que celebrisou-se na camara dos deputados nas deparações attentatorias de todos os direitos e pondo de parte toda a moralidade parlamentar, sendo aleunhado por essa razão de PAE DA FRAUDE.

A eleição, pôde-se dizer, não foi disputada pelo partido republicano, pelas razões apresentadas; e por isso vemos, por exemplo, o 12º districto, onde o nosso partido conta com elementos superiores, a minoria da votação que obtivemos, principalmente em S. João do Principe.

E' preciso, é necessario, é urgente que aquelles, e todos os nossos co-religionarios no proximo pleito de 31 do corrente, sigam o brilhante exemplo de Monte Verde, e confirmem a pujança do nosso partido com uma victoria gloriosa.

Do resultado do pleito eleitoral ficam transparentes estas verdades: — a força de qualquer governo, « quando quer vencer uma eleição, e conta com uma população faminta, sem recursos, e dispõe de empregos e do thesouro; — o real aniquilamento do partido conservador, que tem sido o fiel alliado da monarchia; e o florescimento brilhante do partido

republicano, que demonstrou uma força poderosa na provincia ».

Gabe-se o governo do triumpho, entõe hosannas nas cem tubas das fumas compradas, que, quanto a nós, estamos assáz satisfeitos com o resultado da eleição.

Fomos os triumphadores !

(8 de agosto de 1889.)

A Corrupção

Noticias que temos de diversas provincias, especialmente de Minas e Rio de Janeiro, provam que o governo emprega todos os meios para obter um triumpho impossivel no proximo pleito eleitoral, como garantio no pacto firmado em Petropolis o Sr. presidente do conselho.

Já temos denunciado as demissões em massa, entre as quaes de empregos de fazenda, que por todos os governos teem sido considerados neutros e de fiança, como collectores, escrivães, agentes, etc., e não de confiança politica.

Mas não é bastante : é preciso accenar com os decantados empréstimos, com os contractos para pontes, estradas, empregos a crear-se e tantos outros recursos de que um governo sem escrúpulos pôde lançar mão para obter a satisfação de seus interesses e de sua vaidade.

Quando o suborno não prevalece, quando a corrupção não se effectua, vem a ameaça brutal e o attentado immediato.

Para onde vamos, Srs. liberaes !? Mais prudencia, que senão acontece-lhes o mesmo que a certo sujeito, que tanto queria concertar a casa, que deu com ella em baixo.

A paciencia esgota-se, e o nosso povo, principalmente do interior, já não tem medo do papão, e nem se illude mais com os papos de tucanos e os ouropeis de malacacheta da monarchia.

(9 de agosto de 1889.)

Reagir contra os planos

De todas as localidades temos as noticias mais tristes a respeito dos planos do governo para a eleição de 31 do corrente, não recuando deante de quaesquer ameaças, nem de promessas que não poderão ser realizadas.

As demissões fazem-se em massa, só escapando algum adversario, mediante algum conchavo vergonhoso, muitas vezes imposto á fome da familia!

Telegrammas recebidos de Itapemirim dizem que continuam os esbanjamentos dos dinheiros publicos, afim de serem aplaidadas as difficuldades eleitoraes, e o mesmo acontece em quasi todas as regiões de Minas-Geraes.

Emfim, a corrupção campêa por toda a parte, para que seja satisfeito o pacto de Petropolis.

Os nossos co-religionarios, porém, que tenham toda a firmeza deante das urnas, e não se deixem dominar pelas ameaças, quaesquer que ellas sejam, e quando a violencia e o attentado queiram tolher-lhes a liberdade do voto, sigam o nobre exemplo dos nossos dignos co-religionarios de S. José do Rio Pardo.

(18 de agosto de 1889.)

A bacchanal

O paiz inteiro revolve-se, estorcendo-se hoje nas tenazes inventadas e preparadas pelo Sr. Ouro Preto, ajudado pelo conhecido pai da fraude e seus companheiros de *combate*.

A comedia que a estas horas está se representando em todo o paiz é triste e pavorosa, porque é o vilipendio de um povo!

Na antiga Roma, as bacchanaes não eram feitas com o povo, que, algumas vezes, sómente batia palmas ao imperador, quando os restos dos banquetes lubricos lhe cahiam aos pés na praça publica.

Presentemente o que dá-se neste vasto imperio é peor, é mais triste e vergonhoso ainda!

O governo ha de vencer, já sabemos de ante mão, e o povo, o povo dos tenentes-coroneis e pantafaçados commendadores e barões dos *auxilios à lavouira*, representarão *pro domo sua* a guarda pretoriana das bacchanaes antigas.

E' hoje o dia *glorioso* do Sr. de Ouro Preto.

O pacto de Petropolis será cumprido, e *morta completamente a hydra republicana*, firmando-se assim o segundo e o terceiro reinado no Brazil!

E' como hoje pensará o descendente dos trahidores á patria nos seus sonhos argentarios e ambiciosos dos milhões esterlinos...

Porém elle deverá lembrar-se que ha um povo que soffre, que geme e que clama por seus direitos, mas que tambem estuda, que pensa e que ama a sua patria, desejando-a livre, bem livre, até dos auxilios inventados e atirados por S. Ex. ás mãos cheias aos cabos eleitoraes!

Na luta de hoje elle será o vencedor, assim como foi tambem o gabinete que poucos dias depois abandonou a *seu amo e senhor*, ante o movimento de 7 de abril.

Mas os reis são cegos e não acreditam na historia.

Seremos vencidos hoje, mas quem vencerá amanhã? De certo que nós, porque estamos com a alma popular, que quer o governo do direito, da razão e da justiça.

A camara quasi unanime, que terá o Sr. de Ouro Preto, se igualará ao ajuntamento daquelles que concorrem aos enterros, quando o defunto é rico.

Aberto o testamento, quantas vezes mudam-se as scenas ante a partilha, que será pobre e não chegará para todos!

E então estaremos vingados, vendo a bacchanal em acção no parlamento, como tantas vezes.

Uma é a consequencia da outra.

Não ha effeito sem causa.

E nós, firmes, intemeratos, convictos dos principios puros que representamos, havemos em nome da patria, deste Brazil tão querido, tomar conta do imperio, sem nenhum dos proventos do testamento, cuja herança terá então sido toda devorada em nome dos auxilios á lavoura, para garantia do throno e morte da *hydra* triumphante!

Na luta

No pósto de sacrificios em que nos achamos para a continuação da *Republica Brasileira*, contamos com o valioso apoio de todos os nossos co-religionarios e amigos, que aliás não nos tem faltado; porém os acontecimentos dos ultimos tempos patenteam a somma de energia e até de *paciencia* que precisamos ter para a continuação da luta que empreendemos contra o ministerio que organizou-se com o plano preconcebido de esmagar a *hydra*, conforme o *pacto* firmado nas alturas de Petropolis entre o Sr. de Ouro Preto e a futura herdeira da corôa.

Não nos fallecem o animo e a coragem para a luta; mas, para não ser ingloria, será preciso a reunião de todas as energias e actividades deante do governo, que lança mão de todos os recursos para esmagar-nos, tirando-nos o sagrado direito de reunião e até o de fallar e escrever!

E' preciso que todos os co-religionarios façam a maior propaganda possivel, e que os jornaes republicanos sejam lidos pelo maior numero de nsses concidadãos, que finalmente hão de convencer-se das verdades que dizemos e da necessidade immediata que temos de mudar de systema de governo para a

garantia de nossos direitos e prosperidade desta patria, que todos devemos desejar que seja grande como a immensidade de seus recursos, e brilhante como a sua natureza sem rival.

Quanto a nós, seremos os ultimos a deixar a luta.

(31 de agosto de 1888.)

Salve!

A monarchia pensou vencer, e no emtanto ficou vencida.

A camara quasi unanime, que creou de seus apaniguados, é o seu tumulo, e com elle está por terra o *pacto petropolitano*.

Os acontecimentos se ligam, se confundem, numa confusão de orgia, que tem por fim a perdição do credito nacional!

Não importa! Que se ampare a monarchia, e a *guarda não sou nada que esteja a postos para o que der e vier*.

Perfeito baixo imperio. Emprestimos e a *guarda não sou nada, Revy e baronatos*.

Salve! que sua magestade é o grande sabio deste paiz, e o Conde d'Eu é o seu propheta itinerante.

Por mais que queiramos tomar ao serio esta bacchanal, não podemos, discutir com quem? Com o Sr. de Ouro Preto e o pai da fraude?

Com a *Tribuna Liberal*? Nestas circumstancias, esperamos os acontecimentos e a *guarda não sou nada que nos venha matar*.

O imperio está morto, e a prova mais evidente, mais accentuada, é que se distribue a torto e a direito as suas honras, tal qual fazia antes de 7 de abril Pedro I, e procura escudar-se em réos de policia, como tem desvendado a imprensa desta capital, sem o menor reclamo, porque é certissimo o que tem affirmado.

Os conservadores, a *guarda do throno*, foram os vencidos na campanha eleitoral.

Nós fomos os vencedores *sem vencer*, porque demonstrámos que valemos mais do que o *tradicional partido monarchico*, garantia do throno.

Não arrefeceremos na luta, mas estejam certos os nossos co-religionarios de que pelas urnas não chegaremos ao resultado que almejamos.

Cumpre tomar todas as medidas de acção e firmarmos nesta livre terra a liberdade, que não existe.

O pleito eleitoral veio-nos demonstrar que podemos contar com forças poderosas em todo o paiz, que cumpre organizar.

A' luta, e em acção, porque, quanto à monarchia hoje, esperando amanhã, diremos: SALVE!

(14 de setembro de 1889.)

Pensamentos

publicados no numero especial de 14 de Julho da Republica Brasileira em honra do centenario da Revolução Franceza

No centenario da Revolução franceza, faço votos pela Republica Universal, saudando a fraternidade de todos os povos.

Incontestavelmente a Revolução franceza foi o ponto de partida da liberdade social e politica, não só da França, como de todos os povos.

Querem revolução sem sangue, e não veem que o proprio Christo deu o exemplo, derramando o seu preciosissimo, e fazendo o sacrificio da vida na flôr da mocidade !

Quaesquer que fossem os attentados e crimes commettidos em nome da Revolução, representa ella uma grande conquista do direito sobre a injustiça social !

Um Deus e um povo — Christo e 89. Eis a synthese da civilização — o genesis da humanidade.

Do muito estudo e experiencia que tenho das cousas, apesar de moço, cheguei á conclusão de que devemos abandonar os meios empiricos, e seguirmos o exemplo dos herões da Revolução de 1789.

A Revolução franceza foi uma aurora esplendida, que surgindo da noite trevosa do «direito divino», espalhou com a sua luz brilhante as fulgurações do «direito humano» e da justiça a todos os povos escravizados.

Fez a revolução um Deus e completou-a um povo ; e por isso o Christo eleva-se em todos os altares e a França em todos os corações.

Adorando o Christo, amo a Humanidade.

J. Candido Teixeira

SEGUNDA PARTE

Apontamentos para a historia

DATAS GLORIOSAS

E

FACTOS MEMORAVEIS

Á MEMORIA

DOS

Martyres da Republica

Pax et Gloria

O autor.

Manifesto de 1870

Aos nossos Concidadãos

E' a voz de um partido a que se alça hoje para fallar ao paiz. E esse partido não carece demonstrar a sua legitimidade. Desde que a reforma, alteração ou revogação da carta outorgada em 1824 está por ella mesma prevista e autorizada, é legitima a aspiração que hoje se manifesta para buscar em melhor origem o fundamento dos inauferiveis direitos da nação.— Só á opinião nacional cumpre acolher ou repudiar essa aspiração. Não reconhecendo nós outra soberania mais do que a soberania do povo, para ella appellamos. Nenhum outro tribunal pôde julgar-nos: nenhuma outra autoridade pôde interpôr-se entre ella e nós.— Como homens livres e essencialmente subordinados aos interesses da nossa patria, não é nossa intenção convulsionar a sociedade em que vivemos. Nosso intuito é esclarecê-la.— Em um regimen de compressão e de violencia, conspirar seria o nosso direito. Mas no regimen das fleções e da corrupção em que vivemos, discutir é o nosso dever.— As armas da discussão, os instrumentos pacíficos da liberdade, a revolução moral, os amplos meios do direito, postos ao serviço de uma convicção sincera, bastam, no nosso entender, para a victoria de nossa causa, que é a causa do progresso e da grandeza da nossa patria.— A bandeira da democracia, que abriga todos os direitos, não repelle, por erros ou convicções passadas, as adhesões sinceras que se lhe manifestem. A nossa obra é uma obra de patriotismo e não de exclusivismo, e accetando a participação de todo o concurso leal, repudiamos a solidariedade de todos os interesses illegítimos.

Exposição de motivos

Uma longa e dolorosa experiencia ha doutrinado ao povo, aos partidos e aos homens publicos em geral da nossa terra.— A imprevidencia, as contradicções, os erros e as usurpações governamentaes, influindo sobre os negocios internos e externos da nossa patria, hão creado esta situação deploravel, em que as intelligencias e os caracteres politicos parecem fatalmente obliterados por um funesto eclipse.— De todos os angulos do paiz surgem as

queixas, de todos os lados politicos surgem os protestos e as revelações estranhas que denunciam a existencia de um vicio grave, o qual põe em risco a sorte da liberdade pela completa annullação do elemento democratico.— O perigo está indicado e é manifesto. Sente-se a acção do mal e todos apontam a origem delle. E quanto maior seja o empenho dos que buscam occultar a causa na sombra de uma prerogativa privilegiada e quasi divina, tanto maior deve ser o nosso esforço para espancar essa sombra e fazer a luz sobre o mysterio que os rodeia.— As condições da luta politica não variado completamente de certo tempo a esta parte.— Já não são mais os partidos regulares que pleiteam, no terreno constitucional, as suas idéas e os seus systemas. São todos os partidos que se sentem annullados, reduzidos á impotencia e expostos ao desdém da opinião pela influencia permanente de um principio corruptor e hostil á liberdade e ao progresso de nossa patria.— Os agentes reconhecidos pela lei fogem á censura pela allegação da força superior que os avassalla. A seu turno, o elemento accusado retrahê-se á sombra da responsabilidade dos agentes legaes.— Em taes condições e abandonando a questão dos nomes proprios, que é mesquinha ante a grandeza do mal que nos assoberba e ante a idéa que nos domina, apresentamo-nos nós responsabilizando directamente a nossa fórma de governo, ao nosso modo de administração, ao nosso systema social e politico.— Neste paiz, que se presume constitucional, e onde só deveram ter acção poderes delegados, responsaveis, acontece, por defeito do systema, que só ha um poder activo, omnimodo, omnipotente e perpetuo, superior á lei e á opinião, e esse é justamente o poder sagrado, inviolavel e irresponsavel.— O privilegio, em todas as suas relações com a sociedade — tal é, em synthese, a fórmula social e politica do nosso paiz — privilegio de religião, privilegio de raça, privilegio de sabedoria, privilegio de posição, isto é, todas as distincções arbitrarías e odiosas que creiam no seio da sociedade civil e politica a monstruosa superioridade de um sobre todos ou de alguns sobre muitos.— A esse desequilibro de forças, a essa pressão atrophadora, deve o nosso paiz a sua decadencia moral, a sua desorganização administrativa e as perturbações economicas, que ameaçam devorar o futuro, depois de haverem arruinado o presente. A sociedade brasileira, após meio seculo de existencia como collectividade nacional independente, encontra-se hoje, apezar disso, em face do problema de sua organização politica, como se agora surgisse do chaos colonial.— As tradições do velho regimen, alliadas aos funestos preconceitos de uma escola politica meticulosa, suspicaz, que só vê nas conquistas moraes do progresso e da liberdade invasões perigosas, para quem cada victoria dos principios democraticos se afigura uma usurpação criminosa, hão por tal fórma trabalhado o espirito nacional, confundido todas as noções do direito moderno, anarchisado todos os principios tutelares da ordem social, transtornado todas as consciencias, corrompido todos os instrumentos de governo, sophismado todas as

garantias da liberdade civil e politica, que no momento actual tem de ser forçosamente—ou a aurora da regeneração nacional, ou o occaso fatal das liberdades publicas.

Processo historico

Para bem apreciar as causas que hão concorrido para o relaxamento moral que se observa, e conhecer-se até que ponto a idéa do direito foi desnaturada e pervertida, é necessario remontar á origem historica da fundação do Imperio.— Iniciado o pensamento da emancipação do Brazil, o despotismo colonial procurou desue logo surprender, em uma emboscada politica, a revolução que surgia no horizonte da opinião. Disfarçar a fôrma, mantendo a realidade do systema que se procurava abolir, tal foi o intuito da monarchia portugueza. Para isso bastou-lhe uma ficção— substituir a pessoa, mantendo a mesma autoridade a quem faltava a legitimidade e o direito.— Nos espiritos a independencia estava feita pela influencia das idéas revolucionarias do tempo e pela tradição ensanguentada dos primeiros martyres brazileiros.— Nos interesses e nas relações economicas, na legislação e na administração, estava ella tambem feita pela influencia dos acontecimentos, que forçaram a abertura dos nossos portos ao commercio dos pavilhões estrangeiros e a desligação dos funcionarios aqui estabelecidos.— A democracia pura, que procurava estabelecer-se em toda a plenitude dos seus principios, em toda a santidad de suas doutrinas, sentiu-se atraçoada pelo consorcio fallaz da realza aventureira. Si ella triumphasse, como devêra ter acontecido, resguardando ao mesmo tempo as garantias do presente e as aspirações do futuro, ficaria quebrada a perpetuidade da herança, que o rei de Portugal queria garantir á sua dynastia.— Entre a sorte do povo e a sorte da familia, foram os interesses dynasticos os que sobrepujaram os interesses do Brazil. O rei de Portugal, arreceiando-se da soberania democratica, qualificando-a de invasora e aventureira, deu-se pressa e leccionar o filho na theoria da traição.— O voto do povo foi dispensado. A fôrma da aclamação ficticia preterio a sancção da soberania nacional, e a graça de Deus, impiamente alliada á vontade astuciosa do rei, impoz com o imperio o imperador que o devia substituir.— O artificio era grosseiro. Cumpria disfarçar-o. A *unanime aclamação dos povos* carecia da corroboração nacional : a voz de uma constituinte era reclamada pela opinião. A realza improvisada sentia a necessidade de legitimar a sua usurpação. A constituinte foi convocada.— A missão dessa primeira assembléa nacional era ardua e solemne. Assomando no horizonte politico, tinha mais que uma nação para constituir, tinha um réo para julgar. A luta pronunciou-se, porque era inevitavel. O intuito da realza sentiu-se burlado: o que ella pretendia era um acto de

subserviência. A attitude da assembléa foi para ella uma surpresa. — Preexistindo á opinião e havendo se constituido sem dependencia do voto popular, não lhe convinha mais do que a muda sancção da sua usurpação, e nunca a livre manifestação da vontade do paiz. — A constituinte foi dissolyda á mão armada, os representantes do povo dispersos, proscriptos e encarcerados. — A espada victoriosa da tyrannia cortou assim violentamente o unico laço que a podia prender á existencia nacional e envenenou a unica fonte que lhe podia prestar o baptismo da legitimidade. — A consciencia dos reprobos chega tambem a illuminação do remorso : o proprio receio, si nem sempre traz o arrependimento, presta ao menos a intuição do perigo. Cumpre illudir a opinião, indignada e dolorosamente sorprendida. As idéas democraticas tinham já então bastante força para que fossem desdenhosamente preteridas. A dissimulação podia, até certo ponto, suavisar a rudeza do golpe. A força armada, já dextra nas manobras do despotismo, tranquillizava o animo do monarcha quanto á vehemencia das paixões que pudessem romper. A carta constitucional foi outorgada. E para que ainda um simulacro de opinião lhe emprestasse a força moral de que carecia, foram os agentes do despotismo os proprios encarregados de impôr a soberania nacional sob a fôrma do juramento politico. — Tal é a lei que se diz fundamental. Com ella firmou-se o imperio. Mescla informe de principios heterogeneos e de poderes que todos se annullam deante da unica vontade que sobre todos impera, é ella a base da monarchia temperada que, pela graça de Deos, nos coube em sorte. — Ha 48 annos que o grande crime foi commettido ; e dessa data em deante, de que se pôde contar a hegyra da liberdade entre nós, começou tambem esse trabalho longo e doloroso, que tem exaurido as forças nacionaes, no empenho infructuoso de conciliar os elementos contradictorios e inconciliaveis sobre que repousa toda a nossa organização artificial. — A revolução de 7 de abril, que pôz termo ao primeiro reinado, pela nobreza de seus intuitos, pela consciencia dos males soffridos, pela experiencia dos desastres, que annullaram no exterior o prestigio da nossa patria, e, no interior, todas as garantias civis e politicas do cidadão, estava destinada a resgatar a liberdade, a desaffrontar a democracia ultrajada e a repôr sobre os seus fundamentos naturaes o edificio constitucional. — A legislação do periodo da regencia, apesar de haver sido truncada, desnaturada ou revogada, attesta ao mesmo tempo a elevação do pensamento democratico e o seu ardente zelo pela consolidação das liberdades publicas. Emquanto fôra da influencia da realciza, os governos se inspiram na fonte da soberania nacional, os interesses da patria e os direitos do cidadão pareceram achar melhor garantia e resguardo. — Cidadãos eminentes, nobilissimos caracteres, almas robustas e sinceramente devotadas á causa do paiz empregaram durante esse periodo grandes, nobres, mas infructiferos esforços. Si o systema contivesse em si a força, que só a

verdade empresta, si a vontade dos homens pudesse ser efficaz contra a influencia dos principios falsos, a causa do paiz houvera sido salva. — A inefficacia da revolução comprova-se pelo vicio organico das instituições, deficientes para garantir a democracia e unicamente efficazes para perpetuar o prestigio e a força do poder absoluto. — A demonstração offerece-a a propria reacção effectuada de 1837 em deante. — A conspiração da maioria coincide com a obra da reacção: procurou-se apagar da legislação até os ultimos vestigios do elemento democratico, que tentara expandir-se. A lei de 3 de dezembro de 1841, que confiscou praticamente a liberdade individual, é o corollario da lei de interpretação do acto adicional, a qual sequestrou a liberdade politica, destruindo por um acto ordinario a deliberação do unico poder constituinte que tem existido no Brazil. — Assim, pois, annullada a soberania nacional, sophismadas as gloriosas conquistas que pretenderam a revolução da independencia de 1822 e a revolução da democracia em 1831, o mecanismo social e politico, sem o eixo sobre que devia gyrar, isto é, a vontade do povo, ficou gyrando em torno de um outro eixo, — a vontade de um homem. — A liberdade apparente e o despotismo real, a fórma dissimulando a substancia, taes são os caracteristicos da nossa organização constitucional. — O primeiro, como o segundo reinado, são por isso semelhantes.

O sophisma e m acção

O ultimo presidente do conselho de ministros do ex-imperador dos francezes, em carta aos seus eleitores deixou escapar a seguinte sentença: « A perpetuidade do soberano, embora unida á responsabilidade, é uma cousa absurda; mas a perpetuidade unida á irresponsabilidade é uma cousa monstruosa. » — Nesta sentença se resume o processo do nosso systema de governo. — Por acto proprio, o fundador do imperio e chefe da dynastia reinante se consagrou inviolavel, sagrado e irresponsavel. A infallibilidade do arbitrio pessoal substituiu assim a razão e a vontade collectiva do povo brasileiro. — Que outras condições, em diverso regimen, constituem o absolutismo? Quando não fossem bastantes estes attributos de supremacia, as facultades de que se acha investido o soberano pela carta outorgada em 1824 bastavam para invalidar as prerogativas apparentes com que essa carta simulou garantir as liberdades publicas. — O poder intruso, que se constituiu chave do systema regulador dos outros poderes, ponderador do equilibrio constitucional, avocou a si e concentrou em suas mãos toda a acção, toda a preponderancia. Nenhuma só das pretendidas garantias democraticas se encontra sem o correctivo ou a contradicção que a disvirtua e nullifica. — Temos representação nacional? — Seria esta a primeira condição de um paiz constitucional representativo. Uma questão prelimi-

nar responde á interrogação. Não ha nem pôde haver representação nacional onde não ha eleição livre, onde a vontade do cidadão, a sua liberdade individual estão dependentes dos agentes immediatos do poder que dispõe da força publica. — Militarizada a nação, arregimentada ella no funcionalismo dependente, na guarda nacional pela acção do recrutamento ou pela acção da policia, é illusoria a soberania, que só pôde revelar-se sob a condição de ir sempre de accordo com a vontade do poder. — Ainda quando não prevalecessem essas condições, ainda quando se presumisse a independencia e a liberdade na escolha dos mandatarios do povo, ainda quando ao lado do poder que impõe pela força não existisse o poder que corrompe pelo favoritismo, bastava a existencia do poder moderador, com as facultades que lhe dá a carta, com o veto secundado pela dissolução para nullificar de facto o elemento democratico. — Uma camara de deputados, demissivel á vontade do soberano, e um senado vitalicio, á escolha do soberano, não podem constituir de nenhum modo a legitima representação do paiz. — A liberdade de consciencia nullificada por uma igreja privilegiada; a liberdade economica supprimida por uma legislação restrictiva; a liberdade da imprensa subordinada á jurisdicção de funcionarios do governo; a liberdade de associação dependente do beneplacito do poder; a liberdade do ensino supprimida pela inspecção arbitrária do governo e pelo monopolio official; a liberdade individual sujeita á prisão preventiva, ao recrutamento, á disciplina da guarda nacional, privada da propria garantia do *habeas-corpus* pela limitação estabelecida, taes são praticamente as condições reaes do actual systema de governo. — Um poder soberano, privativo, perpetuo, irresponsavel, fórma, a seu nuto, o poder executivo, escolhendo os ministros, o poder legislativo, escolhendo os senadores e designando os deputados, e o poder judiciario, nomeando os magistrados, removendo-os, aposentando-os. — Tal é, em essencia, o mecanismo politico da carta de 1824, taes são os sophismas por meio dos quaes o imperador reina, governa e administra. — Deste modo qual é a delegação nacional? que poder a representa? como pôde ser a lei a representação da vontade do povo? como podem coexistir com o poder absoluto, que tudo domina, os poderes independentes de que falla a carta? — A realidade é que, si em relação á doutrina, as contradicções suffocam o direito, em relação á pratica, só o poder pessoal impera sem contestação nem correctivo.

Consenso unanime

A' democracia, accusam-na de intolerante, irritavel, exagerada pessimista. Suspeita aos olhos da soberania, que pretende ser divina, os seus conceitos são inquinados de malevolencia e pretenção. E' justo em tão melindrosa questão buscar em fontes

insuspeitas as sentenças que apoiam as nossas convicções. — Para corroborá-las, temos o juizo severo de homens eminentes do paiz, de todas as crenças e matizes politicos. — Nenhum estadista, nenhum cidadão que tenha estudado os negocios publicos, deixa de compartilhar connosco a convicção que manifestamos sob a influencia perniciosa do poder pessoal. — Todos somos concordes em reconhecer e lamentar a prostração moral a que nos arrastou o absolutismo pratico sob as vestes do liberalismo apparente. — Euzebio de Quairoz, monarchista extremado, chefe proeminente do partido conservador, foi uma vez ministro no actual reinado, e não mais consentio em voltar a essa posição, apezar das circumstancias e solicitações reiteradas do seu partido. — « Neste paiz, dizia elle, não se pôde ser ministro duas vezes. » — Firmino Silva, dando conta da morte desse distincto brasileiro, escreveu no *Correio Mercantil* de 10 de maio de 1868 as seguintes palavras: — « Inopinadamente deixou o ministerio e se retirou *isoladamente*; e sempre que se offerencia occasião de assumir a governação, se esquivava, *com inquietação dos que o conheciam*. — Ha convicções tão inabalaveis que preferem o silencio que *suffoca, ao desabafo que pôde por em perigo um principio*. » — D. Manoel de Assis Mascarenhas, character severo e digno, manifestou no senado o seu profundo desgosto pelo que observava, nos seguintes termos: « Quando a intelligencia, a virtude, os serviços são preferidos e postos de parte; quando os perversos são galardoados com empregos eminentes, pôde-se affoitamente exclamar com Seneca: — « *Morreram os costumes, o direito, a honra, a piedade, a fé, e aquillo que nunca volta quando se perde — o pudor*. » — Nabuco de Araujo, conhecido e pratico no governo, disse na camara vitalicia, por occasião da ascensão do gabinete de 16 de julho: — « O poder moderador não tem o direito de despachar ministros como despacha delegados e subdelegados de policia. — Por sem duvida, vós não podeis levar a tanto a attribuição, que a constituição confere á corôa, de nomear livremente os seus ministros; não podeis ir até ao ponto de querer que nessa faculdade se envolva o direito de fazer politica sem a intervenção nacional, o direito de substituir situações como lhe aprouver. — Ora dizei-me: não é isto um farça? não é isto um verdadeiro absolutismo, no estado em que se acham as eleições no nosso paiz? Vêde esta sorte fatal, esta sorte que acaba com a existencia do systema representativo: — O poder moderador pôde chamar a quem quizer para organizar ministerios: esta pessoa faz a eleição, porque ha de fazel-a; esta eleição faz a maioria. Eis ahí está o systema representativo do nosso paiz! » — Francisco Octaviano, quando redactor do *Correio Mercantil*, por mais de uma vez estygmatisou em termos energicos o poder pessoal que se ostenta e as inconveniencias que de semelhante poder resultam á nação. — Sayão Lobato e o mesmo Firmino Silva escreveram no *Correio Mercantil*, cuja redacção estava a seu cargo, as verdades seguintes: — « Quem

de longe examinar as instituições brasileiras pelos efeitos da perspectiva; quem contentar-se em observar o magestoso frontespicio do templo constitucional, suas inscrições pomposas, sua architectura esplendida, ha de sem duvida exclamar — *eis aqui um povo que possui a primeira das condições do progresso e da grandeza.* — Aquelle, porém, que um dia entender o campo da observação até o interior do edificio, na esperança de ahí admirar a realização dos elementos de felicidade que as fôrmas ostensivas do governo affiançavam, e o regimen da liberdade tem desenvolvido em outros logares, exclamará: *Que decepção!* — Sob a influencia do Visconde de Camaragibe, Pinto de Campos e outros monarchistas por excellencia foi publicado em Pernambuco, no *Constitucional*, em 1868, o seguinte: — « O governo, a nefasta politica do governo do imperador, foi quem creou este estado desesperado em que nos achamos... politica de proscricção, de corrupção, de venalidade e de cynismo... um tal governo não é o da nação pela nação, é o governo do imperador pelo imperador... A proporção que o poder se une nas mãos de um só, a nação se desune e divide. » — O *Diario do Rio de Janeiro*, escripto sob as inspirações do Barão de Cotegipe, dizia no mesmo anno: — « Tudo está estremeado: a ordem e a liberdade. Si o presente afflige, o futuro assusta. » — O mesmo *Diario*, e sob a inspiração dos mesmos homens, dizia eloquentemente em referencia ás insidiosas palavras — *harmonia dos brasileiros*: — « A harmonia imposta é a paz de Varsovia, ou a obediencia dos Turcos. — Não pôde haver harmonia entre opprimidos e oppressores, entre usurpadores e usurpados, entre algozes e victimas. — Si os opprimidos supportam, chamai-os resignados. — Si não promovem a reivindicação, chamai-os covardes. Mas em respeito a Deus, que tudo vê, não chameis harmonia dos brasileiros o desprezo das leis, a dictadura disfarçada, a desgraça privada, o rebaixamento da dignidade nacional. » — Silveira da Motta disse no senado em 1859: — « As praticas constitucionaes enfraquecem-se todos os dias; o regimen representativo tem levado botes tremendos, a depravação do systema é profunda. — No paiz o que ha sómente é a fôrma de governo representativo, a substancia desapareceu. — Tentée-se esta chaga da nossa sociedade, e ver-se-ha que no Brazil o regimen constitucional é uma mera formalidade! » — Ainda este anno, e nessa mesma casa do parlamento, acrescentou elle: — « Cheguei á convicção de que o vicio não está nos homens, está nas instituições. » — Francisco Octaviano, Joaquim Manoel de Macedo e outros, que em 1868 dirigiram o *Diario do Povo*, publicaram um artigo editorial em que se lia o seguinte: — « São gravissimas as circumstancias do paiz. — No exterior arrasta-se uma guerra desastrosa... — No interior um espectáculo miserando. Formulas apparentes de um governo livre, ultima homenagem que a hypocrisia rende ainda á opinião do seculo; grandes instituições politicas annulladas, e a sua acção constitucional substituida por um arbitrio disfarça-

do. — Para nós ha uma só causa capital, dominante... esta causa não é outra sinão *a cega obstinação* com que desde annos, ora *às occultas*, ora *às claras*, se trabalha por *extinguir os partidos legitimos*, sem cuja acção o *systema representativo* se transforma no *peior dos despotismos*, no *despotismo simulado*.

«Chegadas as cousas a este ponto, está virada a pyramide; o movimento parte de cima; quem governa é a corôa...» — Em 21 de julho do mesmo anno dizia o mesmo jornal: — «Cesar passou o Rubicon. Começa o periodo da franqueza... preferimos a franqueza á dissimulação. — Tinhamos medo do absolutismo atraído, que escondia as garras no manto da constituição, absolutismo chato, burguez, deselegante. Mas o absolutismo que não teme a luz, não nos mette medo.» — A 24 de julho de 1867 o *Diario de S. Paulo*, orgão do partido conservador naquella provincia, sob a redacção de João Mendes de Almeida, Antonio Prado, Duarte de Azevedo e Rodrigo Silva, sob o titulo *O baixo Imperio*, escrevia o seguinte: — «Haverá ainda quem espere alguma cousa do Sr. D. Pedro II? — Para o monarcha brasileiro só ha uma virtude: — o servilismo! — Para os homens independentes e sinceros — o ostracismo; para os laçaios e instrumentos de sua grande politica — ostítulos e as condecorações?» — José de Alencar, antes de ser ministro, escrevia: «O que resta do paiz! o povo inerte, os partidos extinctos, o parlamento decahido! — Depois que deixou o ministerio, e com a experiencia adquirida nos conselhos da corôa, disse: «Ha com effeito uma causa que perturba em nosso paiz o desenvolvimento do systema representativo, fazendo-nos retrogradar além dos primeiros tempos da monarchia. Em principio, latente, conhecida apenas por aquelles que penetravam os arcanos do poder, a opinião ignorava a existencia desse principio de desorganização. Por muito tempo duvidámos do facto — Hoje, porém, elle está patente, o governo pessoal se ostenta a todo instante, e nos acontecimentos de cada dia. Parece que perdeu a timidez ou modestia de outr'ora, quando se recatava com estudada reserva. Actualmente faz garbo de seu poder; e si acaso a responsabilidade ministerial insiste em envolvê-lo no manto das conveniencias, acha meios de romper o véo e mostrar-se a descoberto. — Como um polypo monstruoso, o governo pessoal invade tudo, desde as transcendentales questões da alta politica até as nugas da pequena administração. — Antonio Carlos, o velho, no primeiro anno do actual reinado, na discussão da lei de 3 de dezembro já dizia: — «O principio regulador de um povo livre é governar-se por si mesmo, a nova organização judiciaria exclue o povo brasileiro do direito de concorrer á administração da justiça, tudo está perdido, senhores, abdicamos da liberdade para entrarmos na senda dos povos possuidos!» — O proprio Barão de S. Lourenço teve a franqueza de dizer no senado: «A força e prestigio, que com tanto trabalho os partidos tinham ganho para o governo do paiz, estão mortos. — As provincias

perderam a fé NO GOVERNO DO IMPERIO. » — Tal é a situação do paiz, tal é a opinião geral emittida no parlamento, na imprensa, por toda parte.

A Federação

No Brazil, antes ainda da idéa democratica, encarregou-se a natureza de estabelecer o principio federativo. A topographia do nosso territorio, as zonas diversas em que elle se divide, os climas varios e as producções differentes, as cordilheiras e as aguas estavam indicando a necessidade de modelar a administração e o governo local acompanhando e respeitando as proprias divisões creadas pela natureza physica e impostas pela immensa superficie do nosso territorio. — Foi a necessidade que demonstrou, desde a origem, a efficacia do grande principio que embalde a força compressorã do regimen centralizador tem procurado contrafazer e destruir. — Emquanto colonia, nenhum receio salteava o animo da monarchia portugueza por assim repartir o poder que delegava aos vassallos dilectos ou preferidos. Longe disso, era esse o meio de manter com a metropole a unidade severa do mando absoluto. — As rivalidades e os conflictos que rebentavam entre os differentes delegados do poder central, enfraquecendo-os e impedindo a solidariedade moral quanto ás idéas e a solidariedade administrativa quanto aos interesses e ás forças disseminadas, eram outras tantas garantias de permanencia e solidez para o principio centralizador e despotico. A efficacia do methodo havia já sido comprovada, por occasião do movimento revolucionario de 1787, denominado — a *Inconfidencia*. — Nenhum interesse, portando, tinha a monarchia portugueza, quando homisiou-se no Brazil, para repudiar o systema que lhe garantira, com a estrangulação dos patriotas revolucionarios, a perpetuidade do seu dominio nesta parte da America. A divisão politica e administrativa permaneceu, portanto, a mesma na essencia, apesar da transferencia da séde monarchica para as plagas brazileiras. — A independencia, proclamada officialmente em 1822, achou e respeitou a fórma da divisão colonial. — A idéa democratica, representada pela primeira constituinte brazileira, tentou, é certo, dar ao principio federativo todo o desenvolvimento que elle comportava e de que carecia o paiz para poder marchar e progredir. Mas a dissolução da assembléa nacional, suffocando as aspirações democraticas, cercceu o principio, desnaturou-o e a carta outorgada em 1824, mantendo o *statu quo* da divisão territorial, ampliou a esphera da centralisação pela dependencia em que collocou as provincias e seus administradores do poder intruso e absorvente, chave do systema, que abafou todos os respiradouros da liberdade, enfeudando as provincias á côrte, á sede do unico poder soberano que sobreviveu á ruina da democracia.

— A revolução de 7 de abril 1831, trazendo à superfície as idéas e as aspirações suffocadas pela reacção monarchica, deu novamente aso ao principio federativo para manifestar-se e expandir-se.— A autonomia das provincias, a sua desvinculação da côrte, a livre escolha dos seus administradores, as suas garantias legislativas por meio das assembléas provinciaes, o alargamento da esphera das municipalidades, essa representação resumida da familia politica, a livre gerencia de seus negocios, em todas as relações moraes e economicas, taes foram as condições caracteristicas desse periodo de reorganização social, claramente formuladas ou esboçadas nos projectos e nas leis que formaram o assumpto das deliberações do governo e das assembléas desse tempo.— A reacção democratica não armou sómente os espiritos para essa luta grandiosa.— A convicção de alguns e o desencanto de muitos, fazendo fermentar o levedo dos odios legados pela monarchia que se desnacionalisára, a acção irritante do partido restaurador desafiando a colera dos opprimidos da vespera, armou tambem o braço de muitos cidadãos e a revolução armada pronunciou-se em varios pontos do paiz sob a bandeira das franquezas provinciaes.— Desde 1824 até 1848, desde a federação do Equador até a revolução de Pernambuco, pôde-se dizer que a corrente electrica que perpassou pelas provincias, abalando o organismo social, partio de um só fóco— o sentimento da independencia local, a idéa da federação, o pensamento da autonomia provincial.— A obra da reacção monarchica triumphante em todos os combates, pôde até hoje, a favor do instincto pacifico dos cidadãos, adormecer o elemento democratico, embalando-o sempre com a esperanza do seu proximo resgate.— Mas ainda quando, por signaes tão evidentes, não se houvesse já demonstrado a exigencia das provincias quanto a esse interesse superior, a ordem de cousas que prepondera não pôde deixar de provocar o estygma de todos os patriotas sinceros. A centralisação, tal qual existe, representa o despotismo, dá força ao poder pessoal, que avassalla, estraga e corrompe os caracteres, perverte e anarchisa os espiritos, comprime a liberdade, cnstrange o cidadão, subordina o direito de todos ao arbitrio de um só poder, nullifica de facto a soberania nacional, mata o estimulo do progresso local, suga a riqueza peculiar das provincias, constituindo-as satellites obrigados do grande astro da côrte— centro absorvente e compressor, que tudo corrompe e tudo concentra em si — a ordem moral e politica, como na ordem economica e administrativa.— O acto adicional interpretado, a lei de 3 de dezembro, o conselho de estado, creando, com o regimen da tutela severa, a instancia superior e os instrumentos independentes, que tendem a cercar ou annullar as deliberações dos parlamentos provinciaes, apezar de truncados, a dependencia administrativa em que foram collocadas as provincias, até para os actos mais triviaes, o abuso do effectivo sequestro dos saldos dos orçamentos provinciaes para as despezas e para as obras peculiares do municipio

neutro, a restrição imposta ao desenvolvimento dos legítimos interesses das províncias pela uniformidade obrigada, que fôrma o typo da nossa absurda administração centralisadora, tudo está demonstrando que posição precaria occupa o interesse propriamente nacional confrontado, com o interesse monarchico, que é, de si mesmo, a origem e a força da centralisação.— Taes condições, como a historia o demonstra e o exemplo dos nossos dias está patenteando, são as mais proprias para, com a enervação interior, expôr a patria ás eventualidades e aos perigos da usurpação e da conquista.— O nosso estado é, em miniatura, o estado da França de Napoleão III. O desmantelamento daquelle paiz, que o mundo está presenciando com assombro, não tem outra causa explicativa.— E a propria guerra exterior, que tivemos de manter por espaço de seis annos, deixou ver, com a occupação de Matto-Grosso e a invasão do Rio Grande do Sul, quanto é impotente e desastroso o regimen da centralisação para salvar a honra e a integridade nacional.— A autonomia das províncias é, pois, para nós mais do que um interesse imposto pela solidariedade dos direitos e das relações provinciaes, é um principio cardeal e solemne, que inscrevemos na nossa bandeira.— O regimen da federação, baseado, portanto, na independencia reciproca das províncias, elevando-as á categoria de estados proprios, unicamente ligados pelo vinculo da mesma nacionalidade e da solidariedade dos grandes interesses da representação e da defesa exterior, é aquelle que adoptamos no nosso programma, como sendo o unico capaz de manter a communhão da familia brasileira.— Si carecessemos de uma fórmula para assignalar perante a consciencia nacional os effeitos de um e outro regimen, nós a resumiríamos assim: *Centralisação-Desmembramento.* — *Descentralisação-Unidade.*

A Verdade democratica

Posto de parte o vicio insanavel de origem da carta de 1824, imposta pelo principe ao Brazil constituido sem constituinte, vejamos o que vale a monarchia temperada, ou monarchia constitucional representativa.— Este systema mixto é uma utopia, porque é utopia ligar de modo solido e perduravel dous elementos heterogeneos, dous poderes diversos em sua origem, antinomicos e irreconciliaveis — a monarchia hereditaria e a soberania nacional, o poder pela graça de Deus e o poder pela vontade collectiva, livre e soberana de todos os cidadãos.— O consorcio dos dous principios é tão absurdo quanto repugnante o seu equilibrio. Ainda quando, como sonharam os doutores da monarchia temperada, nenhum dos poderes preponderasse sobre o outro, para que caminhando parallelamente, mutuamente se auxiliassem e fiscalisassem, a consequencia a tirar é que seriam iguaes.— Ora, admittir a igualdade do poder

divino ao humano é de impossivel comprehensão. — Mas admitir com o art. 12 da carta de 1824 que todos os poderes são delegações da nação, e aceitar o systema mixto como um systema racional e exequivel, é ultrapassar as raiaes do absurdo, porque é fazer preponderar o poder humano sobre o poder divino. — A questão é clara e simples. — Ou o principe, instrumento e órgão das leis providenciaes, pela sua só origem e predestinação, deve governar os demais homens, com os predicados essenciaes da inviolabilidade, da irresponsabilidade, da hereditariedade, sem contraste e sem fiscalisação, porque o seu poder emana da Omnipotencia infinitamente justa e infinitamente boa, ou a divindade nada tem que ver na vida do estado, que é uma communhão à parte, estranha a todo interesse espirital, e então a vontade dos governadores é o unico poder supremo e o supremo arbitro dos governos. — Quando a theocracia asiatica tinha um unguido do Senhor, ou os leudas da média idade aclamavam um rei, carregando-o triumphalmente depois de uma victoria, esse reconhecimento solemne do direito da força era logico; quando, pelo mesmo principio, a monarchia unia-se às communas para derrocar o feudalismo, o despotismo monarchico era logico tambem. Mas depois da emancipação dos povos e da consagração da força do direito, o que é logico é o desaparecimento de todo o principio caduco. — A transacção entre a verdade triumphante e o erro vencido, entre as conquistas da civilisação e os fructos do obscurantismo é que é inadmissivel. — Atar ao carro do Estado dous locomotores que se dirigem para sentidos oppostos, é procurar — ou a immobildade, si as forças propulsoras são iguaes, ou a destruição de uma dellas, si outra lhe é superior. — E' assim que as theorias dos sonhadores, que defendem o systema mixto, cahem na pratica. — Para que um governo seja representativo, todos os poderes devem ser delegações da nação, e não podendo haver um direito contra outro direito, segundo a expressão de Bossuet, a monarchia temperada é uma ficção sem realidade. — A soberania nacional só pôde existir, só pôde ser reconhecida e praticada em uma nação cujo parlamento, eleito pela participação de todos os cidadãos, tenha a suprema direcção e pronuncie a ultima palavra nos publicos negocios. — Desde que exista, em qualquer constituição, um elemento de coacção ao principio da liberdade democratica, a soberania nacional está violada, é uma cousa irrita e nulla, incapaz dos salutarees effectos da moderna fórmula de governo — o governo de todos por todos. — Outra condição indispensavel da soberania nacional é ser inalienaveis e não poder delegar mais que o seu exercicio. A pratica do direito e não o direito em si é o objecto do mandato. — Desta verdade resulta que, quando o povo cede uma parte de sua soberania, não constitue um senhor, mas um servidor, isto é, um funcionario. — Ora, a consequencia é que o funcionario tem de ser revocavel, movel, electivo, creando a fórmula complementar dos Estados modernos — a mobilidade nas pessoas e a perpetuidade

de nas funções—contra a qual se levantam nos systemas, como o que nos rege, os principios da hereditariedade, da inviolabilidade, da irresponsabilidade.—Associar uma à outra, duas opiniões ciosas de suas prerogativas, com interesses manifestamente contrarios, é, na phrase de Gambetta, semear o germen de eternos conflictos, procurar a neutralisação das forças vivas da nação em um duello insensato e aguardar irremediavelmente um dos dous resultados: ou que a liberdade do voto e a universalidade do direito succumbam ante as satisfações e desejos de um só, ou que o poder de um só desapareça deante da maioria do direito popular.— Ainda mais: a soberania nacional não pôde siquer estipular sobre a sua propria alheiação. Porque é a reunião, a colleção das vontades de um povo. E como as gerações se succedem, e se substituem, fôra iniquo que o contracto de hoje obrigasse de antemão a vontade da geração futura, dispondo do que não lhe pertence, e instituindo uma tutela perenne, que seria a primeira negação da propria soberania nacional.— A manifestação da vontade da nação de hoje pôde não ser a manifestação da vontade da nação de amanhã e daí resulta que, ante a verdade da democracia, as constituições não devem ser velhos marcos da senda politica das nacionalidades, assentados como a consagração e o symbolo de principios immutaveis. As necessidades e os interesses de cada época tem de lhes imprimir o cunho de sua individualidade.— Si houver, pois, sinceridade ao proclamar a soberania nacional, cumprirá reconhecer sem reservas que tudo quanto ainda hoje pretende revestir-se de character permanente e hereditario no poder está eivado do vicio da caducidade, e que o elemento monarchico não tem coexistencia possivel com o elemento democratico.— E assim que o principio dynastico e a vitalicidade do senado são duas violações flagrantes da soberania nacional, e constituem o principal defeito da carta de 1824.

Em conclusão

Expostos os principios geraes que servem de base à democracia moderna, unica que consulta e respeita o direito e a opinião dos povos, temos tornado conhecido o nosso pensamento.— Como o nosso intuito deve ser satisfeito pela condição da preliminar estabelecida na propria carta outorgada,— a convocação de uma assembléa constituinte com amplas faculdades para instaurar um novo regimen é necessidade cardeal.— As reformas a que aspiramos são complexas e abrangem todo o nosso mecanismo social.— Negal-as absolutamente, fôra uma obra impia, porque se provocaria a resistencia.— Aprazal-as indefinidamente, fôra um artificio grosseiro e perigoso.— Fortalecidos, pois, pelo nosso direito e pela nossa consciencia, apresentamo-nos perante os nossos concidadãos arvorando resolutamente a bandeira do partido republicano

federativo. — Somos da America e queremos ser americanos. — A nossa fórma de governo é, em sua essencia e em sua pratica, antinõmica e hostile ao direito e aos interesses dos Estados americanos. — A permanencia dessa fórma tem de ser forçosamente, além da origem de oppressão no interior, a fonte perpetua da hostilidade e das guerras com os povos que nos rodeiam. — Perante a Europa passamos por ser uma democracia monarchica que não inspira sympathia nem provoca adhesão. Perante a America passamos por ser uma democracia monarchisada, onde o instincto e a força do povo não podem preponderar ante o arbitrio e a omnipotencia do soberano. — Em taes condições pôde o Brazil considerar-se um paiz isolado, não só no seio da America, mas no seio do mundo. — O nosso esforço dirige-se a supprimir este estado de cousas, pondo-nos em contacto fraternal com todos os povos, e em solidariedade democratica com o continente de que fazemos parte.

Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1870. — Joaquim Saldanha Marinho. — Aristides da Silveira Lobo. — Christiano Benedicto Ottoni. — Flavio Farnese. — Pedro Antonio Ferreira Vianna. — Lafayette Rodrigues Pereira. — Bernardino Pamplona. — João de Almeida. — Pedro Bandeira de Gouvêa. — Francisco Rangel Pestana. — Henrique Limpo de Abreu. — Augusto Cesar de Miranda Azevedo. — Elias Antonio Freire. — Joaquim Garcia Pires de Almeida. — Quintino Bocayuva. — Joaquim Mauricio de Abreu. — Miguel Vieira Ferreira. — Luiz Vieira Ferreira. — Pedro Rodrigues Soares de Meirelles. — Julio Cesar de Freitas Coutinho. — Alfredo Moreira Pinto. — Carlos Americano Freire. — Jeronymo Simões. — José Teixeira Leitão. — João Vicente de Brito Galvão. — José Maria de Albuquerque Mello. — Gabriel José de Freitas. — Joaquim Heleodoro Gomes. — Francisco Antonio Castorino de Faria. — José Caetano de Moraes e Castro. — Octaviano Hudson. — Dr. Luiz de Souza Araujo. — Dr. João Baptista Lopes. — Antonio da Silva Netto. — Antonio José de Oliveira Filho. — Francisco Peregrino Viriato de Medeiros. — Antonio de Souza Campos. — Manoel Marques da Silva Acauan. — Mariano Antonio da Silva. — Francisco Leite de Bittencourt Sampaio. — Salvador de Mendonça. — Eduardo Baptista Roquette Franco. — Manoel Benicio Fontenelli. — Felix José da Costa e Souza. — Paulo Emilio dos Santos Lobo. — José Lopes da Silva Trovão. — Antonio Paulino Limpo de Abreu. — Macedo Sodré. — Alfredo Gomes Braga. — Francisco C. de Brisio. — Manoel Marques de Freitas. — Thomé Ignacio Botelho. — Eduardo Carneiro de Mendonça. — Julio V. Guttierrez. — Candido Luiz de Andrade. — José Jorge Paranhos da Silva. — Emilio Rangel Pestana. — Antonio Nunes Galvão.

Acta da installação do Club Tiradentes

EM 21 DE ABRIL DE 1881

Aos vinte e um dias do mez de abril de mil oitocentos e oitenta e um, 89º anniversario do supplicio de Joaquim José da Silva Xavier, reunidos ás 7 horas da tarde na sala da Sociedade Brasileira Ensaio Litterarios, os cidadãos abaixo assignados, resolveram por proposta do cidadão Timotheo José Luiz Alvares Antunes, fundar uma associação com o nome de Club Tiradentes, tendo por fim commemorar todos os annos o dia 21 de abril e effectuar em 1889 o centenario da conjuração mineira, comprando, si fôr possível, o terreno em que foi levantado o patibulo onde o martyr perdeu a vida pela causa da liberdade. Para dirigir provisoriamente o Club até a sua constituição definitiva foi aclamada uma directoria composta dos cidadãos Timotheo J. L. A. Antunes como presidente e Fidelis Pereira de Lemos como secretario, e para organisarem um projecto de estatutos foram pelo mesmo modo nomeados os mesmos senhores e mais o cidadão Luiz Leitão. Pelo cidadão Timotheo J. L. A. Antunes foi lida a lista das pessoas a quem dirigira convite para esta reunião, resolvendo-se que fossem ellas consideradas, como os presentes, socios installadores.

Estando por esta forma installada a Associação, foi lavrada a presente acta por mim Fidelis Pereira de Lemos, secretario interino, que a subscrivi e assigno com as pessoas presentes.

Fidelis Pereira de Lemos. — *Timotheo J. Luiz Alvares Antunes.* — *Mathias Carvalho.* — *Alfredo Teixeira.* — *H. Campello.* — *Luiz Leitão.* — *U. do Amaral.* — *Cornelio Moreira.* — *Sebastião Guimarães.* — *Manoel Bittencourt.* — *J. Simões.* — *Silva Guimarães.* — *Ramiro de Barros.* — *E. Rosa de Sena.* — *Candido Luiz de Andrade.* — *Rodolpho Ernesto de Abreu.* — *José Frederico Salviano.* — *Antonio Camargo.* — *Manoel Timotheo da Costa.* — *B. Eustaquio Teixeira.* — *Julio de Freitas.* — *Joaquim Henriques Costa Reis.* — *Antonio Justiniano Esteves Junior.* — *Joaquim Gomes Braga.*

Sentença da Inconfidencia

.....

PORTANTO, condemnam ao réo Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o *Tiradentes*, alferes que foi da tropa paga da capitania de Minas, a que com baração e prégão seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca, e nella morra morte natural para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a

cabeça e levada á Villa-Rica, onde em o logar mais publico della será pregada em um poste alto, até que o tempo a consuma; o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregados em postes pelo caminho de Minas, no sitio da Varginha e das Cebolas, aonde o réo teve as suas infames praticas, e os mais nos sitios de maiores povoações, até que o tempo tambem os consuma: Declaram ao réo infame, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens applicam para o fisco e camara real, e a casa em que vivia em Villa-Rica será arrasada e salgada, para que nunca mais no chão se edifique, e, não sendo propria, será avaliada e paga ao seu dono pelos bens confiscados, e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memoria a infamia deste abominavel réo.

Igualmente condemnam aos réos Francisco de Paula Freire de Andrada, tenente coronel que foi da tropa paga da capitania de Minas, José Alvares Maciel, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Domingos de Abreu Vieira, Francisco Antonio de Oliveira Lopes e Luiz Vaz de Toledo Piza, a que com baraço e prégão sejam conduzidos pelas ruas publicas ao logar da forca, e nella morram morte natural para sempre, e depois de mortos lhes serão cortadas as suas cabeças e pregadas em postes altos, até que o tempo as consuma, as dos réos Francisco de Paula Freire de Andrade, José Alvares Maciel e Domingos de Abreu Vieira nos logares defronte das suas habitações que tinham em Villa-Rica, a do réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto no logar mais publico na Villa de S. João de El-Rei, a do réo Luiz Vaz de Toledo Piza na Villa de S. José, e a do réo Francisco Antonio de Oliveira Lopes defronte do logar da sua habitação, na ponta do morro, e declaram estes réos infames, seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens confiscados para o fisco e a camara real, e as casas em que vivia o réo Francisco de Paula, em Villa-Rica, aonde se ajuntavam os réos chefes da conjuração para terem seus infames conventiculos, serão tambem arrasadas e salgadas, sendo proprias do réo, para que nunca mais no chão se edifique.

Igualmente condemnam aos réos Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, José de Rezende Costa, pai, José de Rezende Costa filho e Domingos Vilal Barbosa a que com baraço e prégão sejam conduzidos pelas ruas publicas ao logar da forca, e nella morram morte natural para sempre; declaram esses réos infames, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens confiscados para o fisco e camara real.

E para que estas execuções possam fazer-se mais commodamente, mandam que no campo de S. Domingos se levante uma forca mais alta do ordinario.

Ao réo Claudio Manoel da Costa, que se matou no carcere, declaram infame a sua memoria, e infame seus filhos e netos, tendo-os, e os seus bens confiscados para o fisco e camara real.

Aos réos Thomaz Antonio Gonzaga, Vicente Vieira da Motta, José Ayres Gomes, João da Costa Rodrigues e An-

tonio de Oliveira Lopes, condemnam em degredo por toda a vida para os presidios de Angola. O réo Gonzaga para as Pedras, o réo Vicente Vieira para Angoche, o réo José Ayres para Ambaca, o réo João do Costa Rodrigues para o Novo Redondo, e o réo Antonio de Oliveira Lopes para Caconda; e se voltarem ao Brazil se executará nelles a pena de morte natural da forca, e applicam a metade dos bens de todos estes réos para o fisco e camara real.

Ao réo João Dias da Motta condemnam em dez annos de degredo para Benguela, e se voltar a este Estado do Brazil, e nelle fór achado, morrerá morte natural na forca, e applicam a terça parte de seus bens para o fisco e camara real.

Ao réo Victoriano Gonçalves Velloso condemnam em açoutes pelas ruas publicas, tres voltas á roda da forca, e degredo por toda a vida para a cidade de Angola, e tornando a este Estado do Brazil, e sendo nelle achado, morrerá morte natural na forca para sempre; e applicam a metade de seus bens para o fisco e a camara real.

Ao réo Francisco José de Mello, que falleceu no carcere, declaram sem culpa, e que se conserve a sua memoria segundo o estado que tinha.

Aos réos Manoel da Costa Capuema e Faustino Soares de Araujo absolvem, julgando pelo tempo que teem tido de prisão, purgada qualquer presumpção que contra elles podia resultar nas devassas.

Igualmente absolvem aos réos João Francisco das Chagas, Alexandre, escravo do padre José da Silva de Oliveira Rollim, Manoel José de Miranda e Domingos Fernandes, por se não provar contra elles o que é bastanté para se lhes impôr pena; e ao réo Manoel Joaquim de São Pinto do Rego Fortes, fallecido no carcere, declaram sem culpa, e que se conserve a sua memoria segundo o estado que tinha.

Aos réos Fernando José Ribeiro e José Martins Borges condemnam ao primeiro em degredo por toda a vida para Benguela e em 200\$ para as despesas da relação, e ao réo José Martins Borges em açoutes pelas ruas publicas e 10 annos de galés; e paguem os réos as custas. Rio de Janeiro, 18 de abril de 1792. — Com a rubrica do Vice-Rei, *Vasconcellos, Gomes Ribeiro, Cruz e Silva Veiga, Dr. Figueiredo, Guerreiro, Monteiro, Gayoso.*

O logar do supplicio

Affirmava-se geralmente, alludindo-se á execução de Traidentes, que o theatro de tão revoltante scena fóra a ex-praça da Constituição, conhecida tambem pelo nome mais antigo de Largo do Rocio.

Entretanto, e já em outra occasião fizemos algumas reflexões a esse respeito, a certidão authentica extrahida do processo diz terminantemente que a sentença do grande martyr da conjuração mineira executou-se no *campo de S. Domingos*, em 21 de abril de 1792.

Como era natural, houve commentarios sobre essa divergencia, mas afinal sempre a duvida subsistia.

Felizmente a exposição da Sociedade de Geographia forneceu-nos ensejos de verificar onde existio o antigo campo de S. Domingos; até hoje, cremos, completamente desconhecido da geração actual.

Em duas plantas da cidade do Rio de Janeiro, contendo o plano das fortificações da parte de terra, ambas remetidas pela secretaria de estrangeiros, sendo uma levantada pelo brigadeiro Funk e a outra pelo sargento-mór João Francisco Roscio, vindos de Portugal em 1769, está perfeitamente determinado o campo de S. Domingos.

Comprehendia elle então o extenso terreno que, partindo dos fundos da igreja de S. Domingos, seguia em direcção ao campo de Sant'Anna, correndo paralelo á rua do Sabão; e d'ahi, prolongando-se além do espaço occupado pela rua Larga de S. Joaquim, continuava até a antiga chacara do Casado.

Da praça da Constituição até a rua do General Camara (antiga do Sabão) estão mencionadas as mesmas ruas que ainda existem, apenas com alterações de alguns nomes, que posteriormente lhes deram.

E' evidente que o campo de S. Domingos achava-se assim num extremo opposto ao largo do Rocío (designado este ultimo já sob o nome de praça da Lampadosa na planta da cidade feita em 1808), e para robustecer mais esta opinião lembramos o seguinte facto:

Tendo o Marquez do Lavradio, cujo governo terminou em 1769, mandado retirar do recinto da cidade para o Vallongo os negros importados da Costa d'Africa, determinou que, quando tivessem de seguir para os trabalhos das minas geraes, das fazendas, etc., o fizessem pelo campo de S. Domingos.

O corollario a tirar destes novos elementos, sómente agora conhecidos, é que não foi na praça da Constituição que os instrumentos da mais nefanda tyrannia levantaram o cadafalso, onde o maior dos heróes da Inconfidencia pagou com a vida toda a pujança do seu patriotismo e todo o amor que dedicára a esta grande nação.

Como homenagem ao civismo do esforçado cidadão, a quem a posteridade ha muito recebeu em seu seio sob o nome legendario de Tiradentes, offerecemos hoje apenas estes ligeiros apontamentos.

Americo Vespucio.

Nota. — Posteriormente à publicação de um artigo na *Gazeta de Noticias* sobre este mesmo assumpto, fomos informados pelo honrado industrial desta praça, o Sr. Bernardo Pinto da existencia de uma obra, intitulada *Ephemerides da nova historia*, original brasileiro e edição portugueza dos fins do seculo passado, em que vem descripta a execução de Tiradentes e traçado o itinerario seguido pela victima até o cadafalso, que fôra levantado nas proximidades onde hoje está o largo de S. Domingos. O Sr. Bernardo Pinto possuio algum tempo um exemplar das *Ephemerides*: não se recorda, porém, do nome do autor. Infelizmente todas as pesquisas que temos feito para encontrar um livro tão precioso teem sido infructiferas.

O 21 de abril de 1891

O Club Tiradentes mais uma vez dá provas do seu patriotismo com a commemoração de hoje.

E' com estas festas civicas que se faz ensinamento e se dá lição de amor da patria e de civismo ás novas gerações.

Trabalhador incansavel da causa republicana, não o assustavam nunca nem a indiferença publica, nem as ameaças dos governos monarchicos.

Sampaio Ferraz, o entusiasta republicano, Vicente de Souza, o fluente orador democrata, Ubaldino do Amaral, o character intransigente e patriotico, Quintino Bocayuva, o chefe querido e respeitado, alli se reuniam sempre a dar lições de incitamento e de coragem. Nunca os magoou a pequenez do numero do auditorio, nunca os embargou no caminho que haviam traçado o medo dos que não desejavam comprometter-se.

Ouvi as suas conferencias; e a sua palavra inspirada, a idéa dolorosa do martyr brasileiro, me retemperaram muitas vezes a crença republicana, me trouxeram muitas vezes a esperança do triumpho, o conforto ao desconsolo a que me levava a indiferença geral, indiferença a que nos levou o tibio character latino dos primeiros povoadores desta terra.

Hoje, que está feita a Republica, e que entre risos e festas ensinamos ao mundo inteiro como se fazem revoluções; hoje, que não nos prende o peso da monarchia, que se não compram consciencias á força de lisonjas, que se não annullam caracteres á custa de torpezas, que se não confundem as fardas com as libréas dos veadores, perguntam alguns: Por que subsistem clubs republicanos? O que teem ainda a fazer?

A commemoração de hoje ali está para responder-lhes.

A missão do Club *Tiradentes* subsiste na Republica. A sua propaganda é tão necessaria hoje como hontem.

Então ensinava a reagir, a lutar e a vencer; agora ensina a respeitar a memoria dos martyres da Idéa, dá lições de civismo ás gerações que agora entram na vida.

O que para nós hoje é uma commemoração pezarosa, é para nossos filhos uma festa e ás suas perguntas infantis nós devemos uma resposta.

Essa resposta, que nos reporta a 1792, é uma lição de historia patria; e nos cerebros que ora começam a raciocinar ha o deslumbramento da causa, ha o respeito pelo martyrio.

Salve! benemerito club, que nos proporeionas por esta fórma a occasião de ensinarmos a nossas mulheres e a nossos filhos o que ha de grande e de nobre no coração brasileiro.

Bem hajas tu que assim evocas com a lembrança de Joaquim José da Silva Xavier a memoria de tantos martyres, de tantos esforços mallogrados em 92, em 17, em 24, em 35 e em tantas datas celebres pela firmeza de caracter daquelles que as escreveram nas paginas da historia brazifeira com o mais precioso do seu sangue!

A mentira da igreja não ensinou á rainha sanguinaria que defendiam a mesma causa puramente republicana *Tiradentes* e o carpinteiro de Nazareth!

Entre D. Maria, a beata, e Silva Xavier, o proto-martyr, ha um abysmo.

Viva a Republica!

Eduardo de Borja Reis.

Mutantur

Mudaram-se os tempos, o 21 de abril actual faz contraste com o 21 de abril de 1792. Decorrem 98 annos, e em todo esse espaço de quasi um seculo, quantas aspirações mallogradas, quantas dedicações esmorecidas, quanta anciedade pelo advento da liberdade?

Os velhos desanimavam, não esperando ver, sinão ao longe, a terra promettida: toda a sua lida consistia em encorajar a ardente mocidade, dizendo-lhe que o dia da redempção estava prestes a chegar. E diziam-no, incredulos, no intimo de seus corações, mas, occultando aos moços a sua incredulidade, não obstante apregoavam incessantemente que estavam proximos os tempos em que esta feitoria bragantina seria de todo libertada do jugo imperial.

Desse modo alentavam elles as esperanças da generosa mocidade, e, quaes vestaes, não deixavam que se apagasse o fogo sagrado. Com os olhos voltados para as heroicas epocas de 1792,

1817 e 1824, elles, velhos, mas firmes nas santas crenças, procuravam, fitando essas datas gloriosas, ganhar alento e inspiral-o aos desalentados para alcançarem a desejada meta.

Ainda que, sem esperança de chegarem ao fim, não desanimavam, mostrando o lado onde estava o ponto luminoso, indicador da estrada da terra da redempção.

Perseverança ! Eis o que constantemente diziam aos impacientes e desanimados.

Dous clubs, o de S. Christovão e o de Tiradentes (porque não dizel-o ?) aggremando por muitos annos todos os crentes da santa causa, já promovendo conferencias publicas, já festejando os martyres da liberdade, contribuíram e muito para o progresso das idéas republicanas.

Eis em resumo a historia do partido republicano em todo o tempo da monarchia, até que, contra a expectativa de todos, mudou-se o scenario politico, e, como dizem as sagradas lettras, as trevas tornavam-se em luz, à noite succedeu o dia.

Hontem monarchia, hoje Republica ; hontem um vil rebanho, hoje um povo livre.

Depois de decorridos 98 annos, desde o supplicio de Tiradentes, o primeiro que apontou-nos o caminho da liberdade, chegamos finalmente à nossa Chanaan, tendo deixado no caminho muitos de nossos guias, que desappareceram d'entre nós e que não cessaram até ao ultimo momento de encorajar-nos, e de nos aconselhar a união. Tivemol-a, e mais felizes do que os nossos antepassados, transpomos o Jordão da liberdade e tomamos conta do sólo inficionado da monarchia.

Foi no glorioso dia 15 de novembro de 1889, que o exercito, essa classe que o ex-imperador não pôde de todo corromper, unido com a briosa armada, estendeu seu braço possante ao povo, e o ajudou a libertar-se do jugo monarchico.

E agora que somos livres, nós brasileiros, nós do Club Tiradentes, podemos já desassombradamente festejar a gloriosa data de 21 de abril, mostrando o contraste que ha entre as duas.

Em 1792 um povo, aviltado pela mais brutal das monarchias europeas, assistiu com boçal indifferença ao supplicio de Tiradentes ; em 1890 um povo livre, assiste às festas, que se celebram para perpetuar na memoria dos brasileiros o nome de Joaquim José da Silva Xavier — o legendario Tiradentes, o proto-martyr de nossa liberdade.

Capital Federal, 21 de abril de 1890, 2º da Liberdade e da Republica Brasileira.

Timotheo Antunes.

Tiradentes

No dia 21 de abril de 1792, a cidade do Rio de Janeiro assistiu commovida ao mais atroz dos espectaculos, que jámais possam macular os annaes da Historia.

Decretara-se o regosijo popular, bandos publicos, *Te Deum*, luminarias por tres noites; em nome da clemencia da rainha, se esquarterara o cadaver de um condemnado politico!

E os *quartos* sahidos daquelle matadouro humano foram levados daqui até Villa Rica, sendo collocados em postes nos differentes pontos da estrada, *onde o réo teve as suas infames praticas.*

A cabeça do martyr foi levantada na praça principal da capital da Capitania, *até que o tempo consumisse*, como um espectro de terror destinado a abater a mente rebelde dos *Inconfidentes*.

Por honra deste povo, a Historia attesta, que a reacção do sentimento nacional contra a criminosa affronta assim feita ás leis da humanidade, começou aqui desde o dia mesmo da perpetração do attentado regio.

A população horrorisada recolheu-se em sua concentração de dôr; e o nome do martyr circulava de boca em boca, como uma legenda sagrada.

Mão piedosa, soccorrendo-se ás trevas da noite, arrancou do alto do poste a cabeça de Tiradentes, resguardando-a para sempre no sacrario da familia.

A idéa, que se pensava poder trucidar naquella profanação sacrilega do cadaver, asylo-se no coração de povo, esse eterno vingador de todas as causas nobres; e é hoje a flammula sagrada que symbolisa os destinos de nossa patria!

Honra ao *Club Tiradentes*, que converteu o glorioso nome do martyr em um verbo omnipotente de patriotismo, honrando ao mesmo tempo o altivo sentimento da reivindicação nacional!

Honra a este povo, que, radiante das alegrias da victoria hontem obtida, vem trazer o culto do seu mais respeitoso reconhecimento ao grande martyr, que primeiro deu seu sangue pela causa da Republica no Brazil, suppliciado na praça publica!

Capital Federal, 21 de abril de 1890.

Homem de Mello.

21 de abril de 1792

Esta data que vinculou nas terras do Brazil a supremacia das idéas republicanas pelo martyrologio do mineiro, illustre filho do povo e prototypo de civismo e do amor patrio, é festejada felizmente com o maior jubilo em todas as extensões, planaltos e montanhas do vasto territorio brasileiro.

Os heroes de 15 de novembro fizeram desta conquista ideal e tão almejada uma realidade assombrosa, uma imposição ao mundo civilisado, sem perda da menor parcella de sangue!

Sem parar sequer um instante a sua vida activissima quer na industria quer na familia, nós os brasileiros nos libertamos do jugo tyranno e ferrenho do despotismo da monarchia, debaixo da maior effusão e contentamento.

A liberdade e a patria devem-nos portanto ser muito queridas.

Descubramo-nos respeitosos perante o glorioso martyr, honrando os heróes de 15 de novembro!

Manoel Timotheo da Costa.

Ractclif

Em 17 de março de 1825 são executados na forca os gloriosos revolucionarios de Pernambuco, João Guilherme Ractclif, Joaquim da Silva Loureiro e João Metrowich, que tiveram parte na Revolução de 1824. Ractclif, quando, subindo intrepidamente ao patibulo, chegou ao setimo degrão, voltou-se para o povo e pronunciou as seguintes immortaes palavras : Brasileiros, eu morro pela causa da razão, da justiça e da liberdade ! Praza ao céu que o meu sangue seja o ultimo que se derrame no Brazil e no mundo, por motivos politicos!

E a estas ultimas palavras o padre que o acompanha faz-lhe signal para calar-se e o glorioso martyr da liberdade ainda disse: Eu me resigno e morro pela liberdade... Ractclif era natural de Portugal, e João Metrowich, da ilha de Malta, ao sul da Italia.

Revolução de 7 de abril de 1831

— Revolução popular, no Rio de Janeiro, cujo fim é obrigar Pedro I a abdicar ou eliminá-lo de qualquer maneira. O governo de Pedro I era na verdade claramente despótico e hostil a todo acto favorável à nação brasileira ou porque fosse contrário aos seus egoísticos interesses dynasticos ou porque fosse contrário aos seus interesses pessoais. Entretanto, tinha a virtude de ser franco e abertamente inimigo das instituições e idéas livres sem servir-se da « capa do constitucionalismo monarchico ».

A revolução deveria ter por objectivo final a declaração da Republica, porque o espirito da população era claramente pelas idéas democraticas ; mas como em todos os grandes choques populares apparecem em seguida, a tomar direcção do movimento politico, além dos cidadãos patriotas e convictos da verdadeira aspiração popular, os denomina-los *sensatos e moderatos*, e como são sempre homens de grande influencia no dominio da politica e da imprensa, arrastam consigo para uma direcção opposta não só a parte atrazada da classe dirigente, como tambem a massa do povo, que é sempre por fé e espontaneamente que abraça uma causa.

Assim é que, em vez de proclamar-se a Republica e estabelecer-se o governo popular e temporario, reconheceu-se o direito à posse vitalicia do governo do Estado a D. Pedro II, que tinha apenas 5 annos de idade. Por este motivo instituiu-se logo depois a regencia trina.

Entretanto teve esta revolução resultados beneficos, pois produziu no espirito popular a aspiração de instituições mais liberaes e consentaneas com os seus sentimentos e com as suas necessidades. Realizou-se por isso em 1834 a reforma da constituição, que Pedro I fez votar em 1824 por meio da força, sendo promulgada a lei do *acto adicional*, cujo espirito é altamente democratico, lei que foi depois victima de uma *interpretação* que a reduziu a zero, sendo-nos impingida outra vez a constituição outorgada pelo primeiro imperador.

(Almanak Republicano.)

Instalação em 6 de novembro de 1836 do Estado Republicano Rio-Grandense na villa de Piratiny

Tão urgente e esperado era já esse procedimento, que foi entusiasticamente applaudido pelos verdadeiros patriotas, que correram áquelle logar auxiliando-se todos com suas forças.

Recorrendo ao imparcial historiador, o Dr. Assis Brazil, veremos em suas ultimas palavras referentes ao memoravel facto, qual a origem e clausulas propostas por aquelles distinctos cidadãos.

« De toda parte concorria o povo para Piratiny ; muitos vinham pela consideração da segurança pessoal e todos pelo desejo de tomar parte na constituição da Republica.

Innumeros chefes militares, desses que as revoluções improvisam e que são por isso mesmo os melhores, porque são filhos da necessidade e não dos favores de um governo, estancieiros e negociantes abastados de todos os logares, que sacrificavam fortuna e futuro por não sacrificar as opiniões, que em melhores tempos haviam sustentado ; homens de todas as classes e profissões, nacionaes e estrangeiros, advogados, medicos, sacerdotes, artistas, uns que empunhavam as armas e entravam nas fileiras como soldados, outros que despojavam-se dos seus bens para auxiliar o empenho commum ; todos chegando simultaneamente por diversos e oppostos caminhos, encheram dentro de poucos dias a pequena villa e transformaram a soturna quietação habitual, no agitado borborinho de um congresso deliberativo.

A camara municipal tornou-se o centro de toda a elaboração.

Todos os vereadores eram republicanos.

Eram elles: Vicente Lucas de Oliveira, presidente ; Francisco Moreira da Silva Verde, Antonio Corrêa da Silva, João Antonio de Moraes, José Pereira da Silva Cacorio e Seraphim José da Silveira.

O vereador Villela por enfermo não compareceu.

O presidente propoz, entre outras medidas, a independencia e a republica com a clausula de ligar-se pelos laços da federação áquellas das provincias do Brazil que adoptassem o mesmo systema de governo.

Reuniu-se novamente a camara no dia 6.

Estava combinado que fosse esse o dia da eleição dos primeiros magistrados da Republica.

Dentro e fóra do recinto simples e modesto agglomerava-se uma grande massa de povo. Do aspecto geral desse ajuntamento que pela primeira vez se via depois do grito revolucionario, resumbrava um accento de profunda solemnidade, que transluzia no semblante de cada um dos congregados.

Estava alli o coronel Antonio de Souza Netto, na plenitude da sua gloriosa vida, revelando ainda claros no rosto os traços da belleza physica de que era dotado, e essas tendencias cavalleirescas, que fizeram delle até á velhice — um galanteador, um soldado e um patriota, em tudo extremado e ardente ; ao seu lado sentava-se o nobre velho José Gomes de Vasconcellos Jardim, que não levou em conta o peso dos annos e os cuidados de uma grande fortuna para arrojarse á defesa das suas idéas, embora nos azares de uma revolução ; ficava-lhe vizinho Domingos José de Almeida, grave e pensativo, como que lhe passava já pelo pensamento a efficaz direcção que havia de imprimir á

nova patria, que se estava creando ; estava tambem alli Joaquim Pedro Soares, tenente-coronel, ajudante general e commandante do 1º corpo de lanceiros, esses semi-barbaros redimidos da escravidão, que a sua bravura guiava ao combate com a impetuosidade da torrente ; o major Joaquim Teixeira Nunes, seu immediato, raro e legitimo typo do verdadeiro gaúcho, cujo denodo espantou um dia o proprio Garibaldi, o homem que a fama consagrou o mais valente deste seculo ; Antonio Vicente da Fontoura, espirito culto e grande talento ; o Dr. Antonio Pereira de Siqueira Leitão ; o major José Mariano de Mattos ; o capitão Manoel de Macedo Brum da Silveira ; o advogado José Pinheiro de Ulhoa Cintra ; o tenente-coronel José Alves de Moraes ; o padre Miguel Justino Garcez Moncada, e grande numero de outros patriotas que vinham concorrer com a sua presença e o seu voto para a installação desse Estado a que iriam mais tarde sacrificar o sangue e a vida.

Estranhas commoções deveriam agitar a alma desses homens, no momento supremo, em que se iam desprender da sujeição à patria antiga e assumir a responsabilidade da independencia.

Erros funestos daquelles a quem estava confiada a direcção dessa patria os haviam precipitado fóra do tecto em que nasceram ; a idéa da grandeza da lucta, que fatalmente se tinha de seguir, dos sacrificios, que era preciso affrontar e vencer, das privações e da miseria que acompanham as guerras civis ; a lembrança de que para triumphar era preciso subjugar a resistencia de um vasto imperio, vinte vezes maior do que a porção rebellada, tudo isso e mil outras conjecturas assaltavam o animo da assembléa e produziam, pela contracção dos espiritos, um silencio magestoso e solemne.

Em meio desse silencio levantou-se o presidente, e, indicando o fim do ajuntamento, pediu as opiniões de Netto e Almeida sobre a possibilidade de effectuar-se já a eleição. Ambos entenderam que devia tratar-se della desde logo.

A camara officiou então ao general Lima e Silva, e chegada a resposta, começou o povo a depositar na urna os seus suffragios.

Por numerosos que fossem alli os concurrentes, eram, todavia, poucos para crear o chefe de um Estado, mas as circumstancias tudo justificam, e em assumptos semelhantes com a regularidade e independencia, que nesta reinou.

O presidente escolhido foi Bento Gonçalves, cidadão que estava ausente, nas mãos do inimigo, sem possibilidade de fazer pressão sobre os eleitores.

O militarismo em nada influiu ; a opinião do commandante em chefe do pequeno exercito era que o presidente fosse outro que não o nomeado.

Foram em seguida proclamados eleitos vice-presidente os cidadãos Antonio Paula da Fontoura, José Marianno de Mattos, Domingos José de Almeida e Ignacio José de Oliveira Guimarães.

Destes só era militar o segundo, que tinha por si a recommendação de ser homem de vastos conhecimentos, tanto que mais tarde, extinta a republica, o governo do Brazil o achou digno do cargo de ministro da guerra.

O presidente escolhido estava ausente; não convinha ao novo Estado organizar-se com a vacillação dos governos interinos; deliberou-se por isso que devia ser eleito um substituto effectivo de Bento Gonçalves.

A eleição para esse novo cargo recabiu na pessoa do cidadão José Gomes de Vasconcellos Jardim.

No mesmo dia as novas autoridades prestaram juramento.

Todas ellas tinham sido votadas com a condição preliminar de deporem o poder no seio da assembléa constituinte, convocando-a logo que as circunstancias especiaes do Estado o permittissem.

Gomes Jardim tomou posse e nomeou seu ministerio, distribuindo assim as pastas: Domingos José de Almeida, ministro da fazenda, accumulando a pasta do interior; José Marianno, ministro da guerra e marinha; Ulhôa Cintra, ministro da justiça e estrangeiro.

Assim ficou definitivamente inaugurada, no dia 6 de novembro, a Republica Rio-Grandense.»

Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca

Em 13 de janeiro de 1825 é fuzilado este grande patriota e magnanimo republicano, um dos chefes da revolução pernambucana que se transformou na *Confederação do Equador*, proclamada em 1824.

Juntamente com o denodado defensor das liberdades patrias que eram comprimidas pela tyrannia de Pedro I foram fuzilados muitos outros cidadãos, entre os quaes achava-se o preto Agostinho, que, como major, commandava um batalhão; sendo o defensor da honra e vida das familias e o protector do commercio que nelle tinha um defensor contra os saques e violencias de um scelerado de nome Emiliano que roubava as povoações.

Apesar de ser geral o pedido do povo para que este cidadão fosse perdoado, a justiça imperial não quiz esquecer a rebelião de Agostinho contra o throno e mandou fuzilal-o perdoando entretanto a Emiliano, o faccinora, que tambem tinha sido preso e condemnado. Frei Caneca, o glorioso martyr da revolução pernambucana, deixou de existir ás 9 horas da manhã, como attesta a seguinte certidão, padrão de vergonha da monarchia brasileira:

« Certifico que o réo frei Joaquim do Amor Divino Caneca foi conduzido ao logar da forca das Cinco Pontas, e ahi, pelas 9 horas da manhã, padeceu morte natural em cumprimento da sentença da commissão militar, que o julgou, depois de ser desautorado das Ordens, na igreja do Terço, na fórma dos Sagrados Canones; sendo atado a uma das hastes da forca, foi fuzilado de ordem do Exm. general e mais membros da dita commissão, visto não poder ser enforcado pela desobediencia dos carrascos, do que tudo dou fé, sendo este acto presidido pelo vereador mais velho do snado desta cidade, o Dr. Antonio José Alves Ferreira, arvorado em juiz de fóra. Recife de Pernambuco, 13 de janeiro de 1825. — O escrívão do crime da Relação, *Miguel Archanjo Posthumo do Nascimento.* »

Domingos José Martins

Era um dos valentes chefes da Revolução Pernambucana, sendo enforcado na Bahia aos 36 annos de idade em 1817.

Patriota sincero, foi Domingos Martins quem teve a lembrança de estabelecer-se um governo provisório que dirigisse os destinos da Revolução, o que effectivamente se realizou a 7 de março. Esse governo ficou composto dos seguintes cidadãos: capitão Domingos Theotônio Jorge, também nomeado governador das armas, padre João R. Pessoa de Mello, Dr. José Luiz de Mandonça, Manoel Corrêa de Araujo e Domingos Martins. Enviado em tenra idade para Londres, onde se educou, Martins alli contrahiu amizade com o famoso general Miranda, heroe da Revolução Franceza e que emprehendia libertar a America Hespanhola.

Ao encaminhar-se para a forca, o valente patriota, voltando-se para os soldados que o conduziam, disse: « Vinde executar as ordens do vosso Sultão; eu morro pela liberdade... »

A mão de um frade, refere-nos o Dr. Muniz Tavares, tapando-lhe a bocca, não o deixou acabar as palavras.

Domingos Martins era natural de Itapemirim, Estado do Espírito Santo.

Attentado contra Lopes Trovão

Em 30 de outubro de 1881, o Dr. Lopes Trovão, ladeado de Alberto de Carvalho, Almeida Pernambuco, Favilla Nunes, Ferro Cardoso e tenente Noya, celebra às 5 horas da tarde, no largo do Rocio, perante uma multidão maior de seis mil pessoas, um

comício contra a reforma eleitoral do ministerio Saraiva, que ia ser, no dia seguinte, posta em execução pela primeira vez.

De pé sobre uma mesa ao lado direito da estatua de Pedro I, apenas profere as primeiras palavras, é aggreddido pelo chefe de policia e dous dos seus delegados à frente de uma massa de vagabundos e facinoras muito conhecidos, e por certo galopim eleitoral, igualmente muito conhecido, que tinha marchado da propria casa do ministro da justiça à testa de uma columna de vagabundos embriagados e agentes secretos da policia.

Constrangido pelos seus amigos, o orador desce da mesa e com elles e o povo que os defendia com valor, entra na rua do Espirito-Santo afim de ir terminar o seu discurso em um dos tres theatros daquela rua.

Impedidos de executar este plano, entram no café Lucinda e do seu recinto repellem, n'uma refrega feroz, os assaltantes; estes fecham as portas do edificio e d'ahi passam para a casa contigua, de onde sahiram às 10 horas da noite um a um, depois de terem cantado e dansado com as empregadas da casa, que era um estabelecimento de costuras.

Os aggressores, furiosos por terem sido repellidos com superioridade, formam uma grande malta que, em correria selvagem, percorre as ruas mais centraes da cidade, espancando transeuntes inermes, saqueando armazens, destruindo typographias, à luz funebre de archotes e aos berros de viva o imperador e a monarchia e morra Lopes Trovão e a Republica.

(Almanak Republicano)

1ª sessão da Assembléa Constituinte da Republica Rio Grandense

Realisa-se em 1 de dezembro de 1842 a primeira sessão ordinaria da Assembléa Constituinte da Republica Rio Grandense, na villa do Alegrete, comparecendo 22 deputados e estando presente o cidadão presidente da Republica, general Bento Gonçalves da Silva, o qual lê a sua mensagem à Assembléa, collocando no seio desta os poderes que até então tinham sido exercidos sómente por elle. O presidente da Republica declara à Assembléa as causas que produziram tanta demora na instalação da Constituinte Republicana visto o incessante estado de luctas em que se achava o paiz.

Lembra a prompta discussão e promulgação da constituição politica do Estado e outras medidas tendentes a regularisar a sua governação administrativa.

Procede-se logo depois da retirada do presidente à eleição da mesa, recahindo a de presidente sobre o padre Hildebrando de

Freitas Pedroso, sendo nomeada tambem neste dia uma commissão que é incumbida de comprimentar o presidente da Republica pelos seus bons serviços e devotamente á patria.

Esta Assembléa Constituinte esteve em trabalho desde este dia até 10 de fevereiro de 1843, fazendo uma proclamação a todas as Nações, votou um decreto em que regulava á maneira pela qual deviam ser sancionadas as leis, nomeou tambem uma commissão de cinco membros para confeccionar o projecto da constituição da Republica, ficando aquella composta dos cidadãos José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Dr. Francisco de Sá Brito, major José Marianno de Mattos, Serafim dos Anjos França e Domingos José de Almeida.

A Sabinada

Em 7 de novembro de 1837 tem logar na provincia da Bahia a patriótica revolução denominada *Sabinada*.

Houve nesta revolução um character popular verdadeiramente republicano.

Na acta lê-se como promotores da revolução, a tropa, o povo a guarda nacional e policial.

A presidencia do estado foi dada a Innocencio da Rocha Galvão.

Houve quem acreditasse que na *Sabinada* entraram instigações de Bento Gonçalves, o glorioso chefe republicano do Rio Grande Sul quando esteve no forte do Mar.

O que é evidente, pela acta desta revolução, é o seu character popular e a co-participação das melhores individualidades politicas da Bahia para a tornarem em Republica.

Recordações valiosas da Republica Rio-Grandense

A heroica provincia do Rio Grande do Sul, a legendaria terra onde outr'ora a liberdade, a coragem e a energia nos mais formidaveis commettimentos encontravam guarida franca e leal mereceu do Solitario de Caprera, do immortal Garibaldi, as seguintes phrases, estimulo esplendido para a nova geração.

O valente guerreiro assim se expressava, dirigindo-se ao patriótico benemerito cidadão Domingos de Almeida, antigo ministro da immortal Republica Rio-Grandense e que então dirigia em Pelotas o *Brado do Sul* :

« J. Garibaldi a Domingos José de Almeida. — Modena, 10 de setembro de 1859 — Meu estimadíssimo amigo.

« Quando eu penso no Rio Grande, nessa bella e cara provincia ; quando penso no acolhimento, com que fui recebido no gremio de suas familias, onde fui considerado filho ; quando me lembro das minhas primeiras campanhas entre os vossos valerosos concidadãos, e dos sublimes exemplos do amor patrio e de abnegação que delles recebi ; eu fico verdadeiramente commovido !

E... esse passado de minha vida se imprime em minha memoria como alguma cousa de sobrenatural, de magico... de verdadeiramente romantico !

Eu vi corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas ; mas nunca vi em nenhuma parte homens mais valentes, nem cavalheiros mais brilhantes que os da bella cavallaria riograndense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações !

Quantas vezes eu fui tentado de patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi effectuar por essa viril e destimida gente, que sustentou por mais de nove annos contra um poderoso império a mais encarniçada e gloriosa lucta !

Não tenho escripto semelhante prodigio pela carencia de habilitações, porém a meus companheiros de armas por mais de uma vez tenho commemorado tanta bravura nos combates, quanta generosidade na victoria ; tanta hospitalidade, quanto afflago aos estrangeiros, e... a emoção que minh'alma, então ainda joven, sentia na presença e na magestade de vossas florestas e da formosura de vossas campinas... dos viris e cavalheirescos exercicios de vossa juventude corajosa ; e, repassando pela memoria as vicissitudes de minha vida entre vós, em seis annos de activissima guerra e pratica constante de acções magnanimas... como em delirio, brado : « Onde estarão agora esses bellicosos filhos do continente, tão magestosamente terriveis nas batalhas ? Onde Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, Teixeira e tantos valerosos de que não me lembro ? !... » Oh ! quantas vezes tenho desejado nestes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros avésados a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço como se fora uma ponta de gado !... Onde se acham elles ? Que o Rio Grande atteste com uma modesta lapide o sitio em que descansam os seus ossos ! e que as vossas bellissimas moças cubram de flores esses santuarios de vossas glorias, é o que ardentemente desejo. — JOSÉ GARIBALDI. »

Um episodio da confederação do Equador

Em 11 de setembro de 1824, recebe ás 6 horas da manhã, o presidente da *Confederação do Equador*, uma intimação de Lima e Silva, que já tinha penetrado na cidade do Recife pela Barra Grande, onde infelizmente não chegara o general dos revoltosos José de Barros Falcão, que se achava acampado com o grosso do exereito no logar chamado Prazeres aguardando munhões de guerra.

Esse retardamento da chamada — Divisão do Sul — facilitou a entrada das armas imperiaes na capital depois de varios combates.

E o ultimo reducto dos revolucionarios pernambucanos foi a fortaleza do Brum, commandada por Nicoláo Martins Pereira, que, ao queimar o ultimo cartucho, apresentou-se como preso militar ao chefe da tropa expedicionaria do Rio. O general Lima e Silva recebeu a Nicoláo com grande admiração, respeitando o valor civico do official por meio de expressões de inteira confiança, manifestada na seguinte resposta, quando o ex-comandante do Brum solicitou quem o acompanhasse para a prisão:

« *A official como o senhor não se faz acompanhar.* »

Recolhido logo depois á prisão, Nicoláo foi passado pelas armas, elle que queima o ultimo cartucho em favor do movimento separatista da *Confederação do Equador!*

Até o caminho do *campo da honra*, o valoroso republicano não articulou uma só palavra contra aquelles que de algum modo concorreram para o máo exito da revolução pernambucana.

Dirigindo-se á força militar que innocentemente ia commeter um attentado tão revoltante, Nicoláo não quiz que se lhe collocasse a venda e elle mesmo disse:

« *Acabem com isto, que é bastante pequeno para symbolisa a liberdade pernambucana.* »

Num livro de familia acha-se lançada, em seguida ao nome de Nicoláo Martins Pereira, a nota bem significativa para os vindouros: — *Assassinado por Pedro I.*

A carta de Lima e Silva ou melhor, a intimação do *pacificador* do banido de 7 de abril, o famigerado Duque de Bragança, continha mais ou menos estas expressões:

« *Em nome de S. Magestade o Imperador, intimo a Manoel de Carvalho Paes de Andrade, intruso presidente da mesma provincia, e a José de Barros Falcão, ex-governador das tropas, que immediatamente deponham as armas que tão louca como escandalosamente, teem levantado contra a legitima autoridade de S. M. e contra o systema creado pela nação si alguns restos de sentimentos humanos lhes fere a consciencia em favor de um povo, que os viu nascer e os tem alimentado; pois que a sua obliteração arrastando*

os inevitáveis estragos dos canhões e da espada sepultará sem remédio, nas ruínas muitos e bons cidadãos, que não merecem ser sacrificados a seus desvãos.

E declara outrossim, que por cada victima que de hoje em diante fizerem entre as pessoas que se tem conservado fiéis, padecerão dez dos seus partidistas.

Combate do «Fanfa» e morte de 120 republicanos em 4 de outubro de 1836

Tendo marchado Bento Gonçalves, com suas forças em numero de 600 homens de sua posição, em *Viamão*, para fazer junção com as forças republicanas que deveriam estar do outro lado daquelle rio, chegou no dia 2 à margem esquerda do mesmo em frente à ilha do *Fanfa*.

Immediatamente tratou Bento Gonçalves de operar a passagem do rio, mandando construir apressadamente jangadas que transportassem as forças da margem esquerda para a ilha e da ilha para a margem direita.

Afim de defender e proteger bem as suas forças contra um ataque do inimigo pela rectaguarda, mandou tambem o intelligente chefe republicano assentar uma bateria de tres canhões e um obuz, guarnecidas por 200 homens de infantaria, sobre uma eminencia, que dominava a posição e outros tres canhões sobre a barranca do rio.

No dia 3 appareceu a esquadriha imperial, comandada por Greenfell, em frente à ilha, desapparecendo logo que a força republicana dirigio-lhe alguns tiros, e pela parte de terra as forças imperiaes ao mando de Bento Manoel Ribeiro. No dia 4, pela madrugada, começa o ataque pelas forças de Bento Manoel, seguindo-se um combate renhido e sangrento, em que os imperiaes desmontam e tomam à viva força a bateria da eminencia, havendo grande confusão; sendo mortos, ou pela bala inimiga, ou afogados no rio, muitos republicanos, ao passo que outros chegam a galgar a nado o braço do rio, juntando-se assim a seus companheiros da ilha.

Em seguida, manda Bento Manoel metralhar a ilha por quatro boccas de fogo postadas na barranca do rio enquanto por agua as canhoneiras de Greenfell varrem com suas bombas e metralhas os valentes defensores da ilha. Depois de uma pequena suspensão dos fogos, por um dos flancos da posição de Bento Gonçalves, inesperadamente carregam os 400 homens que compunham a infantaria de Bento Manoel; porém são repellidos pela energia e sangue frio dos

bravos sitiados, que obrigam a infantaria inimiga a retirar-se com grandes perdas.

Entretanto, os insulados sentem-se exaustos, ao mesmo tempo que Bento Manoel julga impossivel aniquilal-os pela força; pelo que propõe a Bento Gonçalves capitulação. Este, respondendo, manda perguntar em que condições propõe a capitulação; então declara Bento Manoel que deixará em liberdade a todas as forças, e que se apresentem desarmados, estendendo-se tambem á brigada do coronel Crescencio de Carvalho, que se achava á margem opposta do rio e as forças republicanas de Pelotas e Jaguarão, reconhecendo os revolucionarios o governo legal da provincia e do Brazil. Pedindo Bento Gonçalves que mandasse escriptas essas condições, Bento Manoel satisfez o pedido e é assignada a capitulação.

O Sr. Assis Brazil em sua *Historia da Republica Rio-Grandense*, relata o seguinte significativo facto: «Um republicano, antes de abandonar a ilha, envergonhado de entregar as armas com que se tinha batido, lançou-as á agua.

Muitos imitaram esse procedimento, de maneira que os imperialistas poucas armas de mão receberam.»

Morreram nesta batalha 120 republicanos, feridos em maior numero, entregando elles 15 peças de artilharia. Dos legalistas morreram 40 homens e houver tambem muitos feridos.

Congresso Republicano de Pernambuco

Encerra-se a 10 de dezembro de 1888 em Pernambuco o seu primeiro Congresso.

Foram representadas 15 localidades.

Foi apresentada, discutida e approvada a lei organica do partido.

Deliberou-se a publicação de um jornal diario, organo do partido, sob a redacção dos Drs. Maciel Pinheiro e Isidoro Martins Junior.

Elegeu-se o directorio do partido que ficou composto dos cidadãos: Dr. Isidoro Martins Junior, Dr. Raymundo C. de Souza Bandeira, Dr. Albino Meira, João Walfredo de Medeiros, Antonio Martiniano Veras, João Cardoso, Rodolpho Lima, Honorio Silva, Dr. L. Maciel Pinheiro, Dr. Antonio de Souza Pinto e Dr. A. Pereira Simões.

Pedro Ivo

O supremo conselho militar confirma em dezembro de 1850 a sentença do conselho de guerra no processo de Pedro Ivo Velloso da Silveira como implicado em deserção e rebeldia, reformando a pena de morte a que fora condemnado pela pena de dez annos de prisão em uma fortaleza do imperio. A respeito de Pedro Ivo diz o Sr. Dr. J. A. Teixeira de Mello em suas *Ephemerides Nacionaes*: De um manuscripto da Bibliotheca Nacional intitulado: *Relação dos réos presos existentes na cadeia da Relação da Bahia* extrahimos o seguinte: « Pedro Ivo Velloso da Silveira, capitão miliciano. Preso a 23 de maio de 1847. Certidão fl. 28 do appenso F. E' accusado de ser capitão terrivel da maior guerrilha. De trazer distinctivos particulares da rebellião. De prender realistas. De ir no exercito contra Páu d'Alho. De ser muito infuido. De ser declamador. Todas estas imputações convencem o réo com certeza de coacção como fica demonstrado na Defesa geral e com as razões expendidas na sua allegação n. 77.»

Club Republicano do Pará

O *Club Republicano do Pará* publica em 7 de setembro de 1888 um energico manifesto ao paiz.

Dentre os protestos elaborados nas provincias contra a monarchia, o manifesto a que alludimos occupa logar saliente pela sua confecção fructo do mais ardente patriotismo, terminando da seguinte forma:

« Embora os horisontes tenham de toldar-se, como si estivera imminente desabrido tufão, antes que despontasse fulgida e deslumbrante a aurora da nossa redempção, mais vale esse pre-nuncio tenebroso, mas certo, de um limpido futuro, porque « o sol é formoso e creador, ainda quando, ao erguer-se no horisonte, tem aos lados por antithese as nuvens pardacentas da borrasca.»

Concidadãos! A' lucta pela Republica!

Pará, 7 de setembro de 1888.— Bacharel *Manoel de Mello C. Barata*.— Dr. *José Teixeira da Motta Bacellar*.— Dr. *Basilio Magno de Araujo*.— *Phileto Bezerra da Rocha Moraes*.— *Ignacio Gonçalves Nogueira*.

Manifesto do presidente da Republica Rio-Grandense

Em 27 de agosto de 1838 publicação em Piratiny um extenso e energico manifesto Bento Gonçalves da Silva, presidente da Republica Rio-Grandense e Domingos José de Almeida, ministro do interior.

Nesse brilhante manifesto veem minuciosamente e com grande energia desenvolvidas todas as desgraças que antes da Revolução pesavam sobre a Provincia e tambem as causas que determinaram aquella guerra civil dos dez annos, legitimando-a portanto; porque era essa a unica solução que garantia a segurança dos meios de obter tudo que os Rio-Grandenses até então não tinham gozado — as liberdades publicas, a individual e a garantia plena dos seus direitos.

Era tambem a unica solução que estava em harmonia com a dignidade e bom senso daquelle povo, que tinha sido até então calmo, pacifico e ao mesmo tempo fiel, valoroso e patriota.

Esse documento, que consubstancia aquella época tão gloriosa do Rio Grande do Sul e demonstra a extrema dedicação, a intemerata vontade e a energia patriótica daquelles servidores da Republica, manifesta clara e sinceramente que os republicanos rio-grandenses nunca esqueceram os seus irmãos brasileiros, pelo contrario, declararam que não recusariam, triumphante a Revolução, a sua união federal com as outras suas irmãs.

Congresso Republicano Mineiro

Encerra-se em Ouro Freto o primeiro congresso Republicano Mineiro em 18 de novembro de 1888, tendo-se reunido a 15 do mesmo mez.

Celebrou quatro sessões, a 15, 16, 17 e 18.

Fizeram-se representar 47 municipios.

A primeira sessão foi destinada ao reconhecimento de poderes.

A mesa que o presidio ficou constituída pelos Srs.: Dr. Leonidas Damasio, presidente; Dr. João Pinheiro e Francisco Ferreira Alves, secretario.

Esta sessão, que começou ás 6 1/2 horas da noite, foi encerrada ás 8.

Na segunda sessão pelo 1º secretario foi apresentado e lido o projecto da organização do partido, sendo discutidos e votados os seis primeiros artigos.

Elegeu-se nella a comissão de redacção do manifesto, que ficou composta dos Drs. Chagas Lobato, Gama Cerqueira, Antonio Olyntho e Arthur Itabirano.

Esta sessão, aberta ás 6 horas da tarde, encerrou-se ás 11 da noite.

Na terceira sessão foram discutidos e votados os outros artigos da lei organica.

Foi eleita nella a comissão para redigir a constituição politica do futuro estado mineiro.

Esta comissão ficou assim constituída: Dr. Joaquim Felicio dos Santos, Dr. Pedro Lessa e Dr. Francisco de Paula Ferreira de Rezende.

Elegeu-se tambem a comissão central permanente do partido residente em Ouro Preto, e os membros eleitos foram: Dr. João Pinheiro da Silva, Dr. Leonidas Botelho Damasio, Francisco Ferreira Alves, Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires e Dr. Domingos José da Rocha; supplentes Dr. Pedro Baptista de Andrade e Dr. Francisco de Paula Ferreira e Costa.

Elegeu-se afinal uma comissão para confeção das leis de organização da caixa do partido e da creação do jornal; foram os seus membros o Dr. João Pinheiro da Silva e Dr. Pedro Baptista de Andrade. Trabalhou durante cinco horas.

Na ultima sessão foram discutidas e approvadas as leis especiaes da organização da caixa e da creação do jornal.

Foram encerrados os trabalhos e ficou marcado o dia 14 de julho do anno vindouro para realização do segundo congresso republicano.

Convenção de 23 de março.

Reunem-se em 23 de março de 1882, na capital do Rio Grande do Sul, o partido republicano, afim de tratar da organização definitiva do partido naquella provincia, sendo representadas nessa assembléa muitas localidades, em que já existiam clubs ou nucleos democraticos.

Resolveu-se nessa occasião a convocação de um Congresso Legislativo, que já reuniu-se em quatro sessões successivas, em que foram discutidas e approvadas as leis que servem de base á sua organização e constante dos principios dos verdadeiros republicanos.

Collaboraram nesses primeiros alicerces do edificio do futuro estado Rio-grandense da Confederação Brazileira, que um dia forçosamente havia de existir, muitos cidadãos distinctos, como Venancio Ayres, o emulo dos republicanos rio-grandenses, Dr. Assis Brazil, o historiador da Republica de 1835, Dr. Julio de Castilhos, personificação da propaganda jornalística republicana, Dr. Ramiro Barcellos, republicano ardoroso e companheiro activo de Julio de Castilhos, Dr. Demetrio Ribeiro, Dr. Antão de Farias, José Pedro Alves, Luiz Lezeigneur, Dr. Alvaro Chaves e outros leaes e dedicados republicanos.

Este primeiro e grande acto dos republicanos do Rio Grande do Sul ficou senão chamado *Convenção de 23 de março*.

Congresso republicano de S. Paulo.

Installa-se em 1 de julho de 1882, na capital de S. Paulo, o primeiro Congresso Republicano, composto de 29 representantes dos republicanos de diversos municipios. Esse Congresso celebrou tres sessões consecutivas, tomando, entre outras deliberações, as seguintes: eleger uma commissão permanente do Congresso, composta de 7 membros, para no intervalo das sessões daquelle, dirigir os negocios do partido, entender-se com os clubs e nucleos municipaes; e tomar todas as providencias que julgar necessarias á causa republicana; e de ficar a dita commissão especialmente encarregada de estudar e formular um projecto de organização politica sobre a base da federação de municipios e autonomia federal das provincias. Essa commissão ficou constituída dos Srs. João Tebiriçá Piratininga, Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, Dr. João Tobias de Aguiar e Castro, Antonio A. da Fonseca, Drs. Americo de Campos e Martinho da Silva Prado Junior. As sessões do 1º Congresso foram presididas pelo Dr. Americo Brasiliense, servindo de secretarios os Drs. A. F. de Paula Souza e A. F. de Araujo Cintra.

Republica Rio-Grandense

Em 5 de outubro de 1836, Bento Gonçalves, Onofre Pires, Zambicari e outros importantes chefes republicanos são presos por ordem de Bento Manoel e remetidos para Porto Alegre, sendo encerrados nos porões da *Presiganga*.

Recebendo o tenente Antonio Pedro de Abreu ordem para metel-os em ferros, este não quiz fazel-o a Onofre e a Bento Gonçalves, seu parente; mas foram postos em Zambicari, secretario de Bento Gonçalves, porque elle era estrangeiro. Todos estes cidadãos e mais Pedro Boticario, redactor da *Idade de Pau*, José M. M. Calvet, Marciano Ribeiro, vice-presidente, e outros foram remetidos para a capital do imperio, sendo encerrados na fortaleza de Santa Cruz. O procedimento do governo imperial relativamente a Bento Gonçalves e seus companheiros do Fanfa foi uma verdadeira traição.

Foi sempre assim: a monarchia governando com as mentiras e traições.

Congresso Federal Brasileiro

Em 9 de outubro de 1888, no salão do Club Tiradentes, do Rio de Janeiro, reúne-se o Congresso Federal Brasileiro.

A comissão de verificação de poderes ficou composta dos cidadãos Quintino Bocayuva, Campos Salles, Aristides Lobo, Rodolpho Abreu, Gabriel Magalhães e Alberto Torres.

A esta comissão foram presentes as actas e communicações relativas á eleição dos delegados e supplentes ao Congresso.

Foram reconhecidos membros do Congresso e representantes do Município Neutro, e das provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Espirito Santo, Santa Catharina, Paraná, Minas e Bahia.

O Congresso ficou composto dos cidadãos:

Dr. Joaquim Saldanha Marinho, Dr. Antonio da Silva Jardim, Quintino Bocayuva, Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura, Dr. Aristides da Silveira Lobo, Dr. Francisco Rangel Pestana, Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, Francisco Glycerio, Dr. J. B. de Sampaio Ferraz, Pedro José Fernandes Medina, Eugenio Aurelio Brandão do Valle, Dr. Francisco Portella, João de Loyola e

Silva, Bernardo Horta de Araujo, Dr. Raymundo de Sá Valle, Dr. Augusto de Oliveira Pinto, Dr. Cyrillo de Lemos Nunes Fagundes, Dr. Alberto de Seixas Martins Torres, Dr. Leonel Loretto da Silva Lima, Lydio Martins Barbosa, Antonio Justiniano Esteves Junior, José Arthur Berteux, Antonio Dutra, Alfredo Esteves, Dr. Eduardo Mendes Gonçalves, Dr. Cyro de Azevedo, Henrique Deslandes, Dr. Gabriel de Paula Almeida Magalhães, Dr. Henrique Cezar de Souza Vaz, Dr. João Pinheiro, Antero Magalhães, Dr. Alexandre Stochler, Rodolpho Abreu e Dr. Vicente de Souza.

Elegeu-se a mesa do Congresso, que ficou assim composta :

Presidente, Dr. Joaquim Saldanha Marinho; vice-presidente, Quintino Bocayuva; secretarios, Drs. Aristides da Silveira Lobo, e Raymundo de Sá Valle.

Após a leitura do relatório do Conselho Federal, por indicação do Dr. Saldanha Marinho foi eleita uma comissão encarregada da revisão da lei organica do partido, e que ficou composta dos Srs. Dr. Silva Jardim, F. Glycerio e Dr. Francisco Portella.

Acontecimentos de 30 de dezembro de 1888 no Rio de Janeiro

Uma associação particular, elevada em defensora da monarchia e açulada pela inaptidão do ministerio e pelo servilismo de um transfuga cobarde, dá começo a uma verdadeira luta de raça, ensanguentando as ruas da cidade, ferindo desordenadamente a todos, com a coadjuvação da policia.

O disturbio teve iniciação na primeira conferencia realizada pelo Dr. Silva Jardim na *Société Française de Gymnastique*.

Aggredidos, os republicanos, respondem de dentro com as armas que puderam obter.

Finda a luta, ante a inercia e até approvação vergonhosa da policia, os anarchistas da Redempção apavoram toda a cidade com suas scenas de vandalismo e crueldade.

O inventario approximado desta sortida do bando assalariado é o seguinte :

Era sabido que este grupo de ignorancia e de inconsciencia, que se chama guarda negra, pretendia vir a campo lançar aos republicanos o seu cartel nojento de desufo.

Um jornal de opposição, na vespera mesmo do conflicto, tinha dado uma especie de ordem do dia, em que se relatavam factos escandalosos passados na secretaria da policia.

O que não admira também que os bandidos viessem a campo, quando justamente havia uma semana que dous de seus membros tinham-se dado como atacados por co-religionarios nossos, o que era uma mentira e uma verdadeira premeditação.

Bastava fisto para que não se duvidasse do intento ensanguentado da gente desgraçada que sempre vai nos rastros do governo que paga.

O nosso activo co-religionario Dr. Silva Jardim tinha annuciado para domingo 30 sua conferencia na Sociedade Franceza de Gymnastica.

Esta conferencia estava annunciada para o meio-dia.

Já ás 11 horas o largo do Rocio apresentava o triste aspecto dos campos inglorios em que a insensatez espera a honra e a dignidade para assalta-as. Viam-se malta de homens negros, mettidos em largas roupas também negras ou vestindo ternos espantados, de casimira barata.

O charuto ao canto dos labios, os olhos congestionados pelo alcool, os grandes *petropolis* manejados como que para intimidar, davam a entender que alli estava um bando perigoso.

Ao meio-dia, o Dr. Silva Jardim deu começo á conferencia, que, em seu meio, foi interrompida por insultuosos apartes.

Neste interim, os individuos duvidosos que estavam á frente do edificio prcomperam em uma vozeria infernal, fazendo passeiatas barulhentas, aos gritos de : *morra* Silva Jardim! *morra* Lopes Trovão !

As pessoas que estavam á porta foram aggreddidas pelo numeroso grupo.

Houve ali verdadeiro denodo, houve muita ousadia ignorada. Lopes Trovão e Silva Jardim tiveram alli defensores intemeratos, ousadissimos.

O conflicto tremendo durou mais de duas horas, sendo offendidos cidadãos pacatos por capoeiras indisciplinados.

A' sahida do Dr. Silva Jardim, quando já a policia representava sua costumada farça, os façanhudos capangas da helempeção aggreddiram-n'o, aos gritos de : *morra!* *morra!*

O segundo acto desta tragedia-comica espalhou-se por um scenario enorme.

Toda a cidade encheu-se de pavor, as ruas principaes eram invadidas por um bando de indisciplinados, logo seguido por outros e logo acompanhado por outro.

Era horrível...

Os feridos foram muitos e os mortos não foram poucos, como se disse.

Paz a elles!

Responda por isso elle, o ministerio honrado do Sr. João Alfredo.

(Do Almanak Republicano.)

Carta dirigida ao «Centro Republicano de Pernambuco»

As noticias alentadoras do actual movimento republicano em nossa querida e gloriosa provincia, sem causar-nos surpresa, enchem-nos de fundamentada esperanza.

Pernambuco ha de cumprir a promessa, por seu heroico passado feita ao futuro; as suas lutas em prol da liberdade não illuminam debalde as paginas da nossa historia, nem o rio de sangue derramado pelos martyres das suas revoluções regou inutilmente o solo da Patria.

Si as suas energias, apezar de tyrannicamente sopitadas pelas oligarchias corruptoras do segundo reinado, não se despertaram mais cedo, foi porque em todo o paiz o ideal abolicionista preterira temporariamente o ideal republicano.

Mas, em 13 de maio a escravidão foi vencida, o Brazil progrediu, e o progresso dando vida ao progresso, o ideal republicano retomou o seu lugar.

Abatida a negra barreira, o movimento revlucionario encetado impelle o espirito nacional em busca da sua verdadeira e completa emancipação politica.

O Brazil quer vasar o seu systema de governo nos moldes mais accordes com os seus interesses e mais compatíveis com a dignidade dos homens livres.

Procurando arrancar do nosso seio a parasita *real* que suga este continente, estamos em nosso direito, ou antes, cumprimos o nosso dever.

E nem se diga que as tendencias separatistas dos nossos antepassados podem constituir um cabedal de tradições favoraveis ao desmembramento da nossa Patria.

Não, naquelles tempos só o norte batia-se pela republica, o sul, ou conservava-se fiel á realza, ou revelava-se indifferente aos nossos movimentos.

Hoje a democracia pura é uma aspiração geral e as bandeiras desfaldadas pelos grupos republicanos de cada provincia symbolizam o principio federativo, que é a melhor garantia da autonomia dos estados sem a desunião, principalmente onde existe, como entre nós, a unidade da raça e lingua.

Comprovincianos, confiamos muito na vossa agitação.

«A' testa do movimento republicano de Pernambuco acham-se homens de cuja pureza de intenções e de cuja sinceridade ninguem pôde duvidar. Quem, por exemplo não conhece Maciel Pinheiro, Annibal Falcão, Souza Pinto, Martins Junior, e João Ramos?»

Não ha negar o valor moral dos homens que estão neste momento levando o facho tradicional á velha alma pernambucana.»

Estas palavras, traçadas pela penna de Joaquim Nabuco, um dos nossos mais valentes adversarios, justificam a nossa confiança.

Não repouseis. O escopo politico dos mais dignos filhos da nossa terra vai ser em breve alcançado. O espaço que elle adquire no cerebro de toda a nação dá-nos esta certeza.

Trabalhemos.

J. J. A. Pernambuco.

Belarmino Carneiro.

Dous autographos e documentos do partido republicano nacional

O partido republicano brasileiro tem seu archivo de preciosos documentos historicos e de honrosas demonstrações de apreço e sympathia fraternal de co-religionarios dos outros paizes.

Si a incuria de alguns, si a desidia de outros teem causado a perda de muitos desses valiosos testemunhos, que faltaram de modo lamentavel ao futuro historiador, outros ha felizmente guardados e que serão aproveitados opportunamente.

E' justo que, nas paginas deste livro, figurem os dous seguintes documentos republicanos, que honram a nossa tenacidade na luta e confiança no futuro.

A felicitação que foi dirigida pelos republicanos fluminenses a Emilio Castellar, por occasião da proclamação da Republica na Hespanha, e a resposta deste notavel democrata a essa manifestação.

Foi em sessão de 16 de março de 1873 que o *Club Republicano Federal* deliberou dirigir uma mensagem a Emilio Castellar, por intermedio do Dr. Daniel Pedro Ferro Cardoso, que, indo para a Eúropa, offereceu-se para passar por Madrid, afim de, expressamente, encarregar-se dessa honrosa missão.

O Sr. Francisco Cunha, membro do Club, e redactor da *Republica*, foi incumbido de redigir a carta que ora publicamos, o que fez em acto continuo, sendo lida e approvada na mesma sessão.

Foi esse documento entregue pelo Dr. Ferro Cardoso a Emilio Castellar, que respondeu pelo modo por que se vê.

Eis a mensagem enviada pelos republicanos brasileiros :

« Sr. D. Emilio Castellar

« O partido republicano do Brazil, por intermedio dos abaixo firmados, saúda a Republica Hespanhola, na pessoa de um dos mais gloriosos e admirados apostolos da democracia moderna.

Vimos com jubilo e orgulho o triumpho incruento da Republica na altiva e nobre Iberia, patria de tantas personificações accentuadas, ás quaes deve a humanidade, deve a grande familia latina, especialmente, tão grandes commettimentos. Estava destinado à valente e energica nação hespanhola a' rir um precedente novo e fecundo à consagração da liberdade em todo o mundo civilisado. Deste hemispherio, onde veio abrigar-se o direito dos povos contra a oppressão do privilegio, enviamos ao povo hespanhol as nossas cordiaes e entusiasticas felicitações. O Brazil, unica monarchia deste continente, espera ansioso que o progresso das nações civilisadas e livres irradie sobre as nossas massas populares a luz, a cujos vivificantes effluvios acabais de expandir os vossos corações patrioticos.

O nosso amigo e co-religionario Dr. Ferro Cardoso vai por nós incumbido de estreitar a vossa dextra em signal de apreço e de fraternidade por parte dos republicanos brazileiros.

Rio de Janeiro, 16 de março de 1873.

(Assignados) — Joaquim Saldanha Marinho, José Maria do Amaral, Augusto Fomm, membros do Directorio Republicano — Quintino Bocayuva, Francisco Cunha, Pompilio de Albuquerque, redactores da *Republica* — Aristides da Silveira Lobo, Augusto Cesar de Miranda Azevedo, presidente e secretario do Club Republicano Federal. »

Resposta de Emilio Castellar :

« Señores

Recibo con grande satisfacion vuestro mensage en el cual felicitais a la nacion española per el nuevo pasadado en el camño del progreso.

Mucho hemos trabajado para traer la Republica ; y mucho necessitamos trabajar todavia para consolidar-la. Pero las virtudes del pueblo español, su energia unida a sua moderacion nos aseguran que la obra fundada con grande esfuerzo se mantendrá con grande gloria. Las dificultades son muchas, pero no nos abandona la fé en nuestras idéas y la confianza en lo porvenir. Aliñtanos tambien la amistad que todos los pueblos cultos y que todos los hombres de animo esforzado y generoso, como vosotros, nos muestran, amistad, que sirve de compensacion a nuestros grandes trabajos y de consuelo a nuestras intensas dolores.

Quera el cielo que los vuestros votos se cumplan y que los pueblos latinos de un y otro continente muestren ser tan perfectos ciudadanos como han sido heroicos soldados y audaces navegantes. Comunique estes sentimientos a todos manter, desde ali han felicitado al gobierno de la Republica española. Agregad, señores, el testimonio de mi profundissima amistad.

Emilio Castellar. »

Discurso proferido na sessão de 11 de junho de 1889
na Camara dos Deputados

O Sr. João Manoel (*signaes de attenção*): — Sr. presidente, os ultimos acontecimentos politicos, que todos nós temos testemunhado, si por um lado devem causar no espirito publico as mais sérias apprehensões e produzir a mais viva impressão no animo dos brazileiros, por outro lado devem encher-os do maior jubilo, despertando-lhes ao mesmo tempo as mais gratas esperanças pelos futuros destinos de nossa patria. Tudo está indicando evidentemente que este paiz, fadado por Deus aos mais gloriosos destinos, em breve passará por transformações profundas e radicaes, e que as velhas instituições, que nos tem humilhado, tendem a desaparecer deste sólo abençoado, onde não puderam consolidar-se nem produzir fructos beneficos. (*Sensação.*)

Tudo é confusão e anarchia; confusão na ordem social, anarchia na ordem politica. Mas tenho fé em Deus que deste cahos medonho, em que se debatem inanes, se estorcem agonisantes os restos de uma monarchia moribunda (*apoiados e applausos*), ha de surgir a luz, essa luz suave e esplendida da liberdade e democracia, que ha de incendiar todas as intelligencias, illuminar todos os espiritos, inflammar todos os corações, cahindo no seio da patria como gottas de orvalho divino, vivificando-a, fecundando-a, como vivificam as flôres os raios beneficos de um sol de estio.

Senhores, os apparatus deste velho systema de governo estão gastos e imprestaveis. Os antigos partidos acham-se divididos, esphacelados...

UM SR. DEPUTADO: — Descobriu isto agora.

O SR. JOÃO MANOEL: — Só tenho que dar satisfações á Nação, que nos julgará.

Esphacelados pelos odios, annullados pela fraqueza, apodrecidos pela corrupção, estragados pelos vermes das dissilencias que os tem corroído e dilacerado. O senado e o conselho de estado, onde só deveriam imperar a razão calma, a reflexão, a prudencia e a sabedoria, tem perdido a sua seriedade (*apoiados e não apoiados*), desmentido suas honrosas tradições, trahido o seu papel, disvirtuado a sua missão, pervertido os fins para que foram creados, tornando-se facciosos e revolucionarios.

O poder irresponsavel, cercado do prestigio da realeza, investido das maiores e mais largas attribuições que se podem depositar nas mãos de um homem, abusando escandalosamente das augustas prerogativas que tão de boa fé lhe foram conferidas pelo legislador constituinte, e que tão generosamente foram reconhecidas e aceitas pela Nação, esse poder, vós todos o sa-

beis e sentis, tornou-se o poder unico, supremo e absoluto, tudo avassallando á sua vontade, tudo amesquinhando, tudo abatendo, tudo mystificando, tudo corrompendo, invadindo, absorvendo e supprimindo todos os outros poderes constitucionaes.

Deante desta dissolução dos partidos, que se estragaram e se perderam, deante da anarchia e desmoralisação em que se acham as instituições com que os nossos pais procuraram felicitar-nos, não ha espirito, por mais indifferente, que se não entristeça contemplando os males, as ruinas e as miserias da patria, que é a unica sacrificada aos erros, ás ambições, aos caprichos e vaidades daquelles a quem tem sido confiados os seus destinos.

Si a historia politica do nosso paiz não fosse fecunda em factos que mostram e confirmam esta verdade, bastaria a organização do actual gabinete para desvendar-nos os olhos, tirar-lhes todas as cataratas, desfazer-nos todas as illusões, denunciando, ao mesmo tempo, o segredo das intrigas e das conspirações palacianas.

O ministerio 7 de junho é uma verdadeira monstruosidade (*não apoiados da bancada liberal*); nada representa e nada significa de grande, de nobre, de confessavel; não é um governo da nação, porque vem attentar contra o sentimento nacional; não é um governo nem ao menos partidario, porque nasceu divorciado do seu partido: é um governo ameaçador, que traz em seu bôjo um pensamento sinistro, porque, digamos a verdade, elle é simplesmente um producto da vontade imperial.

O que estamos nós vendo agora de admiravel e de surpreendente?

Dissolve-se a situação conservadora, pujante de força, representada nesta casa por 90 deputados, e chama-se ao poder o partido liberal, que apenas pôde contar aqui com uma pequena minoria.

A quem se deve imputar ou attribuir a responsabilidade deste facto, que é a negação de todos os principios do systema parlamentar representativo...

O SR. JOAQUIM PEDRO: — Aos seus chefes.

O SR. JOÃO MANOEL: — ... que é a inversão completa da ordem natural das cousas?

Como se poderá decentemente explicar esse phenomeno estranho de entregar-se o poder ao partido que se acha em minoria na camara dos deputados, em cujo seio reside expressa a vontade nacional.

Sr. presidente, tudo estava escripto, a sentença era irrevogavel!

A exposição de motivos, feita pelo nobre ex-ministro do imperio, relativamente á crise politica que se operou e cuja solução deu em resultado a queda do gabinete 10 de março e ascensão do partido liberal ao poder, é de maxima importancia e gravidade, e derrama ao mesmo tempo muita luz sobre os acontecimetos que se deram.

Tenho o dever imperioso de fallar ao paiz com a maior franqueza e lealdade, dizendo tudo que penso, tudo que sinto.

Não é a hora das recriminações pessoais; pelo contrario, é a hora solemne da coragem civic e da verdade.

Senhores, vós ouvistes ler aquelle documento importantissimo. A corôa ficou patente, denunciou-se escandalosamente desta vez.

Negando a demissão do gabinete, cujo chefe lh'a pedira instantemente por seis vezes, a corôa só teve um pensamento: accentuar cada vez mais a scisão do partido conservador. Era preciso fazer crer a este pobre paiz, sempre illudido, que o conselheiro João Alfredo, aquella grande alma e aquelle elevado character, não passava de um ambicioso vulgar, que, agarrado, ao poder como a ostra ao rochedo, solicitava insistentemente a dissolução da camara para poder esmagar nas urnas a dissidencia conservadora.

Entrava sem duvida nos calculos imperiaes cavar mais fundo ainda o vallo que separava os chefes conservadores, tornando-os irreconciliaveis e impossiveis pela intriga, pelo odio e pelas paixões de que se deixassem dominar.

Pois, senhores, não foi uma crueldade, uma crueldade revoltante, conservar esse gabinete longo tempo exposto aos ataques mais violentos, e atado ao poste da calumnia e da diffamação, que fazia parte de um plano perversamente preconcebido e subterraneamente concertado?

Mas em tudo isto, senhores, houve uma completa mystificação para castigo de todos que figuraram nesta comedia: foram todos mystificados.

O SR. FELIPPE FIGUEIROA: — Apoiado.

O SR. JOÃO MANOEL: — Mystificado, sinto dizel-o, foi o nobre ex-presidente do conselho, que chegou a acreditar na sinceridade da corôa negando-lhe a demissão collectiva do gabinete, quando elle devia conhecer ha muito o grande artista com quem lidava. (*Riso.*)

Mystificado foi o Sr. conselheiro Paulino, chefe da dissidencia.

UM SR. DEPUTADO: — Esse não foi ouvido.

O SR. JOÃO MANOEL: — ... que commetteu o gravissimo erro de alliar-se aos seus adversarios nuturaes para combater um governo composto de membros do seu partido (*protesto*), acreditando, sem duvida, que o poder lhe iria parar ás mãos para realisar o programma da indemnisação. (*Protestos.*)

Mystificado foi o Sr. conselheiro Correia.

O SR. ALFREDO CHAVES: — O regimento é que está agora mystificado.

O SR. JOÃO MANOEL: — ... que recuou vendo-se ante a *espada* e a parede, ou naufragou, indo de encontro ao *penedo* da sua preliminar.

O SR. PEDRO LUIZ: — Peça a palavra.

O SR. JOÃO MANOEL: — Mystificado foi o nobre visconde do Cruzeiro, que ainda deu-se ao incommodo de allegar motivo de molestia para não organizar gabinete.

Mystificado foi o nobre Visconde de Vieira da Silva, que quiz fazer das fraquezas forças, pondo em contribuição o seu espirito

elevadissimo e o seu patriotismo, suppondo poder formar um gabinete, quando o seu partido ainda não estava unido.

Mystificado foi o Sr. conselheiro Saraiva, que acreditou submeter a corôa ao seu vasto programma de reformas, que levariam o paiz ás fronteiras da Republica, e que a corôa aceitou sem restricções, dispensando-o ao mesmo tempo, por cautela, da incumbencia honrosa que lhe fora confiada, à primeira escusa apresentada.

Mystificado foi ainda o nobre presidente do conselho, Visconde de Ouro Preto, que acreditou galgar o poder com um gabinete formado de accordo com os seus amigos, quando teve de submeter-se á vontade da corôa, que lhe impoz companheiros com quem não contava.

O SR. VISCONDE DE OURO PRETO (*presidente do conselho*): — Não é exacto.

O SR. JOÃO MANOEL: — Mystificado foi o partido liberal, que sempre acreditou inaugurar a situação com um gabinete genuino, quando teve a dolorosa decepção de encontrar-se com um ministerio composto de aulicos.

Todos foram mystificados, até a propria corôa, que acreditou ter achado o seu homem, capaz de matar a Republica, que surge ameaçadora, quando S. Ex. não tem força para dar conta da obra que lhe foi encomendada.

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA (*ministro da justiça*): — Tanto melhor para V. Ex.

O SR. JOÃO MANOEL: — O nobre presidente do conselho sentese satisfeito.

O SR. VISCONDE DE OURO PRETO (*presidente do conselho*): — Não, senhor,

O SR. JOÃO MANOEL: — ... por ver a sua ambição realizada; S. Ex. apresenta-se ao parlamento muito lampeiro, muito ancho e cheio de si (*riso*), radiante de jubilo e de felicidade...

O SR. VISCONDE DE OURO PRETO (*presidente do conselho*): — Não, engana-se.

O SR. JOÃO MANOEL: — ... suppondo-se sem duvida um triumphador.

O SR. VISCONDE DE OURO PRETO (*presidente do conselho*): — Supponho-me uma victima.

O SR. JOÃO MANOEL: — Como se engana S. Ex. ! A sua victoria é uma verdadeira victoria de Pyrrro. (*Riso.*)

S. Ex. preparou a seu geito uma escada para subir, por esses mesmos degrãos escorregadios ha de rolar, cahindo na praça publica execrado e coberto de maldições (*sensação*), porque nutre e afaga o pensamento sinistro de attentar contra as liberdades publicas e a soberania nacional. (*Oh ! Oh !*)

Pouco importa que S. Ex. appareça armado em guerra, procurando intimidar com a carranca das duas pastas militares. (*Hilaridade prolongada.*)

Senhores, vós comprehendes perfeitamente que não tenho interesse em offender a ninguem, mas considero irrisorio o intento

de se pretender fazer do nobre ministro da guerra um espantoso para assustar a Republica, quando S. Ex. não passa de um bom homem, um cidadão pacato e um militar inoffensivo. (*Oh! Oh! Riso.*)

A carranca do nobre ministro da marinha, sim (*hilaridade*), sim, esta é mais formidavel e mais temerosa, porque S. Ex. é homem de luta e de acção.

Mas eu faço justiça á nobreza do seu character.

Não creio que o nobre Barão do Ladario queira renunciar o seu passado de gloria, macular o seu nome honrado, prestando-se a servir de terror, sem pôr a grave responsabilidade do papel que lhe designaram.

UM SR. DEPUTADO : — Está refutando tudo quanto disse. (*Ha outros apartes.*)

O SR. JOÃO MANOEL : — Estou fallando para o paiz. (*Riso.*)

Acrelito mesmo que o nobre barão, atordoado pela surpresa da escolha, não porque não a merecesse, mas porque não a esperava, não tivesse tempo para reflectir, e, obedecendo sómente aos impulsos do seu patriotismo, aceitasse o posto que occupa no gabinete; no momento, porém, em que S. Ex. se convencer de que está servindo de instrumento inconfessavel para massacrar, para victimar os seus compatriotas...

UM SR. DEPUTADO : — Não creia que o Sr. Barão do Ladario seja capaz disso.

O SR. JOÃO MANOEL : — ... estou certo de que S. Ex. saberá assumir a attitude que lhe impoem o seu brio militar, o seu patriotismo e a sua dignidade pessoal.

O nobre ministro do império não é uma carranca (*riso*), é simplesmente uma careta. (*Hilaridade prolongada.*)

O SR. PRESIDENTE : — Attenção! Cumpra-me dizer ao nobre deputado que essa expressão não é parlamentar. (*Apoiados.*)

O SR. BEZAMAT : — O que admira é que V. Ex. tivesse juvido impassível, sem recalmar, o que se tem dito contra o imperador.

O SR. JOÃO MANOEL : — S. Ex. representa no ministerio o elemento puramente aulico.

O SR. AFFONSO CELSO : — Póde dizer o que quizer, não offende. (*Ha outros apartes.*)

O SR. JOÃO MANOEL : — Ha uma grande differença a attender, uns veem para aqui e renegam; eu venho para aqui e professo.

O SR. JOAQUIM PEDRO : — Isto não edifica nada.

O SR. JOÃO MANOEL : — Já se acham ahí em jogo interesses do 3º reinado: é preciso destacar alguém para os arraiaes do partido liberal, afim de observar de bem perto o movimento dessas reformas, que se annunciam e se promettem, para impedil-as, caso tenham de ser realizadas.

S. Ex., portanto, representa no ministerio o olho aulico, esse olho providencial, que tudo espreita e tudo vê para salvaguardar os interesses da monarchia.

No posto em que se acha, S. Ex. representa um papel que lhe

é proprio, uma funcção que lhe é pessoal e que só elle pôde preencher e desempenhar. Entretanto não se pôde dizer que S. Ex. seja um illustre desconhecido, porque já por mais de uma vez se tem feito notavel, pelas victorias conquistadas nas batalhas de flôres. S. Ex. representa ainda a imprensa, porque é redactor chefe do *Correio Imperial*.

Fique certo, porém, o nobre presidente do conselho de que o povo brasileiro não tem medo de carrancas e muito menos de caretas.

S. Ex. aventurou-se a uma empreza arriscada, temeraria, muito superior ás suas forças.

Fez-se crer nas regiões olympicas que a permanencia do partido conservador no poder augmentava o numero de adeptos da Republica.

O nobre presidente do conselho está muito enganado. S. Ex. não tem força para conter esse movimento que se levanta possente, para abafar essa onda da opinião, que cresce temerosa, que se avoluma, que sobe impavida e que ha de assoberbar e envolver a todos aquelles que ousarem oppôr-lhe barreiras.

O seu orgulho e sua ambição hão de ser castigados, porque S. Ex. será esmagado debaixo da pedra que rola da montanha, impellida pelas lufadas impetuosas do vento da liberdade.

Não nos iludamos, a Republica está feita. Só lhe falta a consagração nacional.

Ella existe de facto em todos os espiritos, em todos os corações brasileiros.

Seria arrojada temeridade ou rematada loucura pretender impedir essa torrente caudalosa da idéa nova, que invade todos os espiritos e se derrama pujante em todo o sólo da patria.

O apparatus bellicosos com que o governo procura aterrar o espirito nacional, é desnecessario, porque a Republica não quer brigar.

A revolução é outra: a revolução pacifica, operada pela scintilla do patriotismo, incendiando todos os espiritos e abraçando todos os corações brasileiros; revolução que terá o mesmo resultado benefico que teve o da abolição do elemento servil.

O emprego da força, da violencia e da compressão só poderão fazer victimas augmentando consideravelmente o numero de agitadores.

Cada brasileiro se imporá como dever sagrado defender a sua idéa, agitando a opinião publica, fallando á alma nacional, despertando-lhe todos os sentimentos, excitando-lhe todos os estímulos, movendo-lhe todas as fibras patrióticas, concorrendo para a grandeza e felicidade deste paiz, que ha de elevar-se como um gigante, impondo-se á admiração e respeito das nações mais civilizadas, bafejado pelas auras puras da democracia.

Não se illuda o nobre presidente do conselho.

Abolida a escravidão, que nos envergonhava, é preciso abolir-se o poder que nos opprime e esmaga, esterilizando todas as fontes de riqueza e estancando todas as forças vivas da nação. Uma causa é consequencia natural da outra.

Não tardará muito que os brasileiros, jubilosos, saudem com entusiasmo o alvorecer da aurora brilhante da regeneração politica e social.

Não tardará muito que neste vastissimo territorio, no meio das ruínas das instituições que se desmoronam, se faça ouvir uma voz nascida espontanea do coração do povo brasileiro, repercutindo em todos os angulos deste grande paiz, penetrando mesmo no seio das florestas virgens, bradando energica, patriotica e unanimemente: abaixo a monarchia e viva a Republica. (*Muito bem, muito bem. Apoiados e não apoiados. Applausos prolongados nas galerias e no recinto.*)

VOZES:— Ordem! Ordem!

O SR. PRESIDENTE adverte as galerias que não podem dar manifestações.

Camara dos deputados

Em sessão de 11 de setembro de 1888 o Dr. Sebastião Mascarenhas, deputado liberal pela provincia de Minas, pronunciou o seguinte discurso:

— Sr. presidente, o entusiasmo com que as idéas republicanas são abraçadas na minha provincia, não provém do despeito por causa da abolição, como entendem alguns dos nobres deputados e o governo. (*Apoiados.*) Ha outras causas mais poderosas que influem para esse movimento. (*Apoiados.*)

Para provar o erro em que se acham os nobres deputados e o governo, basta dizer que a maior parte dos republicanos é residente nas cidades e villas. Eram muitos ou a maior parte delles, abolicionistas, que entendiam com razão que a escravidão era a base mais solida sobre que descansava a monarchia. (*Apoiados.*) Abolida a escravidão, ficava ao partido republicano estrada franca e larga pela qual marcharia desassombrado para a conquista de suas idéas.

A abolição do juramento de fidelidade ao imperador, que hoje se vai votar nesta camara, é mais um grande triumpho que consegue o partido republicano (*apoiados*), que terá nesta casa grande numero de representantes na proxima legislatura. (*Apoiados.*)

A camara municipal da importante cidade do Curvello, incumbiu-me de apresentar à camara dos Srs. deputados a seguinte representação (*lé*):

« Camara Municipal do Curvello.— Minas, 24 de agosto de 1888.

« Illms. e Exms. Srs.— Augustos e digníssimos Srs. representantes da nação.

« A camara municipal do Curvello interpretando fielmente os sentimentos de seus municipes, vem respeitosa e representando a essa augusta camara sobre a necessidade urgente da convocação de uma assembléa constituinte, com poderes plenos para revogar os arts. 3º e 4º da constituição do imperio e de todos os seus corollarios.

« Por indicação de alguns Srs. vereadores, a camara municipal do Curvello reconheceu, por unanimidade de votos, a urgencia de uma reforma que só trará grandes beneficios á nação brasileira.

« Deus guarde a VV. Exs.— O presidente, *Antonio Francisco França Cannabrava.*— *Joaquim Diniz Couto.*— *Antonio Diniz Mascarenhas.*— *João Antonio da Silva.*— *João Pinto de Carvalho.*— *Francisco Ferreira Guimarães.*

Chegada de Lopes Trovão em 3 de novembro de 1888

Eis como a *Gazeta de Noticias*, noticia a chegada do denodado republicano, depois de seis annos de ausencia no estrangeiro:

« Às 11 ¼ horas da manhã o telegrapho annunciava a passagem, em Cabo Frio, do *Ville de Santos*. A commissão organisadora da recepção de Lopes Trovão fez logo affixar, como tinha promettido, os boletins annunciando que elle desembarcaria ás cinco horas da tarde.

Pouco antes dessa hora começou a affluir gente para o caes Pharoux. E, si não fosse detestavel, podia-se fazer trocadilho, dizendo que para esperar o Trovão o povo pouco se importava com o trovão repetido de intervallo a intervallo e que annunciava a imminencia de uma tempestade.

Esta não foi tão delicada quanto devia ser-lo; si durou pouco, entretanto, cahiu á hora em que o illustre tribuno republicano, com numeroso acompanhamento, singrava as aguas da bahia em direcção ao caes Pharoux, onde era numerosissima a concurrencia de povo, e maior seria si ás 4 ¼ horas não corresse com insistencia o boato de que o vapor ficaria ancorado, não sendo visitado sinão hoje.

Os amigos do Dr. Trovão tiveram a ventura de abraçal-o fortemente, na expansão de uma saudade de seis annos naquelle

momento saciada. « Está o mesmo », disseram todos; e está. Não se alterou em nada o typo do illustre propagandista, typo que não se apagou da imaginação do povo que aqui o acclamou ha annos, e que hontem o acclamou ainda.

Eram seis as lanchas que foram buscal-o a bordo: na primeira iam o Dr. Silva Jardim, o Dr. Barata Ribeiro, o Dr. Sá Valle, o Dr. Cyro de Azevedo, o Sr. Favilla Nunes e outros amigos do Dr. Lopes Trovão e representantes do partido republicano; nas outras iam representados por commissões os Clubs Tiradentes, Quintino Bocayuva, Lopes Trovão, Saldanha Marinho, Santa Catharina, Felipe dos Santos, Rio Branco, o directorio do Club Republicano de Ouro-Preto, os alumnos das Escolas de Medicina e Polytechnica e os estudantes preparatorianos.

Na primeira lancha ia arvorada a bandeira republicana.

A's 6 $\frac{1}{2}$ desembarcaram todos no cães Pharoux.

Centenares de vozes responderam aos vivas levantados ao recém-chegado, vivas que continuaram depois á passagem do prestito pelo largo do Paço, rua do Ouvidor e largo da Sé, onde o Dr. Lopes Trovão entrou no edificio do Club Tiradentes. Principalmente na rua do Ouvidor onde o prestito saudou a diversos jornaes, foram muitas as aclamações ao illustre republicano.

O Dr. Lopes Trovão recebeu grande numero de felicitações por telegramma e foi muito complimentado no Club.

A's 8 $\frac{1}{2}$ retirou-se para a casa de sua residencia, no Andarahy.

A' tarde e á noite fez-se uma larga distribuição gratuita do numero especial do *Combate*, collaborado por muitos dos nossos mais conhecidos homens de letras.

O partido republicano de Santos encarregou os Srs. Quintino Bocayuva, Silva Jardim e Alfredo de Mello representarem-no na chegada do Dr. Lopes Trovão.

O Club Republicano de Paranaguá nomeou uma commissão composta dos Srs. Dr. Cyro de Azevedo, Henrique Deslandes e Nestor Victor, para represental-o na recepção do distincto tribuno Dr. Lopes Trovão.

Sessão solemne do Centro Republicano Lopes Trovão pela sua chegada no Rio de Janeiro

Em 15 de novembro de 1888, data que se tornou para sempre memoravel para o Brazil, realizou o Centro Republicano Lopes Trovão uma sessão solemne que, apesar de ser o ingresso facultado por meio de convites, muito antes de começar a sessão, o

salão estava litteralmente cheio, e grande numero dos convidados que ainda depois compareceram foram forçados a retirar-se por não encontrar nem de pé, accommodation no recinto.

Pôde-se calcular em mais de mil pessoas a assembléa, de que faziam parte muitas senhoras.

A' porta do salão eram distribuidos a todos os convidados, avulsos contendo uma poesia do Sr. Medeiros e Albuquerque, o n. 12 d'O *Grito do Povo* e a resposta do Dr. Lopes Trovão á mensagem que lhe dirigira o Centro Republicano solicitando o seu concurso aos trabalhos de propaganda encetados no Brazil.

A's 7 3/4, occupando a presidencia o Dr. Thomaz Delfino, presidente do Centro Republicano Lopes Trovão, proferio a allocução de abertura, que foi entusiasticamente acolhida e deu a palavra ao orador official, Dr. Cyro de Azevedo, cujo discurso foi uma peça notavel de oratoria e de exposição politica, repetidas vezes victoriada pelo immenso auditorio.

Tiveram a palavra em seguida os Srs.:

Dr. Pacheco, representante do 9º districto da provincia de Minas ;

Americo Guimarães, do Congresso Litterario Gonçalves Dias ;
Jeronymo Motta, do Club Republicano da Faculdade de Medicina ;

Arthur Miranda, do Club Republicano Quintino Bocayuva ;
Dr. Coelho Lisboa, dos republicanos das cidades do Rio Branco e Parahyba do Sul, e do Club Tiradentes ;

Raul Verneck, do Centro Republicano Silva Jardim ;

Dr. Gonçalves Chaves, do Club Republicano Rio Grandense e do Centro Republicano da Escola Polytechnica ;

Dr. Leal da Cunha, dos republicanos do municipio da Sapucaia ;

Dr. Alexandre Stockler, dos de S. João d'El-Rei, Juiz de Fôra e do Club Republicano Felipe dos Santos ;

Dr. Silva Jardim, representando a commissão do partido republicano de S. Paulo e os republicanos das provincias do Rio e S. Paulo.

Por ultimo teve a palavra o Dr. Lopes Trovão.

Um borborinho de indiscriptivel sensação manifestou-se em todo a auditorio, que, de pé por longo tempo victoriou entusiasticamente o valente e querido tribuno.

Essa manifestação, raras vezes igualada no Rio de Janeiro, calou profundamente no espirito de Lopes Trovão, cuja commoção difficilmente pôde vencer.

O seu discurso foi laconico, porem energico, vibrante e altamente significativo e brioso.

Terminada a sessão ao som da *Marselheza* pela banda de musica, foi o Dr. Lopes Trovão consecutivamente aclamado e acompanhado á sahida por grande massa popular.

Os Srs. Drs. Saldanha Marinho, Ubaldino do Amaral e Aristides Lobo, justificaram por cart. o seu não comparecimento á sessão.

O salão do Congresso estava vistosamente ornamentado com tropheos de bandeiras de diferentes nacionalidades, e ao fundo, em festivo grupo, destacava-se hasteado o pavilhão symbolico do Centro, uma rica bandeira de setim verde e amarello, disposto em listras symetricas, realçando junto á lança as 20 estrellas engastadas em fundo negro.

Congresso Federal Republicano

Encerrou os seus trabalho após longos e operosos debates na maior harmonia de vistas.

Foi aceita a demissão solicitada pelo Conselho Federal, votando-se uma honrosa mensão aos seus illustres membros, e lamentando-se a escusa offerecida pelo conselheiro Saldanha Marinho, presidente do Conselho, motivada por seu máo estado de saude.

O Congresso resolveu que se enviasse ao benemerito democrata, seu presidente, uma mensagem especial.

Entre as grandes resoluções tomadas figura a reforma da lei organica do partido, ficando concentrados todos os poderes em uma só pessoa que será declarada o chefe do Partido Republicano Brasileiro.

A eleição que foi procedida para esse fim deu a nomeação do cidadão Quintino Bocayuva, a quem saudamos com o maior entusiasmo pela merecida honra que acaba de obter do nosso pujante partido reunido em congresso.

* * *

Ao esplendido banquete realizado no Grande Hotel em honra de Quintino Bocayuva, assistiram os principaes chefes republicanos paulistas: Americo Braziliense, Francisco Glycerio, Campos Salles, João Tobias, Pedro Lessa, Bernardino de Campos e Victorino Carmillo, e representantes da imprensa republicana, Rangel Pestana, Americo de Campos, Julio de Mesquita, Horacio de Carvalho e Hyppolyto Silva.

O Dr. Campos Salles, saudando a Quintino Bocayuva, o chefe do partido eleito pelo Congresso Federal, proferio um brilhante discurso, no qual fundamentou a manifestação dos republicanos paulistas, offerecend o obanquete que se dava.

Respondeu-lhe Quintino Bocayuva, em longo e notavel discurso, no qual fez a exposição dos principios do partido e indicou as normas de conducta a seguir.

Foi freneticamente applaudido.

Fallaram ainda diversos oradores com applausos do auditorio, levantando Bernardino de Campos um brinde a Saldanha Marinho, que foi correspondido com o maior enthusiasmo e encerrando o banquete o Dr. Americo de Campos com um brinde á Republica Federativa, que terminou pela aclamação de Quintino Bocayuva como chefe official do Partido Republicano Brasileiro.

O banquete terminou á meia noite ; durante os brindes reinou sempre a mais completa cordialidade entre os convivas.

Fôï uma festa esplendida digna do nosso illustre chefe e dos denodados republicanos paulistas.

Com mais espaço trataremos de tão importante assumpto, que tanto interessa ao nosso partido.

(*Republica Brasileira de 18 de maio de 1889.*)

A monarchia desmentida

Tendo propalado os monarchistas que o illustre Dr. Joaquim Felicio dos Santos declarara *nunca* ter sido republicano, mas liberal adiantado, o nosso distincto amigo e co-religionario Lafayette de Toledo, residente em Casa Branca, dirigio-lhe a respeito uma carta.

Acaba elle de receber a seguinte nobre resposta :

« Ilm. Sr. Lafayette de Toledo.— Diamantina, 8 de agosto de 1889.— Accuso o recebimento de sua carta datada do 28 do proximo passado, em que pergunta-me V. si sou republicano, ou si liberal adiantado, como dizem algumas correspondencias da imprensa de S. Paulo.

Respondo que muito estranho essas correspondencias, e nem sei qual a sua origem e fins, porque sempre fui republicano e não a datar de 13 de maio de 1888.

Si não fosse republicano não aceitaria a candidatura que offereceu-me o partido, o que seria uma especulação indecente. Quer me creiam, quer não, será para mim um grande sacrificio se for escolhido senador.

Tenho vivido desconhecido, e não ha vida mais agradável.

As pessoas que me conhecem dirão se digo a verdade.

Aqui me tem sempre ás suas ordens por ser — Amigo, Patricio e obrigado.— *Joaquim Felicio dos Santos.*»

Club Republicano frei Caneca

No dia 18 do corrente procedeu-se na cidade do Recife a eleição da respectiva directoria que ficou assim composta:

Presidente — Dr. João de Oliveira.

Vice-Presidente — Capitão João Carolino.

1º Secretario — Felício Buarque.

2º Secretario — Paixão Vieira.

Orador — Rocha Lima.

Vice-orador — Valdemiro Wanderley.

Thesoureiro — Leodegario Barboza.

Bibliothecario — Thomaz Cavalcanti.

Foram ainda eleitas duas commissões: — uma de redacção e outra de revisão que se occuparão da direcção de um periodico que defenderá os interesses dessa sociedade.

A posse das funcções da nova directoria teve logar ás 7 horas da tarde do dia 21 de agosto, em commemoração do assassinato legalizado de Francisco José do Silva, martyr de 1817.

A sessão esteve imponente: — muitas senhoras compareceram ao acto, dentre as quaes a Exma. Sra. D. Maria Amelia de Queiroz, distincta pernambucana, litterata e socia do mesmo club.

Além do grande numero de socios, muitos espectadores affluiram ás portas da séde do referido club.

No meio da mais perfeita satisfação e completa ordem terminou a sessão

Sem duvida, porque a *guarda negra* estava dormindo.

Que durma para sempre...

(Republica Brasileira de 31 de agosto de 1889.)

A Proclamação da Republica

Eis o que publicou em seu numero de 16 de novembro o *Correio do Povo*:

No Campo da Acclamação

Era imponente o aspecto que apresentavam as forças de terra e mar, formadas no campo da Acclamação, desde o amanhecer, em frente ao quartel do 1º, onde conservava-se prisioneiro do povo e dos militares o gabinete decahido.

Em constante evolução ao mando do general Deodoro da Fonseca viam-se o 1º e 9º regimentos de cavallaria, 2º regimento de artilharia de campanha, 1º, 7º e 10º batalhões de infantaria, corpos de imperiaes marinheiros e navaes, corpos de alumnos das escolas militares da praia Vermelha e superior de guerra, corpo de bombeiros e corpo de policia da córte e provincia do Rio.

Alli permanecendo durante horas, sênhora da praça, a força levantava successivos vivas á liberdade, ao exercito e armada e á Republica Brazileira!

Cerca de 9 horas da manhã, á intimação do povo e do exercito, o gabinete declarou-se demittido, pedindo o Sr. Visconde de Ouro Preto ao general Deodoro garantia para a sua pessoa e dos seus collegas.

O Sr. general respondeu-lhe que o povo e o exercito não offenderiam os cidadãos destituídos do governo e que os ex-ministros podiam se retirar na maior tranquillidade, como aconteceu.

Ao ser communicada ao povo e aos militares a queda do ministerio, levantaram-se aclamações de todos os lados á Republica Brazileira e vivas estrepitosos, emquanto o parque de artilharia dava uma salva de 21 tiros, com os canhões Krupp assestados para a secretaria da guerra.

O general Deodoro, o Sr. Quintino Bocayuva, e o tenente-coronel Benjamin Constant foram então disputados pelo povo e pelos militares, que os carregaram em verdadeiro triumpho.

O barão do Ladario

A's 8 horas da manhã apresentou-se em frente ao quartel-general o capitão de cavallaria Goldophim, acompanhado de sete praças. Vinha esse official em exploração.

Nesse momento, alguns batalhões formaram em frente ao quartel, sahindo então o Sr. Barão do Ladario, afim de dar ordens aos fuzileiros navaes.

Nessa occasião foi elle intimado por um official, por ordem do Sr. general Deodoro para entregar-se.

Sem proferir uma palavra o Sr. Barão do Ladario saccou do bolso um revolver e apontou-o ao peito do official, fazendo fogo. O tiro, porém, fálhou.

Approximando-se d'elle o Sr. general Deodoro, para reiteirar o ordem, de prisão, foi recebido com um tiro pelo Sr. Barão do Ladario, desviando-se, porém, a bala do alvo.

Acto continuo, foram disparados alguns tiros por praças do exercito, ficando o Sr. Barão do Ladario ferido.

Immediatamente foi elle transportado em maca para o alacete de Itamaraty, na rua Larga de S. Joaquim, seguindo dahi para a casa de sua residencia.

Foram chamados os Srs. Drs. Pereira Guimarães, e Barão de Pedro Afonso a cujos cuidados acha-se entregue o enfermo.

No Paço da Cidade

A's 11 horas da manhã o Visconde de Ouro Preto telegraphou ao imperador, que se achava em Petropolis, chamando-o à corte immediatamente.

Ao meio dia e um quarto, o Sr. D. Pedro II, acompanhado de Sua Magestade a Imperatriz e seus semanarios, tomaram o trem da estrada de ferro Principe do Grão-Pará, chegando à estação de S. Francisco Xavier às 2 horas da tarde. Dahi seguiram em coche para o paço da cidade, onde chegaram às 3 horas.

Alguns minutos mais tarde tambem chegaram os Srs. Conde e Condessa d'Eu, que se fizeram transportar por mar até o caes do Pharoux.

A's 4 horas da tarde compareceu no paço o Sr. Visconde de Ouro Preto em companhia do Sr. Barão de Miranda Reis.

A sua conferencia com o Sr. D. Pedro II durou apenas cinco minutos, pedindo o Sr. Visconde de Ouro Preto demissão collectiva do ministerio.

Manifestou então o Imperador desejos de conferenciar com o Sr. senador Silveira Martins. Dizendo-lhe o Sr. Ouro Preto que elle se achava em viagem, manifestou Sua Magestade desejo de conferenciar com o Sr. marechal Deodoro da Fonseca, que ficou de ir ao paço às 6 horas.

O Sr. Barão de Loreto esteve no paço às 6 horas, e às 6 1/2 chegaram o Barão e Baroneza de Muritiba, Barão de Miranda Reis, Conde de Aljezur e almirante marquez de Tamandaré.

Ao ter noticia em Petropolis do ferimento do Sr. Barão do Lardario, o Sr. D. Pedro II telegraphou pedindo noticias, e no paço da cidade por diversas vezes pediu informações manifestando-se muito afflicto pelo acontecimento.

A guarda do paço foi confiada a uma força de 70 praças do 10º batalhão de infantaria, com ordens terminantes de negarem entrada a quem quer que fosse.

Forças de mar

O batalhão naval desembarcou às 6 horas da manhã.

Seguindo para o campo da Aclamação, onde já estava postada toda a força do exercito, ficou com o corpo sob as ordens do general Deodoro, formando à rearguarda da tropa de linha.

Pouco tempo depois appareceram os Srs. capitão de fragata Alvarim Costa e capitão-tenente Pestana, commandante e major dos navaes, que assumiram os seus postos.

De volta do campo, depois de percorrer varias ruas, aclamado pelo povo compacto em todos os pontos, o exercito estendeu-se em linha, que abrangeu toda a rua Primeiro de Março, dando o centro para o desfilar do corpo de imperiaes e batalhão naval, que se recolheu ao arsenal de marinha.

De volta a recolher-se aos quartéis, passou de novo a força do exercito pela rua do Ouvidor sendo vivamente aclamada pelo povo.

No «Correio do Povo»

Cerca de 2 horas da tarde grande massa de povo affluio ás immedições do nosso escriptorio de cujas janellas fallaram, attendendo as sollicitações populares, o Dr. Silva Jardim e o nosso chefe Dr. Sampaio Ferraz.

Dentro do nosso escriptorio foram erguidos varios vivas entre os quaes um do Dr. Silva Jardim á memoria do bravo tenente-coronel Madureira.

Seguiu depois o povo para a camara municipal, empunhando o estandarte republicano que estivera hasteado nas janellas de nossa redação o cidadão José Pires Domingues, que o foi hastear nas janellas do paço da camara.

Na camara

Cerca de 3 horas da tarde, chegou ao mesmo edificio o Sr. vereador José do Patrocínio, acompanhado do povo e immediatamente foi votada a seguinte representação :

« Exms. Srs. representantes do exercito e da armada nationaes. — Temos a honra de communicar-vos que, depois da gloriosa e nobre resolução que *ipso facto* depoz a monarchia brasileira, o povo, por orgãos espontaneos e pelo seu representante legal nesta cidade, reuniu-se no edificio da camara municipal, e, na fórma da lei ainda vigente, declarou consumado o acto da deposição da monarchia, e, acto seguido, o vereador mais moço,

ainda na fôrma da lei, proclamou, como nova fôrma de governo do Brazil, a Republica.

Attendendo ao que, os abaixo assignados esperam que as patrioticas classes militares sancionem a iniciativa popular, fazendo immediatamente decretar a nova fôrma republicana do governo nacional.

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1889. »

Votada a representação, orou o Sr. Dr. Silva Jardim.

Em Nitheroy

A' 1 hora da tarde, toda a fôrça de policia, já então sob o commando do tenente-coronel Fonseca e Silva, desembarcou na ponte de Nitheroy dando vivas à Republica, no que foi acompanhado pelo povo, que percorreu todas as ruas no meio de grande enthusiasmo.

Ao chegar ao quartel do corpo, o Sr. conselheiro Carlos Affonso ex-presidente da provincia do Rio de Janeiro, interpellou os officiaes, perguntando-lhes se reconheciam o novo commandante.

A policia prorompeu em vivas ao tenente-coronel Fonseca e Silva e à Republica.

Commercio e repartições

Logo que foi conhecido o movimento, o commercio fechou as suas portas e as repartições publicas suspenderam o seu expediente.

Prisão de ex-ministro

A's 6 1/2 horas da tarde, sabendo o bravo general Deodoro que o Visconde de Ouro Preto reunido a amigos n'uma casa da rua da Ajuda deliberava sobre a organização de um gabinete liberal, ordenou ao coronel Germano de Andrade Pinto, commandante do corpo de policia, que com um piquete prendesse-o.

A detenção foi effectuada, e, escoltado por uma fôrça, o Sr. visconde de Ouro Preto recolheu-se ao estado maior do 1º regimento de cavallaria, em S. Christovão.

Nas Ruas

Durante todo o dia e até alta hora da noite o povo percorreu as ruas do centro da cidade, formando diversos grupos precedidos de bandas de musica.

Expansiva em seu enthusiasmo, a população erguia vivas e saudações à imprensa livre, aos bravos do exercito e armada, ao General Deodoro, a Quintino Bocayuva, e à Republica Brasileira.

A's 7 horas da noite um official de cavallaria percorreu as ruas da cidade, dirigindo a seguinte proclamação :

« O General Deodoro manda dizer que o povo pôde ficar tranquillo. A cidade está entregue à guarda do 7º batalhão de infantaria e morrerá o ousado que tentar arrombar uma porta. »

A Policia

Por delegação do governo provisorio, hontem constituido, assumio interinamente o cargo de chefe de policia da côrte o Sr. capitão de estado-maior de artilharia Vicente Antonio do Espirito Santo.

Hontem mesmo foram nomeados para exercer os cargos de 1º e 3º delegados de policia, interinamente, o major Candido José de Siqueira Campello, chefe de secção da secretaria, e capitão do exercito Austrelino Villarim.

O Telegrapho

Para que do occorrido fossem transmittidas noticias telegraphicas com toda a exactidão, o Sr. General Deodoro expediu ao director dos telegraphos ordem para ser entregue o estabelecimento ao 1º tenente José Augusto Vinhaes.

Foi expedida ordem telegraphica para o Desterro, afim de ser preso ao chegar a esse porto no paquete *Rio Pardo*, o senador Silveira Martins.

O *Rio Pardo* deve chegar hoje a Santa Catharina.

Varios estabelecimentos commerciaes desta cidade eliminaram as armas imperiaes que usavam no frontespicio das casas em que funcionam.

Igual procedimento tiveram os soldados e officiaes dos diversos batalhões de terra e de mar, arrancando dos *bonets* a corôa imperial que outr'ora traziam.

A *Gazeta de Noticias* descreve da seguinte fôrma em seu numero de 16 os factos passados no dia 15 de novembro de 1889.

15 de novembro

A data de hontem vai ficar assignalada na historia.

Extraordinario movimento agitou a população fluminense, desde o romper do dia.

O espanto, a surpresa e a anciedade — eis o que se notava em todos os olhares e em todas as physionomias.

O povo invadiu as ruas e praças, em busca de noticias, sabendo então que o exercito tinha-se declarado abertamente em opposição ao ministerio.

« No nosso numero de hontem, em noticia de ultima hora, entrelinhada, haviamos escripto o seguinte:

« No quartel-general estavam reunidos, ás 2 horas da madrugada de hoje, o Sr. ajudante-general do exercito e diversos officiaes generaes.

No quartel achavam-se em fôrma um batalhão de infantaria, e o regimento, ou parte, de cavallaria. »

Tratava-se, pois, de um movimento já combinado, a que dera causa a ordem recebida pelo 7º batalhão, para seguir para provincia remota, recusando-se esse batalhão a cumprir a ordem.

Sabendo, á ultima hora, do que se tramava, reuniu-se em conferencia o ministerio até á meia noite, estando de promptidão 400 praças do corpo de policia.

A's 6 horas da manhã fecharam-se os quarteis do 7º, do 10º e do corpo de bombeiros, e desembarcou, uma força de fuzileiros navaes, armados, trazendo revolver os officiaes.

O campo de Sant'Anna ficou todo occupado pelo exercito e pelo povo, confraternisados.

Uma força do 1º postou-se no largo da Lapa.

Em frente ao quartel-general estendeu-se um parque de artilharia, postando-se alli batalhões de linha, fuzileiros navaes, corpos de policia desta córte e da provincia, e um piquete de cavallaria.

Na rua Marcillio Dias postou-se uma força do 1º de cavallaria, commandada por um cadete-sargento.

Em frente á Escola Normal estava uma força de carabineiros e lanceiros e a dos alumnos artilheiros.

Em frente á rua Senador Euzebio via-se uma força de fuzileiros navaes, e entre o quartel-general e a estação da estrada de ferro D. Pedro II o corpo de imperiaes marinheiros.

Pela rua do Ouvidor passavam de instante a instante grupos de patriotas, erguendo vivas á Republica brasileira.

A' passagem dos batalhões o povo abria alas e saudava o exercito.

Foram proferidos discursos por distinctos cidadãos, correspondendo o povo com entusiasmo aos vivas erguidos pelos oradores.

Ministros presos

Em frente á secretaria da guerra, onde estava reunido o ministerio, postaram-se, logo pela amanhã, uma força do 1º regimento, uma do 9º de cavallaria, uma do 2º regimento de artilharia, o batalhão naval e o corpo de imperiaes marinheiros, estando todas essas forças sob o commando do Sr. general Deodoro.

Intimado o ministerio para depor o governo, respondeu o Sr. conselheiro Affonso Celso, presidente do conselho, que não obedecia a essa intimação.

Foram então fechados os portões do quartel-general, ficando assim impedida a saída do 1º batalhão de infantaria, com o qual suppunha o governo que devia contar.

Os corpos de bombeiros e de policia desta cêrte marcharam em seguida para o campo de Sant'Anna, e foram por-se á disposição do Sr. general Deodoro.

O Sr. general Floriano Peixoto, ajudante-general, foi ao encontro do Sr. general Deodoro, com quem conferenciou, dirigindo-se ambos, momentos depois, ao Sr. presidente do conselho, que ainda estava na secretaria da guerra, com o ministerio.

Apenas alli chegados, o Sr. general Deodoro intimou o governo, em nome do exercito, a depor o poder, e, ainda em nome do exercito, deu voz de prisão aos Srs. presidente do conselho e ministro da justiça, que por algum tempo occupára a pasta de ministro da guerra.

Declarou o Sr. general Deodoro que exigia o exercito que escolhessem elles, os dous ministros presos, paiz na Europa, e para lá se retirassem, porquanto era essa a satisfação reclamada daquelles que só haviam usado do poder para perseguir, deportar e desprestigiar o exercito.

Intervieram os Srs. generaes Floriano Peixoto e Miranda Reis, pedindo que fosse relevada a ordem de prisão aos dous ministros, ao que, depois de alguma reluctancia, accedeu o Sr. general Deodoro.

Durante essa conferencia, os corpos que estavam no quartel, marcharam para rua, dando vivas ao general Deodoro, e uniram-se ás forças postadas em frente á secretaria da guerra.

Conservou-se o ministerio até ás 3 horas da tarde na secretaria.

Todas as forças estavam municia-las com cartuxame embalado. Euniram-se tambem a essas forças os alumnos da Escola Militar, estando muitos officiaes armados de carabinas com o respectivo cartuxame.

O Barão do Ladarío

A's 8 horas da manhã apresentou-se em frente ao quartel-general o capitão de cavallaria Godolphim, acompanhado de sete praças. Vinha esse official em exploração.

Nesse momento alguns batalhões formaram em frente ao quartel, sahindo então o Sr. barão do Ladarío, afim de dar ordens aos fuzileiros navaes.

Nessa occasião foi elle intimado por um official, por ordem do Sr. general Deodoro para entregar-se.

Sem proferir uma palavra, o Sr. barão do Ladarío sacou do bolso um revolver e apontou-o ao peito do official, fazendo fogo. O tiro, porém, falhou.

Approximando-se delle o Sr. general Deodoro, para reiterar a ordem de prisão, foi recebido com um tiro pelo Sr. barão do Ladario, desviando-se, porém a bala do alvo.

Acto continuo, foram disparados alguns tiros por praças do exercito, ficando o Sr. barão do Ladario ferido.

Immediatamente foi elle transportado em maca para o palacete Itamaraty, na rua Larga de S. Joaquim, seguindo dahi, ainda em maca, à casa de sua residencia, no Cosme Velho.

Foram chamados os Srs. Drs. Pereira Guimarães e barão de Pedro Affonso.

São estas as informações officaes prestadas ácerca do estado do Sr. Barão do Ladario, pelos dous illustres facultativos :

« Chamado para tratar do Sr. Barão do Ladario, ahi encontrei os meus dignos collegas Drs. Cancio, Palhares e Ferreira de Abreu, os quaes, com a maior delicadeza, me encarregaram de examinar e tratar do ferido. Este apresentava quatro ferimentos, dos quaes tres sem gravidade, um no fronte e dous outros na coxa esquerda. Quanto ao ferimento grave consista em uma solução de continuidade dos tecidos da região *sacro illiaca esquerda*, com perfuração do osso illiaco correspondente, um pouco para fóra da tuberosidade desse mesmo osso.

Não sendo encontrado projectil, nem havendo conveniencia em proceder ás explorações, das quaes não poderia resultar senão desvantagem, tratei de, com meus dignos collegas, proceder ao curativo.

O doente foi deixado em repouso, com recommendação de não receber visitas.

Quando já tudo estava prompto, apresentou-se o Sr. Dr. Pedro Affonso, que penetrou no quarto do doente, com o qual conversou alguns minutos, mas sem de maneira alguma intervir no curativo, visto já este estar feito.— *Dr. José Pereira Guimarães.*»

« Chamado a examinar o Sr. Barão do Ladario, acudi promptamente, mas já os primeiros curativos tinham sido feitos.

O Sr. Barão tem um ferimento contuso na testa, duas feridas da coxa esquerda e algumas contusões da perna esquerda, um ferimento por bala, da região *sacro-illiaca direita*.

Todos os ferimentos são leves, excepto o da região sacro-illiaca, que não é penetrante, não tem gravidade, mas é de cura mais demorada. O estado geral do doente é excellente.— *Barão de Pedro Affonso.*

15 de novembro de 1889.»

No Largo do Paço

No largo do Paço, quando alli estava em fôrma o corpo de policia da provincia do Rio de Janeiro, foi deposto o tenente-

coronel Honorio Lima, assumindo o commando daquelle corpo o bravo e distincto official do exercito coronel Fonseca e Silva.

Ordenou o digno commandante ao Sr. major Deschamps que fizesse recolher a força ao quartel.

Seguiu immediatamente o corpo policial para Nitheroy.

Em Nitheroy

A's 5 horas da manhã embarcou em Nitheroy, para esta côrte, uma força de 170 praças commandadas pelo major Deschamps.

A's 11 horas seguiu outra força commandada pelo tenente-coronel Honorio Lima, commandante do corpo.

Para o serviço do quartel, prisões, policiamento das ruas e guarnição do thesouro provincial foram destacados officiaes da guarda nacional, sendo nesta occasião agarrados carregadores e outros homens do povo, que tiveram de montar guarda, na ausencia da força policial.

Para o quartel seguiram os Srs. conselheiro Carlos Affonso, presidente da provincia do Rio de Janeiro; chefe de policia e deputados provinciaes Rufino Furtado, Carneiro Leão, Alves Cunha e outros.

A's 2 horas da tarde desembarcou em Nitheroy, de volta desta côrte, o corpo policial, commandado pelo Sr. coronel Francisco Victor da Fonseca e Silva, que foi pelo povo recebido, na estação das barcas Ferry e na passagem pelas ruas, com entusiasticos vivas.

Ao chegar o corpo policial ao quartel, o Sr. conselheiro Carlos Affonso perguntou ao Sr. coronel Fonseca e Silva em que character alli se apresentava.

— No de commandante deste corpo, respondeu aquelle official.

— Não o reconheço como tal, redarguiu o Sr. conselheiro Carlos Affonso.

Vendo, porém, que a officialidade do corpo e todas as praças reconheciam o Sr. coronel Fonseca e Silva como seu commandante, disse o Sr. conselheiro Carlos Affonso:

— Neste momento deixo a presidencia da provincia. Occupe-a tambem.

— Cumpro ordens, redarguiu o Sr. coronel Fonseca e Silva; sou apenas commandante do corpo policial.

Retirou-se o Sr. presidente da provincia, acompanhado das pessoas que com elle estavam.

Consta que assumiu a presidencia o Sr. Dr. Rufino Furtado de Mendonça, 5º vice-presidente.

O povo conservou-se calmo, assistindo em boa ordem a todo este movimento.

O imperador

A' 1 hora da tarde chegou o Imperador ao paço, sem guardas, só, confiado no povo e no exercito conscio de que seria respeitado.

Lia-se na sua physionomia a maior afflicção. Ligeiro tremor vergava-lhe o corpo, já alquebrado pela idade e pela molestia.

Pouco depois foram reunir-se a elle a Princeza, o Conde d'Eu, o Principe D. Pedro, senadores, camaristas e empregados do paço.

Muitas senhoras cercaram a familia imperial.

Contrastava a serenidade do Conde d'Eu com a angustia que transparecia da physionomia da Princeza D. Isabel.

Conferenciaram com o imperador alguns homens de estado, entre os quaes o senador Paulino, que se conservou sempre ao lado da familia imper'al.

A's 3 horas e 20 minutos foi o Visconde de Ouro Preto chamado pelo Imperador, por intermellio do Sr. general Miranda Reis.

Indo ao paço, o Sr. Visconde de Ouro Preto pediu a demissão de presidente de ministros, que não foi accceita pelo imperador.

Insistiu o Sr. Visconde no pedido, declarando que não podia continuar, por não contar com elementos de força, e indicou por solicitação de sua magestade, para organisar novo gabinete o Sr. senador Silveira Martins.

Tendo recebido ordem para chamal-o, disse o Sr. Visconde de Ouro Preto que estava elle em viagem, retirando-se em seguida para a residencia do Sr. Barão de Javary.

Em conferencia com o Imperador, esteve no paço o Sr. Lourenço de Albuquerque, ás 5 horas da tarde.

O Imperador manifestou desejo de conferenciar com o Sr. Marechal Deodoro. Como este, porém, não apparecesse, dirigiram-se á sua casa, no campo de Sant'Anna, os Srs. senadores Dantas e Correia.

Voltando ao paço os Srs. senadores Correia e Dantas, foi por este referido a Sua Magestade que, não tendo podido fallar com o Sr. General Deodoro, haviam no emtanto sabido de pessoa fidedigna, que estava definitivamente organizado o governo provisorio e feitas as nomeações das principaes autoridades; que a deliberação tomada tinha por origem a falta de confiança do exercito nos partidos monarchicos, pelo que faziam causa commum com os republicanos.

S. Ex. declarou tambem que soubera haverem varias provincias adherido ao movimento, e que era assegurada a garantia de pessoa e vida de Sua Magestade o Imperador e de sua familia.

Apresentou-se no paço um tenente do exercito, commandando quarenta praças, e disse a um dos camaristas, que por ordem do dictador General Deodoro, ia apresentar-se ao Imperador com a força para guardar o paço.

Até á hora em que escrevemos, está a familia imperial rodeada de pesosas de sua amizade, e guardada por tropa e povo.

Foi reforçada a guarda do paço por 84 praças de infantaria, commandadas por um capitão e dous tenentes, sendo postadas em todas as portas praças com ordem de não deixar entrar pessoa alguma, sem ordem do camarista de semana.

Estiveram ainda com o imperador o Visconde da Penha, senadores Tannay, Gomes do Amaral e Saraiva, commandante Bannen, conselheiro Silva Costa, Barão e Baroneza do Loreto, Visconde de Beaurepaire Rohan, conselheiro Andrade Figueira e Olegario, Marquez de Tamandaré, Conde de Carapobús, Marquez de Paranaguá, Barões de Jaceguay e Muritiba e Dr. Pedro Gordilho.

Ao Sr. commandante Bannen disse o imperador : « Nada receio. O povo brasileiro é assim mesmo. Amanhã estará tudo acabado ».

O ministerio

A's 2 horas da madrugada (de 15) reuniram-se no arsenal de marinha os Srs. presidente do conselho e ministros da justiça e da marinha, chegando ás 6 1/2 horas o de estrangeiros.

Foram dadas as ordens necessarias para que estivessem de promptidão os bathalhões naval e de imperiaes marinheiros.

Sob as ordens do 1º tenente Nobre de Vasconcellos seguiu ás 7 horas uma força de navaes, composta de 400 praças, municiaidas, acompanhando os ministros, que se dirigiram para a secretaria da guerra, onde estavam os Srs. ministro da guerra, ajudante-general, Barão do Rio Apa e general Barreto.

No pateo do quartel estavam formados os bathalhões 1º, 7º e 10º, fuzileiros navaes e corpo de policia, sob o commando do Sr. coronel Andrade Pinto.

A's 9 horas compareceram os Srs. ministros do imperio, de estrangeiros e da agricultura, ficando completo o ministerio.

Ordenou o Sr. ministro da guerra que seguisse para o largo da Lapa o 10º batalhão de infantaria, a fim de impedir a passagem dos alumnos da escola militar. Não foi cumprida a ordem.

Ao ver-se o ministerio sem forças, desamparado, tendo contra si o exercito, expediu ao imperador o seguinte telegramma :

« Tendo ouvido a opinião dos generaes, que dizem que toda a resistencia é impossivel, e tendo o general Deodoro imposto a deposição do gabinete, pedimos a nossa exoneração. »

A's 3 horas da tarde retiraram-se os ministros, ficando apenas o da guerra.

O Sr. Visconde de Ouro Preto dirigiu-se para a casa do Sr. Barão de Javary, em companhia de seu filho, o Sr. Dr. Affonso Ceiso Junior.

O General Deodoro

O illustre marechal tem estado enfermo. Ao que parece, todo este movimento tinha sido combinado para mais tarde, para o dia

em que qualquer facto, por insignificante que fosse, offerecesse ensejo para o pronunciamento dos militares; de sorte que o general Deodoro mal poderia suppôr que o dia 15 de novembro seria o assignalado para a irrupção victoriosa de sua figura no scenario politico do paiz.

O general ás 11 horas da noite de ante-hontem achava-se de cama, soffrendo dôres atrozes; sendo preciso que lhe applicassem fortes sinapismos para acalmar o seu estado morbido. A' meia noite bateram à porta de sua casa e um militar deixou-lhe recado — que a 2ª brigada do exercito tinha resolvido rebellar-se e que tudo esperava-se de S. Ex.

O marechal disse que iria acudir ao chamado, logo que apparecesse o dia; fez apromptar e arreiar o seu cavallo, e pela manhã foi até S. Christovão, mas de carro. Quando seguiu para o quartel de artilharia, soube que já o 2º regimento desta arma e o 1º de cavallaria tinham vindo para a cidade, e regressando o marechal encontrou de facto aquellas tropas no campo da Acclamação em frente à sua casa, e dellas acompanhado dirigiu-se para o quartel general, em cujo campo fronteiro acampou.

O portão principal do quartel fôra fechado. O ministerio achava-se reunido em uma das salas do pavimento superior. Lá dentro o governo tratava de organizar a resistencia; foi proposto pelo Sr. conselheiro Candido de Oliveira ao general Almeida Barreto assumir o commando de uma brigada, para com essa oppôr-se à que vinha de S. Christovão. Aquelle general, declinou de tal honra.

O governo deliberava ainda, quando foi aberto o portão por ordem de um dos officiaes que dentro do quartel se achavam.

Lá dentro, formados em linha, estavam o 7º e 10º, o corpo de bombeiros e policia, com que o governo suppunha contar.

O general, vendo o portão aberto, penetrou no quartel a cavallo e percorreu todo o circuito em frente as tropas; estas, uma a uma, fizeram-lhe as continencias, e seguiram-n'o na sua passagem, saudando-o. E o general sahio para a rua por ellas acompanhado, e, segundo o seu proprio dizer, orgulhoso por esta sua victoria extraordinaria.

O governo, das janellas, assistia attonito a esta adhesão em massa, e contava os elementos que perdia.

Então deram-se as trocas de explicações rapidas entre o general Deodoro e o ajudante-general Floriano Peixoto.

Em seguida, o general Deodoro, tendo ordenado a fôrma geral em frente ao quartel, deu ordem aos seus officiaes que prendessem os membros do governo que ia ser deposto, e que ainda viessem para alli.

Veiu o Sr. Barão do Ladario, que recusando-se a submeter-se à ordem de prisão dada pelo alferes Penna, sacou do revolver e disparou o primeiro tiro. O official desviou-se e tirou igualmente do seu revolver; mas o general Deodoro, vendo isso, impelliu o seu cavallo e acudiu gritando:

— Não matem este homem.

Por esta occasião o Sr. Barão do Ladario respondeu com outro tiro de revolver, este dirigido contra o general Deodoro, que escapou milagrosamente; seguindo-se a aggressão do piquete, que acompanhava o general e causou os ferimentos constatados pelos medicos que pensaram o Sr. Barão do Ladario.

Depois desta scena, o marechal Deodoro subiu ao pavimento superior do quartel e ali entendeu-se com os membros do governo, dando voz de prisão aos Srs. Visconde de Ouro Preto e conselheiro Candido de Oliveira, e declarando que livres ficavam os outros membros do gabinete, em seu entender pessoas de minima importancia.

Disse ao ex-presidente do conselho os motivos de queixa do exercito, e fez-lhe ver os elementos com que contava: ao que o Sr. Visconde de Ouro Preto respondeu, dizendo que submettia-se à força.

Foi concedida aos Srs. Ouro Preto e Candido de Oliveira, pelo Sr. general Deodoro, que se retirassem para suas casas; e o general logo voltou para o campo da Acclamação, onde mandou que por uma salva de 21 tiros fosse saudada a aurora da regeneração do paiz.

Os ministros, cercados de praças, tomaram seus coupés, seguiram seus destinos, menos o Sr. Visconde de Ouro Preto, que para logo dirigiu-se para o paço da cidade, onde foi conferenciar com sua magestade o imperador, ao que nos dizem, a chamado de sua magestade.

Mais tarde, soube o general Deodoro, que, por ordem emanada do governo deposto, carregavam-se de munições carroças postadas em frente ao arsenal de guerra, e, acreditando que o governo ainda tramava reacção, expediu nova ordem para que fossem presos e recolhidos aos quartéis de cavallaria e infantaria os Srs. Visconde de Ouro Preto e Candido de Oliveira.

Este ultimo não foi encontrado até ás 10 horas da noite; o Sr. Visconde de Ouro Preto teve ordem de prisão em casa do Sr. Barão de Javary, sendo-lhe a ordem dada pelo tenente Veiga.

O Sr. Visconde de Ouro Preto ain-la perguntou:

— *E se eu resistisse?* — ao que respondeu aquelle official:

— *Eu seria obrigado a recorrer à violencia.*

O Sr. Visconde de Ouro Preto então submetteu-se à ordem recebida, e seguiu para o quartel do 1º regimento de cavallaria, acompanhado daquelle official e do Dr. Bernardo de Carvalho, seguindo tambem o Sr. Dr. Affonso Celso Junior, que pediu para ser preso e acompanhar a sorte de seu pai.

O general Deodoro expediu ordem para que o ex-presidente do conselho fosse tratado com toda a deferencia, e deu licença para que o visitassem pessoas da familia e amigos.

Ainda à noite a casa do general Deodoro era constantemente invadida por grande numero de pessoas pela maior parte officiaes de marinha e do exercito; mas recebi-as no leito, onde o prendiam as dôres violentas que o affligiam.

O governo provisório expediu ordem pelo telegrapho, para que fosse preso em Santa Catharina o Sr. senador Gaspar Silveira Martins, que vinha de viagem para esta cidade.

A revolução de 15 de novembro

Carta do tenente-coronel Jacques Ourique

Tenho a honra de remetter-lhe uma ligeira resenha historica da revolução do dia 15 de novembro.

Só trato, como verá, de concatenar os factos, com a maior exactidão que me foi possível.

Ha no entanto algumas lacunas, que sem duvida serão preenchidas pelos que estão mais habilitados a fazel-o.

E' cedo ainda para citar nomes. A maior discrição para isso carece, como facilmente o comprehende.

Por isso evito o escólho, que mais tarde procurarei vencer.

Acha-se em elaboração, segundo me informaram, um trabalho completo sobre o movimento a cargo dos officiaes da 2ª brigada. Logo que me seja dado obter alguma coisa neste sentido, tratarei de remetter á illustrada redacção do *Jornal do Commercio*.

Peço-lhe sua benevolencia para as modestas notas de seu admirador e amigo — *Alfredo Ernesto Jacques Ourique*.

Desde seu regresso da campanha do Paraguay o exercito brasileiro começou a sentir o pouco apreço que os governos ligavam á instituição militar, apesar da importante missão que acabava de desempenhar com um valor e uma abnegação admirados por todo o mundo civilisado.

Esquecidas as penosas lições dessa campanha, desaproveitados os ensinamentos das guerras entre a França e a Allemanha e entre o Chile e o Perú, e de todos os demais movimentos militares que desde então occorreram, apesar das incessantes reclamações dos officiaes brasileiros, o exercito era calculada e systematicamente impellido para o plano inclinado que devia conduzi-lo á sua inevitavel decadencia. Foram sempre factores principaes do menosprezo e abandono que cercavam essa instituição a má vontade, a iniquidade, a rotina e a incuria dos governos, devidas á ignorancia technica dos ministros e ao pouco conhecimento que tinham do pessoal do exercito.

Por um lado a justiça militar, cujos processos devem ser simples, claros e rectos, era entregue aos sophismas e ageitamentos de uma hermeneutica subtil e ás exigencias de um

nepotismo impudente, originando-se dahi o abatimento do espirito militar, que assistia sobresaltado a controversias incabidas e a applicações especiosas das leis.

Como consequencia desses factos, não ha negal-o, geraram-se no seio da força armada a desconfiança, o desgosto, a descrença, que transformaram-se logo em desespero.

Varias tentativas levaram a effeito os governos no sentido de abater completamente a nobre altivez que ainda mantinha a maioria da officialidade na defesa de seus direitos, violentamente atacados.

Essas lutas, ainda que sustentadas pelo exercito durante muitos annos dentro do circulo de ferro das conveniencias militares, começaram, finalmente, a rebentar nas celebres questões suscitadas nos tres ultimos annos.

Para os espiritos calmos e reflectidos, que conhecem o glorioso passado da força armada no Brazil, eram ellas grandes manifestações do trabalho latente que solopava o regimen monarchico em todas as classes de nossa sociedade; para os governos, no emtanto, não passavam de simples indícios de insubordinação e indisciplina, que convinha abafar com energia.

Em vista da attitude assumida pelo exercito, provocada pela ineptia administrativa do poder, o gabinete João Alfredo, em vez de procurar corrigir franca e patrioticamente os erros de seus antecessores, preferiu lançar mão da perfidia, fazendo sahir da corte, sob um pretexto que não podia ser recusado, o general Deodoro, com uma forte expedição, para a longiqua provincia de Matto Grosso.

Naquella provincia o general, sempre correcto, escravo do dever, dava completa e satisfactoria execução á missão que lhe fóra incumbida, quando, constituido o gabinete Ouro Preto, recebeu bruscamente, sem a menor attenção a seu alto cargo e aos muitos serviços por elle prestados ao paiz, ordem para regressar com as forças para a côrte.

Essa inepta e descabida provocação foi aggravada com a nomeação, para a presidencia daquella provincia, de um official de pessima reputação militar, instrumento maleavel dos inimigos do general, e que, além disto, tinha propalado na côrte e no Rio Grande do Sul o boato de que o chefe das forças em observação em Matto Grosso tinha sido assassinado pelas proprias tropas que commandava, devido á falta de disciplina, que não pudera manter.

Dous dias depois do regresso das forças a esta capital, o presidente do conselho, ao entrar no thesouro nacional, prendeu e compelliu a abandonar o seu posto, violenta e illegalmente, o tenente Pedro Carolino, commandante da guarda daquelle estabelecimento.

Esta questão, como as que seguiram-se, tratadas pelo Dr. Ruy Barbos e pelo autor deste artigo, foram discutidas com a calma e a reflexão necessarias no *Diario de Noticias*, unico jornal que acompanhou dia a dia os ultimos acontecimentos militares, diri-

gindo-os do modo que parecia mais acertado aos que se tinham encarregado de debatel-os na imprensa.

Fui sempre adverso ás iniciativas e manifestações por parte da força armada contra os governos constituídos. Penso e pensei sempre que o exercito só deve sahir da lei, abertamente, arrosando com todas as consequencias de seus actos, como o fez no dia 15 de novembro, e, neste sentido, empregámos todos os nossos esforços, auxiliados pelos camaradas que nos prestaram seu apoio, congregando em torno desta idéa os officiaes da guarnição da côrte.

O general Leodoro, de pleno accôrdo com este modo de pensar, nos guiava com suas luzes, sempre que as necessitavamos.

Desde 18 de setembro o Dr. Ruy Barbosa era tambem ouvido sobre este assumpto, e dizia sempre: o exercito deve trabalhar com toda a reserva e decisão, porque só alcançará garantias mudando o regimen de governo.

A' questão Pedro Carolino seguiu-se a repentina retirada do 9º regimento de cavallaria da cidade de Ouro Preto, sob o pretexto de um conflicto com o corpo de policia, quando tal conflicto fóra resultado da imprudencia do chefe de policia e de repetidas provocações feitas por agentes desse chefe.

Não estavam ainda resolvidas essas duas questões, em que o governo marchava de erro em erro, de arbitrariedade em arbitrariedade, de violencia em violencia, negando até os meios de justificação, por leis claras e positivas, garantidas ás partes, sobre as quaes, entretanto, ia exercendo perseguição notoria, quando o ministro da guerra destituiu, *a bem do serviço publico*, o tenente-coronel Mallet, commandante da escola militar do Ceará, sob o pretexto de que esse official havia-lhe dirigido um telegramma concebido em termos inconvenientes.

Achavam-se já então os animos summamente exaltados, não só por aquelles factos, mas tambem pela discussão na imprensa; e esta exaltação accentuou-se ainda mais depois de um discurso franco e energico pronunciado pelo Dr. Benjamin Constant, na escola militar, em presença do ministro interino da guerra Candido de Oliveira, por occasião de visitarem aquelle estabelecimento os officiaes do *Almirante Cockrane*.

Tendo-se resolvido convocar uma reunião de officiaes no Club Militar a 9 de novembro, para tratar de assumptos da classe, concordou-se na vespera entre Benjamin Constant, o autor deste artigo e alguns outros officiaes, que na sessão do dia 9 se aceitasse a proposta, que então apresentei, de — entregar-se a solução da questão a uma commissão de tres membros, com faculdade de obrar livremente depois de mais uma ultima e energica tentativa junto ao governo; marcando-se-lhe o prazo de 24 horas para levar a termo sua missão e dar conta do resultado ao Club.

Na sessão do dia 9, á noite, presentes cento e cincoenta e tres officiaes, propoz o Dr. Benjamin Constant que, em vez de ser nomeada uma commissão de tres membros, lhe fossem entregues

os poderes, que a ella se pretendia conceder e lhe dessem o prazo de oito dias para apresentar o resultado dos trabalhos que ia empheender.

Com o fim de evitar discussões inopportunas em assembléa tão numerosa, tanto mais quando achavam-se os animos dos jovens officiaes, que a constituíam, exacerbados em alto gráo pelos ultimos actos do governo, e sabiamos estar debaixo de constante vigilancia dos agentes da policia, propuz immediatamente: — que, dando prova de completa confiança na palavra que o Dr. Benjamin Constant acabava de empenhar espontaneamente, e como justa manifestação ao seu elevado caracter e á sua reconhecida dedicação á classe a que pertence, se lhe desse o mandato sem discussão.

Acolhida com enthusiasmo esta moção, cujo alcance principal era deixar aos chefes os meios de trabalhar com a reserva necessaria, o Dr. Benjamin Constant agradeceu a honra com que o distinguíam assim os companheiros e levantou-se logo a sessão.

Desde essa mesma noite começou o digno official a desempenhar a delicada missão que lhe fôra confiada.

Com a convicção de que nada alcançaria por meios brandos e suasorios junto ao orgulho e pertinaz obstinação do chefe do gabinete, resolveu recorrer á reacção armada.

Para isso começou por entender-se no dia 10 com o general Deodoro, que, apesar de estar enfermo, acompanhava de perto a questão, empenhando nella todo o seu amor e toda a sua dedicação á classe militar.

De accordo com o marechal, o Dr. Benjamin Constant entendeu-se com alguns commandantes de corpos, chefes da armada e de estabelecimentos militares, e officiaes do exercito, principalmente com os mais activos da 2ª brigada, e pediu uma conferencia ao Dr. Ruy Barbosa.

No dia 11 reuniram-se em casa do general, praça da Acclamação n. 99, além do Dr. Ruy, Barbosa, que, como já disse, estava em dia com todo o occorrido, os Srs. Quintino Bocayuva, Aristides da Silveira Lobo e Glycerio, os quaes só então entraram na conspiração.

Proposta a questão em termos claros pelo tenente-coronel Dr. Benjamin Constant e decidida por estes respeitaveis membros do partido republicano a deposição da monarchia, como medida de urgente necessidade para salvação da patria e a unica possivel para a restauração do exercito, de accôrdo com o marechal Deodoro resolveu o Dr. Benjamin Constant executar o movimento revolucionario na tarde de 16, quando os ministros se achassem em conferencia com o imperador.

Por sua parte, o marechal Deodoro, no dia 13, mandou chamar o ajudante-general do exercito, marechal de campo Floriano Peixoto, e confiou á sua lealdade a posição em que se achava o exercito. Tendo ponderado o general Floriano Peixoto que, a seu ver, os actos do governo não autorizavam ainda semelhante extremo; que talvez fosse preferivel fazer uma ultima tentativa

junto ao gabinete, o marechal Deodoro declarou categoricamente ao seu velho amigo, que o movimento era irrevogavel, e que elle já se achava á frente de seus companheiros.

Devo declarar aqui que no dia 12 me dirigi á casa do marechal Deodoro e lhe disse francamente:

« Constando-me que está resolvida a mudança de fórma de governo, e achando-me, como V. Ex. sabe, á frente de um grupo de officiaes, na maior parte monarchistas, desejo, para evitar uma divisão de opiniões no momento decisivo, conhecer sua maneira de pensar a respeito

« O general respondeu-me :

« — Jacques, eu tambem fui sempre monarchista, ainda que muito desgostoso e descontente nestes ultimos tempos.

« Agora, nos é forçoso convercer-nos de que, com a monarchia, não ha salvação possivel para a patria, nem para o exercito.

« Já temos provas de que, depois de tudo o que fizessesmos, elles seguiriam a mesma senda e tratariam de aniquilar o exercito.

« E, alterando-se-lhe o semblante, que adquiriu essa expressão aquilina de precisão e de commando, de que só podem dar testemunho aquelles que, nos momentos supremos, tem estado a seu lado, acrescentou :

« — E, demais, a republica virá com sangue, si não formos a seu encontro sem derramal-o.»

Contestei-lhe que não só eu, como tambem todos os que se achavam commigo, o acompanhariamos cegamente, e que podia dispôr de nossas espadas como melhor lhe parecesse, certo de que por nossa parte a classe se apresentaria unida e disposta a todos os sacrificios no momento decisivo.

Só faço estas declarações a bem da verdade historica.

Por seu lado, o Dr. Benjamin Constant continuava seus trabalhos, no intuito de reunir os elementos de que carecia a revolução, em conferencias celebradas em varios pontos da cidade com officiaes dedicados e dispostos, quando se soube, ao anoitecer do dia 14, que o gabinete, prevenido, se reunia no arsenal de marinha, e depois no quartel general.

Era preciso obrar energica e rapidamente.

Com effeito, deram-se immediatamente ordens no sentido de fazer o movimento nessa mesma noite, antes que o governo pudesse organizar a resistencia.

Como corresse o boato da prisão do general Deodoro e do Dr. Benjamin Constant, da ordem de embarque e partida do 7º batalhão de infantaria e 9º regimento de cavallaria, mandou-se immediatamente um carro buscar o general, que á tarde se tinha retirado, por conselho de seu medico, para a casa de seu irmão Dr. João Severiano, no Andarahy, afim de repousar e experimentar a mudança de ares.

Depois de sua volta, ás 11 horas da noite, começou-se a tratar do movimento, em sua casa, no campo da Acclamação, onde, com

o Dr. Benjamin Constant, se achavam varios officiaes do exercito e da armada, sendo a cada momento chamados outros.

O entusiasmo e a dedicação dos officiaes eram inexcediveis.

O general, imperturbavel e attento, examinava os meios de acção e dava ordens.

Discutia com o capitão Espirito-Santo um plano de ataque, apresentado por este official, quando sobreveiu-lhe um fortissimo accesso da enfermidade que soffre, vendo-se forçado a recolher-se ao leito em um estado grave de prostração.

Por esta razão o Dr. Benjamin Constant deu ordem em contrario, aprazando o movimento para o dia 15 ou 16, á tarde, segundo aconselhassem as circumstancias e o estado do general.

Nesse interim, um distincto official propositalmente levou á 2ª brigada aquelles rumores como factos indiscutiveis.

Ante tão grave noticia, os officiaes apressaram-se em organizar os elementos materiaes, e ás 4 horas da manhã, pouco mais ou menos, achavam-se preparados para partir, tendo expedido emissarios ás casas do general Deodoro e Dr. Benjamin Constant.

Estes chefes, apenas prevenidos, sahiram em carro para S. Christovão, onde o segundo delles encontrou a força. O general Deodoro incorporou-se a ella em caminho.

Ao chegar a brigada na praça Onze de Junho, ordenou o general ao capitão Godolphim que partisse, em reconhecimento com seis homens, para o campo da Acclamação, e colhesse noticias exactas do que se passava no quartel-general e em suas immedições.

Godolphim desempenhou com galhardia essa commissão, indo tomar informações de um particular na porta central do quartel, dentro do qual já havia tropas em fôrma, levando-as em seguida, claras e completas ao general.

Ao chegarem as forças ao campo, na esquina da rua Visconde de Itaúna, o general Deodoro montou o cavallo em que vinha o alferes Eduardo Bartosa, e poz-se á frente da columna.

Ao entrar no campo e quando passava deante das forças de policia da côrte e de imperiaes marinheiros, que acabavam de ser collocadas no angulo em que se acha a estação da estrada de ferro D. Pedro II, o general voltou-se energeticamente para ellas e, vendo-as indicias, perguntou com voz de commando :

— Então, não fazem continencia?...

Nesse momento o major Valladão, que commandava a infantaria de policia, ergueu um viva ao general, que foi correspondido, fazendo a tropa a continencia da ordenança.

Este facto, pequeno na apparencia, foi de um grande alcance militar. Com elle manteve o general o prestigio que, nem por um instante, devia deixar menosprezado nesse dia, e affirmou a confiança dos que o acompanhavam em seu rapido golpe de vista, qualidade de que devia depender essencialmente todo o resultado da jornada que ia começar.

Quando a brigada entrou no campo da Acclamação pela rua do Visconde de Itaúna, o brigadeiro Almeida Barreto dispunha as

forças do governo, sob seu commando, no angulo correspondente à estrada de ferro D. Pedro II, onde permaneceram até o desenlace dos acontecimentos.

O general Deodoro mandou desenvolver a 2ª brigada em frente ao quartel general, e determinou que as quatro peças de artilharia da esquerda obliquassem em direcção as forças do governo, para mantel-as em respeito.

Foi nessa occasião que chegou o coupé que conduzia o Barão do Ladario. (*)

O marechal disse :

— E' um coupé de ministro.

O tenente Penha, que se achava a seu lado, accrescentou :

— Não é o da guerra, porque as ordenanças são de policia.

O carro approximou-se.

— E' o Ladario, exclamou o general.

E ficou pensativo alguns segundos. Depois, em voz baixa, disse ao tenente Penha :

— Prenda ao barão.

O tenente Penha partiu a galope. Ao mesmo tempo que o barão sahia do carro, o tenente saltava do cavallo e dirigia-se a S. Ex.:

— Está preso á ordem do marechal Deodoro.

O barão não respondeu uma palavra. Metteu a mão no bolso, tirou um revolver, apontou e disparou contra o tenente, quasi á queima roupa. A arma negou fogo.

O tenente Penha, quando viu a arma apontada contra seu peito, fez instinctivamente um movimento, apresentando o flanco ao barão. Resguardando a cabeça com o braço esquerdo, com a mão direita tirou o revolver da cintura e disparou contra o ministro da marinha.

Ao primeiro tiro, o marechal Deodoro dirigiu-se ao grupo e o barão disparou então contra o marechal, que sentiu passar a bala pelo lado direito de sua cabeça.

Depois disto, o barão se retirava, quando o piquete do marechal disparou-lhe alguns tiros.

Então apressou o passo e foi cahir junto ao armazem da esquerda, no canto da rua de S. Lourenço, onde tratou de entrar; porém alguém de dentro se oppóz e fechou a porta.

Nesse momento alguns soldados quizeram matal-o a coronhadas. O general Deodoro acudiu, ordenando:

— Soldados, não matem o barão.

Pouco depois, o barão foi recolhido por varias pessoas ao palacete Itamaraty, onde recebeu o primeiro tratamento.

(*) O dialogo que se segue é tomado, com algumas modificações, da versão publicada por uma das folhas desta capital, a qual mais se approximou da verdade.

O general Deodoro voltou com seu estado-maior, ao qual incorporara-se depois da chegada das forças ao campo da Acclamação o cidadão Quintino Bocayuva, a tomar posição em frente ao portão central do quartel.

Neste ponto veio conferenciar com elle o general Barreto, que regressou logo para pôr-se outra vez à frente das forças do governo.

Chegado ao campo, o general dirigiu-se ao postigo do portão, de onde fallou aos capitães Bento, Ferraz e Galvão, dizendo-lhes que abrissem; ao que estes officiaes contestaram que ainda não era tempo.

Em frente das tropas, o general recebeu aviso de que a metralhadora que tinham levado para dentro do quartel estava à sua disposição, pois o official que a commandava era dos revolucionarios.

Depois de conferenciar com o brigadeiro Barreto, o general ordenou ao tenente-coronel Silva Telles que fosse intimar o ministerio que abandonasse o poder e se entregasse à discreção.

Em seguida ao regresso desse official, desceu do quartel general o ajudante general, marechal Floriano Peixoto, que conferenciou com o marechal Deodoro alguns minutos.

Então o general fez abrir o portão e penetrou a galope, com o bonet na mão, seguido do ajudante-general e de alguns officiaes. Ao chegar em frente da metralhadora ordenou, sorrindo:

— Tirem dahi esse trambolho.

A guarnição retirou immediatamente a maquina de guerra.

Ao passar pela frente do 7º batalhão de infantaria, mandou tocar a musica.

Um valente capitão desse corpo deu um viva ao general, viva que foi correspondido por toda a tropa que se achava dentro do quartel, à qual o general passou revista, recebendo as honras inherentes ao seu posto.

Ordenou às forças que sahissem, e as conduziu para fóra do quartel, onde marcharam em correcta formatura deante das que alli se achavam, indo postar-se em columna na frente do portão do edificio.

Então subiu o general a entender-se com o gabinete.

Ao achar-se em face dos ministros, que, exceptuando o Visconde de Ouro Preto, que conservava sua habitual attivez, e o conselheiro Lourenço de Albuquerque, que se mantinha sereno, estavam completamente aterrados, disse-lhes, mais ou menos, o marechal:

que vinha em nome do exercito e do povo depôr o governo por sua falta de patriotismo e pela perseguição contra a força armada;

que estranhava que homens da illustração do conselheiro Affonso Celso desconhecassem a tal ponto o que era patriotismo; que patriotismo não era o que elle havia revelado no governo, sinão o sacrificio do soldado, que para defender a dignidade da patria batia-se horas inteiras com agua pelos peitos; do general,

que supportava resignado as privações de uma campanha, tendo dias e dias um punhado de milho como unico alimento ;

que S. Ex. havia manifestado com seus actos o desejo de aniquilar o exercito, auxiliado pelo Sr. Candido de Oliveira, que só uma vez tinha dito a verdade, no discurso que pronunciara na laboratorio do Campinho, e pelo Visconde de Maracajú, que, sendo soldado, não tinha vacillado em referendar as iniquidades levadas a extremo contra a classe a que pertencia ;

que, em vista disto, depunha o ministerio e prendia os Srs. Afonso Celso e Candido de Oliveira, que sahiriam do paiz no primeiro paquete, podendo retirar-se o resto do ministerio, por ser inoffensivo.

O Dr. Benjamin Constant, dominado pela indignação que commovia sua nobre alma, apoiou energicamente as palavras do general Deodoro.

O general Floriano interveio para acalmar os animos e pediu que fosse revogada a pena de prisão.

O general Deodoro accedeu ao seu pedido e declarou que os ministros podiam retirar-se para suas casas.

Como um delles pedisse garantias, contestou :

— Estão garantidos pelo desprezo publico.

Os ministros retiraram-se para suas casas pouco depois das 2 horas da tarde.

Logo que depoz o ministerio, o marechal Deodoro voltou á frente das forças reunidas no campo.

Foi nessa occasião que a tropa e o povo deram vivas á Republica, salvando a artilharia com 21 tiros.

A Republica estava proclamada no Brazil.

Seguiram então as tropas para o arsenal de marinha, onde confraternisaram com as forças da armada alli postadas.

O marechal Deodoro foi recebido fóra do portão pelo chefe de esquadra Wandenkolk.

Durante o trajecto até o arsenal, assim como no regresso dahi, as tropas foram constantemente victoriadas pelo povo.

A 2ª brigada, que, pela acção de seus distinctos e briosos officiaes, desempenhou o papel mais culminante na revolução, sem que isto diminua o valor e os serviços dos demais corpos do exercito e da armada, que prestaram auxilio efficaz, achava-se composta das seguintes forças ao sahir de seus quartéis em S. Christo vão :

Commandante da brigada, tenente-coronel Silva Telles ;

Duas com panhias de guerra, formadas pelos alumnos da escola superior de guerra, commandadas pelo capitão Vespasiano Gonçalves ;

2º regimento de artilharia, sob o commando do major Lobo Botelho, que, logo após a sua chegada ao campo da Acclamação, o passou ao capitão Francisco Xavier Baptista ;

9º regimento de cavallaria, sob o commando do major Solon Ribeiro ;

O 1º regimento da mesma arma, sob o commando do capitão Floriano Floranbel.

Aggregaram-se à brigada em S. Christovão varios officiaes e os cidadãos Pedro Paulino, irmão do general, e Antonio Rodrigues de Campos.

Alguns outros officiaes reuniram-se ás forças depois de sua chegada ao campo da Accelimação.

A revolução contava, na noite de 14, para levar a effeito o movimento, as seguintes forças :

A 2ª brigada, o 7º batalhão de infantaria, parte do 1º batalhão da mesma arma ;

Muitos officiaes do exercito e armada ; diversos navios e alguma força de fuzileiros navaes.

E não dispunha de :

O 10º batalhão de infantaria, a policia da capital da provincia do Rio de Janeiro, o 1º batalhão de artilharia de posição ;

Os corpos de bombeiros e de imperiaes marinheiros.

Devo fazer notar que, conquanto nestes corpos houvesse officiaes e soldados dedicados á causa, que trabalhavam activamente em favor da revolução, nada se tinha alcançado até o dia 14, talvez pelo imprevisito do facto, que devia dar-se no dia 16.

Entretanto a unidade manifestada no momento decisivo, quando uma simples vacillação podia occasionar graves tropeços, é a prova mais eloquente do patriotismo e do espirito de classe do exercito e da armada.

Ao terminar esta ligeira resenha dos successos gloriosos que precederem e acompanharam a revolução do dia 15 de novembro de 1889, no Brazil, como brasileiro e como militar, quero deixar consignado, acima de tudo quanto aconteceu, uma verdade, da qual depende a justificação e a gloria do procedimento da força armada :

Antes, durante e depois da revolução, esse exercito, que os governos apresentavam como um centro de insubordinação, manteve-se dentro da mais admiravel disciplina, obedecendo á voz de seus chefes com todo acatamento e conservando inalteraveis e incolumes a segurança do cidadão, a tranquillidade publica e a propriedade.

Causa orgulho ao militar brasileiro poder declarar, sem receio de que o contradigam, que até agora não se produziu um só acto de violencia, mesmo isolado, mesmo justificado pelo enthusiasmo do primeiro momento, que tenha vindo empanar o brilho do uniforme brasileiro. Rio de Janeiro, 10 de Dezembro — *Jacques Ourique*, tenente-coronel de engenheiros.

Senado

3ª sessão preparatoria em 16 de novembro de 1889

PRESIDENCIA DO SR. PAULINO DE SOUZA

Às 11 1/2 horas da manhã acham-se presentes 22 Srs. senadores, a saber :

Paulino de Souza, Barão de Mamanguape, Gomes do Amaral, Castro Carreira, C. Ottoni, Visconde de Lima Duarte, Marquez de Paranaguá, Meira de Vasconcellos, Visconde de Taunay, Pereira da Silva, Barão de Mamoré, Correia, Fausto de Aguiar, Leão Velloso, Visconde de Jaguaribe, Saraiva, Luiz Felipe, Soares Branco, Visconde de Assis Martins, Visconde de Serro Frio, Visconde do Cruzeiro, e Visconde do Bom Conselho.

Lê-se e approva-se a acta da sessão antecedente.

O SR. 1º SECRETARIO declara que não ha expediente.

O SR. CORREIA (*pela ordem*): — Acabo de ouvir declarar pelo Sr. 1º secretario que não ha sobre a mesa expediente. Desejo, entretanto, ser informado si por algum meio consta à mesa que ha senadores presos.

O SR. PRESIDENTE: — Nem uma communicacão tem a mesa, para poder responder à pergunta do nobre senador. As noticias que tenho são as publicadas nas folhas de hoje, as quaes não me cabe repetir desta cadeira.

O SR. VISCONDE DE LIMA DUARTE (*pela ordem*): — Sr. presidente, V. Ex. acaba de declarar que nada consta officialmente a respeito dos acontecimentos que se tøm dado, à excepção do que referem os jornaes. Os jornaes, porém, dão conta de acontecimentos gravissimos, e não sei si será conveniente que o senado tome qualquer providencia ou dê qualquer demonstracão do seu modo de pensar sobre os factos que vão occorrendo.

O SR. PRESIDENTE: — O senado está em sessões preparatorias, que se abrem com qualquer numero, ainda que insufficiente para deliberar. Mantendo hoje, como sempre, a estricta legalidade constitucional e observando o regimento, como me cumpre, não posso consentir debate que não seja restricto à constituição desta camara.

Nada mais havendo a tratar-se, o Sr. presidente convida os Srs. senadores para se reunirem amanhã, às horas do costume.

Levanta-se a sessão às 11 horas e 40 minutos da manhã.

Estado do Rio de Janeiro

Assembléa legislativa

SESSÃO EM 18 DE NOVEMBRO DE 1889

Presidencia do Sr. Carneiro Maia

.....

 O SR. PRESIDENTE annuncia o recebimento do seguinte officio do secretario do Estado do Rio de Janeiro, a cuja leitura procede o Sr. 1º secretario :

« Governo do Estado do Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889.

« Cidadão. — De ordem do Governador deste Estado, Dr. Francisco Portella, communico-vos, afim de que leveis ao conhecimento da assembléa legislativa, que o mesmo Governador, assumindo o governo do referido Estado, o fez cheio de confiança no auxilio das luzes e patriotismo da mesma assembléa; e que deseja só inspirar-se no bem publico, para o qual só poderá efficaçamente contribuir com o apoio daquella corporação, á qual o prendem tantos laços de estima e gratidão. Saude e fraternidade. — Sr. 1º secretario da assembléa legislativa. — *Raymundo da Motta Azevedo Correa*, secretario. »

Lido o officio, o Sr. presidente consulta a assembléa sobre a resposta.

O SR. ALMEIDA PEREIRA pede a palavra e diz que a consulta feita impõe á assembléa o dever de externar com precisão o seu pensamento, e que, de accordo com a maioria conservadora, formulará uma moção, que exprimirá o modo de ver da maioria, com relação á nova situação politica.

Entende o orador que se deve assegurar ao governo o necessario auxilio, pela concessão de meios, e secundal-o em todas as medidas que tiverem por objectivo a manutenção da ordem publica, effectividade dos direitos constitucionaes do cidadão, e prompta reorganização politica do paiz, como a este apreuver em sua soberania.

Em seguida apresenta a seguinte moção :

« A assembléa legislativa do Rio de Janeiro, á vista dos factos consummados, não hesitará em concorrer, pela concessão dos meios de governo, para a regular administração, auxiliando-a em tudo o que estiver ao alcance, no pensamento da manutenção

da ordem publica, da effectividade dos direitos constitucionaes do cidadão brasileiro e da prompta reorganização politica da nação, como a esta aprouver em sua soberania.

« Sala das sessões, 18 de novembro de 1889. — *Almeida Pereira.* »

O SR. FRÓES DA CRUZ diz que, precisando definir a sua posição, declara que em nome da salvação da patria aceita a republica sem restricções, affirmando que a população de Niteroy adhere à republica federativa.

O SR. THEOPHILO DE ALMEIDA, pedindo a palavra, diz que se congratula com o partido republicano pelos factos occorridos e pela victoria das idéas sustentadas, e que aceita o concurso da maioria da casa.

O SR. VARADY diz o seguinte : A causa da republica triumphou ; a republica brasileira é uma realidade, pois que foi acclamada pelo povo, exercito e armada, e confirmada em todo o paiz. Para confirmal-a na assembléa, os republicanos daquella casa, por seu intermedio, pedem para que seja defrido o juramento ao governador do Estado do Rio de Janeiro, que se acha na sala immediata, devendo esse acto da assembléa ser considerado como adherencia á causa republicana, em nome do Estado e que a assembléa representa.

O SR. ALMEIDA PEREIRA pede para ser votada a moção.

VOZES:— Votos, votos.

O SR. ALMEIDA PEREIRA profere algumas palavras, terminando por dizer o seguinte :

« Mostremo-nos no animo iguaes ás difficuldades da occasião e confiemos no futuro, acompanhando, como sempre, o homem illustre, em cuja escola politica nos educámos, e que ainda hoje, no meio da inquietação publica, concentra todas as esperanças, por ser o espirito superior a quem está sem duvida reservada a missão de, em nome dos fluminenses, organizar as futuras instituições. Refiro-me ao Exm. Sr. senador Paulino José Soares de Souza. »

O SR. DR. DIAS DA ROCHA pede a palavra e declara que, tendo votado pela moção do *leader*, corrige-lhe, todavia, o direito de consignar, por lealdade, que se declarava francamente republicano, para todos os effeitos, no presente e no futuro.

O Sr. presidente nomeia a comissão, composta dos Srs. Varady, Almeida Pereira, Theophilo de Almeida e Jeronymo de Castro, para introduzir no recinto o governador do Estado, que é recebido no meio das maiores acclamações.

Sentando-se á direita do presidente da assembléa, profere o governador as seguintes palavras:

« Affirmo, sob minha honra, que hei de manter, quanto em mim couber, a paz, as liberdades publicas e os direitos dos cidadãos, respeitar e fazer respeitar as obrigações do Estado. »

Estas palavras foram coroadas de applausos estrepitosos e vivas, tendo sido invadido o recinto pelo povo.

Retirou-se depois o governador, sendo acompanhado até á porta pela commissão.

Pedindo a palavra, o Sr. Moretzshon diz, mais ou menos o seguinte:

« O momento é mais solemne de quantos rezam os annaes da assembléa. Agora, que a Patria se levanta livre e soberana, agora, ou nunca, é preciso que a assembléa se manifeste franca e positivamente pela republica, ou pela monarchia. Vota contra a moção, nos termos em que está concebida porque nella a maioria diz que curva a fronte ao sópro ardente da revolução, esperando ouvir a voz da soberania nacional, que se deve manifestar nas urnas, mas não se declara pela republica. Declara o orador que desde já, agora e para sempre, seja qual for a vontade expressa pela nação, que deve dizer a ultima palavra, elle, orador, que sempre foi republicano de coração, que nunca acompanhou a parte do partido conservador que tinha a immobillidade do marco milliarario identifica-se com os intuitos da revolução, abraça-se á flamula republicana, e sustentará todas as consequencias do acto patriotico de 15 de novembro.»

As ultimas palavras do orador são abafadas por estrepitosos applausos do povo.

O SR. FRÓES DA CRUZ affirma ainda uma vez que abraça com ardor a causa do partido republicano, e requer, em regosijo ao acto que a assembléa acaba de praticar seja levantada a sessão.

E' approvedo o requerimento, levantando-se os deputados entre applausos e vivas á republica e á assembléa legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

SESSÃO EM 21 DE NOVEMBRO

Aproveitou a discussão do orçamento municipal, na sessão de hontem, o Sr. Oliveira Machado, para manifestar as suas apprehensões sobre o futuro da Republica Brasileira.

Disse o orador que a Republica era obra de um acaso e que, como tal, outro acaso poderia matal-a, porque ninguem sabe a que partido pertencerá amanhã.

Contestado pela maioria republicana, respondeu que a bala que feriu Ladario poderia ter ferido tambem a Deodoro, e que, na ultima hypothese, a republica não se faria.

Perguntou si a republica tem a força para reprimir a demagogia e a anarchia para que não venha tambem a communa. E satisfeito com resposta affirmativa pela maioria da assembléa, continuou em sua oração a mostrar-se receioso, por entender que a maior parte dos republicanos são os lavradores feridos pela lei de 13 de maio, e que destes tem muito medo.

Porque, exprimiu-se, de duas uma : ou elles combaterão sob a bandeira da indemnisação, o que julga um mal, ou, si o não fi-

zerem transigirão, faltando com a coherencia ao seu programma.

Contestado ainda neste juizo em apartes dos Srs. Theophilo, Cyrillo e Braz Carneiro, proseguiu: disseram-me os collegas que a Republica tem força para evitar a anarchia; mas tel-a-ha para conservar a integridade da Patria? Os Estados do norte continuarão unidos, como até aqui, aos do sul?

Não nega nem affirma, mas são estas as maiores apprehensões que nutre o seu coração de brasileiro e que estremece pela Patria; pois que, si fosse preciso, para conserval-a unida todos seriam republicanos.

Na duvida, não quer ser dos primeiros a atirar flôres, pensando que não pode aceitar francamente a Republica emquanto pelos seus actos não fôr reconhecida a sua utilidade.

SESSÃO EM 22 DE NOVEMBRO DE 1889

Presidência do Sr. Mello Cunha (2º vice-presidente)

A's 11 horas da manhã, feita a chamada, acham-se presentes os Srs. Mello Cunha, Varady, Pereira Neves, Santos Bastos, Almeida Pereira, Cyrillo de Lemos, Ernesto Mello, Bulhões Sayão, Guilherme Briggs, Moratzshon, Jeronymo de Castro, Canto Coutinho, Andrade e Silva, Campos do Amaral, Paulino de Souza Junior, Pedro Gordilho, Theophilo de Almeida e Victor Monteiro.

A's 11 1/2 horas acham-se presentes mais os Srs. Carneiro Maia, que assume a presidencia, Americo Moreira, Augusto Teixeira, Braz Carneiro, conego Goularte Alves da Silva e Alves Cunha.

Faltam os Srs. Leitão da Cunha, Ferreira Pinto, Oliveira Pinto, Candido Drummond, Carneiro Leão, Francisco Portella, Santiago, João Albino, Dias da Rocha, Cunha Ferreira, Souza Gomes, Frôes da Cruz, Manoel Coelho, Fonseca Portella, Olympio Pinto, Andrade Baena e Rufino Furtado.

O SR. PRESIDENTE declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta antecedente.

O SR. 1º SECRETARIO procede á leitura do seguinte officio do secretario do Estado.

« Secretaria do governo do Estado do Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1889.

« Cidadão — De ordem do governador do Estado, Dr. Francisco Portella, vos communico que, por Decreto do Governo Provisorio, sob n. 7, datado de 20 do corrente, e hoje publicado, foram dissolvidas e extinctas as assembléas legislativas provinciaes, devendo portanto, essa assembléa encerrar hoje a sua

sessão. Assim também me ordena que agradeça aos seus membros a coadjuvação e apoio que lhe prestaram.

« Saude e fraternidade — Sr. 1.º secretario da assembléa legislativa do Estado do Rio de Janeiro. — No impedimento do secretario *Sergio Ascoli*, official maior. »

Fica a assembléa inteirada.

O SR. PRESIDENTE suspende a sessão por 20 minutos, afim de lavar a presente acta.

Meia hora depois do meio-dia continúa a sessão.

E' lida a presente acta, posta em discussão e approvada sem debate.

O SR. PRESIDENTE declara finalizados os trabalhos da assembléa legislativa do Rio de Janeiro.

Discurso

do General Almeida Barreto, diante de uma commissão de officiaes que o foi cumprimentar

« Camaradas: — Sirvo á minha patria ha 40 annos e, durante este longo periodo, ufano-me de ter-lhe dedicado a par de minha espada e de meu sangue, toda a minha actividade.

Educado no regimen de rigorosa disciplina militar, procurei sempre inculcar no animo de meus camaradas a mais acendrada dedicação e cavalheiresca lealdade ao governo legalmente constituido; procurei sempre despertar-lhes o mais profundo respeito, quer pelos seus superiores hierarchicos, quer por aquelles que se achavam revestidos de funcções meramente politicas e governantaes, laço de cohesão indispensavel para fazer desse exercito um todo harmonico de idéas e sentimentos que pudesse prestar a mais ampla garantia aos interesses publicos de nossa patria, e por esse modo coadjuval-a na prosecução de sua grandeza e prosperidade.

Desde o dia 7 de junto do corrente anno, porém, o governo deposto, assumindo a direcção do Estado, parece tel-o feito animado de uma séle insaciavel de despotismo, e para satisfação desse inconcessavel *desideratum* não duvidou calcar aos pés os mais respeitaveis direitos e prerogativas de nossa classe, a qual elle estava certo, jámais prestaria a sua farda gloriosa para cubrir a sua tresloncada ambição.

E' assim que não duvidou demittir officiaes cumpridores de seus deveres, a bem do serviço publico, procurando com essa nota aviltante nodoar galões que, si pudessem desmerecer em brilho, sel-o-hia pelo fumo das batalhas, mas nunca por um acto que não consultasse o pundonor e a dignidade; é assim que não

duvidou prender a outros, sem que para isso estivesse autorizado, mas simplesmente por actos do mais condemnavel arbitrio; não duvidou fazer embarcar batalhões açodadamente sem dar tempo a que os officiaes e praças conduzissem as suas familias, e isto não porque a ordem e o socego publico o exigissem, mas sim com o unico fim de desprestigiar os militares com esses actos de injustificavel autoritarismo; é assim, finalmente, que não trepidou em assoalhar o seu odio e rancor a todos os militares, a esta classe que não tem poupado sacrificios em bem da defesa e engrandecimento desta patria, ora dando a sua vida em holocausto á victoria de nossas armas, morrendo abraçado ao pavilhão nacional, que ella, serena, altiva e grandiosa no meio das balas inimigas, plantou nos campos de batalha, ora offerecendo os seus peitos assignalados pelas mais honrosas cicatrizes como solida garantia de sua integridade e grandeza e de respeito e consideração de todas as nações.

Diante do insidioso procedimento do governo deposto, meus senhores, eu não podia conservar-me inerte quando se tratava de erguer os brios e a dignidade do exercito; como declarei a diversos companheiros, entre os quaes apraz-me lembrar o major Innocencio Serzedello Corrêa e o capitão de cavallaria, José Pedro de Oliveira Galvão, resolvi offerecer o meu fraco apoio aos benemeritos camaradas Deodoro e Benjamin Constant e coadjuval-os no dia glorioso da reivindicção de nossos direitos, no momento solemne em que tivessamos de exigir do traidor a reparação dos nossos brios offendidos.

Eis por que ás 11 horas da noite do dia 14 respondi ao major Serzedello, que me fôra procurar: Contem commigo, tomarei a posição, mesmo a mais perigosa.

Marchei á frente de 1.096 praças, promptas a combater, e de accordo com meu formal compromisso, recebi os meus velhos companheiros no campo em que se tinha de dar o ataque, não como inimigos cuja marcha eu devesse deter, mas como amigos cujo coração pulsava ao calor de um sentimento generoso e em defeza de uma causa justa e de cujo lado eu devia me achar para exigir desagravos dos traidores da nação.

Ao General Deodoro, em logar de uma espada fraticida, estendi-lhe a minha mão de amigo e de velho companheiro.

Assim procedendo, tenho consciencia de ter cumprido o meu dever, concorrendo para que o memoravel acontecimento do dia 15 não surgisse envolvido nas fochas ensanguentadas de uma luta entre irmãos e para que um governo egoista, ambicioso e despotico não continuasse a infelicitar a nossa patria.

Vós concorrastes muito para a realização pacifica dessa obra grandiosa: eu vos agradeço e vos saúdo.

Viva o governo provisório!
 Viva a nação brasileira!
 Vivam o exercito e a armada!
 Viva a união militar! »

La América Republicana

Ultimo éco de nuestra revolucion de Mayo, el grito de Republica ! lanzado ayer en las calles de Rio Janeiro, resuena agradabelmente en todo pecho americano.

No discutimos la forma que el hecho haya revestido, aunque entendemos que el ejército suel e ser en las sublevaciones modernas el más genuino representante de la voluntad del pueblo. Tampoco alabamos los incidentes á que dió lugar la sublevacion, aunque por fortuna la revolucion fluminense se inicia con auspicios pacíficos, y con tranquilidad poco vista en la historia de los derrocamientos. Quizá debiéramos recordar aquella noble figura del anciano literato Don Pedro de Braganza, aunque solo fuera para lamentar que el débil monarca se haya sobrevivido á sí mismo y no supiera morirse á tiempo.

Pero todo este son impurezas de la realidad de las que hoy no queremos siquiera acordarnos.

Hoy solo vemos alejado para siempre el temor de ver al frente de un Estado americano á un individuo de esa familia de intrigantes que se llaman los Orleans, raza desgajada del tronco de los Borbones que á lo menos dieron grandeza á la Francia, mientras que aquellos han merecido en todas partes la antipatía de los pueblos que al fin han tenido que espulsarlos de su seno.

Hoy solo debemos celebrar la caída del ultimo imperio en nuestro continente—y decimos el último porque los lazos que une al Canadá (el único territorio americano no constituido en Republica) con la monarquía inglesa son tan débiles que el mas ligero movimiento ha de destruirlos.

El imperio del Brasil era un peligro para la América del Sur.

Un día ú otro, la camarilla imperial hubiera decidido al caduco monarca á buscar en una guerra con algun Estado, el medio de asegurar la corona en las sienes de la Princesa Imperial, ya simple Condesa de Eu.

Este peligro hoy se aleja considerablemente; la república brasilera es una prenda de paz para toda la América.

Esto es lo que hoy debemos celebrar.

El Brasil se ha constituido en Estado republicano, porque, despues de abolida la esclavitud, la corriente democrática debia presentarse avassalladora y llevar por delante, como ha llevado, á cuanto se opusiera á su paso.

El Brasil es una República, porque una monarquía en pleno continente americano era un anacronismo; y porque el Asia es el continente de los imperios absolutos y las monarquías despóticas, y Europa es el de las monarquías templadas y los organismos artificiales, mientras que América es el continente del gobierno natural del pueblo por el pueblo.

En la del Sud proclamóse en una hermosa mañana de Mayo por elle pueblo argentino apiñado á las puertas del Cabildo.

Setenta y nueve años despues lo proclama, en las calles de Rio, el ejército que fraterniza con el pueblo.

Ya todos los americanos tenemos el derecho de llamarnos hermanos.

Desaparecieron los súbditos: hoy todos los hombres de América son ciudadanos.

Viva la República brasilera !

(*El Nacional* de 16 de Noviembre)

La revolucion brasilera

Caída del imperio

LA DITADURA REPUBLICANA

Estamos bajo la impresion de las inesperadas y ruidosas noticias que nos trasmite el telégrafo del Brasl. Coordinadas todas ellas, dejan la convic-ion de que ha estallado allí un movimiento militar y político, de carácter republicano, imponiendo y alcanzando inmediatamente la dimision colectiva de los ministros; que ha puesto bajo su custodia á la familia imperial: proclamado la dictadura del Mariscal Deodoro; organizado un directorio, presidido por ese mismo gefe, ó proclamado un presidente de la república brasilera. Todo esto implica el derrocamiento del gobierno imperial; el mais grande y extraordinario acontecimiento político que pudiera conmover á la America del sud.

En la opinion general en los pensadores del Brasil, era inevitable una crisis política que se aplazaba para un tiempo mas ó meno lejano. Por una parte, la prudencia y liberalidad del gobierno imperial parecian desarmar ó atenuar la oposicion y las resistencias que provocaba el sistema de gobierno; y por otra, el patriotismo de los mismos adversarios del imperio se empeñaba en aplazar todo movimiento durante la vida del Emperador, en homenaje á las instituciones y á las virtudes del mismo gefe del Estado.

Pero, formada y robustecida la idea de un cambio de gobierno, tenia que convertirse en pasion. Los espiritos moderados y discretos que trabajaban para el porvenir, no podian impedir que á su lado se formase otro partido de ciudadanos impacientes y ardorosos, empeñados en precipitar aunque fuese necesario bautizarla con sangre, la realizacion de su ideal. La

historia de todas las naciones nos presenta ejemplos de esas diversas gradaciones, en que predomina casi siempre la violencia.

Muchos incidentes venian desde hace tiempo sacando á la superficie esa agitacion latente que minaba el organismo de la nacion brasilera, y que inútilmente se pretendia sofocar. Manifestaciones y protestas aisladas, denunciaban la efervescencia de que estaban poseidos los clus militares ó determinadas agrupaciones populares. La opinion se hacia cada vez mas exigente respecto del gobierno, y éste era cada vez mas débil delante de ella. Las concesiones con que quiso desarmarla, no hicieron talvez sino avivar su deseú de ensanchar su influencia y de hacer prevalecer su voluntad soberana.

Hasta un atentado reciente contra la vida del Emperador, condenado noblemente por todos los partidos brasileros, pudo servir para revelar los extremos á que pueden alcanzar las pasiones revolucionarias, en cuya atmósfera candente se forman los visionarios y los fanáticos.

Na es difícil que el gobierno imperial viese crecer el oleaje revolucionario y empezase á dudar de la adhesion de sus mismas tropas militares y de sus gefes mas conspicuos. Acaso no era si no ese recelo el que aconsejó hace un año la remocion de fuerzas que marcharon á Matto-Grosso, precisamente al mando del Mariscal Deodoro, gefe principal de la revolucion triunfante en la capital del imperio.

No hay acontecimiento en la vida de un pueblo, que no tenga sus antecedentes, sus causas y su esplicacion en un periodo mas ó menos prolongado de su historia. El derrumbe del largo reinado de D. Pedro de Alcántara es uno de ellos: él mismo habia dicho en un momento de inspiracion que todo debia resentir-se en su pais de cansancio, por esa causa. Era, en efecto, el mas antiguo de todos los soberanos, actualmente reinantes en el mundo. Colocado en el poder, bajo tutela, á la edad de seis años, el 7 de Abril de 1831, y gobernando en persona desde 1841, habian transcurrido mas de cincuenta y ocho años desde su advenimiento al trono: mas de medio siglo, dentro del cual ha asistido al espectáculo de centenares de revoluciones y de sacudimientos políticos en esta parte de América.

Parece que el gobierno monárquico no hubiese tenido otra virtud que la de retardar la explosion del espíritu revolucionario en la inmensa region sud-americana que le tocó en herencia. Su hora ha llegado—Pronto sabremos si la revolucion se ha producido como uno de esos hechos fatales é irresistibles, destinado á cambiar la faz de los imperios, y ante los cuales todo debe someterse;—ó si el pueblo brasileiro está destinado á pasar á su vez por la dura escuela del infortunio en la que se han formado nuestras repúblicas, para algunas de las cuales no se ha cerrado todavia el palenque ensangrentado de la revolucion.

Es necesario reconocer que la obra del gobierno en el vasto imperio del Brasil, dos veces mayor que la Rusia europea, donde

existen todos los climas, con una poblacion escasa y heterogénea, era una obra difícil, que solo ha podido sobrellevarse con la habilidad y el genio de que han dado muestras singulares los estadistas brasileros. ¿Como resolverá esse problema la revolucion? ¿Por cuántas vicisitudes pasaran los pueblos, al cambiar de régimen politico?

La nueva situacion que parece abrir-se para el Brasil interesa especialmente á todas las repúblicas sud-americanas con las cuales se toca su suelo y se relaciona su historia. La nueva de la revolucion, recorriendo el continente como una chispa electrica, habrá conmovido á un tiempo a todos los pueblos que seguiran anhelantes la marcha de la sociedad brasilerá, al desplomarse el único imperio americano.

Debemos expresar aqui nuestros votos mas sinceros por la suerte del pueblo brasileró. La revolucion no es para nosotros un hecho plausible en si mismo. Lo será en cuanto responda á las aspiraciones populares y á las exigencias de la civilizacion, y en cuanto logre asimilar-se las conquistas del derecho moderno. Deseamos en todo caso que ella se realice y se complemente sin sacudimientos penosos, sin mancharse con excesos indignos de la cultura social y politica del Brasil, y sin olvidar lo que debe al monarca destronado, cuya existencia se halla incorporada a tan largo periodo de su historia, realizada por hechos notables y coronada por el acto culminante de la abolicion de la esclavitud, celebrado en el mundo como un triunfo de la humanidad.

(*La Prensa* de 16 de noviembre de 1881.)

La opinion en el Brasil

Las noticias que ayer nos ha trasmitido el telégrafo de Rio de Janeiro, confirman plenamente nuestras deducciones en presencia de las primeras que se referian al movimiento revolucionario, y que no era extraño adoleciesen de ciertas vaguedades y contradicciones que justificaban la reserva y la indecision con que algunos debieran acogerlas.

Habia para nosotros punto de partida y una guia en esos juicios preliminares: era el juicio previo sobre el estado social y politico del Imperio. Lo consideramos apoyado solamente en la tradicion siempre respetable, con el respeto debido á las viejas instituciones en las antiguas y arraigadas costumbres. Nos lo representáramos, en medio de las repúblicas agitadas y turbulentas que lo ceñian, como un bapcion azotado constantemente por los huracanes. El dia en que se sintió conmovido en su base, pudo decirse su inevitable derrumbamiento.

El día en que se dió el primer paso en el sentido de la revolución, todo debió caer en el imperio, que solo se mantenía por el prestigio de su antigüedad, y que no podía encontrar elementos para rehacerse en el seno una organización vetusta, ni menos para luchar con una nueva y rigurosa sociedad, ávida de recobrar su soberanía y de realizar sus aspiraciones democráticas, por largo tiempo reprimidas.

La revolución brasilera sigue adquiriendo pacíficamente las formas regulares de un gran movimiento de opinión, que se ha manifestado en su hora psicológica, como si se cumplierse una ley histórica.

Existe ya un gobierno provisional, que empieza á adoptar las medidas indispensables para la organización del país.

Ese gobierno parece tener de su parte la opinión del pueblo, así como la del ejército y armada, que se conservan al mando de sus mismos jefes. La administración de justicia permanece en su puesto. Solo desaparece el senado vitalicio representación la más genuina del sistema monárquico, y se disuelve la cámara de diputados para dar lugar á la nueva asamblea que debe pronunciarse sobre los destinos futuros de la nación.

Nada de extraño es que, bajo la primera impresión de un acontecimiento tan extraordinario, tengan lugar algunas resistencias y algunas protestas aisladas. Lo raro sería que no se presenciasen esos actos de consecuencia y de fidelidad en algunos ciudadanos distinguidos que han creído que la felicidad y la estabilidad de Brasil estaban ligadas indisolublemente á la conservación del sistema monárquico.

El acto definitivo que acallará todas las dudas y allanará el camino de la nueva política, partirá probablemente del ex-emperador, cuya palabra no tardará en hacerse oír.

Si hemos de tener en cuenta la necesidad y filosofía que ha acreditado especialmente en los últimos años de su reinado, no dudamos que esa palabra será de acatamiento al nuevo orden de cosas. El emperador puede trocar con satisfacción su pesada corona por el glorioso título de primer ciudadano de la República Brasilera.

(*La Prensa* de 17 de Noviembre de 1889.)

Primeros indicios revolucionarios

El derrocamiento del trono imperial brasilero parece á primera vista haberse efectuado á consecuencia de un motin militar. No es así. La idea republicana ha ido madurandose á me-

dida que el estado del emperador le hacia mas incapaz para gobernar sus estados.

Repasando los hechos y noticias pertinentes que se hallan en las colecciones periodísticas de años atrás, hallamos en esta ojeada retrospectiva datos que aclaran las causas de la situación actual del Brasil.

En el parlamento, en la prensa, en los círculos, se discutía con fundamentos mas ó menos graves sobre la incapacidad del soberano.

Tienen, pues, su interés de actualidad las transcripciones que vamos a hacer de varias de estas opiniones.

Una de ellas es la emitida por el Diputado Penido sobre el estado mental del monarca en la sesión del 17 de mayo del corriente año.

Dijo de este modo :

« Su Magestad que ejerció el poder personal en toda su plenitud : está hoy colocado en un polo diametralmente opuesto ; hoy Su Magestad reina pero no gobierna ni administra, como hacia antes. Esto está en la conciencia de todos.

Por la enfermedad que desgraciadamente le persigue, la acción de S. M. se limita á preguntar á sus ministros .

— Qué papeles tenemos que firmar hoy ?

« Y firma sin discutir, sin dar su opinión siquiera.

Dicese y yo tengo el valor de repetirlo, que el emperador de hecho es el conde de Motta Maia (Risas) Su Magestad se mueve á una señal del conde, á quien obedece como un niño dócil y bien educado.

« Si el estado del monarca es el normal, ¿ como no estan de guardia los demás médicos de palacio que no son inferiores en ciencia ni en cosa alguna al Sr. Motta Maia ?

EL SENOR COELHO RODRIGUES — Porquo no saben hipnotisar.

EL SENOR PENIDO—¿ Será por que la vida de S. M. está sostenida por su poder mágico ?

« Todo esto revela que S. M. no puede actualmente gobernar este imperio, do que como republicano siento, porque si S. M. gobernara no habria en este pais una guardia negra.

« ¿ Servirá la guardia negra para salvar la monarquía ? Su Magestad nunca permitiría la formación de esa guardia negra que es una verdadera mazorca como la de Rosas en Buenos Aires.

« En Hollanda, acabo de leer, que el rey Guillermo III que sufre de la misma enfermedad de S. M. fué destituido del poder con mucho pesar de la nación y nombrada la reina Emma para regente, pero allí los mismos ministros fueron á declarar, ciertamente con gran pesar, que S. M. no podía gobernar y el parlamento de aquella simpática Holanda se penetró del estado del rey y proclamó la regencia de la reina.

« ¿ Por qué en este pais no se ha de librar al venerable anciano de esas fatigas ? ¿ Quién no conoce lo que es la diabetes ? ¿ Quién no sabe que en el ultimo periodo aniquila las fuerzas físicas y morales del hombre ?

« Presento, pues, la siguiente proposición :

— Pido que esta augusta Cámara, mediante el parecer de una comisión procedente de su seno, resuelva sobre la necesidad de observar si en la persona del actual emperador se notan los impedimentos previstos por el artículo 126 de la Constitución política del Brasil que lo priven de continuar gobernando y en caso de que haya llegado esta circunstancia, procédase como expresan los términos del artículo 39 del reglamento común, invitando al senado para que nombre su comisión con idéntico fin. »

Estas palabras pronunciadas á la faz della nación, no podían ser más graves y revelaban el estado de descomposición moral y física en que se hallaba el trono hace siete meses.

Con el significativo título de « Gangrena senil » publicó El Diario de Noticias de aquellos días un acerado artículo del que tomamos estos párrafos.

« Parece decididamente ser esta la enfermedad que tendrá la honra de acabar el segundo reinado, por el espectáculo de descomposición orgánica que está dando este gobierno, identificado con la monarquía á la que desgarrá, como la uña en la carne en que sé clava.

Contemplamos en los labios de los cortesanos que rodean al monarca una sonrisa beatífica.

« Santa imbecilidad ! tú quieres abrir al país las puertas de la reacción que lo salvará.

« Entre tanto, la escena no es menos dolorosa. Una cabeza de emperador que se descorona y des gobierna y la monarquía desvaneciéndose por esa enfermedad livida, dolorosa, fetida, que entrega al tálamo uno á uno los pedazos espontáneamente disgregados del ser vivo.

« Es el mismo caso patológico de los hospitales, con la diferencia de que aquí, el cuajo obturador de la arteria, el tropiezo circulatorio, no va de las estremidades al tronco, sino del centro, de los grandes vasos de la vida, del músculo propulsor de ella hacia las estremidades.

Hora salvadora, aunque nos llegues del féretro de un trono, bien venida seas ! »

Otro artículo del mismo diario titulado la « Enfermedad del emperador » es más expresivo.

Termina con este párrafo:

« Nadie prevera como va á resolverse ese irremediable proceso mórbido que mina los días del príncipe reinante.

El curso irreparable de la enfermedad prosigue siempre, á través de simuladas interrupciones y mejorías superficiales.

« Las fronteras de la diabetes confinan con la locura, con las molestias nefríticas, con la tisis pulmonar, uno de los modos más frecuentes de su terminación.

« Muchas veces una crisis de súbita estenuación corta repentinamente el hilo de la vida.

Cualquiera de esas soluciones puede venir de un momento á otro, sorprender la población y proporcionar al círculo acético

ocasion de colorear con la apariencia de lo insperado este largo interrogno en que la familia imperial y los ministros practican a su sabor, contra las leyes fundamentales del Estado, el mayor de los crímenes en el código penal de una monarquía.

« Los que de ese modo proceden, estan preparando a la República la mas irrefragable de las justificaciones porque si la monarquía se pone fuera de la ley, abdicando positivamente en manos de una camarilla clandestina, dedará claro que el movimiento republicano constituye una aspiracion de legalidad contra la revolucion de los galones blancos.»

Vino por aquellos dias á dar mas fuerza á la opinion avanzada que reinaba en la atmósfera, el recuerdo que hizo tambien el mismo *Diario de Noticias* de las palabras pronunciadas en el parlamento por el señor Saraiva, que destacadas de su discurso venian á ser como una declaracion de principios mas avanzados de lo que convenia al Imperio.

Trascribimos los párrafos que originaron otro intencionado artículo del mismo diario con el titulo de « Mas realista que el rey.»

« Como tengo el hábito de conversar con el emperador acerca de los negocios públicos y decirle franca y lealmente mi opinion sobre esos negocios, para que Su Majestad conozca mi modo de ver las cosas, agregué:

— Vuestra Majestad tal vez ignore que yo, apesar de tenido por mis correligionarios en concepto de atrasado, há'lome hoy algo mas adelantado.

« No hablé de federacion porque esa idea significa una amplia descentralizacion y la organizacion autonómica de las provincias está incluida en el proyecto de programa votado por la mayoría del congreso.

« Dije á S. M. que las provincias elijen sus presidentes y escojen sus senadores, sin dependencia de la intervencion ó responsabilidad del gobierno central.

El voto de la minoría formulado por el redactor en jefe del *Diario de Noticias*, Sr. Ruy Barbosa (nombrado actualmente segun el telegrama que reproducimos hoy) ministro de la hacienda é interinamente de justicia se fundaba sobre el establecimiento de la organizacion federal en terminos avanzados.

El señor Saraiva en ese discurso agregó.

« Entonces su Majestad me contestó.»

El señor sabe mejor que nadie que nunca « fui obtaculo para la voluntad de la nacion » y espresamente manifestóla.

A lo cual respondió :

— Se que el patriotismo de Vuestra Majestad es tal, que atiende solamente a los intereses de la nacion sin consultar ninguna otra consideracion.

« Oyendo estas palabras y conmoviéndose un poco, S. M. me dijo. »

— Agradezco á todos que plensen así, porque me hacen justicia.

El Sr. Vizconde Ouro Preto, antes de formar su gabinete tendría conciencia de esa capitulación del emperador.

Con todos estos indicios claros y evidentes sobre el estado moral y material del imperio, pueden esplicarse los hechos que han dado lugar á su caída y se explica también la relativa tranquilidad que reina en la capital fluminense ante una revolución que no ha hecho más que sacudir el árbol para que cayera el fruto madurado por tantas circunstancias que le favorecían.

(*La Prensa* de 17 de noviembre de 1889.)

Sucesos del Brasil

La República se consolida — La carta del Conde d'Eu — convocatoria de la constituyente — Otros acontecimientos

Los telegramas que hemos recibido de Rio de Janeiro están unánimes en asegurar que la República se consolida, recibiendo adhesiones del gobierno de todas las provincias y particularmente de sus majistrados, militares de alta graduación, guardia nacional y hombres públicos más caracterizados del país.

El gobierno provisorio y especialmente el Ministro de Relaciones, Quintino Bocayuva, ha recibido extraordinaria cantidad de felicitaciones de todas partes del mundo, donde la idea democrática cuenta con adeptos entusiastas y sinceros.

Todos los centros republicanos nacionales y extranjeros, miembros de la prensa y hombres públicos del Rio de la Plata, han saludado también con elocuente entusiasmo la nueva era que abre nuevos horizontes al engrandecimiento del Brasil.

Ha llamado la atención la docilidad con que D. Pedro ha acatado el mensaje del directorio, respondiendo á este en términos secos y breves.

¿ Qué podía hacer el anciano monarca, cuando en la hora del peligro apenas contaba á su lado más que con su yerno el odiado Conde d'Eu ? ¿ Qué podía hacer cuando no ignoraba que su trono tenía los días contados y que el advenimiento de la república era inevitable ?

Como bien dice, el gobierno provisorio en su mensaje al emperador, los sentimientos democráticos de la nación hace mucho

tiempo que se hallaban preparados. La revolucion no fué mas que la noble reaccion del caracter nacional contra el sistema de violencia, de corrupcion y subversion de todas las leyes ejercidas en grado incomparable por el ministerio de siete de junio, la politica sistemática de atentados del gobierno imperial en estos últimos tiempos contra el ejercito y la armada, politica odiosa á la nacion y profundamente repelida por ella, que afectaba los derechos de estas dos clases que en todas épocas fueron siempre en el Brasil la defensa del orden, de la constitucion, de las libertades y de la honra de la patria.

La intencion manifestada en los actos del gabinete de Alfonso Celso, por medio de su prensa, de aniquilar los sentimientos democráticos de la nacion, sustituyéndolos por elementos de opresion oficial que fueron siempre en el Brasil objeto de horror, determinaron los acontecimientos que han obligado al emperador á imitar lo que hizo su padre el 7 de abril de 1831 — es decir — abandonar á su patria para no volver jamás.

Como se ha visto, la república se ha mostrado generosa para con el último jefe del estado. El transporte de don Pedro y de toda su familia corre por cuenta de la nacion. Además, se le ha asegurado la dotacion que ha recibido siempre, y una importante suma de dinero para sus primeros gastos en el punto donde fije su domicilio.

La proclamacion de la república en el Brazil ha causado agradable sensacion en todo el mundo.

El cortesponsal del *Daily News* en Paris comunicó á su diario que el consejo republicano en Rio Janeiro habia resuelto pocos meses ha, que el aniversario de la revolucion francesa seria la ocasion mas propicia para proclamar la república y los caudillos abrigaban tanta confianza en el éxito que mandaron hacer buen número de banderas republicanas en Paris. En la bandera nueva la corona imperial queda reemplazada por el gorro frigio. Dicese que Don Pedro habiase expresado ante el primer ministro diciendo que al gobierno le quedaba poco tiempo de vida. Entre las causas que motivaron la revolucion cuéntanse las medidas del gobierno en las últimas elecciones, em que muchísimos electores fueron arrestados y encarcelados.

Como es natural, despues de la commocion producida por el movimiento militar, los fondos públicos del imperio bajaron en la Bolsa de Paris, pero la reaccion no se hará esperar.

Entretanto en Rio Janeiro y otras provincias donde reina calma completa, los bancos siguen girando al cambio oficial de 27 y medio peniques por mil reis.

La situacion se consolida, pues, han sido bien recibidos todos los actos del gobierno provisorio. La recepcion en Rio Janeiro del periodista Campos Salles, nombrado ministro de justicia, ha sido entusiasta. Tomando inmediata posesion del cargo, recibió

adhesiones de todos los tribunales, incluso los superiores, donde se encuentran los mas venerables magistrados de la nacion.

El conde d'Eu, el antipático personaje que tanto contribuyó á mermar las simpatias con que contaba su suegro, abandonando al Brasil, dejó escripta una carta manifestando su sentimiento por no seguir prestando sus servicios al pais.

Lo que el conde d'Eu no habria querido perder era las utilidades que sacaba de los alquileres de sus conventillos, donde explotaba la miseria de las últimas clases de la capital brasilera. Verdadero Harpagon, los lectores recordarán las crónicas que hemos reproducido en la prensa fluminense, respecto á actos tan soberanamente mezquinos del Conde d'Eu que rayaban hasta en la miseria.

La impopularidad de este principe ha procedido precisamente de sus sentimientos de avaricia, la que continuamente manifestaba en los mas sencillos actos de su vida pública y particular.

Entre los numerosos centros republicanos de Portugal, la noticia de la caída del imperio ha sido recibido con gran entusiasmo.

El rey de Portugal, Don Carlos, sobrino de Don Pedro, pondrá á su disposicion el palacio de las Necesidades en Lisboa.

Van á continuacion los telegramas que hemos recibido de la capital fluminense.

Río de Janeiro 19 — La eleccion de la cámara constituyente tendrá lugar en los primeros dias de enero.

El *Diario de Noticias* niega que el mariscal Deodoro haya nacido en Tacuarembó. Su cuna fué la ciudad de Bahia.

El gobierno provisorio hállase muy complacido con las demostraciones de aprecio y simpatia que ha recibido del Río de la Plata.

Silveira Martins, que se halla arrestado en Santa Catharina, se ha adherido á la República. Será conducido á Rio, donde se le pondrá en libertad.

Río de Janeiro 19 — El nuevo ministro de Agricultura, Demetrio Ribeiro, llegó hoy á Santos, donde le hicieron una gran recepcion.

Es creencia general que la República Argentina será la primera nacion que reconozca á los Estados Unidos del Brazil.

Río Grande del sud, 19 — Se han enviado varios mensajes al gobierno provisorio, solicitando la libertad de Silveira Martins.

Noticias de Santa Ana do Libramento dicen que apenas se conoció allí el movimiento revolucionario á favor de la república, los oficiales brasileros del regimiento cuarto, propusieron á los soldados arrancaran de los kepís la corona imperial.

Para evitarlo en el primer momento, el general Isidoro tuvo que amenazar con el fusilamiento al primero que tomara la iniciativa en ese sentido.

En todas las ciudades de la provincia la proclama de la República ha sido recibida con entusiasmo.

El vizconde de Pelotas, presidente de la provincia, dirigió una proclama al pueblo, garantizando la paz y el triunfo del movimiento revolucionario.

(El Diario de 19 de noviembre de 1839.)

La republica en el Brasil

El gran acontecimiento que acaba de tener lugar en nuestra patria, viene á confirmar una vez más su patriotismo y el grado de civilizacion que ha alcanzado.

Positivamente, és un hecho único en la historia el que acaba de producirse en el Brasil, al cambiar su forma tradicional de gobierno de una manera tan radical, sin lamentarse la pérdida de una sola vida y sin la menor conmocion social, lo que está probado ámpliamente por el estado, de su cambio que se conserva sin alteracion, esto és, que el papel moneda, que representa el crédito del Estado, que era monárquico, y que pasa á ser republicano, continúa inalterable, á pesar del choque de intereses que ocasiona el nueva orden de cosas.

Hecho sin precedente en la historia económica de los pueblos y que habla mas que cuolquiera otro en favor de las garantías que ofrecerá la República y de la manera brillante como ha sido realizada esa gran evolucion.

Dos grandes evoluciones pacíficas, conmoviendo y afectando ambas sus mas vitales fundamentos, han sido realizadas en menos de dos años por el pueblo brasilero, sin que se hayan tenido que deplorár ni efusion de sangre ni disturbios, como son la abolicion total de la esclavitud el 13 de Mayo del pasado año y la proclamacion de la República el 15 del corriente mes.

Necesariamente, Dios protege al Brasil, destinado á dar con sus hermanos de América, el mas brillante ejemplo de amor y fraternidad humana, así como el de una verdadera civilizacion, basada en esos justos y divinales preceptos.

Como la evolucion, la idea republicana hallábase arraigada desde mucho tiempo en el corazon del pueblo brasilero, y es por ello que estas reformas se llevaron á cabo sin la menor conmocion social, y, por el contrario, con el aplauso y la alegría cuasi unánime de todo el país.

Así como las medidas reaccionarias puestas en práctica por el ministerio presidido por el notable hombre de Estado, baron de Coteigipe, desgraciadamente fallecido, contra la propaganda abolicionista, tendían á su realizacion, así también el ministerio del 7 de junio, presidido por el vizconde de Ouro Preto, con sus medidas reaccionarias contra los republicanos, queriendo á todo trance hacer efectivo el compromiso que habia contrahido con el imperador y la princesa heredera, de anonadar á ese partido, que incontestablemente habia llegado á ser la mayoría del país, trajo el brillante resultado que admiramos y que llena de verdadero asombro al mundo y á la América toda del mas completo júbilo.

El vizconde de Ouro Preto, al aceptar esse innoble pacto, tuvo como retribucion la presidencia del consejo de ministros, posición que ambicionaba de mucho tiempo atrás, y la certeza de que podría esgrimir todas las armas para satisfaccion de su vanidad, sin encontrar de parte del ex-emperador, viejo y achacoso, el menor obstáculo á sus ambiciones y caprichos.

Luego que se halló en posesion del gobierno empezó contra todos los que le eran adversos la mayor de las persecuciones, y es de oportunidad recordar lo que decíamos el 28 de junio de este año en un artículo de fondo en el órgano republicano *Republica Brasileira* que dirigíamos entonces en la capital del extinto imperio:

« La máquina se empieza á montar, y las noticias pavorosas de amenazas y asesinatos, destituciones y nombramientos, que nos transmite el telégrafo, demuestran los propósitos del gabinete del 7 de junio, que hemos denunciado al país.

Completamente áulico, el gabinete organizado al paladar del tercer reinado, con la aquiescencia enfermiza del emperador, que hace todo cuanto le parece agradable á su hija, con el fin único — que es hoy un caso nemopático — de afirmar pretenciosamente su odiada dinastía en esta libre tierra, cansada ya de sufrir toda clase de impociion, de mentiras y de vilipendios !

La corrupcion, arma predilecta de los reyes, ha sido aquella que mejor ha manejado el Sr. D. Pedro II durante su largo reinado, que el actual gabinete suple ahora por la incapacidad resultante de las dolencias del monarca, adoptando su maquiavélico sistema y empleándolo en pro de su partido, que es el único de la monarquía,

Engañase al pueblo, como si fuera un imbécil con un fantasmagórico programa de reformas que nunca serán realizadas, y hablan de auxiliar á la agricultura, « panacea muy conocida », para enganar una vez más á los pobres labradores que, ingenuos, dan crédito á semejantes promesas, imaginadas maquiavelicamente como armas electorales.

En el caso en que fallen esos y otros planes no ménos maquiavélicos, falsos y engañosos, entonces se recurrirá á la fuerza bruta y habremos, dicen ellos, en su ceguera de insensatos, liquidado una vez por todas las ideas republicanas !

Pobres imbeciles, que cierran los ojos para no ver que la proclamacion de la Republica en nuestra tierra será en breve un hecho consumado !

Hagan todo cuanto quieran, echen mano de todos los recursos ; la idea de la patria tendrá su próximo advenimiento.

Este ministerio áulico, cuya tradicion se ennegrece recordando el dia 1º de enero, podrá llevarnos con sus actos de violencia á la revolucion armada, que no deseamos, que no queremos, de acuerdo con las ideas que siempre hemos proclamado en estas columnas.

Entretanto el partido republicano sabrá cumplir en cualquier emergencia con su deber y mostrarse digno de su grande idea patriótica y de esta libre tierra americana. »

Por este articulo se vé claramente, como preveíamos de una manera positiva el acontecimiento mas importante y glorioso que acaba de tener lugar en America en este siglo, y al mismo tiempo que en la prensa brasilera éramos la voz de un pueblo que, ávido de progreso y de libertad aspiraba á la union americana, que deberá siempre existir entre los pueblos del Nuevo Mundo, destinados para las grandezas del futuro y glorificacion de la humanidad.

J. C. TEIXEIRA.

(Artigo de fundo do *El Censor*, de 20 de Novembro de 1889.)

Repercusion de los sucesos en los Estados Unidos

Actitud de los delegados brasileros al congreso de Washington

OPINION DE LOS MARINOS NORTE AMERICANOS

WASHINGTON, 18 — Sábese que los delegados brasileros ante la conferencia marítima y el congreso americano no asistirán hoy.

En la reunion efectuada ayer en la legacion resolvieron que en vista del estado poco estable de los asuntos del Brasil, seria mejor para los delegados abstenese de tomar parte en la discusion, por haber sido acreditados ante este pais por el emperador.

Desde el momento en que desaparecio el gobierno monárquico que daban cancelados sus nombramientos, á no ser que recibieran nuevas instrucciones. Los delegados no asistirán hasta no recibir una noticia definitiva.

Los oficiales de marina no demuestran sorpresa por la noticia de la revolucion. El comodoro Rausay jefe de la oficina de navegacion, dijo que veinte años ha, cuando se encontraba en el Brasil, reinaba alli la opinion general que al concluir el reinado de Don Pedro se constituiria el gobierno republicano. El teniente Barry, llegado últimamente del Brasil, dice que el cambio que ha sobrevenido se discutia publicamente alli como un suceso muy probable que ocurriria de un momento á otro.

En la sesion celebrada anoche por la comision directiva de la « Asociacion de la prensa » se resolvió invitar á una reunion para la noche del viérnes próximo, al tribunal de honor de la asociacion, á los directores de diarios á varios generales de la nacion y miembros del foro y á los presidentes de las diversas asociaciones establecidas en el pais, con el objeto de cambiar ideas apropósito de la forma que debe adoptarse para hacer una manifestacion de simpatia por la proclamacion de la República en el Brasil.

Asi mismo se ha resuelto enviar el siguiente telegrama al diario *O Pais*.

« La Asociacion de la Prensa argentina saluda por su intermedio á la Prensa democrática de los Estados Unidos del Brasil ; la felicita por el advenimiento de la Republica y hace votos por su prosperidad y grandeza.—*Manuel Gorostiaga*, presidente—*Sabás P. Carreras*, secretario.

(*El Censor* de 20 de noviembre de 1889.)

La Republica Brasileira

Ante el derecho internacional

La revolucion politica que acaba de tener lugar en el Brasil y que, destronando á su emperador D. Pedro II, ha proclamado la Republica, como forma de gobierno, provoca una cuestion en que no se manifiestan de acuerdo las opiniones de algunos de nuestros colegas, caso nada extraño si se reflexiona en que ese acuerdo tampoco existe entre muchos y renombrados especialistas en la materia. Esa cuestion estriba en saber si la nueva Republica brasileira debe ser reconocida oficialmente por nuestro gobierno.

Lo que se desprende de la historia de los antecedentes internacionales con bastante evidencia, es que el reconocimiento, ya se trate de la formación de un nuevo Estado independiente, ya de un cambio verificado en la constitución de un Estado ó en la representación de su soberanía, no se impone en nuestros días con la extensión y las formalidades de otros tiempos.

La independencia de un Estado debe ser hoy considerada como un hecho propio de su voluntad y como un derecho emanado del mismo, que no reposa de ningún modo en el examen ni en el reconocimiento de los demás Estados soberanos. La independencia existe á esa única condición, e no puede hacerse derivar de la aprobación de las potencias extranjeras. El reconocimiento, que no está sujeto á formas jurídicas ni á solemnidades especiales, no es sino el acto preliminar de las relaciones internacionales.

El reconocimiento, ó el hecho de entablar esas relaciones con el gobierno establecido de hecho, no implica el reconocimiento de su legitimidad. Esta puede provocar cuestiones de carácter constitucional ó interno, en el país interesado, pero ella es ajena al derecho internacional. La política legitimista pertenece al pasado. Ella tenía entonces por corolario el principio de la intervención, condenado en nombre del derecho moderno.

La República del Brasil existirá por sí misma. El pueblo ha derrocado allí el Imperio, con el mismo derecho con que antes había proclamado su independencia de Portugal. La independencia al principio, el cambio de sistema político hoy, son la obra del pueblo brasileiro, y el acto esencial y supremo de su soberanía, que no ha necesitado, ni necesita para subsistir y perpetuarse, la aprobación de los demás poderes de la tierra.

No quiere decir esto precisamente que el simple hecho de proclamar un Estado su independencia, ó de darse un nuevo gobierno mas conforme con sus aspiraciones, determine, de parte de los demás, una línea de conducta favorable y simpática hacia el nuevo Estado, ó hacia el nuevo gobierno.

El derecho internacional tiende á abrir, mantener y estrechar las relaciones entre los Estados. El aislamiento de una nación cualquiera es cada vez mas inconsiliable con las exigencias de la civilización y con los intereses de la humanidad.

Los cambios políticos que se operan en el interior de los Estados, no pueden ni deben provocar aquel alejamiento, tanto mas cuanto que las relaciones internacionales no atribuyen al gobierno de hecho ningún carácter legítimo, sino simplemente la autoridad y los medios necesarios para hacerse obedecer e satisfacer las exigencias de la civilización.

Pero pueden sobrevenir casos especiales. Bluntschli dice que en toda conmoción política hay generalmente un *intervalo* durante el cual se ignora si el gobierno precedente no restablecerá su autoridad, un momento quebrantada, ó si el poder nuevamente constituido logrará mantenerse. En esa duda, el insigne publicista aconseja á los gobiernos concluir nada con el

uno, ni con el otro, pues no puede haber dos gobiernos y dos representantes de un mismo Estado.

La Alemania se resistía en 1871 á reconocer el gobierno de la Defensa Nacional y el derecho de este á representar á la Francia en el exterior. Data de entonces un despacho del Conde de Bismarck, dirigido desde Versalles á Fabre en el que exigía para ese reconocimiento que ese gobierno fuese reconocido á lo menos por la misma nación francesa.

Apresurémonos á reconocer que no es ese el caso de la República brasilera. El movimiento revolucionario se ha producido allí pacíficamente, y ha contado con la adhesión entusiasta y unánime de los pueblos. El mismo emperador se ha inclinado ante la nueva soberanía, y ha abandonado el territorio brasilero, bajo la intimación del gobierno revolucionario, haciendo votos por la felicidad de su país.

Se ha realizado en el Brasil la predicción del ministro de Estados Unidos, M. Seward, cuando decía al gobierno francés, protector del archiduque Maximiliano, que tenía la firme convicción de que el progreso no era posible en esta parte del mundo sino por medio de instituciones políticas idénticas en todos los Estados del continente americano.

El Imperio ha sido, en efecto, la mole que ha paralizado la energía y la actividad del pueblo brasilero, llamado hoy á decidir de sus destinos usando directamente de su propia soberanía, y gobernándose á sí mismo. No le faltará fuerza vital para conservarse, ni capacidad para llenar los grandes fines marcados actualmente á las naciones republicanas.

La América independiente ha saludado el grande acontecimiento con regocijo. Los pueblos todos del continente han enviado á la nueva república sus votos de fraternidad, y los gobiernos seguirán cultivando con ella las relaciones establecidas, rindiendo así homenaje á la soberanía del pueblo brasilero.

(Artigo de fundo de *La Prensa*, de 24 de novembro de 1839.)

Los sucesos del Brasil

Rio de Janeiro, novembro 16.

Tan brusca fué la impresion producida por el aspecto del dia de ayer; tan rápidamente se sucedieron los acontecimientos y tan desencontradas las noticias de los hechos, que muy difícil

se hace ofrecer á los lectores de *El Diario* una noticia circunstanciada del gran número de accidentes que se manifestaron durante el movimiento.

Entretanto ahí van las noticias que he podido recoger.

En la plaza de la Aclamacion

No podia ser mais imponente el aspecto que presentaban las fuerzas de tierra y mar, formadas en la plaza de la Aclamacion, frente del cuartel del 1º donde está situada la secretaria del ministerio de la guerra, y se conservaba prisionero del pueblo y de los militares el gabinete caido.

En constante evolucion, al mando del general Deodoro da Fonseca, veíanse el 1º y 9º regimientos de caballeria, 2º regimiento de artilleria de campaña, 1º, 7º y 10º, de los batallones de infanteria, cuerpos de imperiales marineros navales, cuerpos de alumnos de las escuelas militares de la playa Vermelha y superior de guerra, cuerpo de bomberos y cuerpos de policia de la córte y provincia de Rio.

Permaneciendo allí durante algunas horas, dominando la plaza, las fuerzas daban sucesivos vivas á la libertad, á la nacion brasilera, al ejército y armada y á la república salvadora!

Cerca de las 9 de la mañana, a intimacion del pueblo y del ejército el gabinete declaróse dimitido, pidiendo el vizconde de Ouro Preto al general Deodoro garantia para su persona y la de sus colegas.

El general le contestó que el pueblo y el ejército no ofenderiam á los ciudadanos destituidos del gobierno y que los ex-ministros podian retirarse con la mayor tranquilidad como sucedió.

Al ser comunicado al pueblo y á los militares la caida del gabinete, fué aclamada la república brasilera en medio de vivas estrepitosos de un extremo á otro, mientras el parque de artilleria hacía una salva de 21 tiros, con los cañones Krupp, situados cerca de la secretaria de la guerra.

El general Deodoro, el redactor en jefe de *O Pais*, Quintino Bocayuva, y el teniente coronel-Benjamin Constant fueron entonces disputados por el pueblo y los militares, que los transportaran en verdadero triunfo.

El Baron de Ladario

A las 7 de la mañana, el Baron de Ladario atravesaba en coupé la plaza de la Aclamacion, esquina de la calle de San Lorenzo, para dirigirse al edificio del cuartel del 1º de infanteria, donde se hallaban ya prisioneros de la fuerza del ejército y armada sus ex-colegas del gabinete.

Siendo reconocido, el general Deodoro ordenó al oficial á sus ordenes que le intimára y prendiera.

Parado el coupé, por la oposicion que el pueblo le ofreciera, el Baron de Ladario abrió la portezuela y saltó, recibiendo del oficial la órden que lhe fuera transmittida. A este respondió el ministro de la marina sacando un revólver y descerrajándolo en contra del oficial.

Pero el arma negó fuego, y ántes que Ladario la disparára de nuevo, el oficial en defensa de su vida tambien hizo uso de su revólver disparándolo sobre aquél.

En este momento, el pueblo y soldados de varios cuerpos corrieron sobre el ex-ministro, que se hallaba en tierra y herido. El oficial evitó que lo maltratasen, siendo inmediatamente conducido al palacete del fallecido conde de Itamaraty, donde recibió los primeros cuidados.

Ladario tiene las siguientes heridas: una contusion en la cabeza, dos heridas en el muslo izquierdo, contusiones en la pierna del mismo costado y una herida en la region sacro-iliaca derecha.

Todas las heridas fueron leves, excepto la de la region sacro-iliaca.

En el palacio de la ciudad

A las 11 de la mañana el vizconde de Ouro Preto telegrafió al emperador, que se hallaba en Petrópolis, llamándolo inmediatamente á la corte.

Hora y media despues, D. Pedro acompañado de la emperatriz y sus semaneros, tomaron el ferrocarril Principe del Gran Pará, llegando a la estacion de San Francisco Javier á las 2 de la tarde. De allí siguieron en carruaje hácia el palacio de la ciudad, dond llegaron á las 3.

Algunos minutos mas tarde tambien llegaron allí los condes d'Eu, que se hicieron transportar por mar hasta el muelle del Pharoux. A las 4, se presentaron en palacio el vizconde de Ouro Preto, en compañía del barón de Miranda Reis. Su conferencia con D. Pedro apenas duró cinco minutos, presentando Ouro Preto la renuncia colectiva del gabinete.

El Emperador manifestó entonces deseos de conferenciar con el senador Silveira Martins. Informado de que este no se hallaba en la corte, dijo que queria hablar con el mariscal Deodoro da Fonseca, que quedó en ir á palacio á las 6.

La familia imperial comió en el mismo palacio, á las 5, siendo el servicio suministrado por el hotel del Globo.

La guardia de palacio fué confiada á una fuerza de 70 hombres del batallon 10 d e infanteria, con órdenes terminantes de negarles la entrada á quien quiera que fuese.

Las fuerzas de mar

El batallón naval desembarcó á las 6 de la mañana, por orden del Barón de Ladario y al mando del capitán teniente Quirino Francisco da Costa. Seguiendo para la plaza de la Aclamación, donde se encontraba apostada toda la fuerza del ejército quedó el cuerpo bajo las órdenes del general Deodoro, formando á la retaguardia de la tropa de línea. Poco despues, aparecieron los capitanes de fragata Alvarim Costa y Pestana, comandantes de las fuerzas navales, que asumieron sus puestos.

De regreso de la plaza, despues de recorrer varias calles, aclamado por el pueblo compacto en todos los puntos, el ejército se extendió en línea, ocupando toda la calle 1º de Marzo. El cuerpo de imperiales marineros y el batallón naval, fueron entusiastamente saludados por sus hermanos de armas.

En el arsenal de Marina, antes de tomar sus cuarteles, formaron las fuerzas de mar, y allí apareció el teniente coronel Benjamin Constant, quien les agradeció ó nombre del general Deodoro, el auxilio material y moral que ambos cuerpos habian prestado al ejército, confraternizando para que la presión ejercida en contra de los militares cayera ante la dignidad de los soldados brasileiros, que jamás se desunirían.

El pueblo, encontrando en el arsenal al jefe de división Wandenkolk, lo cargó en brazos, llevándolo hasta la presencia del general Deodoro.

Toda la fuerza de mar desembarcó armada e debidamente municuada.

El desfile de las tropas

Cerca de la 1 de la tarde, las fuerzas abandonaron la plaza de la Aclamación por el lado de la Cámara Municipal, recorriendo la calle del vizconde de Rio Branco, plaza de la Constitución, calle del Teatro, plaza de San Francisco de Paul y calles del Ouvidor y Primero de Marzo.

Frente á la tropa el general Deodoro, Quintino Bocayuva, teniente coronel Benjamin Constant y gran número de oficiales muchos de ellos de la guardia nacional.

De las ventanas, azoteas, puertas y calles era saludada la fuerza con delirante entusiasmo, con palmoteos y vivas, agitando pañuelos y banderas.

En la calle del Ouvidor, desde varias ventanas, pronunciaron brillantes discursos los Drs. Silva Jardim y Aristides Lobo.

En la Cámara Municipal

Los consejales estuvieron reunidos de las 10 de la mañana hasta las 3 de la tarde, bajo la presidencia del Dr. Ferreira Nobre.

Acompañado por el pueblo, el consejal José do Patrocínio, presentóse en el edificio de la Municipalidad y sometió á la aprobacion de sus colegas el siguiente manifiesto :

« Señores representantes del ejército y armada nacionales. Tenemos el honor de comunicaros que, despues de la gloriosa y noble resolucion que *ipso facto* depuso la monarquia brasileira, et pueblo, por organos expontáneos y por su representante legal en esta ciudad, se ha reunido en el edificio de la cámara municipal, y, en la forma de la ley, todavia en vigor, declaró consumado el acto de la deposicion de la monarquia, y en seguida, el consejal más jóven, tambien segun lo dispuesto en la misma ley, proclamó á la república como nueva forma de gobierno en el Brasil. Atendiendo, pues, á lo expuesto, los abaje afirmados esperan de las patrióticas clases militares sancionen la iniciativa popular, haciendo inmediatamente decretar la nueva forma republicana del gobierno nacional. — Rio Janeiro, noviembre 15 de 1889. »

Votada la representacion, hizo uso de la palabra el Dr. Silva Jardim.

Hubo un momento en que el pueblo pretendió despedazar los retratos de Don Pedro I, Don Pedro II y de la condesa d'Eu, pero el Dr. Lopes Trovão aconsejó á los republicanos que no empanasem su victoria despedazando retratos.

La idea fué recibida con aplausos y el público se retiró en orden.

Gobierno Provisorio

El gobierno provisorio constituido en el primer momento se compone de los ciudadanos : Quintino Bocayuva, mariscal Deodoro da Fonseca y teniente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

La policia

Por delegacion del gobierno provisorio asumió el cargo de jefe de policia de la capital el capitan del estado mayor de artilleria Vicente Antonio do Espirito Santo.

El jefe en ejercicio, consejero Basson, al recibir la comunicacion de aquél oficial, le entregó el cargo, reuniendo á los delegados de policia, secretario y personal de la oficina á quien comunicó lo ocurrido, presentándolo á su sustituto.

Durante la madrugada de ayer, cuando empezó el movimiento que hemos descrito, fueron clausuradas todas las estaciones policiales siendo su personal acuartelado hasta que mas tarde pasó á la plaza de la Aclamacion, aliándose al ejército y armada.

Ayer, á la una de la tarde fueron reabiertos los puestos policiaes, volviendo las fuerzas á su servicio ordinario.

Ayer mismo fueron nombrados para ejercer el cargo de 1º y 3º delegados de policia el mayor Candido José da Silva Campello y el capitán Austrelino Villarim.

El telégrafo

Para que de lo ocurrido fuesen transmitidas noticias telegráficas con toda exactitud, el general Deodoro expidió al director de telégrafos la siguiente orden, por conducto del teniente José Augusto Vinhaes.

«A nombre del Gobierno provisorio ordeno al telegrafo que todo lo facilite, al teniente José Augusto Vinhaes.

El barón de Capanema, declaró entonces que solo por medio de la fuerza, ó por orden escrita, cumpliría con lo que se le mandaba.

A consecuencia, el comisionado redactó la siguiente nota.

«Por orden del general Deodoro, jefe del gobierno provisorio, intimo al barón de Capanema, á que me entregue la oficina á su cargo, y que le fué confiada por el extinto gobierno imperial y gabinete de 10 de Junio, haciéndole presente de que en el caso de resistencia usaré de los medios que me fueron dados.»

Fué expedida orden telegráfica para el Destierro, á fin de ser preso, al llegar á ese puerto, en el paquete *Rio Pardo*, el senador Silveira Martins.

Los hijos de los Condes d'Eu

Los hijos de los condes d'Eu fueron entonces conducidos por su ayo, el barón de Ramiz Galvão, á bordo del acorazado *Riachuelo*, embarcándose en una lancha á vapor en la playa del Morro de Viuva, en Botafogo.

A la tarde partieron para Petrópolis.

En Nitheroy

A las 5 de la mañana el cuerpo militar de policia tocó llamada, partiendo para la corte bajo las órdenes del mayor Deschamps, el 1º contingente, compuesto de 130 plazas.

A las 10 1/2 partió con el mismo destino el 2º contingente de 100 plazas, á las órdenes del commandante del cuerpo, Honorio Lima.

Mas tarde partió un tercer contingente de 40 plazas á las órdenes del alférez Sodrè.

A la 1 p. m. toda la fuerza de policia, reunida ya bajo el mando del teniente-coronel Fonseca y Silva, desembarcó en el puente de Nitheroy, vivando á la República, acompañado por el

pueblo, que recorrió todas las calles en medio del mayor entusiasmo.

Al llegar al cuartel del cuerpo el consejero Carlos Alfonso, ex-presidente de la provincia de Rio de Janeiro, interpelló á los oficiales, preguntandoles si reconocian al nuevo comandante.

La policia prorumpió en vivas al teniente-coronel Fonseca y Silva y a la República.

Con la partida del cuerpo de policia para la corte, la guardia de los edificios públicos, estuvo bajo la vigilancia de paisanos, que apenas tenian cinturón y fusil.

Los reclutas de la guardia nacional, presentáronse descalzos, con chaquetillas de brin y sombreros de paja, marchando un contingente de ellos á la fortaleza de Gragoatá.

Comercio y reparticiones

Luego que fué conocido el movimiento, el comercio cerró las puertas, y las reparticiones públicas suspendieron su movimiento.

La aduana y la guardia mayor cerráronse desde que el ejército se dirigió y parlamentó con la fuerza destacada en el arsenal de marina.

A esta hora estaban reunidos en la guardia mayor el comandante Bannen y su oficialidad, el comendador Hasselmann y muchas familias.

A todas estas personas comunicó el comendador Hasselmann que habia aplazado el viaje á Petrópolis, en vista de los acontecimientos, y dió las órdenes necesarias á fin de garantir los intereses de la nacion brasilera.

Prision del ex-ministro

A la 6 1/2 de la tarde, sabiendo el general Deodoro que el visconde de Ouro Preto, reunido con algunos amigos en una casa de la calle de Ajuda, deliberaba sobre la organizacion de un gabinete liberal, ordenó su arresto al coronel Germano de Andrade Pinto, comandante del cuerpo de policia.

Efectuada la prision y escoltado por una fuerza, el visconde de Ouro Preto, fué recojido al estado mayor del 1º regimiento de caballeria, en San Cristóbal.

La prision fué efectuada por el teniente Fernando Augusto da Veiga y Dr. Teixeira de Carvalho.

En las calles

Durante todo el dia y hasta alta hora de la noche, el pueblo recorrió las calles del centro de la ciudad, formando diversos grupos precedidos por bandas de musicas.

Espansiva en su entusiasmo, la poblacion levantaba vivas y saludaciones á la prensa libre, á los valientes del ejército y armada al general Deodoro, á Quintino Bocayuva, al diario *O Pags* y á la república brasilera.

Un hecho notable conviene dejar aqui registrado: no ha tenido lugar ni un solo conflicto.

Pacifico y tranquilo, aspirando á la libertad, el pueblo fluminense proclamó la transformacion de su gobierno, sia regar su victoria con la sangre del hermano y del amigo.

A las 7 de la noche un oficial de caballeria recorrió las calles de la ciudad, dirigiendo la siguiente proclamacion:

« El general Deodoro manda decir que el pueblo puede quedar tranquilo. La ciudad está entregada á la guardia del 7º batallon de infanteria y será muerto el atrevido que intente derrumbar una puerta.

En las provincias

Despachos telegráficos anuncian que ayer mismo fué proclamada la república brasilera en Rio Grande del Sud, Pernambuco, Alagóas, Espirito Santo, San Pablo y varias ciudades de Minas.

El gobierno provisorio de San Pablo quedó constituido por los señores Prudente de Moraes, Rangel Pestana y Murça. El ejército adhirióse. Gran entusiasmo por la república.

Mañana tendrá lugar la instalacion definitiva del gobierno provisorio en el palacio municipal.

(*El Diario de 22 de novembro de de 1889.*)

La Republica Brasilera

De la comision provisoria de residentes brasileros que se disponen á adherirse al simpatico movimiento de opiniones que ha dado nueva forma de gobierno á su pátria, se nos pide la publicacion de la siguiente invitacion:

« Habiendo sido galantemente ofrecido el local que ocupa el Centro Juridico en la calle Florida n. 429, altcs, para eu el efectuarse la reunion de ciudadanos brasileros, de orden de la comision provisoria invito á todos nuestros compatriotas á dicha reunion en el referido local, el miércoles 27 del presente, á las 9 p. m. á fin de proceder á la eleccion de la comision definitiva que ha de dirigir dicha reunion y discutir la mejor forma de mani-

festar elocuentemente su completa y sincera adhesión a la proclamación de la república en nuestra patria. La comisión provisoria, convencida del patriotismo de la colonia brasilera, espera que esta reunión será lo mas numerosa posible.— *Julio Mariat*, secretario interino.»

La comisión provisoria ha encargado ya la confección de una nueva bandera nacional brasilera, para hacer uso de ella en la demostración proyectada, observándose las prescripciones al respecto dictadas por el gobierno provisoria de la nueva Republica.

(*La Prensa* de 21 de Noviembre de 1881.)

La revolution du Brésil

Paris, 19 novembre.

Les nouvelles reçues par le gouvernement français de ses agents de Rio de Janeiro confirment que la révolution n'a donné lieu à aucun trouble.

Le gouvernement provisoire s'appliquerait à rassurer les intérêts. Il aurait l'intention de convoquer le pays à la nomination d'une Constituante.

Quant à l'empereur, il aurait prononcé avant de partir ces paroles: « Je m'incline devant le fait accompli et fais des vœux pour le bien du pays. »

On assure que le navire qui porte Dom Pedro se dirigerait vers le Portugal.

D'après une dépêche que l'*Indépendance Belge* a reçue de New-York, l'empereur Dom Pedro aurait accepté comme compensation à sa couronne un paiement en espèces de 2 millions 500,000 dollars, outre une pension annuelle de 450,000 dollars.

Un nouveau drapeau des États Unis du Brésil a déjà été adopté. Il se compose de bandes alternatives de vert, de rouge et d'or, avec dix-neuf étoiles d'or sur champ bleu. Toutes les provinces, sauf celle de Bahia, ont reconnu ce drapeau.

Le ministre de la marine, M. Ladario, n'a pas succombé à sa blessure; il est même en voie de guérison. L'attentat dont il a été l'objet est le seul acte de violence commis.

— Le *Temps* publie une lettre d'un journaliste brésilien nommé Oscar d'Araujo, sur les événements qui viennent de s'accomplir à Rio.

Tout d'abord, suivant lui, Dom Pedro était loin de jouir au Brésil de la popularité qu'il avait en Europe. Et il était tout à fait inconnu dans l'armée. Ensuite sa famille était très impopulaire.

Le Comte d'Eu, suivant les traditions de la famille d'Orléans, se montrait très avare. La princesse impériale était aussi impopulaire que son mari, d'abord à cause de lui et ensuite par sa pitié excessive, disons le mot, par sa bigotérie.

Dans ces conditions le parti républicain prenait de jour en jour plus d'importance. Quant à la question de l'esclavage, elle n'est pour rien dans la révolution, dont tous les chefs sont abolitionnistes.

Rio de Janeiro, 18 novembre.

Toutes les provinces du Brésil ont proclamé la république. Le gouvernement provisoire a remis à l'empereur 5.000:000\$000 environ 12 millions de francs. Sa liste civile lui est garantie. Le général Cardoso est nommé gouverneur de l'Etat du Paraná. La sûreté est complète.

Jornal dos Debates

Publicamos o seguinte do artigo editorial deste importante órgão da imprensa franceza:

« O Sr. ministro da marinha, depois de conferenciar com o seu collega de estrangeiros, decidiu mandar ao Rio de Janeiro um dos cruzadores da divisão naval da Atlantico.

E' difficil approvar-se esta resolução, que não está de nenhum accordo com as palavras pronunciadas na terça-feira por M. Spuller, na tribuna da camara dos deputados, e cujo exemplo não foi dado, acreditamos, por nenhuma outra potencia europêa, à excepção da Italia.

Fazendo sahir um navio para as plagas do Brazil, conformaram-se com uma tradição religiosamente respeitada pelos dous ministerios do cães de Orsay e da rua Royale, mas que nem por isso é a mais respeitosa. Importa pouco que o movimento que poz fim ao reino de D. Pedro tenha um caracter exclusivamente nacional; importa pouco que a segurança dos nossos compatriotas seja ameaçada de qualquer forma; não procuram mesmo saber si os brazileiros e seu governo provisorio verão com bons olhos uma medida de precaução, que pôde passar por bastante offensiva. Não ha uma revolução, isto é bastante para que os nossos navios partam e mostrem uma bandeira que nada tem que ver com o caso.

Esses prejuizos da velha marinha podiam ser justificados quando esses paizes exóticos eram ainda semi-barbaros e quando eram sufficientes alguns canhões europeus para impôr a uma

população sem machinas de guerra importantes. Tudo isso mudou; os brasileiros são muito civilizados, diremos mesmo muito adeantados. O Rio de Janeiro é, de resto, uma pacifica cidade, e os seus 300.000 habitantes são incapazes de aproveitar-se da mudança de governo para molestarem os nossos patricios.

O que faria, finalmente, um cruzador isolado? A marinha brasileira é grande e perfeitamente organizada: deu provas disso durante a guerra do Paraguay.

Acreditamos que o nosso governo deveria evitar magoar, mesmo pela apparencia de uma ingerencia inoportuna, as susceptibilidades de um povo amigo, e persuadir-se de que os nossos nacionaes se darão perfeitamente bem com o novo regimen, tanto como se deram com a monarchia.

Seria, em todo o caso, muito pueril procurar justificar por esse genero de serviço a presença de uma divisão naval tão inutil como a do Atlantico.

Os pequenos avisos das estações locaes do Gabon, da Goyana, do Senegal; um cruzador para as Antilhas e particularmente para Porto-Principe; no verão, sómente um transporte-aviso em Terra Nova; eis os unicos navios que nos podem ser realmente uteis no Atlantico, e as quantias importantes que economisariamos supprimindo os outros achariam um emprego mais louvavel na constituição das nossas forças navaes europeas. »

Do « Petit Journal »

No numero de 18 de novembro encontramos o seguinte :

« Telegrammas do Rio de Janeiro dizem que rebentou uma revolução na sexta-feira. O movimento tem por fim a proclamação da Republica com o apoio da guarnição da capital do Brazil. O ministro da marinha Barão do Ladario foi mortalmente ferido pelos soldados. Os outros ministros estão prisioneiros.

O imperador D. Pedro e a familia imperial estão em segurança na residencia de verão em Petropolis.

Durante todo o dia de hontem a legação do Brazil em Pariz foi assaltada por pessoas pedindo noticias; mas o ministro nada podia responder, porque não lhe chegavam noticias officiaes. No ministerio dos negocios exteriores nada se sabe officialmente.

Pela manhã, o Sr. Spuller recebeu a visita do ministro do Brazil em Pariz, que lhe perguntou se recebera noticias, e que lhe pediu para telegraphar ao representante da França. O Sr. Spuller satisfez o pedido, mas nenhuma resposta chegou a caes de Orsay.

Telegrammas recebidos de Washington e de Bruxellas confirmam a noticia do movimento revolucionario. Um governo provisório foi instalado, tendo como chefe o general Deodoro da Fonseca. O conselho de estado foi abolido e a camara dos deputados dissolvida por um decreto do general da Fonseca, que é considerado juntamente com o contra-almirante Wandenkolk, como o principal instigador do movimento. A população calma, mas o commercio está fechado. Segundo um telegramma de Pernambuco, de que tiramos estas noticias, dizem que os revolucionarios convidaram o imperador a voltar ao Rio, mas não se sabe com que intenções.»

Accrescenta o mesmo jornal sob a epigrapho

D. Pedro

« Com D. Pedro desaparece a unica monarchia que havia no Novo Mundo. D. Pedro succedeu a seu pai, o primeiro imperador do Brazil, em 7 de abril de 1831, na idade de 5 annos e tres mezes. Havia, portanto, 58 annos e meio que subira ao throno. E' justo não acreditar que o movimento que se acaba de effectuar fosse absolutamente imprevisto.

O partido republicano existia desde muito tempo no Brazil e era muito numeroso. Uma das causas que mais contribuíram para precipitar o movimento actual foi o descontentamento do partido conservador, que se alliou ao republicano depois da abolição da escravidão.

Póde dizer-se que D. Pedro foi o promotor dessa medida humanitaria. Desde 1850 que D. Pedro trabalhava, supprimindo o trafico dos escravos entre as provincias do Brazil.

Em 1871 um novo passo teve logar, conseguindo uma lei que extinguiria gradualmente a escravidão: a libertação do ventre da mulher escrava. Essa providencia, bem que não devesse trazer a menor perturbação, encontrou extraordinaria opposição entre os possuidores de escravos, e não foi sinão depois de grandes lutas e discussões violentas que foi adoptada.

Em 1835 o imperador procurou obter a emancipação pura e simples; mas não o conseguiu, apazar da dissolução da camara dos deputados e escolha de novo ministerio.

Sómente em 1888 a reforma foi definitivamente decretada. Não nos esqueçamos de dizer, annunciando a mudança de governo, que o soberano que cahé é um amigo da França.

Sabio illustre, D. Pedro é membro da Academia de Sciencias e recordamos o interesse com que acompanhava as suas sessões, quando aqui esteve no anno passado.

Sabe-se tambem dos esforços que empregou para que o Brazil tomasse parte na exposição de 1889.»

No dia 21 publicou a mesma folha:

« Na legação do Brazil ainda não receberam notificação official da mudança de governo.

Estamos reduzidos, disse-nos hontem o secretario da legação, a procurar nos jornaes que lemos todas as manhãs com o maior interesse, noticias do nosso paiz. E essas noticias são confusas e até á chegada de cartas, o que não se dará sinão daqui a tres semanas, é bem difficil de saber a verdade sobre os acontecimentos e suas consequencias.

O governo provisorio acaba de ser installado e não recebemos telegramma noticiando a sua installação, de sorte que a legação continúa a representar o imperador D. Pedro, que continúa officialmente a ser nosso soberano. Póde noticiar que o seu busto ainda não foi retirado da nossa legação.»

Le Figaro

No seu numero de 18 de novembro publica o conhecido jorna francez um artigo, de que extractamos os seguintes periodos :

« A Republica está proclamada no Rio de Janeiro. O Brazil inteiro adheriu á nova fórma de governo. Sómente a provincia da Bahia faz resistencia, mas não se acredita que possa fazel-a por muito tempo. Sabemos igualmente o que ha sobre a sorte de D. Pedro. Transportado de Petropolis ao Rio, foi conduzido ao palacio imperial, onde os chefes do movimento lhe communicaram a sua deposição. O soberano declarou que não cederia sinão á força. Demonstraram-lhe que toda resistencia seria inutil, que todas as providencias tinham sido tomadas e que as autoridades locais haviam manifestado sua adhesão á Republica.

Foi então que D. Pedro communicou que deixaria o paiz.

O governo provisorio foi incansavel em amabilidades: declarou que, si a familia imperial partisse immediatamente para a Europa, seria conservada a sua lista civil.

Até agora nada foi mudado na composição do governo provisorio, o que parece espantar a muitos brazileiros aqui residentes.

O primeiro papel continúa a ser desempenhado pelo general Deodoro da Fonseca, que tem actualmente 63 annos, e que fez toda a campanha do Paraguay, sendo ferido na batalha do Itororó.

E' um official distincto, instruido e apaixonado pela sua farda. Goza de grande popularidade no exercito, sobretudo depois que soffreu punição disciplinaria por insubordinação.

No momento em que rebentou a revolução, elle estava exilado em Minas Geraes. (*)

.....
 Que irão fazer os homens que estão à testa do movimento?

Tratarão de constituir um governo republicano, ou o movimento tem por fim collocar o joven príncipe D. Pedro Augusto no throno, para afastar a princeza D. Isabel, que o seu casamento com um estrangeiro, o Sr. Conde d'Eu, torna suspeita a muitos patriotas?

Sómente os acontecimentos poderão responder, mas desde já convem esclarecer um ponto.

Disseram que a abolição dos escravos poderia ter representado um papel no que se passa no Brazil, e isso não é exacto.

Ninguém pensa em restabelecer a escravidão, mas os antigos proprietarios de escravos sem duvida engrossaram o numero dos descontentes e, como o dinheiro faltava aos *bachareis*, pôde dizer-se sem exaggeração que foram os proprietarios de escravos que forneceram os meios de fazer a revolução. (*)

Le Figaro

Artigo publicado no seu numero de 19 de novembro:

« Começa-se a ver um pouco mais claras as cousas da revolução. Ella não era certamente dirigida contra o imperador D. Pedro, que os proprios republicanos respeitavam e que fôra recebido, de regresso da Europa, com inequivocas provas de sympathia; o povo brasileiro reconhecia as suas qualidades moraes, achando-o honesto e desinteressado. Os republicanos reconheciam as suas qualidades de estadista, mas diziam e escreviam que a revolução arrebentaria apenas D. Pedro fechasse os olhos.

« Espera-se sómente que esteja enterrado, para que a monarchia seja derrubada. »

Era isso o que todos diziam no Brazil e é neste ponto que começam as difficuldades para o desgraçado jornalista que quer dizer a verdade e que não quer ferir susceptibilidades.

O que é verdade é que a princeza imperial do Brazil não era popular.

(*) Como se escreve a historia! Os jornaes francezes estão cheios de *blagues* iguaes a estas.

Reconheciam-lhe grandes qualidades intellectuaes, virtudes privadas, mas accusavam-na de piedade excessiva, exagerada.

Diziam, por exemplo, que fôra vista de pés descalços lavando o lagedo da igreja de Petropolis, e, verdade ou não, o boato era justificado pelas opiniões da princeza imperial. A sua impopularidade reflectia sobre o Conde d'Eu, que entretanto foi recebido com alegria, quasi com enthusiasmo, quando chegou ao Brazil.

Mas pouco a pouco começou-se a dizer que elle especulava e que fazia remessas de dinheiro para a Europa, e algum tempo mais tarde o nome do Conde d'Eu apparecia em tudo que se passava no Rio de Janeiro.

Os homens honestos de todos os partidos não ligavam importancia aos boatos, mas as calumnias eram repetidas e abriam caminho.

Quando o imperador D. Pedro partiu para a Europa, os partidarios do imperio viram, não sem receios, a princeza imperial tomar a serio o seu papel de regente e querer governar.

Começou por autorizar a volta de certas ordens religiosas, que D. Pedro exilara, o que autorizava os republicanos a dizer que o poder ia passar às mãos dos jesuitas, que iam restabelecer o dizimo, e outros argumentos do mesmo genero, que tambem conhecemos.

E tendo assim insuflado os republicanos, a princeza exasperou os proprietarios de escravos supprimindo de um golpe e sem indemnização a escravidão.

Da noite para o dia 700.000 escravos foram libertados e desses muito poucos consentiram em trabalhar.»

.....

O intransigente

Henrique Rochefort nesse jornal publicou o seguinte artigo:

« Como toda a gente em França, eu suppunha o imperador do Brazil muito popular no seu paiz: quando, ha cerca de seis mezes, recebi a visita de um joven jornalista brasileiro, e em meia hora de conversação desapareceram todas as minhas illusões.

« D. Pedro, me disse elle, é tão pouco querido entre nós, que dous terços do paiz aspiram ardentemente a republica. O jornal mais lido no imperio é um jornal republicano socialista em que escrevo; é mais que provavel que a revolução, incubada desde muito tempo, rebente antes do fim do anno. »

Acrecentou que o que mais o admirou chegando á França foi precisamente observar a reputação de liberalismo que attribuiam a seu soberano. Explicou-me que D. Pedro era ao mesmo tempo clerical e despota; que a constituição existia apenas em nome, que o imperador era tudo e que não consentia opposições.

Essas revelações, que me surprehenderam como a todos os meus collegas, provam que os reis, tanto ou mais que os outros homens, teem sempre dous rostos: um para os subditos e outro para os estrangeiros e é este o mais sorridente, pois que o primeiro é muito severo.

Por outro lado a vizinhança de republicas prosperas, como a Republica Argentina, cujo desenvolvimento toma proporções assombrosas, e do Chile, naturalmente fez brotar dos cerebros brasileiros velleidades de liberdade que deviam explodir de um dia para outro.

Esse dia chegou, e é provavel que desta vez a republica se estabeleça definitivamente no maior territorio da America do Sul.

A revolução é apenas prejudicial para a familia de Orléans, que contava, depois da morte ou abdição de D. Pedro, ver o filho do Duque de Nemours, genro do imperador, subir ao throno.

Os representantes do ramo mais moço não teem boa estrella. Quanto ao imperador, essa abdição forçada lhe permittirá satisfazer melhor, sem preoccupações, o seu gosto immoderado de viagens.

Este monarcha-Benoiton não estava na sua côrte quando a revolução triumphou.

Saber de uma deposição pelo telegrapho] é um facto proprio do fim deste seculo.

Os brasileiros, depois de muitas tentativas infructuosas, entram finalmente na grande familia republicana, na America, que desde muito tempo lhes estendia os braços.

Não sabemos ainda, e elles mesmos talvez o ignorem ainda, sob que governo se modelarão.

Por sua honra, por sua segurança e pelo seu futuro, estimaremos que não seja pelo nosso.

••

Quando os raccionarios operam um golpe de estado começam por fuzilar um certo numero de cidadãos, deportar algumas centenas, supprimir os jornaes e prender os jornalistas. O 16 de maio, que aspirava acabar em 2 de dezembro, tinha já preparados 2.500 processos de imprensa, quando Mac-Mahon, amedrontado com as eleições de outubro, acabou não sómente por submeter-se como por demittir-se.

A revolução republicana no Rio de Janeiro foi feita sob os olhos das testas coroadas, sem effusão de sangue e sem outra proscricção além da do soberano, a quem a nova republica não podia evidentemente continuar a offerecer hospedagem nos palacios nacionaes.

Lá nesse paiz, que os nossos diplomatas e os nossos estadistas qualificam com boa vontade de selvagem, nem um odio explodiu, nem uma vingança appareceu.

A embriaguez de uma victoria ha tanto tempo esperada não armou o braço nem transtornou o cerebro.

E' verdadeiramente admiravel!

Mas, bem que a transmissão de poderes se tenha effectuado sem derramamento de sangue no Novo Mundo, é de receiar que os politicos do Velho Mundo cuidem proximamente nos meios de confiscar esta republica, que será certamente menos orleanista que a nossa, pois que foi por causa do Conde d'Eu, isto é, um Orléans, que a insurreição rebentou.

Bismark agita-se, achando que a conquista do Brazil é superior á do Tonkin.

Quanto ao governo hespanhol, começa a receiar que o *pronunciamento* do Brazil atravesse o oceano e em virtude da theoria das correntes penetre em Madrid.

Si Paris si tivesse tornado menos provincia e si não se occupasse exclusivamente da reentrada do actor Coquelin na comedia franceza, comprehenderia que a nação hespanhola está actualmente em situação politica muito semelhante áquella em se achava a nação brasileira.

As tentativas de insurreições militares recentemente reprimidas, a condemnação capital pronunciada contra o general Villacampo e que a pressão militar forçou a regente a commutar em deportação, parecem absolutamente talhadas pelo padrão do movimento brasileiro, que precedeu a revolução de hontem e contra a qual o imperador D. Pedro não ousou proceder com rigor.

Portugal, igualmente trabalhado pelo partido republicano, que se desenvolve todos os dias, experimentará, por effeito de uma especie de ipnotismo e desse magnetismo insurreccional que circula entre os povos, o abalo da grande e bella revolução brasileira.

Seriam movimentos esses que, melhor que todas as notas diplomaticas, fundariam a alliança das raças latinas e reuniriam a França, Portugal e Hespanha em barreira que a Allemanha seria impotente para romper.

Era o meio de defesa com que mais contavamos, si o corpo eleitoral não fosse estrangulado por Constans e não houvesse preferido o partido allemão representado por Spuler, Rouvier e Reinach contra o partido francez, representado pelo general Boulanger.

Que amanhã a revolução republicana triumphe em Madrid, como triumphou no Rio, e verá o Sr. Carnot tirar o cosmetico de sua bella barba e declarar que, si a França tem o direito de ser republica, é porque não continúa a ser monarchia; mas que, si a Hespanha manifestar a pretensão de fundar uma republica séria, com a liberdade, a justiça e a dignidade que exige essa forma de governo, elle se opporia com todas as forças, ainda mesmo que tivesse de installar no throno D. Carlos, que até hoje inutilmente tem tentado escalar. »

L'événement

Do seu numero de 24 de novembro transcrevemos o seguinte artigo.

O redactor do jornal parisiense procurou o Sr. Alexandre Wagner, negociante durante muitos annos no Rio de Janeiro e actualmente em Paris, e delle ouviu as seguintes noticias:

« A novidade da revolução no Rio surpreendeu a toda gente, e aquelles que dizem que desle muito tempo previam os acontecimentos que se passaram, illudem-se a si mesmos.

Nenhum dos telegrammas que recebo diariamente do Rio deixavam transpirar a mais pequena previsão de semelhante golpe de estado: evidentemente os republicanos brasileiros que habitam Paris dizem que previam o que acaba de acontecer, mas é como si os francezes boulangistas (si os ha) do Rio de Janeiro dissessem que haviam previsto a sua victoria si o general francez conseguisse derrubar o actual governo.

Prevê-se sempre aquillo que desejamos, e é esse o caso dos republicanos brasileiros.

Quanto a mim, que não sou monarchista nem republicano, sob o ponto de vista brasileiro, pois que sou hungaro, confesso que não previa o que succedeu.

Estamos em presença de um facto consummado e nada vale discutir.

O que é importante é calcular as consequencias de semelhante acontecimento. Para mim encaro o futuro com inteira confiança e nada vejo que possa amedrontar.

A ordem reina no Rio, e as provincias estão nadando em alegria; ha calma e tranquillidade por toda a parte. Os negocios caminham, annunciando o telegramma que acabo de receber o cambio a 27 1/2 acima do par; ora é prova evidente da calma dos espiritos a confiança dos homens de negocio, porque o cambio é barometro absolutamente seguro nestas situações e para que elle seja vantajoso para um paiz é preciso que a situação interna desse paiz, principalmente na America, não esteja sujeita a precauções.

.....
O manifesto do presidente provisório é documento de alta sabedoria e permitta-me que affirme que todos os membros do governo provisório actual são da maior honestidade e da mais completa respeitabilidade. O presidente, marechal Fonseca, é um soldado energico, homem integro e absolutamente incorruptivel.

O ministro da fazenda é um homem de grande merecimento e de muito talento; conheço menos particularmente os outros ministros, mas devo dizer que o novo ministro das relações ex-

teriores é meu amigo intimo, não direi meu amigo de infancia, porque cheguei ao Rio com 19 annos, mas meu amigo de mocidade. E' bom character, muito liberal, muito franco, amigo do progresso, nunca nas suas successivas polemicas contra o imperio offendeu seus adversarios; combateu pelas idéas republicanas como cavalheiro de luva de pellica; é conservador infatigavel animado das melhores intenções, colloca sempre o interesse publico acima das considerações do partido ou de opinião.

Livre cambista em materia economica, decididô sobretudo a impellir resolutamente a sua patria pelo caminho do progresso e a auxiliar com todas as forças o desenvolvimento das riquezas inculcaveis do immenso territorio brasileiro.

Si o golpe de estado foi tão habilmente effectuado e sem effusão de sangue, sem violencia, mudando o governo, fazendo de um dia para outro de um imperio quasi centenario uma republica respeitavel e respeitada, é isso devido a Quintino Bocayuva.

A revolução brasileira é admiravel sob o ponto de vista da calma com que foi feita, faz honra ao povo brasileiro e prova muito em favor do seu sangue frio e madureza politica, si assim posso fallar.

Não acredite em desmembramento do imperio do Brazil: as provincias desse graude paiz ficarão unidas e o regimen republicano federativo está talhado para satisfazer os seus desejos de autonomia; talvez os presidentes-governadores das provincias sejam eleitos pelos seus administrados, em vez de serem nomeados pelo poder central, mas será a unica mudança a fazer, em minha opinião.

O interesse nos Estados Unidos do Brazil, cercados de republicas de origem hespanhola, é de continuar, pela união, a ser um grande paiz de origem portugueza, que será sempre o grande Estado do Brazil, ao passo que, divididos, formariam pequenos paizes fracos, sem consideração.

Accrescenta-se que o Brazil, formado pela confederação dos Estados Unidos do Brazil, terá que manter ministros, embaixadores, consules que os representem a todos, ao passo que, separados, cada provincia teria de concorrer para despesas.

Isso seria um onus bastante pesado para o orçamento de algumas.

Terminando estas apreciações, devo render homenagem a D. Pedro; o respeito que elle soube inspirar, como soberano poderoso, tornou-se maior, agora que é monarcha desthronado.

Homem sabio, amante da sciencia, caridoso, gastando sem preoccupar-se com a despeza, D. Pedro era estimado e respeitado; entretante nunca soube inspirar a seu povo um amor ardente; faltava-lhe, para isso, possuir enthusiasmo, mas sua personalidade e a de sua familia estão acima de toda calunnia.

O Conde d'Eu e a princeza imperial, que são dignos de respeito, viviam economicamente.

A' sua chegada a Paris, todos os brasileiros bem collocados

irão naturalmente saudal-os ; eu irei, com mais empenho do que outr'ora.

Permitti-me uma ultima observação:— a nova republica deu a D. Pedro doze milhões de francos ; julgo que é uma compensação, não da corôa (D. Pedro jámais consentiria em vendel-a), mas dos palacios e propriedades que D. Pedro possuia no Brazil e que lhe foram deixados por seu pae.

Ainda podeis ver nisso a mão do meu amigo Quintino Bocayuva: —ajudou a derrubar do throno seu velho soberano, que não realizava as reformas que sonhava o partido republicano, mas considera sempre D. Pedro como o homem que presidiu durante 50 annos os destinos do paiz.

Quiz que, chegando à Europa, D. Pedro possa dignamente representar aos olhos dos povos europeus a grande nação brasileira, da qual cessou de ser o primeiro cidadão.

Assim procedendo, Quintino Bocayuva interpretou os sentimentos de todo o paiz: todos os brasileiros applaudirão pensamento tão nobre, digno ao mesmo tempo do homem que o teve, e daquelle que soube inspiral-o. »

• •

O *Liberal* de Madrid, em data de 21, publica o seguinte despacho de Paris:

« Os telegrammas de Berlin affirmam que o Sr. de Bismark propõe-se intervir nos acontecimentos do Brazil, pretendendo restaurar o imperio.

A *Post*, órgão de Bismark, desmente em termos ambiguos a intervenção da Allemanha no Brazil.

Accrescenta o periodico allemão, que a intervenção sômente é provavel, dado o caso de que os acontecimentos realizados hajam sido obra de varios conspiradores e não um movimento nacional.

Nesse caso, bem que fosse uma conspiração coroada de exito, mas sem corresponder ao sentimento de toda a nação, a Allemanha — diz a *Post* — auxiliaria de um modo serio e efficaz a restauração do imperio.»

De modo que o periodico officioso confessa o pensamento de intervenção de Bismark, porque os movimentos nacionaes são sempre, ou na maior parte das vezes, rebelliões militares, e o factô do exercito tomar a iniciativa não significa que a nação tolerasse com prazer o imperio.

Pormenores interessantes

Em seguida publicamos a quarta missiva que, como hontem dissemos, nos foi remettida do Rio a respeito da revolução que nos dias 15 de novembro e seguintes transformou a situação politica do nosso paiz.

Havendo em varias partes desta carta a reproducção de alguns episodios já circumstanciadamente referidos em outras anteriores, por nós publicadas, não daremos, no intuito de evitar repetições, sinão os trechos que contiverem novidades ou, pelo menos, o desenvolvimento de noticias já conhecidas por alto.

Pelas promessas que temos, esperamos que não será essa a ultima carta que sobre taes assumptos tenhamos de communica-los aos leitores do *Correio Paulistano*.

« Peço-lhe que me releve por começar declarando que não concordam inteiramente as informações que tenho com alguns pormenores que li numa das correspondencias insertas no *Correio Paulistano*. A nossa divergencia, felizmente em pontos secundarios, provém, talvez, quanto a algumas affirmações, da falta de maior explicação.

Assim a missiva publicada no *Correio* de domingo affirma que o marechal Deodoro, à frente das tropas, encaminhou-se para o logar do conflicto « que devia ser a praça da Acclamação, na parte fronteira ao quartel-general, onde se achava reunido em conferencia todo ministerio... »

O ministerio havia combinado que reunir-se-hia no arsenal de marinha, na manhã do dia 15.

O Sr. Visconde de Maracajú chamou, porém, seus collegas para o quartel-general, affirmando ser esse ponto mais estrategico para suffocar o movimento sedicioso.

Os outros ministros conformaram-se com esse parecer, e para lá se dirigiram, indo em primeiro logar os Srs. Visconde de Ouro Preto, Lourenço de Albuquerque, Candido de Oliveira e Diana, que, no proprio arsenal, disseram que — não tinha sido aquella a combinação.

O Sr. Barão do Ladario, porém, demorou-se ainda no arsenal, allegando ter necessidade de dar algumas ordens.

No quartel, depois que pôde verificar a realidade da posição do ministerio, o Visconde de Ouro Preto por vezes declarou: « *Fomos miseravelmente trahidos. Metteram-nos nesta ratoeira, sem deicarem fôra um só de nós para organizar a resistencia.* »

O proprio Barão do Ladario tem dito a alguns amigos, que o visitam, as seguintes phrases, bem expressivas: « *Fomos attrahidos ao quartel. Olhem bem que eu digo — attrahidos.*... »

O governo tinha combinado fazer ponto de resistencia e concentração de forças no arsenal de marinha.

O corpo policial de Nictheroy foi intimado na rua Direita, quando seguia para o arsenal de marinha, em cumprimento das instruções que trazia.

Posso afirmar esses factos, porque fui delles testemunha presencial.

A intimação foi feita pelo tenente-coronel Fonseca e Silva, acompanhado pelo alferes do 22º de infantaria, João Alfredo.

O coronel Honorio Lima, commandante daquelle corpo, recebeu a intimação para reunir-se à retaguarda das forças do exercito, que já estavam em marcha para o arsenal de marinha.

Obedecendo à intimação, o coronel Honorio Lima retrocedeu para o largo do Paço, onde conservou-se por alguns minutos com a força de policia, sendo em seguida deposto do commando pelo tenente-coronel Fonseca e Silva.

Pouco depois chegaram à rua Direita as forças do exercito e armada, que estavam no Campo da Acclamação, e o corpo de policia de Nictheroy veio postar-se na retaguarda.

.....
 Outro ponto em que estou divergente da versão referida pelo autor da carta publicada no *Correio*, é este:

Não foi o ex-presidente do conselho quem mandou abrir o portão do quartel. Quem o fez foi o tenente Galvão, e fel-o por conta propria, e propositalmente, para que o marechal Deodoro se apresentasse deante das forças que se achavam no pateo do quartel.

Logo que Deodoro appareceu, o 7º rompeu em vivas, sendo acompanhado pelos outros batalhões, bem como pela força de imperiaes marinheiros, que tinha á sua disposição uma metralhadora.

O corpo de bombeiros conservou-se impassivel, neutro, ante aquella manifestação.

O marechal ordenou então ás forças que seguissem para o Campo da Acclamação, no que foi immediatamente obedecido, menós pelo corpo de bombeiros, que conservou-se no pateo do quartel.

O tenente Penha não deu golpe de espada no Barão do Ladario. Confirmo nesse ponto minha ultima carta, bem minuciosa a respeito desse lamentavel episodio.

Uma circumstancia do mais alto interesse e que ainda nenhum jornal referiu, é a seguinte :

Ao penetrar, a cavallo, no pateo do quartel, o marechal Deodoro, descobrindo-se e agitando o *bonet* — deu vivas a S. M. o Imperador, á familia imperial e ao exercito !

A republica foi proclamada pela officialidade republicana, dirigida pelo tenente-coronel Benjamin Constant, e os officiaes Penha, Solon, Jayme Benevolo, Bevilacqua e outros, e tambem pelos chefes republicanos alli presentes a cavallo, e por algumas pessoas do povo que correspondiam ás acclamações.

Desde muito tempo procuravam os directores da politica republicana attrahir á sua causa politica o marechal Deodoro, como a

mais prestigiosa influencia no exercito, e o concurso decisivo para a inauguração pacifica da republica.

Apezar de descontente, por entender que a constante preocupação do governo era o enfraquecimento do exercito, o marechal sempre resistiu a taes solicitações e insistencias.

Firmemente resolvidos a nada emprenderem sem que houvessem antes conquistado aquella decisiva adhesão, reuniram-se na noite de 10 do corrente, em casa do marechal Deodoro, á praça da Acclamação n. 90, e sob a presidencia delle, os Srs. tenente-coronel Benjamin Constant, Solon, Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, Glicerio e Ruy Barbosa.

Tomando a palavra o tenente-coronel Benjamin Constant, expoz com eloquencia ao marechal Deodoro a situação politica do paiz e as vistas do gabinete Ouro Preto; ponderou, porém, que o exercito não podia tornar-se sedicioso, intervindo nas substituições ministeriaes; poderia, sim, promover uma revolução para libertar o povo soberano de um governo oppressor, deixando, porém, áquelle a liberdade de constituir o paiz, etc.

Finda a habil exposição, ouvida em religioso silencio, declarou o marechal: «*Contem commigo!*»

Desde esse momento ficou exclusivamente Benjamin Constant incumbido da direcção do movimento revolucionario, e revelou no desempenho dessa perigosa missão extraordinaria pericia, discrição, que quasi tocava ao mysterio, e prodigiosa providencia.

A parte politica, propriamente de organização, foi encarregada a Quintino, que desde o dia 11 organizou a lista do futuro ministerio e entregou-a ao marechal Deodoro. Essa lista não soffreu modificação alguma, a não ser o preenchimento da pasta da marinha, que era destinada ao mesmo chefe de divisão Wandenkolk, mas cuja acquiescencia aguardava-se ainda. Com effeito, só no dia 14, tendo sido victima de mais uma injustiça do ministro da marinha, seu inimigo, e tendo sciencia de estarem preparados os elementos para a revolução, resolveu aquelle chefe de divisão adherir ao movimento.

A revolução deveria irromper no dia 16. Como, porém, desde o dia 14 houvesse o governo ordenado o embarque do 7º batalhão, e os conjurados comprehendessem que com a perda desse poderoso auxiliaer ficariam consideravelmente enfraquecidos e, talvez, abortassem todos os planos, trataram de antecipar de um dia os acontecimentos e resolveram que se realizariam no dia 15.

No dia 14 á noite circulou, embora reservadamente, que fôra expedida ordem de prisão contra o marechal Deodoro, varios officiaes militares e alguns paisanos.

Avisados em tempo, cada um dos ameaçados foi procurar asylo seguro, pernoitando fôra de sua casa. Quintino Bocayuva procurou o quartel de S. Christovão; o conselheiro Ruy Barbosa a casa do Dr. Jacobina, á rua dos Invalidos; o marechal Deodoro a casa de uma sua irmã, em S. Christovão; Francisco Glicerio recolheu-se ao hotel Freitas.

.....

O Visconde de Ouro Preto, ou pelo estado de perturbação em que se achava, ou pelo rumor e confusão que havia, ignorava, até que penetrou no quartel, à tarde, detido pela segunda vez, o facto da proclamação da Republica. Naquella occasião, com effeito, dirigindo-se o ex-presidente do conselho a um official que lhe fazia companhia, perguntou-lhe : « Mas, então, o que pretendem os senhores. ? ! Imaginam que haverá alguém que accete a incumbencia de organizar gabinete nesse estado de cousas ? »

Como lhe fosse respondido que o governo estava já organizado e proclamada a Republica, manifestou então grande surpresa e espanto, em seguida muita excitação nervosa, cahindo depois em completa prostração, a tal ponto que, alarmados, os officiaes que faziam-lhe companhia mandaram chamar pessoas de sua familia para prestarem-lhe a assistencia que seu estado de saude pudesse reclamar.

Logo que foi aclamada a Republica pelo exercito, pela armada e pessoas do povo, reclamou Benjamin Constant que fosse aquelle facto legitimado pela camara municipal e pelo povo em mais solemne manifestação.

Então, identificado nas mesmas vistas, Francisco Glicerio foi ter com José do Patrocinio, que estava no escriptorio da redacção da *Cidade do Rio*, e fez-lhe ver o que se reclamava de sua iniciativa.

Patrocinio com prodigiosa actividade deu todas as providencias necessarias, e pouco depois, das janellas da camara municipal, era proclamada a Republica, correspondendo grande massa popular ás aclamações e prorompendo em entusiasticos vivas á nova fórma de governo, ao exercito e á armada, á nação, ao marechal Deodoro e a varios chefes republicanos.

Referirei agora alguns pormenores a respeito do Imperador.

S. Magestade recebeu a bordo do cruzador *Parnahyba*, das mãos do capitão-tenente Serrano, os jornaes do dia 17. Dirigindo-se áquelle official, disse-lhe o Imperador que havia muito tempo que não lia jornaes, em consequencia de sua enfermidade ; que apenas lia um ou outro facto do *Jornal do Commercio*, mesmo assim marcavam-lhe o facto a lapis. Accrescentou que desejava, mesmo, ser reformado ; que todos tinham direito á reforma ; que o reformavam forçadamente ; que era alheio aos acontecimentos que motivaram o desgosto no exercito, que nunca havia feito mal a ninguem e que procurou sempre o bem-estar e o progresso do Brazil, etc.

O capitão-tenente Serrano disse a S. Magestade que entre aquellas folhas não estavam o *Jornal do Commercio* e o *Diario Official*, porque o marinheiro encarregado das compras não os havia encontrado.

Respondou o Imperador : « não faz mal, lerei os que tenho, para me entreter. »

A Imperatriz chorou por vezes.
O Conde d'Eu encerrou-se no beliche a escrever cartas e entra ellas o officio que já li em telegramma publicado no *Correio*.

O principe D. Pedro, sempre agitado, nervoso, perguntava a todos — si a sua vida estava garantida.

A princeza ora passeiava no tombadilho, ora sentava-se ao lado do Imperador e da Imperatriz, para conversar.

Ao sahir da barra, o principe D. Pedro sentiu-se tomado de enjôo e recolheu-se ao beliche. Ahi pediu ao medico Dr. Affonso Henrique — que lhe garantisse a vida.

O capitão-tenente Serrano já era conhecido de Suas Magestades e a Imperatriz por vezes lembrou-lhe a viagem que fez ao Paraná em vapor por elle commandado.

O Conde de Motta Maia foi desacompanhado de sua bagagem, que não chegou a tempo de embarque.

Foi em sua companhia um filho, ficando em terra a familia, por ter perdido a hora de embarque. Ella segue no dia 27 para a Europa.

De bordo do *Parnahyba* passou a comitiva para o *Alagôas* ás 8 $\frac{1}{4}$ da noite de 17, nas immediações da Ilha Grande.

O *Parnahyba* acompanhou o *Alagôas* até á Raza.

Desse ponto em deante seguiu o *Alagôas* comboiado pelo *Riachuelo*, á meia-noite de 17 para 18.

(*Correio Paulistano* de 27 de novembro de 1839.)

A reacção

Os inimigos reagem.

Chegado o momento de perigo, quando a agonia avizinhava-se, faltavam-lhes todas as forças, elles forjam energia com balofos expedientes, pretendem decepar do corpo nacional a cabeça republicana.

Já não ha monarchistas, ha moribundos; não ha marinheiros, ha naufragos.

Nós é que não estamos dispostos a soffrer eternamente, eternamente sem tomar as armas, por amor do nosso povo, que se constitue e fortifica e que não queremos atirar na revolução.

Mas, que reflecta sua magestade, que reflectam seus ministros: o Partido Republicano Brazileiro, que até aqui tem querido revolucionar pacificamente a consciencia nacional, terá bastante ousadia para morrer abraçado á sua bandeira, quando a oppresão quizer atal-o ao poste do escarneo.

Que pensam de nós os senhores que estão no poder?

O conselho de estado, segundo diz-se, priva-nos de reunir-mo-nos, priva-nos de agir por nós mesmos, de levar a nossa propaganda ao seio do povo.

Cobardes!

São os donos do Thesouro e das leis; compram os miseraveis bandidos e prohibem nossa pacifica propaganda!

De outra parte o *Diario Official* em edital, publicado hoje, prohibe os gritos de « viva a republica » e colloca o « crime » no art. 90 do codigo criminal.

Vós, tendes o codigo criminal, por vós feito e para vosso uso.

Usa-o em bem vosso, privai-nos de fallar, privai-nos de nosso eterno direito.

Mas, não nos privareis de agir, si não tiverdes força para nos matar a todos.

Mas, nós sabemos, não nos pensem ignorantes.

O facto vergonhoso que o governo encommendou, o delicto commettido contra sua magestade, que nós tanto condemnamos, foi um futil pretexto para que se nos queira entrar o caminho, para estas medidas de puro irracionalismo politico.

Reflecta o imperador...

(*Republica Brasileira* de 17 de julho de 1889.)

Os sicarios

As festas de ante-hontem assumiram o character commemo-rativo que lhes pretendiamos dar, muito embora a sanha dos sicarios e a irreflexão donjuanescamente monarchica do governo tenham ensanguentado para sempre o 14 de julho de 1889.

Desde pela manhã notava-se grande animação nas massas populares, que percorriam a cidade e que, em breve, se juntaram ao vistoso prestito civico organizado pelos clubs republicanos, academicos e seus congeneres, « Tiradentes » e « Lopes Trovão ».

As ruas principaes por onde passou a marcha commemorativa, estavam ornadas garbosamente, sobresahindo nos pavilhões e nos enfeites de flores e de giorno as tres côres da França Republicana.

Havia por toda a parte um grande ar de satisfação e a fraterna alegria de dous povos que se abraçam, unidos por um mesmo ideal.

A sessão magna, realizada pelo Centro Lopes Trovão, no salão principal do Congresso Brasileiro e presidida pelo nosso digníssimo chefe Quintino Bocayuva, foi uma boa festa, entusiástica, íntima, em que oradores e ouvintes compenetraram-se da grande verdade de que uma saudação à França de 1789 é um desabafo dos nossos sentimentos justos e honrosos revolucionários...

A palavra do chefe e a palavra dos discípulos foi vibrante, e agiu poderosamente.

A' noite toda a cidade apresentava um aspecto esperançoso de belleza e de bulício...

A rua do Ouvidor, circulada de lado a lado, illuminada por mil luzes, as redacções também vistosamente illuminadas, umas ostentando festões floridos, outras retratos e allegorias!— eram encantadoramente agradáveis e pareciam fadadas a uma apothose popular.

Assim não foi...

Era de notar que desde pela manhã, a cidade estava enfortalçada por mil soldados, ordenanças das pessoas do governo...

Barretinas, por toda a parte barretinas...

De outra parte, a turbamulta da inconsciencia e da baixaze servil que ahí vive sob a denominação de « guarda negra » formava pelotões diversos, á espera...

Dahi os acontecimentos que os leitores terão lido nas folhas de hontem, dahi os ferimentos e os disturbios...

Os interessados que leiam a nossa « declaração », de ante-hontem.

(*Republica Brasileira de 16 de julho de 1839.*)

Viagem ao Norte

Quando o suffragio universal— esta arma dos tyrannos — elegeo ao primeiro posto da republica de 1848, na França, o príncipe orleanico, esse mesmo despota, o execrando homunculo de *dois de Dezembro* pretendeu assacar homenagens da população acanhalhada e doída, e viajou a França, ouvindo o grito: *Viva Napoleão! Viva o presidente!*

O despota ouvia o grito da malandrice popular, dos garotos da praça, tomando-os pela unanime aclamação da França, da França expoliada com a sua presidencia.

Vae tambem o Sr. Conde d'Eu, parente do outro, pelo norte afóra, levando na bagagem a boa vontade de ouvir aclamações de jubilo...

Perfeitamente iguaes estes Orléans !

Viva o principe !

Vaidade tola dos tyrannos !

Aquelle povo do norte, do bravo norte, de sangue ousado e de tradições vermelhas, o povo que ouviu a voz das tempestades revolucionarias, que enrubeceu-se no sangue de Nunes Machado, que gemeu com Pedro Ivo nas grades da prisão, o glorioso povo filho do sol ardente e das ardentes façanhas dos antepassados, não será tapete que se calque as ambições do caricato representante do orleanismo napoleonico...

Miseravel julgariamos este paiz si não vissemos naquelles nossos gloriosos compatriotas a valente energia para sepultarem-se com a dignidade desta terra, no dia em que a liberdade for conspurcada pela ascensão agoniosa do 3º reinado...

Miseravel julgariamos a nossa propria idéa si ella não tivesse bastante patriotismo para, ou viver com a republica ou morrer com a monarchia !

Acaso teme a morte o sadio povo a quem o Sr. Conde de Orléans foi propôr a mortalha de seu dominio ?

Acaso quer sepultura o povo que maior numero de liberdades tem conquistado para a vida deste paiz ?

Certamente, o sudario que o Sr. Conde d'Eu levou suspenso á sua espada tradicional não quadra bem aos homens do norte, esquentados do sangue que estua vivo na dignidade e na energia daquelles nossos irmãos infelizes em todas as luctas, daquelles nossos companheiros de dores, sob o latego do imperio.

Os flancos do norte ainda sangram da oppressão, e a esponja do fel ainda estará molhada, enquanto os recursos do imperio não chegarem até aos miseraveis indios que são caçados no Pará como bestas-feras, enquanto não chegar auxilio aos famintos, que são suas victimas no meio dos cerrados bosques ; onde cada arvore é uma sentinella de morte ; enquanto o caipira, o sertanejo, o homem filho da selva for o desprezado, o onerado, aquelle de quem pouco se cuida ; enquanto morrer-se no Ceará e na Bahia, desde o meio das cidades até ao fundo dos sertões.

E' bem ridicula, é um escarneo, é um sarcasmo doloroso a viagem do Sr. conde ao norte, que a monarchia desprezou ás oppressões, ás agonias, á lucta pela vida, á prematura morte...

O que espera o Sr. conde deste pedaço do paiz, que viveu por si, por sua muita força, por sua abnegação, por sua ousadia ? Nós não responderemos.

O norte fallará.

(Republica Brasileira, de 22 de junho de 1889)

Diamantina

Recebemos o seguinte telegramma, que com toda satisfação publicamos, agradecendo a honrosa preferencia.

« A' redacção da *Republica Brasileira* :

Hontem, perante um numeroso e brilhante concurso, celebrou o Dr. Correia Rebello uma conferencia republicana. O theatro estava cheio, distinguindo-se entre os concurrentes distinctas familias desta cidade.

A historia da monarchia e os factos revelados pelo orador causaram profunda emoção. A conferencia terminou entre applausos ao orador e vivas á Republica Federativa Brasileira.

Novas adhesões vieram fortalecer o partido republicano. Foi tambem acclamada a adhesão do partido á chefia do cidadão Quintino Bocayuva.— O presidente do Club Republicano, *Kubstsched.* »

Adhesão

« Illm. Sr. redactor da *Republica Brasileira*.

Sendo o jornal de V. S. o unico orgão verdadeiramente republicano dessa côrte, dirijo-me a elle para que faça publico que de hoje em diante pertenço ás nobres fileiras republicanas, declarando o mesmo aos meus antigos amigos politicos ; podendo o nosso partido e V. S. contar com todo o nosso apoio em prol da causa a que adherimos que é a da proclamação da Republica em nossa infeliz patria.

Cantagallo, 18 de junho de 1889.— *Felisberto Vieira de Carvalho.* »

Horas no parlamento

Tem sido uma verdadeira patuseada a reunião dos illustres conservadores e liberaes, e si fossemos caustico como o Sr. Ferreira Vianna, haviamos de pensar que uns estavam gordos e outros magros e por isso faziam tanto barulho sem o menor re-

sultado. Mas não, o Sr. conselheiro é quem só tem direito a essas malevolencias, e nós sómente, como seu admirador sincero, procuramos constatar as suas palavras, que são de ouro, e ouro fino.

Depois de alguns dias de entradas e saídas, fez-se a eleição da mesa, com uma pequena maioria para a gente do governo.

A nota da camara foi a indicação do Sr. Affonso Celso Junior para ser nomeada uma comissão de inquerito para estudar e emittir parecer sobre todos os contractos celebrados pelos Srs. Loyos, depois da ascensão do actual gabinete. Apesar de todos os esforços dos ministerialistas, para que o requerimento fosse rejeitado, e da balburdia que fizeram a respeito, foi o mesmo approved, nomeando-se a respectiva comissão, que ficou composta dos Srs. Andrade Figueira, Affonso Celso Junior, Duarte de Azevedo, Joaquim Nabuco e Mac-Dowell.

Outra nota que prova a *orientação* da camara foi a surpresa da rejeição de um requerimento do nosso illustre correligionario João Penido, afim de obter 20 minutos na sessão seguinte para apresentar um projecto de lei.

A feição da camara de um momento para outro pôde mudar, dando com o gabinete no reino das pantanas, apesar de dizerem que o Sr. João Alfredo não se julgará demittido e continuará a governar, por assim achar muito bom.

..

No senado as cousas não andam boas, mas os velhos chegam sempre a um accordo. Sobre um officio dirigido pelo Sr. Ferreira Vianna á mesa, parecia que vinha abaixo a velha casa do Conde d'Arcos. Depois de grande barulhada e entenderem que *aquelle papel não está certo, que representa o cumulo da originalidade*, que o senado o não podia receber, como disse o Sr. Affonso Celso, e muitas outras phrases vehementes, tudo serenou-se com uma simples explicação do Sr. presidente do conselho, em que affirmava as boas *intencões* do Sr. Ferreira Vianna!

Muito bem, que nesse andar o senado firma ainda mais o jus que tem a novos officios do Sr. Ferreira Vianna, que bem boas gargalhadas ha de ter dado da attitude mourisca do Sr. Ignacio Martins e do resultado da grande questão.

Para demonstrar como é governado este nosso pobre paiz, saibam todos que o Sr. presidente do conselho declarou no senado que os contractos sobre immigração celebrados pelo ministro da agricultura, o Sr. Antonio Prado, no valor de 50.000:000\$, não foram nunca submettidos ao conselho de ministros, e *que só agora é que elle os conhecia!*

Como se governa este paiz, e como se dizem essas cousas assim tão frescamente.

Quanto pior, melhor.

Os idolos

Parece a alguns que as crenças fetichistas, por uma especie de atavismo social, ainda são do dominio da alma popular, e que a consciencia de uma nação, como a nossa, ainda respeita, em entidades mais ou menos espectaculosas, os idolos antigos dos povos barbaros.

Os ultimos telegrammas, chegados do Recife, despertaram-nos, a proposito do fallado Sr. José Marianno, considerações que não serão de todo descabidas no momento actual, quando a confiança parece retirada dos homens do poder para ser depositada em outros alheios á sua commandita!

Logo de principio, cumpre notar que os taes idolos não passam de medias intelligencias, sem energias proprias, sem iniciativa individual, movidas apenas pelo interesse particular ou pelo conjuncto de interesses do grupo que as apadrinha...

O Sr. José Marianno, por exemplo, que daqui de longe nos acostumámos a ver como uma potencia intellectual, não passa de um homemzinho de medianos intuitos e que, si algum dia foi movido por algum incitamento de gloria patriótica, é hoje o joguete das aclamações canalhas que lhe tributa a lama das ruas...

S. S. appareceu, como tantos outros, na effervescencia da lucta abolicionista, onde era facil gritar muito e livremente, com a segurança dos vivorios amigaveis e das «marches aux flambeaux!»

O abolicionismo teve justamente um dos muitos vicios neste ponto: deu occasião ao apparecimento de nullas personalidades, chamadas á tona pelo barulho e confusão das idéas.

Foi justamente assim que appareceu o Sr. José Marianno.

Só quem, por atilamento partidario, deixa-se vogar suavemente no engano, pôde crer que Pernambuco, no centro, no amago, no vibrar de suas tradições, no intimo de sua consciencia popular, vá todo nos rastos de uma entidade de 3ª ordem, sem tendencias definidas de acção, sem demonstração precisa do que quer e para onde vae

No Recife, como em S. Paulo, como em Porto-Alegre, como aqui, como em S. Salvador, ha a grande ralé popular, a lama do fundo da caldeira, que sempre ferve e que de um momento para outro, ou aos pés de um idolo supposto, ou aos pés de uma autoridade, vae de rastos, porque não tem consciencia, vae de braços, porque já perdeu o direito de ser recta e firme em sua vontade.

A grande canalha, amalgamada em um bolo, bestificada em sua entidade moral, arruinada pela educação e pelo deleixo, a gatinha, que é sempre a mesma em todas as manifestações — é quem aclama o Sr. José Marianno.

A especie de tal «povo» é bem conhecida.

E' bem igual á gente que, á entrada de Luiz XVI em Paris, atirava-lhe flores, e atirava-lhe lama á sua ida para o cadafalso; bem igual áquella parte do poviléo de Lisboa, que no dia 23 de julho acclamava D. Miguel e no dia 24 elevava brados a D. Maria II e a seu pae; bem igual á turbamulta que aqui mesmo acompanha as manifestações de todo genero e occupa-se especialmente nisto.

E' esta a casta faminta que chamam, por grossa hyperbole, « povo » e que acompanha o Sr. José Marianno no Recife, assim como os negociantes palermas vão atrás do palanfrorio do Sr. Gaspar, no Sul, e os ricaços confederados reúnem-se em volta do thesouro do Sr. Prado, em S. Paulo!

(Da Republica Brasileira, de 25 de julho de 1889.)

Minas Geraes

Aos mineiros

Prezados e independentes comprovincianos — A conspícua attitudo que, inspirados por generosos e nobilitantes sentimentos, haveis, com reconhecida abnegação, assumido, em presença do auspicioso movimento democratico que actualmente, para honra e felicidade nossa, agita a esphera do nosso mundo politico, dignifica-vos e dá-vos incontestavel direito á conquista de uma pagina honrosa na historia patria.

Os precedentes nunca desmentidos e as gloriosas tradições de nossa heroica provincia autorizavam a previsão de tão gallardo quanto patriotico proceder, que attestará aos vindouros a ininterrupta continuidade de nossa hombridade.

Tendes feito muito; mas tudo ainda não está feito.

Passastes, é certo, o Rubicon, mas dahi á Pharsalia, que vos espera, ainda ha não poucas milhas a percorrer.

Cumpre, pois, que não adormeçais á sombra dos louros colhidos nos tiroteios de vossa rota, posto que radiantes de gloria. Mais virentes vos estão destinados no dia 31 de agosto corrente, em que tem de ferir-se uma das batalhas campaes entre a realza, instituição anti-americana, e a democracia, vellocino das aspirações nacionaes e o unico palladio de nossos direitos e interesses economicos.

Cingireis então a coróa triumphal, si todas as vossas cohortes entrarem resolutamente em acção.

Para assim affirmardes vossa independencia, altivez e patriotismo, não vos faltam estímulos; porquanto, além dos de vossa propria dignidade e do interesse geral que inspira nossa justa causa, ahí estão as valentes excitações de nossas briosas comprovincianas, dignas emulas das heroínas montenegrinas que, quando a patria periga, correm pressurosas ás trincheiras, ao lado dos combatentes; e das não menos patriotas Theophila e Felicidade, que não se dedignaram de cingir a banda no empenho de eliminar de sua patria a dynastia bourbonica, que a aviltava, opprimia e empobrecia.

Sobranceiras a preconceitos herdados e a habitos inventerados, teem nossas altivas e pundonorosas patricias não só animado a formação de clubs republicanos e a elles se associado gentilmente, como em algumas localidades os organizado e presidido intelligentemente, mostrando-se assim mais habilitadas que alguns dos nossos concidadãos para gozar do direito do suffragio em comicios politicos. Innovação que as ennobrece e exalta o orgulho mineiro.

Além dessas energicas excitações, ainda tendes os eloquentes exemplos legados pelo apostolo de Minas e benemerito da religião e da humanidade, que sobre a terra teve o immorredouro nome de Antonio Ferreira Viçoso, prototypo e personificação da democracia pratica, de que foi um dos mais fulgidos exemplares.

Antes de concluir, devo-vos uma explicação. Exportando-vos a pôrdes vossas forças em acção a favor da democracia, não sou guiado por pensamento algum hostile á pessoa do actual chefe do Estado, a quem, pelo contrario, no terreno social devo immeritas attentões. Não me induz interesse pessoal, porque nem o peso de 76 annos, que já me opprime, nem meu estado morbido, permitem-me esperar quinhão nos despojos da realza.

Coopero para a victoria do principio innovador que invadiu o campo dynastico, porque vejo nelle o santelmo que annuncia-nos a bonança, o paradeiro a enormes despezas improductivas e o antiseptico á gangrena que successivamente ganha terreno na economia do corpo social.

JOAQUIM CAMILLO DE BRITO,

Parocho R. de Barbacena.

(Da *Republica Brasileira*, de 2 de agosto de 1839.)

Dr. Francisco Portella

Esse nosso distincto correligionario, proeminente membro da commissão permanente do partido republicano da provincia do Rio de Janeiro, dirigiu aos eleitores do 6º districto a valente circular que publicamos :

« Concidadão eleitor — Desde o seu principio o imperio tem sido o falseamento do governo da constituição, e pela força e pela corrupção dominando todas as ordens do Estado, o principe conseguiu concentrar em si todos os poderes, cuja divisão e harmonia eram o principio conservador dos direitos dos cidadãos.

Depois de um longo periodo de resistencia, sustentada até com as armas, firmou-se o seu poder com o exilio dos patriotas, e começou a estagnação da paz e um governo de fingimento e dissimulação, em que os ministros são postos por deante de todos os actos, para cobrirem a responsabilidade da corôa.

Esta paz dissolvente é considerada, entretanto, como o maior beneficio devido ao governo monarchico.

Mas, que paz !

Paz que não é tranquillidade dos cidadãos, a satisfação dos interesses sociaes, a manifestação da fé publica. Porquanto, depois de 68 annos de governo monarchico, a nação no exterior só tem credores e no interior vê-se onerada de dividas e exhausta pelo desbarato da fazenda publica e particular.

A industria nacional nascente está opprimida de impostos, a lavoura prostrada e abandonada á sua sorte e o commercio entregue ás incertezas da ventura e desarmado contra a fortuna.

Chamando a si a abolição da escravidão, o governo deixou expostos a todas as vicissitudes os novos cidadãos, como já havia deixado em abandono os ingenuos ; e, em vez de acudir á lavoura restaurando-lhe as fontes de produção por meio de credito e da organização do trabalho livre e do ensino profissional, empregou os dinheiros dos impostos, destinados para as despezas publicas, em soccorro dos bancos que haviam aniquilado os lavradores com a usura a mais atroz.

Que paz ! Paz em que tamanho é o desprezo da lei e da moral que não ha para o cidadão garantia de vida, nem segurança de propriedade, nem protecção á honra e á dignidade, que não podem mais subsistir quando a liberdade é affrontosamente regulada pela policia, como nesse famoso edital que teve por pretexto um regicidio imaginario para reprimir a propaganda republicana.

Pois bem ! Quando a nação, já não podendo supportar esta situação e descrendo do governo do imperador, que tem de tudo as glorias e de nada a responsabilidade, reconhece a necessidade de uma mudança radical, que institua um governo democratico e sujeito á responsabilidade real por seus actos, é dever de todo o

eleitor manifestar a sua vontade politica na eleição de 31 do corrente, respondendo á provocação do presidente do conselho de ministros quando, combatendo pela monarchia, dissolveu a camara temporaria.

Sabemos todos que ao talento, audacia e saber o presidente do conselho reúne uma qualidade que o torna mais temivel — a ambição; qualidade que bem patenteou, quando o imperador, tendo accedido a federação das provincias, o ministro lhe restituiu a unidade do poder, trahindo o seu partido para servir o principe.

E, pois, a eleição do dia 31 terá o mais alto valor politico e será o primeiro acto dessa resistencia legal que deve irromper do seio da representação nacional para estender-se victoriosamente por todo o Brazil.

Pugnando pela republica em nosso paiz ha mais de 25 annos, como sabeis, jámais a minha fé esmoreceu, e solicitando agora o vosso voto para deputado geral por este districto, não ambiciono um premio por minha dedicação, porém um lugar de combate na vanguarda da democracia brazileira.

Campos, 9 de agosto de 1889.— Verdadeiramente vosso,
Dr. *Francisco Portella.*»

(*Republica Brazileira* de 18 de agosto de 1889.)

A Nação

Veiu hontem a publico o primeiro numero do jornal *A Nação* de que são indigitados redactores os dous illustres parlamentares Ferreira Vianna e Andrade Figueira.

Jornal conservador, *A Nação* vem, pois, ser orgão da reacção de seu partido, ante a posição vergonhosa do actual governo, que veiu, segundo diz a propria *Nação*, para matar a Republica.

Parece-nos que a idéa fundamental dos novos collegas é a união firme e resoluta dos dous partidos constitucionaes ante o colosso da opinião nacional, que se levanta, voltado para o governo democratico.

Ah! outras fossem as condições do partido conservador, dividido e subdividido em grupos ronceiros e mais ou menos desorientados, outras fossem as condições dos liberaes fraccionados em pequenos acampamentos de guerrilhas, entre os quaes a lucta é cousa imminente!

O collega combate a federação monarchica e não vacilla em affirmar que entre a federação e a republica preferirá esta, uma vez que deixe a patria unida.

Mas a união da patria não é um phenomeno secundario, que venha depois de medidas mais ou menos arbitrarias da administração. Governo algum será capaz de fazer ou desfazer uma patria. Considerações ethnologicas, politico-sociaes e economicas, determinando o fraccionamento de um todo supposto, elle dar-se-ha fatalmente; porque só estes factores fundam-se no espirito nacional de cada povo.

O que os partidos monarchicos pretendem é uma absurda des-centralisação politica; o que nós queremos é a desorganização actual do corpo nacional brasileiro, que julgamos empiricamente « organizado ».

As cellulas poderão ser tres ou quatro de nossas provincias, que irão incorporando as demais.

A republica sem a descentralisação seria a republica autocrata ainda.

A republica com a federação é a republica democratica.

Suppomos que os dous patriotas que redigem *A Nação* hão de saber cumprir o seu dever, quando forem chamados a decidir da sorte entre o Povo e o Rei — « Nestas condições, é força confessar, os partidos constitucionaes não estão habilitados a vencer a crise actual ».

Taes são as palavras que justam melhor com o estado de descabro em que uma politica de expedientes atirou a monarchia.

Agradecendo as justas palavras com que *A Nação* attende ao movimento republicano, saudamol-a fraternalmente.

(*Republica Brasileira*, de 23 de julho de 1881.)

S. José do Rio Pardo

O governo que tenha mais prudencia e seus agentes, porque os factos lamentaveis que acabam de dar-se em S. José do Rio Pardo veem provar ainda mais uma vez que, só devido ao patriotismo dos nossos correligionarios, não teve consequencias mais funestas a justa reacção contra os attentados commettidos pelas autoridades policiaes daquelle logar.

Publicamos abaixo a narração dos acontecimentos, feita pelo nosso distincto chefe Francisco Glicerio, que foi uma das victimas do grave attentado, e por ella se verá a sanha dos monarchistas contra nós, porque veem que já dominamos a maioria do paiz.

« Tendo sido testemunha presencial e havendo tomado parte nos acontecimentos da noite de 10 do corrente, na villa de

S. José do Rio Pardo, venho explicar á minha provincia e ao paiz a natureza dessas occorrencias e o modo como nos conduzimos na reacção que foi mister oppôr aos mandatarios e aos agentes do sinistro attentado.

Exporei com lealdade os factos e os actos que praticámos.

Hontem, o Exm. chefe de policia para lá partiu; antes d'elle estiveram presentes os Drs. juiz de direito, juiz municipal e o Sr. delegado de policia de Casa Branca. Todos esses cavalheiros, por mais de um titulo insuspeitos, poderão contestar-me si n'algum ponto desta exposição eu for infiel á verdade.

Não sou movido por interesse eleitoral, prezo a minha candidatura, não responsabilizo o governo e menos ainda os chefes liberaes pelo successo barbaro que venho expôr e me persuado de que fallarei com espirito de verdade.

Em viagem para Mocóca, pernoitei em S. José do Rio Pardo.

A' minha chegada, á tarde, os meus correligionarios fizeram-me uma manifestação de caracter politico, recebendo-me na estação do caminho de ferro com musica, foguetes e vivas á republica.

Na estação fui acompanhado ao hotel em que tinha de pernoitar, e ali, após algumas palavras do Dr. Muniz de Souza, o povo se retirou em perfeita ordem e calma.

Foi-me servido um jantar, em que tomaram parte diversos correligionarios. E tão calmo correu elle, que nem um brinde foi levantado. Não sahi do hotel, passei o principio da noite em palestra com alguns amigos e ás 9 1/2 fui deitar-me.

Já eu dormia, quando o proprietario do hotel e mais algumas pessoas prenderam um cabo, pertencente á força policial da cidade, que fôra encontrado armado dentro do quintal da casa em que o mesmo proprietario reside com sua familia.

Este cabo foi levado para a cadeia e entregue ás praças que alli estavam. Acompanhou essa diligencia o engenheiro Dr. Cavalcanti, que era hospede do mesmo hotel. Ao chegarem á cadeia, os conductores do cabo e foram surprehendidos com a attitudo aggressiva das praças, e particularmente com a transformação subita que se operou no preso, pois de embriagado que se mostrara, desde o acto da prisão até alli, se mostrou em seu perfeito juizo, jactando-se de sua disposição para reagir contra os seus conductores.

Mas estes voltaram para o hotel e trataram todos de se accommodar.

De repente ouviram-se toques de rebate nos sinos da cadeia; e não demorou muito tempo — a casa do hotel foi atacada pelas praças do destacamento policial em numero de 14, acompanhadas de mais alguns individuos.

A's 10 ¼ horas fui despertado pelo alarido dos assaltantes, pelos gritos das pessoas que estavam dentro da casa, e, sobretudo, pelo estrondo causado pelas pedradas arremessadas de fóra e que vinham dar nas vidraças de louças, nos quadros, nas paredes, em toda parte. Os assaltantes arrombaram as portas, dispa-

raram tiros ás paredes e em seguida arremessaram quanto projectil encontravam contra os resistentes, que se defendiam na varanda. Nós não tínhamos armas: defendiamo-nos arremessando garrafas e as próprias pedras que vinham da rua sobre os assaltantes. Da janella do sótão me dirigi a tres soldados, que rugiam ferozes na rua, e um delles aggredu-me a refladas.

Então o Dr. Cavalcanti, da outra janella do oitão, gritou a um homem que estava na rua:

— Sr. subdelegado, garanta, ao menos, a vida dos hospedeões do hotel.

E esse homem respondeu:

— Vou garantir.

E dirigiu-se para a frente da casa, onde o assalto continuava. O vandalismo recobrou mais fúria. Comprehendemos que estavamos condemnados ao exterminio e pedimos inspirações ao proprio desespero da situação.

Este tiroteio durou 40 minutos, e não se sabe como, tão violentamente aggreddos, e em tanta inferioridade de forças, pudemos escapar á sanha dos assaltantes, sendo ferido levemente apenas o proprietario e um hospede do hotel.

Retiraram-se os assaltantes aos mesmos gritos de « morram os republicanos », e foram, segundo declarações que eu ouvi, embalar as armas para darem novo assalto.

Aproveitei a retirada da força e fui, acompanhado de um amigo, acordar o povo, no intuito de prevenir a nossa defesa. No hotel ficaram o proprietario e os demais resistentes. Todas as pessoas que despertavam, abandonavam suas casas e iam para o sobrado do cidadão Honorio Dias, onde fizeram a nossa fortaleza, com as armas que pudemos encontrar. A' meia-noite eramos já 30 pessoas armadas e encastelladas. A resistencia estava organizada. Houve descarga de fuzilaria na cadeia e minutos depois chegava ao hotel o subdelegado José Honorio « propondo a paz! »

A gente do hotel, que já estava triplicada, prendeu o subdelegado e conduziu-o ao sobrado-forte, que, dessa hora em diante, ficara mais garantido.

O hotel foi assaltado e saqueado (!) por mais duas vezes, successivamente. Nós já tínhamos forças para bater os assaltantes, mas ficámos em nosso posto, dando liberdade ao vandalismo, no intuito de evitarmos maiores desgraças.

A' 1 hora da madrugada chegou-nos a gente de Honorio Dias, a cuja fazenda mandámos pedir auxilio, vieram 100 homens armados, que se reuniram a nós. Assim estivemos até ao amanhecer. Eramos já então 300 homens armados.

Prendemos um official de justiça que andou no assalto, e prendemos o capitão Saturnino Barbosa, sobre quem recahiam provas de ser o mandante do crime. Todos os detidos foram respeitados em suas pessoas; nenhuma aggressão soffreram. A's 6 da manhã telegraphámos ao juiz de direito e ao Dr. chefe de policia, communicando as occurrencias. A's 10 do dia pren-

demos as praças que restavam, pois as outras fugiram antes de amanhecer.

Desde 2 horas da manhã até ao amanhecer resistimos eu, Drs. Mercado, Campista e outros amigos ao desejo tenaz de atacar a cadeia, que o povo armado mostrava.

Quanto mais a reacção popular engrossava em numero e armas, tanto mais eu e aquelles amigos mantinhamos a ordem legal de nosso lado. A essa attitude e firmeza deve-se o facto rarissimo de uma reacção tremenda, mas justa, sem derramamento de sangue.

Detidos os soldados e senhores da cadeia, para lá conduzimos o subdelegado, o capitão Saturnino e o official de justiça, dando a este a sala das audiencias e áquelles a da camara por prisão.

A's 2 da tarde chegaram os Drs. juiz de direito, juiz municipal e delegado de policia de Casa Branca e a elles entregámos o governo da villa.

Agora formem juizo a opinião publica de minha provincia, os meus proprios adversarios políticos.

Apenas direi: o fim confessado do assalto foi matar o proprietario do hotel Brazil, o distincto cidadão Ananias Barbosa.

No furor do assalto, porém, incluíram-se todas as pessoas que estavam dentro da casa do hotel.

Nós escapámos ao furor dos assaltantes, organizámos a reacção, prendemos os criminosos e os entregámos ás justiças do Imperio. S. Paulo, 12 de agosto.

F. GLICERIO.

(Republica Brasileira.)

Aos meus concidadãos

O *palacio* e o *povo* estão definidos.

Cada um, portanto, a seu posto.

A guerra aos republicanos constitue a parte essencial do programma do actual ministerio.

A guerra franca e em acção á monarchia está, pois, assentada nos arraiaes do patriotismo e da republica.

Nem o meio indirecto é admittido pelo actual ministerio, para chegar o paiz á realidade de suas aspirações!

O partido liberal, pois, que se limita às aspirações do actual ministerio, é o partido da monarchia, mesmo que seja absoluta.

Em guarda, pois.

Temos deante de nós um inimigo audaz e insidioso.

A união dos republicanos basta para levar de vencida esse inimigo traçoeiro.

E' tempo da franqueza do patriotismo.

Sejam francos todos os brazileiros.

Sim, ou não pela monarchia.

O paço ou o povo.

O Conde d'Eu ou a liberdade, a indignidade ou o amor da patria.

Parece-nos chegado o momento da acção. Avante, republicanos sinceros e honrados; avante o patriotismo.

Estamos em nosso posto.

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1889.

JOAQUIM SALDANHA MARINHO.

(Republica Brazileira.)

Aos meus concidadãos e correligionarios

Tendo accedido o honroso convite, que me foi feito pelo chefe do partido republicano, para ao lado delle collaborar no movimento e na direcção desse patriótico partido nacional, cumpre-me dirigir algumas linhas áquelles que se interessam pela causa que defendemos, assegurando manter em prol della uma dedicação ao trabalho não menor do que aquella que empreguei outr'ora na abolição da escravidão, na boa orientação e praticas sãs da immigração e da colonisação, e que ainda emprego ás sérias questões da instrucção publica, que não deixarei de mão, emquanto não forem resolvidas todas em nosso paiz.

Ha 26 annos que cultivo em meu coração os sentimentos republicanos, esses nobres sentimentos que tanto honraram na Grecia os Melchiades, os Epaminondas, os seus philosophos patriotas e artistas, em Roma os Cincinatos, os Fabios, os Gracehos e os Ciceros; na Suissa os Winkelried, os Bonnivard e os Dafeur; na America os Washington, os Franklin, os San Martin e os Bolivar, e no Brazil — na nossa patria, os heróes e martyres de Minas, de Pernambuco, do Rio Grande, produzindo os Tiradentes, os Domingos Theotônio, os Domingos Gonçalves e os Garibaldi. Ha 26 annos que, desde o recesso da consciencia e do

pensamento, da conservação particular e da familia, até os mais publicos de meus actos e manifestações sociaes, todos os meus instantes teem sido dedicados á nobre aspiração da republica.

Na França detestei o imperio e liguei-me aos republicanos da imprensa, da politica e das escolas. Na Suissa, durante consecutivos annos, aprendi a conhecer de perto as boas praticas republicanas, e na Allemanha defendi sempre a republica, até nos circulos de militares que me honravam com a sua estima. No meu paiz tenho, nos limites da possibilidade, só parando onde eu pudesse incorrer, por um excesso de zelo, no ridiculo (para a idéa, que não para mim, que o não temo), tenho, digo, buscado, pelos meios ao meu alcance, servir á nobre causa, a que votei, desde os 15 annos, a minha vida.

Nesse correr de tempo muitas hão sido as provas de estima que me teem dado meus correligionarios, estímulo esse que, secundando as forças interiores do meu caracter e dos meus sentimentos civicos, me teem robustecido as crenças e o desejo de cada vez melhor servir o meu paiz em todo sentido, especialmente pela causa que synthetisa todas as nobres aspirações de um povo livre — a Republica. Não sou pois um recém-chegado, que tenha a fazer profissão de fé.

Colocado hoje, porém, em uma excepcional posição de alta responsabilidade no meu partido, é meu dever, antes de empunhar a clava do combate, dizer aos meus correligionarios todos que me sinto a *todos elles* unido, sem tomar conhecimento de dissensões de qualidade alguma, pois que a nossa doutrina, só tendo valor pela maxima projecção de luz que se possa trazer á livre manifestação das idéas, com a discussão franca e respeitosa, implica que a republica não é a causa especial de um partido, como a entendem do estado os incapazes partidos das monarchias, mas, a causa de todos — *Res-publica*, isto é, o patrimonio de todos os brasileiros.

No nobre e grande empenho do estabelecimento da republica no Brazil, eu vejo o campo do trabalho e das idéas onde podem prestar seu concurso todos os que queiram ali cultivar os santos sentimentos do direito e do patriotismo.

Contrario á intolerancia e exclusões, mas firme nos principios e em sua defesa, entendo que, embora plantemos com suor e com soffrimentos, devemos desejar com alegria, como os operarios de uma grande empreza humanitaria, como os trabalhadores da vinha do Senhor, que todos os brasileiros gozem da colheita da liberdade, da prosperidade e da felicidade, que almejamos para a nossa patria pela fundação e manutenção da republica.

DR. ENNES DE SOUZA.

(Republica Brasileira, de 5 de junho de 1889.)

Chefia republicana

Não pareça estranhavel aos meus correligionarios que sem appello directo de ninguem eu venha dizer duas palavras a respeito da actualidade politica de nosso partido.

Sem responsabilidade e sem preoccupações pessoaes, no posto unico de imposição de respeito, porque é o posto da convicção republicana e da sinceridade jámais interrompida, me punge n'alma o desvio de espirito de distinctissimos companheiros, e, ao observar o desencadeamento vertiginoso em que corre a discussão de chefia, me rala o coração a perda de tantos elementos de cooperação efficaz, a inutilisação de precioso tempo em prol dos grandes interesses que todos representamos.

Na exposição succinta do meu pensar obscuro e modesto, porém leal e pratico relativamente á inoportuna contenda que se levantou dentro de nossos arraiaes, não enxergue ninguem a mais leve insinuação á consciencia de quem quer que seja.

Republicano de todos os tempos, eu sou idolatra de uma igreja que sagra a fé, de um culto que levanta a razão, de um principio que crê a coragem ; e essa igreja, e esse culto e esse principio symbolisam a verdade, o dogma da respeitabilidade do character politico.

Tendo assistido como representante da heroica e legendaria provincia de Minas Geraes ao congresso republicano em S. Paulo, a attitudo reservada, mas positiva que mantive lá, indicava desde logo aos meus bons amigos o pensamento politico ao qual me achava filiado.

Chegando a S. Paulo, por divergencia de telegrammas com relação ao dia exacto da installação do congresso, justamente na hora em que ia proceder-se á eleição de um chefe republicano unico, a minha intervenção no debate que se havia travado era tardia, a minha palavra não conseguiria, por certo, demover da sua deliberação os meus amigos, que alli se achavam representando o pensamento republicano de muitas das provincias do imperio.

Verifiquei que a decisão final sobre a direcção partidaria havia conseguido o congraçamento dos espiritos e, nesse caso, que de balde era apresentar objecções e quiçá crear embaraços ao expediente material da votação que ia realizar-se. Deixei-me ficar em attitudo passiva e tomando uma cedula em branco atirei-a sobre o escrutinio com a expressão intima de consciencia de ter bem representado a missão politica que me houvera confiado o 6º districto da provincia de Minas.

Eis o que me justifica presentemente em tomar um pouco de attenção honrosa dos meus correligionarios, quando estamos assistindo ao spectaculo inoportuno e infeliz de uma contenda desnecessaria e inutil.

Sem pretender agremiados para as minhas cogitações inteiramente individuaes, eu me arrogo, todavia, o direito que tem todo o republicano brasileiro de perguntar-vos:

O que quereis ?

O que almejaes com esta discussão improflua sobre o credo republicano, attentos os matizes de escola, consideradas as modalidades minimas de uma structura politica que nós todos buscamos, enfrentada a filiação do espirito ás normas essenciaes e fundamentaes que todos conhecem ?

E' razoavel que o architecto consagrado pelos applausos da esthetica, ao pensar em construcção util, cogite tão sómente dos arabescos imaginosos do tecto e da cobertura, sem o edificio feito ?

E' justo que no dominio da aspiração ideologista em uns, phantasia em outros, indifferente em terceiros, mas vivaz e activa na maior parte dos batalhadores sinceros, se cinjam os nossos coriphêos as preoccupações do despojo sem a victoria, do generalato sem o combate, da officialidade sem os soldados ?

E' legitimo que nós estejamos a desviar a attenção do espirito pensante e do espirito passivo do povo, tirando-o das cogitações sobre as villanias do governo, sobre o descredito da honra publica, sobre as podridões e miserias do regimen monarchico, para apresentar-lhe sem reparação infortunada o estudo escolastico e metaphysico dos homens que querem a republica ?

Será de conveniencia partidaria crear vicios de fórma no pensamento commum republicano, quando na essencia intima e no fundamento unico do regimen governamental da republica, a soberania é do povo e esta por elle é exercitada ?

As affinidades de filiação philosophica e a indole de pequenos detalhes da cogitação historica deverão preponderar sobre o trabalho de arregimentação de forças para o combate a travar-se ?

Pensamos em fazer a republica ou em proceder com methodo de processo scientifico ou systema de escola politica á classificação geometrica dos batalhadores ?

Quem deseja abandonar, neste momento agudo da medonha crise do imperialismo, a insanias de sua movimentação tragica por sobre os destinos da patria, para colher trophéos de triumpho na subtiliza de argumentação doutrinaria, na finura de delimitação algebraica de principios ?

Quando o povo soffre, quando a oppressão á sua consciencia excede todos os limites da decencia e quando sobre a demencia de um monarcha *meramente tolerado* tripudia a cobiça vergonhosa da riqueza por meio do Thesouro Publico e por meio da pusillanidade, será o tempo proprio de se espremer o puritanismo de processos e de se verificar o rigor mathematico dos systemas ?

Quando nós somos aperreados pelo insulto e pela venalidade daquelles que trocaram em sentimento de odio e de vingança as benções agradecidas de uma raça infeliz e barbaramente perseguida ; quando sobre a philanthropia deste magnanimo povo da America se atiram os baldões injustos de uma pretendida submissão ; quando, resignados, nós presenciemos as festas, os idyllios, as

conjurações de respeito á *aspirante* de um throno que foi maculado tantas vezes pelo sangue dos captivos, sem que a voz dos opprimidos levantasse um espectro por entre as batalhas de flôres e os accordes inebriantes dos concertos de musica ; quando nos cumpre a nós, pacientes e altruistas, chamar ao gremio dos homens de bem e amigos da liberdade os novos concidadãos, cooperadores hoje de nossos destinos, mas desviados delle pela exploração infamante de uns e pelo artificio fraudulento de outros ; quando tudo isso se dá é o tempo apropriado para discussões intestinas no partido republicano ?

Não !

E' necessario que nos detenhamos á beira desse precipicio, onde nos espera a vergonha ou o ridiculo.

Sejamos cidadãos e não imitemos os vicios, as formulas, os costumes politicos que são trazidos pelas instituições que combatemos.

Façamos uma desinfecção hygienica nos habitos que revestem o conviver rotineiro e monotono dos partidos monarchicos.

Atiremos os nossos olhares entristecidos para a infeliz patria, e deante da oppressão que ella soffre façamol-a livre.

Não tratemos do processo quando o caminho é commum e o escopo é o mesmo.

Trabalhar para vencer e não suppor a victoria para recuar.

O nosso lemma é actualmente agir, actuar, provocar, resistir.

Agremiar forças, arregimentar os combatentes, dispersar os elementos de lucta por todas as regiões do imperio, disseminar em toda a parte uma particula, siquer, da scentelha revolucionaria que fará o grande incendio da monarchia, eis o que me parece util, proficuo e urgente.

Nós queremos a republica, trabalhemos por fazel-a. Como ? Por que processo scientifico, por que meio, perguntaes vós no espirito escolastico de preestabelecer o impossivel, de marcar a trilha do relampago, de delinear o escopo do raio ? O processo se me afigura um só nas suas mil modalidades.

Nem esperar e nem paralyzar.

A evolução dos acontecimentos só aguarda o musulmano da fé politica, no voltigear voluptuoso dos seus sonhos de futuro.

O retrocesso, o fallecimento na lucta, são o apanagio da covardia inconsciente que sacrifica o dia de amanhã.

Caminhemos e para deante, na consagração genial do povo que orgulha o novo mundo, destruindo, confundindo, agitando, embaraçando, usando todas as armas, precipitando os accidentes, fazendo de nossa audacia a alavanca de Archimedes com que possamos rojar por terra esse monstro que persegue os povos infelizes: a monarchia.

Na republica são todos livres ; o poder é responsavel ; a delegação directa ou indirecta é fatal ; logo, a essencia é uma e indivisivel nesse regimen politico.

Si a dictadura for necessaria, ella será delegada, e portanto justificada.

No kaleidoscopio por que passam tantas visões e tantas fantasias só ha uma figura que impõe, só ha um astro que illumina, só ha uma força que age — é a soberania popular.

Vamos creal-a, vamos fundil-a com a nossa coragem, e o povo dirá depois, no seu movimento quasi inconsciente de soberano, quem deverá apontar para os companheiros, empunhando a bandeira da Patria, o caminho para o gozo da liberdade.

A firmeza é tudo; a fórma é multipla; a cooperação é indispensavel, é um derivativo da acção.

O chefe — o consultor, o homem calmo, o espirito preparado, a consciencia limpa, são um resultado, um producto de co-existencia de predicados.

Dahi o conselho, dahi a confiança, dahi o predominio sobre o grosso do partido, dahi a imposição, que não é sinão o resultado de delegação, e, portanto, que não pôde trazer desastre para a idéa.

O nosso illustre correligionario, eleito chefe supremo do partido republicano pelo congresso de S. Paulo, é um campeão antigo de nossa causa; acha-se collocado na proeminencia da direcção partidaria: está, portanto, no ponto mais saliente da lucta; observemol-o e sigamol-o na senda unica que poderá estar traçada á aspiração sua republicana: a destruição da monarchia.

O valente propagandista, que publicou um manifesto divergente, é um patriota, é um batalhador audaz, é um revolucionario convencido, cooperemos com elle no pensamento commum: a destruição da monarchia.

Decidir por plebiscito qual é o chefe, perguntar ao povo qual o nome que deve figurar no cabeçalho do exercito democratico, saber por apuração de suffragios qual deve ser a jerarchia de cada um delles na consanguinidade politica republicana, é desviar o pensamento que nos domina, é desvirtuar a indole do regimen grandioso que procuramos conquistar.

Finalmente, para em uma só palavra ser preciso no meu pensamento, direi com a maior lealdade: o meu chefe é o principio republicano; a minha escola é a da firmeza e seriedade nos arraiaes democraticos; a minha filiação philosophica é a que accéita um soberano unico:— o Povo.

Coopero com todos os companheiros no limite da minha actividade politica e da minha capacidade modesta de acção, considerando como accidente o predominio da orientação ou direcção de quem quer que seja.

Estarei com todos que desejem destruir a monarchia; me é indifferente o contacto dos sonhadores; não repudio a *outrance* as modalidades de structura, de processo, de aparelho, quando tudo isso seja acompanhado do que é capital para mim no momento actual: o trabalho effectivo, efficaz e sincero em prol da Republica.

Nestas condições, eu me presumo no direito de poder dizer:— Avancemos todos reunidos, sem confusão, sem anarchia, com a disciplina imposta pela idéa commum, na collaboração indispen-

savel dos esforços, na'expansão e na explosão do nosso sentimento, tendo em vista tão sômente os perigos da tempestade que se approxima, mas com o desprendimento estoico de entregar ao mais bravo e ao mais forte a bandeira da Republica.

Sejamos patriotas e desaparecerá o infortunio da divergencia ; conquistemos a liberdade e ella será o quinhão de todos nós.

Rio, 31 de maio de 1889.

SAMPAIO FERRAZ

(*Republica Brasileira.*)

Silva Jardim, como agitador

E' bem longa e difficil a gestação dos Philopœmens. São bem raros os regeneradores das nações aviltadas ; e é sempre do seio das multidões, acostumadas a respirar o ar de um outro ambiente que não o ambiente empestado das côrtes e dos salões dos aulicos e nababos, que rebentam as explosões da indignação contra a resistencia egoistica e retardataria dos despotas coroados e as demasias do poder publico.

Ha quarenta e um annos, um corajoso tribuno pernambucano, sentindo arder em chammas o seu grande coração de patriota, fez de subito brotar das entranhas de sua terra natal aguerridas legiões de combatentes, clamando por uma constituinte, em nome da liberdade perseguida e do interesse brasileiro offendido pelo imperialismo sedento de mando, de dinheiro e de sangue.

A patria heroica de Fernandes Vieira, de Felipe Camarão e de Henrique Dias, vilmente atraçoada pela pernicioso politica da côrte do Rio de Janeiro, com que dôr não viu trespassado por insidiosa bala mercenaria, dentro dos muros do Recife, o corpo do Briareu, não mythologico, mas de carne e osso, que se chamou Nunes Machado !

Mas o sangue brasileiro tão generosamente derramado em 1848 pelos espartanos da *Revolução Praieira* não foi perdido, felizmente, para a santa causa da democracia americana.

Os homens do chamado partido liberal, após a infrene perseguição e a cruel derrota que lhes infligira o despotismo imperial, em 1842, não quizeram convencer-se de que era chegado o tempo de desesperarem de vez do futuro de sua causa, á sombra da realza bragantina e da Carta *outorgada* de 1824, — esta denegação radical da soberania do povo e das liberdades publicas.

Mão grado as terriveis lições da historia, elles consentiram em ser mais uma vez depositarios da confiança da corôa, para

serem logo mystificados e annullados, como realmente o foram, por sua politica astuciosa e corruptora.

O grande *estellionato politico* de 1868 (assim classificam os liberaes a quêda do gabinete Zacarias, devida a um capricho do Sr. D. Pedro II) ainda veiu demonstrar ao povo que reformas democraticas e throno dos Braganças, civilisação americana e monarchia constitucional são termos incompativeis, são idéas que se repellem.

Digam o que disserem os doutores do *constitucionalismo* do velho mundo,— a grande verdade é esta, que o mais illustre poeta deste seculo fez gyrar em volta do globo :

Faça o que elle fizer, qualquer monarcha
E' sempre a somma dos monarchas todos,
.....
.....
Inda mesmo os melhores causam sempre
A dôr, o pranto, o soffrimento, a morte.

A nação, com a boa fé que a caracteriza, a principio julgou uma cousa séria e digna de applausos o celebre mote da velha bandeira liberal — **Reforma ou Revolução !**

Mas qual não foi a sua surpresa e indignação, quando viu os liberaes acceptarem de novo o poder, não como uma consagração da victoria de suas idéas, mas como um misericordioso *favor* da realza, como uma capitulação vergonhosa perante o sordido interesse da dynastia de Bragança !...

Com effeito, foi o Sr. Sinimbú, o chefe do gabinete de 5 de janeiro de 1878, quem, por inspiração de seu imperial *Senhor*, abateu o orgulho dos pretensos democratas do seu partido, confessando em pleno parlamento que este não alcançara o poder pela força de seus principios politicos (*sic*), mas, sim, por uma graça da corôa. (!)

E' que os chefes liberaes trahiram a sua bandeira e sacrificaram os seus principios á sede do mando, ao amor das posições elevadas. D'est'arte os chefes do liberalismo foram os proprios coveiros do seu partido, digno de melhor sorte.

Hoje, o paiz não mais aerecita nos velhos conselheiros do imperio, nos homens gastos da monarchia e lastima-os devêras, como um producto mesquinho deste meio artificial e corrupto, creado pelo imperador e sua côrte.

Tão cara nos tem custado a experiencia do *constitucionalismo* do velho mundo ! Os factos da nossa historia demonstram a toda evidencia que semelhante instituição é inadaptable ao meio americano.

O paiz precisa de novos homens, de novas idéas, de novas instituições, de uma nova sociedade, de uma nova patria.

O paiz tem sede de movimento, de renovação e de progresso em todos os ramos da actividade humana. Urge sahirnos desta

situação desmoralisadora, desta podre estagnação, que é a nossa deshonra perante a America.

Tenhamos té bastante nos moços entusiastas e sinceros que, como Silva Jardim, personificam o mais acrysolado amor da patria e da humanidade.

A Republica não é uma nova seita, não é um novo partido: é, sim, uma nova sociedade, no seio da qual podem medrar todas as virtudes masculas, todas as idéas sãs, todos os interesses legitimos, todas as aspirações nobres, todos os caracteres de fina tempera, sem o perigo do patronato e da influencia de familia (olygarchia, a quel só tem se desenvolvido entre nós, graças á sua alliada — a monarchia) e sem receio da pretensa *sabedoria official*.

Até hoje não temos sido um povo livre, mas o *Imperio*, e este é o egoismo que degrada e a hypocrisia que atraicôa.

Saibamos, os brazileiros, amigos da verdadeira paz, da verdadeira ordem e da verdadeira liberdade, que é a justiça, — liberaes ou conservadores sinceros, pois que a Republica não os exclue: saibamos todos os bons patriotas significar de um modo eloquente e leal ao indefesso propagandista republicano, ao generoso propugnador da regeneração da patria a profunda sympathia que a todos ha inspirado a sua perseverante e intrepida attitude, em face dos acontecimentos politicos que trazem agitada a grande alma nacional e constituem os symptomas precursôres da queda do governo do privilegio e do feliz advento da Republica Federal Brazileira.

Admiremos em Silva Jardim o genuino representante de mais de uma geração de martyres illustres que tantas perseguições soffreram, uns, e derramaram o seu sangue generoso, outros, pela patria republicana.

A semente da revolução democratica, regada com esse sangue, germinou já ha muito tempo, e é hoje em dia planta viçosa que se esforça por dilatar no espaço livre os seus vigorosos rebentos.

E' nosso dever, é a tarefa sagrada dos homens de boa vontade e não contaminados ainda pelos virus da corrupção monarchica fazer com que ella brevemente produza os mais preciosos fructos. Mas a mesma revolução, para o fim de produzir o resultado tantas vezes almejado e outras tantas frustrado, isto é, a realisação completa da nossa maior conquista no presente seculo — a Republica Federal, precisava de um orgão na altura do nosso actual momento historico, necessitava da palavra de um orador imperterrito e convencido, em cujos masculôs accents se ouvissem todos os tons da escala do sentimento humano, desde a ironia pungente e escarninha até á phrase cadente e tyrannicida.

Pois bem: esse orgão temol-o, hoje, na pessoa do valente democrat Silva Jardim. A democracia americana tem nelle um dos seus mais fleis interpretes. O sangue precioso que circula em suas veias é bem o sangue de Felippe dos Santos, de Tiradentes, do padre Roma, do padre Miguelinho, de Frei Caneca, de Bento Gonçalves, de Pedro Ivo, de Nunes Machado. São os manes dos

nossos avós patriotas; republicanos de 1720, de 1789, de 1817, de 1824, de 1831, de 1835, de 1837 e 1848 que estão agora a fallar pela boca do joven tribuno de 1889.

E' bem certo que os mortos cada vez governam mais os vivos.

Somos bem filhos de 89, — data duas vezes legendaria para os republicanos do Brazil. Sim, herdou o nosso espirito a — *Declaração dos direitos do homem e do cidadão* — e o nosso coração o acendrado patriotismo da *Conjuração Mineira*.

MONRÖE.

(*Regeneração*, de 21 de julho de 1889.)

Fraternidade

« Todas as grandes conquistas sociaes teem sido devidas á união e fraternidade que tem sempre existido entre todos os adeptos de uma idéa.

A união faz a força, axioma antigo, mas que cumpre lembrar aquelles que, enciumados uns, e ambiciosos outros, teem em vista antes as suas personalidades do que a causa que querem servir.

Nestas columnas temos sempre proclamado a necessidade desse grande principio, que poderá resolver em tempo curto o nosso triumpho.

A nossa opinião, temos immensa satisfação em declarar, tem sido louvada por nossos concidadãos e correligionarios, principalmente do interior, que nos teem confundido com as suas attensões e favores, aliás immerecidos.

No momento actual, em que o paiz passa por uma crise das instituições, devida aos constantes erros da monarchia, é preciso, é necessario que haja a mais perfeita união de vistas entre todos os nossos correligionarios para que não percamos, como em 1831, a occasião de fazer triumphar a nossa causa, que é a causa da patria.

Mais patriotismo, mais abnegação e mais FRATERNIDADE é do que carecemos para triumphar completamente.

Os esforços disseminados pouco ou nada produzem.

O interior tem dado exemplo á côrte, unindo-se fraternalmente todos os correligionarios.

Deixemo-nos de invejas e despeitos, e todos unidos cooperemos na razão de nossas forças para a realização do nosso ideal republicano. »

Transcrevemos da *Republica Brasileira*, como axiomas politicos em que se devem inspirar os nossos correligionarios, si o movel, que os leva a adherir á idéa republicana não for simplesmente uma futilidade tal como a de ver cercado o seu nome pelas nossas mais encomiasticas palavras.

Não fazemos referencia. Pugnamos pelos interesses da causa, procurando congregar todos os elementos vitaes.

Ora, ahi se approxima uma quadra em que a união do partido pôde ser o principio solido em que se firme o grande edificio da regeneração politica social.

A campanha eleitoral que se approxima não é simplesmente uma victoria de urnas que se disputa, mas uma sentença de vida ou de morte para a monarchia ou para a Republica Brasileira.

Correligionarios, vinte annos de serviços já feitos valem uma recompensa. Trabalhemos.

(*Diario de Sorocaba*, de 10 de julho de 1889.)

Pela Republica

O parlamento brasileiro, rejeitando o requerimento apresentado na sessão de 17 do corrente pelo distincto Sr. Dr. João Penido, mostrou-se tal qual é — uma simples agremiação de esfaimados do poder, que não se importam com os interesses do paiz e só cuidam das mesquinhas conveniencias pessoases.

Com se sabe, esse requerimento tratava da averiguação do estado de saude do actual imperante, afim de ver si tinha applicação o art. 126 da Constituição, que diz: « Si o imperador, por causa physica ou moral evidentemente reconhecida pela pluralidade de cada uma das camaras da assembléa, se impossibilitar para governar, em seu logar governará, como regente, o principe imperial, si for maior de dezoito annos.»

Ora, é sabido de todos que o imperador não se acha em estado de governar. A gente do paço e o governo, porém, affirmam o contrario. A elles, portanto, compete a prova da affirmação, e si o ministerio tem a certeza do que diz, não podemos comprehender qual a razão por que se esquivava a mostrar a verdade ao paiz.

A occasião de desmentir os boatos que geralmente correm apresentou-se; mas o governo, que finge sinceridade, dizendo que quer que os seus actos sejam todos discutidos, negou-se resolutamente a decidir a questão, prohibindo a camara que approvasse o impertinente requerimento. Dizemos *prohibir*, porque a camara dos deputados não passa de um dominio do governo, que faz della tudo que quer.

E o povo brasileiro, que elege os seus representantes à assembléa nacional, com o fim de fiscalisarem a administração publica e zelar dos seus direitos, tem agora a satisfação de ver que os seus delegados desempenham o seu encargo com o maior escrupulo possível.

Os deputados, tanto liberaes como conservadores, teem medo de cahir no desagrado das *altas influencias* que dirigem e felicitam estanação, e quando se trata de negocios como este unem-se afim de salvaguardar os seus interesses pessoais, que estão ligados aos interesses das *taes altas influencias*.

Apenas um deputado liberal, o Sr. Pacifico Mascarenhas, mostrou independencia, votando a favor do requerimento. Com certeza, este Sr. deputado será de ora em diante um desprotegido, porque ousou cumprir o seu dever para com os seus eleitores e o seu paiz.

O *crime* por elle commettido não ficará, por certo, impune; pois os governantes se esquecerão das suas promessas, dos seus deveres, de tudo, menos destes attentados às suas commodidades.

Com a rejeição do requerimento do Sr. Penido, feita pela camara dos deputados, confirmou-se o que já era sabido: que o imperador não pôde mais governar, e que o 3º reinado já se inaugurou de facto.

Ficou tambem provado o servilismo da camara, que mostrou mais uma vez a nação inteira a sua falta de hombridade e patriotismo, a sua baixeza e subserviencia, e patenteou o miserando estado de desmoralisação a que reduziram este bello paiz essas duas negras instituições consocias — a escravidão e a monarchia, a primeira já eliminada, e a segunda prestes a tombar nos abysmos da Historia, condemnada por seus crimes e repellida pela indignação popular.

Commente o povo brasileiro o procedimento do governo e da camara, e veja si tem ainda alguma cousa a esperar delles, a não ser o que elles teem dado até agora — uma triste amostra da influencia corruptora que a monarchia exerce nos caracteres dubios, que em geral vicejam à sua sombra.

(Patriota, de 26 de maio de 1889).

Regimen da calunnia

A monarchia começa a falsificar.

Não ha muitos dias, um telegramma expedido de Lafayette annunciava que o republicano Silva Jardim, em um discurso que

preferiu, aconselhou prudencia aos seus correligionarios como meio de evitarem conflictos com os monarchistas.

A fórma dada áquelle telegramma fazia crer aos que o lessem que o distincto propagandista começava a temer as manifestações de guerra dos seus adversarios politicos.

Quem o transmittiu á imprensa fluminense, fel-o na convicção de publicar o desanimo do chefe democrata, seu desespero com relação ao triumpho ou ao prevalecimento dos principios que elle divulga, porém não conseguiu mais do que attrahir a adversão geral, porquanto todos verificaram pela leitura de outro telegramma, que tambem foi publicado pelos principaes jornaes da côrte, que não passava de uma calunnia muito vil, de uma mentira muito baixa a odiosa attitude que era attribuida a Silva Jardim. Este outro telegramma que trouxe o desmentido formal ao primeiro, de que fizemos menção, expediu-o o proprio chefe calumniado e, portanto, ninguem poderá recusar a veracidade da contestação que nelle vem contida.

Agora a outro ponto.

Foi necessariamente um adversario quem expediu o despacho telegraphico que accusa de covardia e de pusillanidade ao Dr. Silva Jardim. Foi, porque não podia deixar de ser. A baixeza de caracter capaz de semelhante pratica sómente pôde ser encontrada em individuos gastos pela pressão do regimen monarchico; só elle pôde ter servilizado tanto, pôde ter corrompido tanto a alma de um homem.

Foi um monarchista, como automato, sob a responsabilidade do governo.

Quem se demora a crel-o?

Exemplo, as correrias da côrte, que foram ordenadas pelo Sr. conselheiro João Alfredo; exemplo, os acontecimentos, já tão conhecidos, de Valença, de S. José, de Padua e de S. Fidelis, em que tamanha parte compete ao governo.

Nós, por isso, começamos por estas palavras muito simples, mas que exprimem muito exactamente a situação — a monarchia começa a falsificar.

Ella tem agentes por toda parte, delegados com poderes para violar desde os mais simples preceitos do direito racional até á lei suprema do paiz: falsificando, opprimindo, matando, impedindo a pratica de quanto não seja util aos seus terriveis desig-nios.

Estamos entre espiões.

Estamos sobre o abysmo.

(Transformação, de 4 de maio de 1881.)

Está proximo

A Republica já não é uma utopia quasi que para a totalidade dos brazileiros.

Hontem alguns diziam, quando se lhes fallava nesta fôrma de governo: *Republica no Brazil nem os nossos netos verão*. Hoje esses mesmos já estão scientes que *elles proprios* a alcançarão.

Esta é a verdade.

Alguns, levados pela ignorancia, ou pela preguiça de estudar o nosso desenvolvimento progressivo, ou pela falta de educação civica; outros, pela má fé, ou por se acharem presos ainda á mesa dos orçamentos, ás migalhas da verba secreta, ou acorrentados a carunchosos preconceitos — procuram fazer calar no animo dos nossos concidadãos idéas sinistras e pavorosas com relação á Republica, taxando-a de *desordeira*, de *anti-religiosa*, de *immoral*, de *malbaratadora* dos cofres publicos, etc.

Isto tudo, porém, é inexacto.

A Republica, com ser o governo do Povo pelo Povo, é a fôrma governamental onde mais a ordem se faz sentir, porque é nella que mais *progride* o commercio, porque é nella que mais *progride* a agricultura, porque é nella, emfim, que mais *progride*, mais se *desenvolve* a actividade do homem, qualquer que seja a sua manifestação, e o *progresso* nada é mais que o *desenvolvimento da ordem*.

Dizer-se que a *Republica* é a *desordem*, é desconhecer completamente a harmonia politica e social que nos apresentam os Estados Unidos, a Suissa, etc.

A Republica não é um governo *anti-religioso*, porque é um governo tolerante. Ora, quem tolera não persegue, logo semelhante qualificativo é absurdo, é mais ainda, asnatico.

Não é governo *immoral*: haja vista ao que se passa nas Republicas actuaes, onde a familia é tão respeitada como nas monarchias que de mais respeitadoras se prezam; e em muitos casos, e em muitas circumstancias, nas Republicas a familia é mais, mas mesmo muito mais respeitada, qualquer que seja a sua condição, porque a Republica é o governo da igualdade.

A Republica não é o governo do desperdicio. Só uma ignorancia crassa cu uma requintada má fé poderá attribuir-lhe tal character.

Neste seculo, diz um escriptor, talvez não houvesse uma administração financeira tão sabia e tão previdente como a de Thiers.

E si não, vejam a França, que, calcada pela enorme contribuição da guerra do imperio, imposta pelo principe de Bismark, não dobrou a cerviz, e, graças á administração do seu illustrado presidente, pôde dentro em pouco ver saldada completamente essa divida.

Nos Estados Unidos a riqueza total em 1850 era avaliada em mil seiscentos e oitenta e seis milhões de libras esterlinas, e 30 annos depois, isto é, em 1880, a sua riqueza attingia a nove bilhões setecentos e noventa milhões de libras esterlinas!

E ainda haverá quem diga que a Republica é um governo que *malbarata* o dinheiro publico?!!

E' preciso que fique bem patente o que disse o nosso chefe em seu manifesto — Nós queremos a Republica tal como ella deve ser — um governo de liberdade, de igualdade, de fraternidade, de justiça, de paz, de progresso e de ordem; de garantia para todos os direitos e de respeito para todos os interesses legitimos.

(Do *Jornal do Povo* de 19 de julho de 1839.)

Terra de beocios!

Dizemos terra de beocios, para não dizermos cafraria.

Tal é a idéa que contristadamente nos acode ao meditarmos sobre o edital expedido pelo Sr. José Basson, *liberal*, que actualmente occupa a cadeira de chefe de policia da capital de um *Imperio*, que se diz civilisado e do seio de cujo povo se destacam *vultos* mais especuladores do que patriotas para dizerem e proclamarem que não ha paiz no mundo onde se goze de tanta liberdade como o Brazil.

O eminente escriptor e provector jurisconsulto Ruy Barbosa, este grande talento que, embora atassalhado pelos homens da *Tribuna*, é sem duvida alguma a cabeça mais preparada da actualidade, acaba nas columnas do *Diario de Noticias*, esta folha, que deve ser lida com avidez por todos os verdadeiros patriotas, que nella teem muito que aprender, de demonstrar com a historia da Inglaterra em mão que entre aquelle povo ha muito mais liberdade, muito mais bom senso, muito mais caracter do que entre nós.

Sete tentativas de morte contra a rainha Victoria não produziram mais do que uma condemnação a degredo por sete annos e uma reclusão por 18 mezes.

A nação, o governo e a policia não abalaram-se, não commoveram-se, não comediaram, não fingiram-se *compunhidos*, *contristados*, não especularam com taes acontecimentos, e antes deram-lhes a importancia que mereciam.

Entre nós, que jámais pensamos em annullar o imperador do Brazil por meio da violencia, entre nós, que o recebemos de seu pae envolto nas fochas infantis, pois que ao ser tangido deste solo pela soberania do povo, seu pae o deixara no berço entre

raros criados no casarão de S. Christovão, para nol-o recomendar de bordo da não *Warrpita*, a que se recolhera; entre nós, que o alimentámos, que o educámos, que o aclamámos maior antes do tempo, que nos habituámos a olhal-o como o primeiro brasileiro, como nosso conterraneo, levanta-se um dia, após 50 annos de reinado, um infante, um tresloucado, um imbecil, talvez, um infeliz, mais digno da commiseração social, como o proprio imperador o declara, e dominado, talvez, pela monomania de ver fallar de si, finge que atira no sequito do imperador, depois da passagem deste, uma bala de revolver, facto que, não ha duvida alguma, é digno de reprovação, mas que não tem a importancia que se lhe está dando.

Eis que vê-se a capital do imperio a braços com um estado de sitio, pois que a tanto equivale o edital do Sr. José Basson.

Entretanto este edital, nós o affirmamos, em outro qualquer paiz não seria acatado, simplesmente porque nem elle é opportuno, nem tem fundamento legal.

Diz a Constituição que nenhum cidadão — pôde ser obrigado a fazer ou deixar de fazer aquillo que não esteja prohibido por lei, e que nenhum acto do cidadão será classificado delictuoso sinão em virtude de lei anterior que o qualifique.

Mostre-nos o Sr. chefe de policia a lei que prohibe um cidadão qualquer dar vivas á republica; mostre-nos o Sr. José Basson o artigo do codigo que classifica de crime e marca penas áquelle que brade — viva a republica.

Ao contrario, diremos a S. Ex. que pela Constituição ninguém pôde ser perseguido por motivos politicos ou religiosos.

Si rebentasse uma revolução armada e esta tivesse por fim os crimes previstos nos artigos apontados por S. Ex., o caso mudaria de figura.

Agora vejamos o que diz o art. 90, pelo qual S. Ex. promette processar a todo aquelle que bradar — viva a republica:

« Art. 90. Provocar directamente por artigos impressos, lithographados, ou gravados, que se distribuirem por mais de 15 pessoas, aos crimes especificados nos arts. 68, 85, 86, 87, 88 e 89. »

Ha aqui as palavras — dar vivas á republica ou morras á monarchia?

Não de certo.

E S. Ex. deve saber que onde a lei não distingue, ninguém pôde distinguir.

Vejamos agora o que dizem os artigos abaixo:

« Art. 68. Tentar directamente e por factos destruir a independencia ou integridade do imperio.

« Art. 85. Tentar directamente e por factos destruir a Constituição politica do imperio ou forma de governo estabelecida.

« Art. 86. Tentar directamente e por factos destruir algum ou alguns dos artigos da Constituição.

« Art. 87. Tentar directamente e projectar desthronisar o Imperador, prival-o em todo ou parte de sua autoridade.

« Art. 88. Tentar directamente e por factos uma falsa justificação de impossibilidade physica ou moral do imperador.

« Art. 89. Tentar directamente e por factos contra a regencia ou regente para privar-os em todo ou em parte de sua autoridade constitucional.

« Art. 297. Usar de armas offensivas que forem prohibidas.

« Art. 285. (Este artigo refere-se à prohibição seguinte, da lei de 6 de junho de 1831, art. 2º): E' prohibido todo o ajuntamento nas ruas, praças e estradas, sem algum fim justo ou reconhecido, debaixo da pena de um a tres mezes de prisão.— (O artigo do codigo é expresso nos seguintes termos): — « Julgar-se-ha commettido este crime (o de ajuntamento) reunindo-se tres ou mais pessoas com a intenção de se ajudarem mutuamente para commetterem algum delicto ou para privar illegalmente alguém do gozo ou exercicio de algum direito ou dever. »

« Art. 286. Praticar em ajuntamento illicito algum dos actos declarados no artigo antecedente.

« Art. 287. Si o ajuntamento illicito não tiver por fim impedir a percepção de alguma taxa, direito, contribuição ou tributo legitimamente imposto ou a execução de alguma lei ou sentença; ou se for destinado a soltar algum réo legalmente preso.»

As penas relativas aos arts. 286, 287 e os que se referem até 293, constam de multas.

« Art. 293. Aquelles que, fazendo parte do ajuntamento illicito se não tiverem retirado do logar um quarto de hora depois da terceira admoestação do juiz de paz, ou que depois de desfeito o ajuntamento se tornarem a reunir, incorrem em multas.

« Art. 294. Aquelles que commetterem violencias depois da primeira admoestação do juiz de paz.» Penas de prisão, como as relativas aos outros artigos que citámos, exceptuando as que acarretam multas, como dissemos acima.

Acaso ha por ahí alguma disposição vedando o grito de — viva a republica ?

Mande S. Ex. tambem prohibir que se toque a Marselheza, mande quanto antes, porque S. Ex. sabe que este hymno electriza até aos « cadaveres ».

O que nos admira é que haja jornaes que se dizem independentes e não proffiguem semelhante attentado às liberdades publicas.

Quanto á indifferença do povo, não nos admiramos, porque é para isso mesmo que nas escolas publicas deste imperio não se explica aos alumnos a Constituição e nem o codigo.

Isto é bom para as republicas do Prata, para os selvagens, como lhes chamam os satrapas da monarchia.

A monarchia brasileira só quer governar uma nação de beocios.

Já sabemos o que quer S. Ex., quer que, em vez de bradarmos — viva a republica, nas nossas festas patrioticas, escrevamos

palavras em bandeirolas vermelhas e com ellas enfeitemos o recinto das nossas festas e as ruas por que passarmos.

E assim não bradaremos — viva a republica, apenas os proprios monarchistas Jerão — Viva a Republica !

J. F. DA CONCEIÇÃO

(*Republica Brasileira*, de 23 de julho de 1889.)

Vozes da Republica

I

E' uma mentira e uma perfidia á Historia respeitar a monarchia no Brazil como instituição instituida.

Todos os movimentos autonomicos da nossa historia foram sempre feitos no sentido da republica ; em Minas, na Bahia, em Pernambuco, em S. Paulo e no Rio Grande.

A independencia de 1822 foi uma satisfação lacunosa ; uma conciliação entre os interesses mercantis da familia de Bragança e o odio do regimen colonial, que se tornara impossivel, desde que D. João VI veiu refugiar-se e fundar uma córte no Rio de Janeiro.

II

Si, pois, todas as nossas aspirações de ideal politico se resumiram na democracia pura, a instituição monarchica foi apenas um factor intruso e sem prestigio tradicional.

A monarchia foi feita pelo resto da comitiva de D. João VI, que aqui ficou, por ella e para ella.

O povo brasileiro nunca sonhou reis, nem imperadores ; si mesmo aceitou a monarchia, que perfidamente se insinuara, foi porque nesse tempo a ficção do constitucionalismo era uma invenção recente, illudia e parecia satisfazer aos democratas inexperientes. Mas quem hoje presta fé ao constitucionalismo monarchico ?

III

Os republicanos de hoje constituem o unico partido actual de verdadeiro ascendente ; provam-no a attitude dos liberaes, que fazem propaganda contra a republica, fazendo dessa propaganda

um degrão para alcançar a mão do soberano; provam-no as afirmações do liberal Ruy Barbosa, que na extrema do partido, se collocou, ao lado dos republicanos, pedindo as grandes reformas, prova-o o liberal Joaquim Nabuco pedindo a federação como unico remedio; provam-no os conservadores, que são forçados a liberalisarem-se e a fazerem concessões á idéa nova nos seus proprios órgãos officiaes e officiosos; prova-o um proprio *ministro da corda* afirmando que a monarchia é apenas tolerada e cairá logo que a Republica tenha o numero arithmetico sufficiente para derrocal-a, visto como moralmente a instituição monarchica já não tem apoio, nem segurança na opinião; e prova-o, finalmente, o imperador, que se dizia republicano por humorismo e que hoje não está tão doente que não saiba calar-se sobre o assumpto.

IV

A attitude dos republicanos deve ser a da lucta, qualquer que seja a situação dos combatentes. Os republicanos, ainda quando não possam vencer, devem perturbar e trabalhar para o aniquilamento dos partidos monarchicos. Aonde os republicanos não possam representar a victoria, teem o dever de representar a discordia do partido que goza do poder. Quando o republicano não puder eleger um republicano, deve eleger um liberal, para aniquilar os conservadores que governam, e devem eleger um conservador, si os liberaes governarem amanhã.

Trabalhar para construir.

Pleitearem todas as eleições, geraes, provinciaes e municipaes.

V

Em toda a patria existe o embryão sentimental do republicanism. E' preciso desenvolvê-lo, fecundando-o com a palavra, com a doutrina e mesmo com o espectáculo da miseria do functionalismo e dos votantes que crearam toda a mesquinhez, toda a sordidez que a crise actual revela na mais luminosa evidencia.

Os brazileiros devem ter aprendido pela experiencia que um povo sem educação civica de nada vale; a indiferença deste paiz pelas eleições, que sempre foram feitas em proveito de imbecis, de argentarios, de politicos ignorantes, de compadres, de nullidades intellectuaes ou de sabedorias exploradoras ou de pobres de espirito inconscientes, foi a causa do seu atrazo nos seus interesses, nas grandes questões que agitam a alma nacional e a causa de tornal-a pobre, a despeito de todas as naturaes riquezas, e a mais desgraçada de todas as suas irmãs na America.

Porque, digamos a verdade, o brazileiro sempre viu no mandato civico um simples meio de arranjar emprego, ou de pagar obsequios sob a fé de pares de tamancos aos fidalgos da terra.

VI

Afinal de contas, haverá ainda quem no terreno da theoria discuta o valor da Republica? Haverá quem sustente o privilegio divino ligado a um homem para constituir-se o senhor Deus do exercito e do povo?

E si a monarchia como idéa geral é uma cousa fossil incompativel com as novas jazidas que o progresso e a civilização accumulou na historia, para que sustental-a, onde ella nem ao menos representa a força do passado, a tradição e a educação do povo?

Assim, não ha hoje em dia monarchistas sinceros sinão os imbecis; os outros devem ser calculistas grosseiros que não hesitam em fazer o sacrificio da consciencia mediante qualquer provento desprezivel. Ha, sim, homens que especulam com o monarchismo, como tambem ha sacristães que especulam com os enterros e ha vermes que especulam com os cadaveres.

E' o interesse pela podridão; é a gula da mosca vareja, é a fraternidade do urubú e da carniça podre.

Eu acredito que a minha patria fará a Republica ou levantar-se-ha com ella, apesar da ancia do urubú, da gula intemperante do verme, porque a propria putrefacção já vae quasi terminada; pouca carniça resta, a podridão lucrativa esvae-se em fluidos beneficos que hão de salutarmente fecundar os germens que no solo cahiram dos labios da sciencia nova e da nova experiencia das cousas.

E, como os moribundos, que ás portas da morte clamam pela religião que desprezaram durante a vida, os homens, no horror de tollos os estragos, na crise de todos os recursos, hão de clamar por aquelle ideal que regenera, que é o prestigio da humanidade, elevando-se sobre si mesma, sabendo governar-se livremente na sua domesticidade, sem o latego servil e infamante dos despotas e dos senhores.

VII

Nas condições da nossa civilização não se deve exigir a *força* lenta, muscular, numerica, como vantagem de lucta. O factor do espirito de combate e de coragem é principalmente a força nervosa, isto é, o brio. E' pelo brio que o homem sente mais uma pequena bofetada no rosto do que a mais rija bordoeira.

Povo! tem brio! lembra-te de que levas uma bofetada, todos os dias, na tua face, cujo suor é desperdiçado com os protegidos, na tua boca, cuja palavra é fementida e falseada pela imposição dos teus governadores e dos teus capitães, na lingua, que não traduz a consciencia, mas o interesse, nos teus labios, que sorriem quando se amargura o teu coração.

VIII

Ainda agora anda por uma provincia um joven candidato que se exclue voluntariamente das idéas dos dous partidos vigentes e apenas se evidencia *monarchista*. Donde se vê a anarchia desse desvairado talento : que é ser conservador fóra das idéas conservadoras.

Ha por acaso um partido fóra das idéas desse partido ? Dado que se verifique semelhante confusão, que significa o *monarchismo puro* ? Si os proprios monarchistas confessam que a monarchia é apenas um symbolo, mas que os factos residem na acção do governo responsavel, como se abandona qualquer dos partidos para ficar-se na exclusiva maina esteril do symbolo ? O povo tem interesses conservadores e liberaes, mas o povo não tem interesses *regios*. O monarchismo sem partidos é como um cigarro sem fumo.

Que tem o povo com D. Pedro ou com Isabel ?

Donde provém o interesse do paiz por essa familia, que nos parasiteia ha sessenta annos, comendo, bebendo, dissipando com os commensaes e com os inevitaveis compadres, detendo-nos no atrazo que lhe convem, na ignorancia que lhe convem, na pobreza que lhe convem, no jesuitismo que lhe convem, no regimen de todas as bandalheiras, de todas as miserias e de todas as vergonhas, que lhe servem de nutriente pasto ?

Aqui ao pé de nós, a Republica Argentina é hoje um dos paizes mais adeantados do mundo, e o é de facto, porque nunca será o patrimonio de nenhuma familia e sim de todo o povo. Onde está o nosso patriotismo ? Que fazemos ; nós das lições da nossa historia, tão fecunda de exemplos ?

Tem qualquer homem o direito de illudir os seus patricios, illudir a sua consciencia para ganhar a talvez funesta nomeada de deputado inutil e, *faineant* ou para dissipar na Côte o subsidio de representante, não do povo, mas da monarchia ?

E' simplesmente irrisorio !

IX

E porque certo deputado de talento Isabelista hoje não é republicano ? Não é difficil dizel-o. E' porque a sua intuição ainda não chegou á serena esphera do *libre querer*. Ainda não chegou ao ponto do caminho em que se diz : *eu poderia ser ingrato (?) a uma familia, mas não o quero ser á patria*. Ainda não chegou ao ponto de exclamar : *A carniça pôde ser para estrumar alheios jardins ; mas eu não quero que as minhas flores tragam nas azas dos seus perfumes a longinqua nodoa daquelle humus esteril*.

X

Não que a familia imperial seja corrupta; pelo contrario, é honesta. Corrupto é o regimen, e corruptos são os homens educados nelle, no conluio das fraquezas, na collaboração das pusillanidades. Mas a honestidade de um não é um motivo para que a patria se deshonre e se avilte, com todos atirando-se nos pantanos, sem coordenar seus movimentos, sem convergil-os para o alvo supremo da aspiração universal.

Ruy Barbosa ou Joaquim Nabuco são daquelles que poderiam ser, e serão um dia dos nossos. Sel-o-hão, porque queremos a todos, aos bons, e aos santos, aos peccadores. Mas hão de em nosso templo entrar descalços e descobertos, sobraçando a profusão infinita de flores regadas pelo seu suor de trabalho, aquecidas pelo sol intenebravel do seu estudo e oxigenadas pela respiração do seculo, que a haustos agonisa para sepultar-se no abysmo dos tempos.

Elles serão dos nossos, porque já todos o foram, quando a maldade dos homens não lhes incutia a transacção feroz dos partidos que assaltam os maiores quando as suas almas candidas abrem a corolla forte para receber o pollen das revoltas.

Junho de 1889.

ELISA LENTZ.

A Patria

Agora que retirou-se do Brazil a familia deposta, tendo-se conduzido correctamente, assim ella como o governo provisorio e o povo, e que não ha elemento algum disposto e preparado para a reacção, e que já teem-se ouvido demasiados gritos de acclamação do novo regimen, urge quanto antes que cada um volte ao seu posto de trabalho e que todos entrem com ardor e dedicação na laboriosa faina da reconstrucção da Patria.

Esqueçam todos os odios, todos os resentimentos, deem as costas ao passado, só com os olhos fitos no futuro, não se pergunte ao desconhecido donde vem, porque todos nós devemos ter o mesmo objectivo, isto é, a reconstrucção da Patria Brasileira pelo regimen democratico na sua mais completa manifestação.

O governo provisorio tem de arcar com tremendas difficuldades legadas pelo regimen decahido, e com habitos arraigados no povo por uma educação viciosa de seculos.

As duas grandes chagas que abriram a cova em que sepultou-se a monarchia foram principalmente: o filhotismo e a advocacia administrativa ou industrial.

O paiz era governado, assim no dominio conservador, como no liberal, por uma olygarchia composta de senadores, conselheiros de estado e suas familias.

Cumpra que a chaga do filhotismo não tome raizes avultadas no novo regimen: procure-se os homens de aptidão para os cargos, venham donde vierem, do mesmo modo que o governo deve tratar directamente com as partes que tiverem pretensões junto ás secretarias de estado, dispensando os perigosissimos intermediarios, que, com o titulo de advogados ou procuradores administrativos, abatiam a dignidade dos ministros e relaxavam-lhes a honra; lembre-se: o governo provisorio dos Estados Unidos do Brazil, que si na União Americana teem-se dado grandes escandalos administrativos, a repressão lá jámais se fez esperar. Ha pouco tempo ainda a Republica Franceza esteve em crise por causa do *Wilsonismo* e da traficancia que havia na administração, graças á leviandade e impudencia de um genro de Julio Grévy. Seria conveniente que o governo provisorio fizesse desde já conhecida do paiz a situação financeira deste, mostrando o estado em que se acha o thesouro publico e de que recursos dispõe na Europa a delegacia do thesouro, que temos em Londres.

Como estamos em epoca inteiramente anormal e que urge firmar bem a orientação do Estado, é preciso immediatamente resolver-se certos assumptos, pois a conservação do *statu quo* só será prejudicial á causa republicana.

E' assim que desde já dariamos ordem para que se executasse o decreto Maciel relativo á secularisação dos bens das ordens religiosas e promulgariamos um decreto pondo em execução o que passou no extinto senado, a respeito da liberdade de cultos.

O casamento civil e a secularisação dos cemiterios devem ser promulgados quanto antes, sem aguardar-se a reunião da Constituinte.

Respeitariamos todas as nomeações feitas para a guarda nacional, mas decidiriamos que daqui em diante os officiaes fossem nomeados por eleição do corpo.

Dariamos por dissolvida a camara municipal da Côte e mandariamos proceder a nova eleição e que votasse todo o cidadão brasileiro maior de 21 annos e bem assim o estrangeiro que fosse proprietario, negociante, industrial e que tivesse mais de dous annos de residencia no municipio.

Assim eleita a corporação, restituiriamos todas as prerogativas e attribuições municipaes, de cuja posse está hoje o governo central.

Está claro que todas estas medidas serão de character provisorio até que a tal respeito decida a constituinte, inspirada, como deve ser, em espirito radicalmente democrata.

O governo provisorio deve ter bem em vista que dos seus primeiros actos dependerá firmar-se definitivamente entre nós o espirito radicalmente democratico que fez a grandeza da União Americana e que está fazendo a da Confederação Argentina.

Cidade e Bolsa

Revista semanal

A gravidade dos acontecimentos dos ultimos sete dias, que até obrigou a mudar o titulo desta revista, impõe á imprensa a maior circumspecção. Embora esperada ha muito, a revolução radical de 15 de novembro foi um embate tão poderoso no edificio da patria, que o concurso de todas as vontades não é de mais para evitar terriveis acontecimentos.

A imprensa, que é a força moral da sociedade, deve ficar revestida da plenitude de sua acção, para poder apoiar efficazmente a força militar, que é, tambem, uma emanação da soberania nacional. Querer limitar a livre expansão das opiniões de cada orgão, ou exigir a responsabilidade individual dos escriptores, sob a pressão da ameaça, seria substituir a conspiração das trevas e do silencio ao debate, embora vivo, das ideas e grupos. A' imprensa compete apoiar o governo constituido e defender este ultimo baluarte da ordem social, e ao poder de facto garantir a mais livre expansão de opiniões. Será um signal de força e estabilidade.

Este signal de força se reflectirá no movimento e tendencias do commercio, na situação do credito publico e na sustentação de valor da moeda convencional da nação.

Nunca tivemos preconceitos sobre a fórma governamental do paiz, e ha muitos mezes que era facil prever que a monarchia, tendo desamparado os seus mais fortes sustentaculos, ficara em pé como uma cidadella antiga e armada de velhas peças, á boca do estreito, em que ainda tremulava uma bandeira historica, mas sem guarnição militante que defendesse os governadores da praça. O mesmo poder magestático parecia incerto, e successivamente os chefes do poder executivo de facto tinham-se succedido na gestão publica, conservando as apparencias da ficção constitucional, sem que ella na pratica existisse ou funcionasse. Sentia-se que um fallecimento, uma difficuldade imprevista, podia desfazer a ficção e obrigar o paiz a encarar de frente a crise effectiva que datava de 1887.

Os interesses oppunham-se á consulta da nação sobre uma reconstituição urgente com bases solidamente nacionaes e populares, e ainda não estamos certos si, apezar do embate de 15 de novembro, a phase actual será uma reorganização completa e duradoura ou o prolongamento do indefinido. Estamos acostumados, desde 1823, á existencia provisoria, e a constituição outorgada a 15 de novembro ainda não nos assegura que a solução das theses institucionaes seja entregue á nação plena e completa.

Deante deste criterio sociologico, que é o de nossas convicções, facil nos seria historiar os factos dos ultimos dias, sem o menor

receio de offender susceptibilidades. A revolução caminhava desde o principio do mez, presentida por nós, nos artigos sobre os contractos illegaes, sem que o ministerio 7 de junho se dignasse escutar a imprensa. O resto, é a logica das premissas.

A acta antecipada contra a sahida de batalhões de linha desta Côrte e o compromisso dos militares; os protestos do Sr. conselheiro Dantas contra essa deliberação do governo, o aviso que lhe deu e a insistencia inexplicavel do Sr. Affonso Celso; a intenção de depor o ministerio, com que fôra o chefe militar da revolução do campo e que foi transformada por seus auxiliares civis; o apoio inconsciente de uma outra classe de forças e afinal o drama terrivel e instantaneo que fez cahir a monarchia e surgir a republica federativa, significam para nós que os desígnios da Providencia, em sua alta sabedoria, ou a evolução historica em sua marcha fatal, são tão irresistiveis como as rodas do carro do deus indiano, que esmaga corpos e cabeças, mostrando a soberania do absoluto sobre o contingente.

Os factos estão consummados. O imperador rendeu-se á força militar e aceitou o exilio, que garantiu á sua augusta familia uma existencia confortavel e digna do Brazil.

Fazemos a justiça devida ao sabio imperador, de que essa condição foi para a sua pessoa insignificante e secundaria.

Ha muito que a situação anormal de suas funcções, dos negocios publicos e das previsões dynasticas lhe pesava no animo pensativo, como a seu avô Carlos V, e estamos certos de que a revolução foi para elle o caminho de uma solução.

O acto do Sr. Paulino de Souza assentindo á não reunião do senado, e o do Sr. Saraiva desistindo da tentativa de formar ministerio, são significativos. A attitudo destes dous homens de estado nacionaes, geralmente aceitos, facilita ao governo provisorio a completa reconstituição democratica do paiz, com o assentimento das classes conservadoras. Não achará ante si obstaculos nem conspirações. Póde, desta vez, assentar as instituições em todas as aspirações da sciencia e do povo.

Ao poder militar, dignamente representado pelo Sr. general Deodoro, que tem sabido unir a energia á prudencia, compete assegurar, como até aqui, a paz social, o respeito de todos os direitos politicos e civis. A' parte juridica do ministerio caberá não menor missão na organização do mecanismo eleitoral, na manutenção do credito publico e na facilitação dos negocios industriaes.

O Sr. Ruy Barbosa, digno ministro da fazenda, é um homem de estado e um notavel philosopho sociologico formado pelo estudo e pela generalidade e especialidade das discussões na imprensa. S. Ex. goza da confiança dos financeiros e do commercio, mesmo porque o seu character frio e integro exclue qualquer idéa de utilidade pessoal. Sem as prevenções de seu antecessor na pasta da fazenda, o Sr. Ruy Barbosa poderá consultar os chefes de todos os bancos sobre a questão monetaria e cambial, sem se deixar prender ao preconceito de que o Sr. Francisco de Figuei-

redo seja a unica autoridade na materia. No Banco do Brazil, no de Credito Real, no Rural, no do Commercio e em outros encontrará S. Ex. cidadãos distinctos, brasileiros notaveis ou de adopção, que de certo o elucidarão e apoiarão na questão vital de conservar o valor integral de nosso meio circulante e de amparar a produção agricola, que pôde desorganizar-se nas peripecias de uma crise institucional.

O que o Sr. general Deodoro tem adquirido em prestigio pela conservação da ordem publica, o Sr. conselheiro Ruy Barbosa conquistou pelos seus actos de sabbado em relação aos bancos. O aviso, que um cidadão patriota e insuspeito lhe deu, sobre o estado da praça, e que S. Ex. aceitou com nobre isenção, abriu-lhe o caminhoa mais benefica e util popularidade, aquella que lhe permite enfeixar as forças financeiras da nação para consolidar o governo actual.

Algumas duvidas e oscillações que teem apparecido na Bahia, Pernambuco e outras provincias, cessaram logo que chegou a noticia da retirada voluntaria do imperador, e da satisfação dos desejos da sua augusta familia. O apoio das forças militares parece unanime e não será obstaculo a um regimen legal, moderado e que deixe á nação a reconstituição politica dos poderes publicos.

O receio que pôde haver é o da retirada de capitães; mas esta se evitará pela aquisição do apoio e collaboração da população estrangeira, e pelo restabelecimento da normalidade nos actos financeiros. Do programma do ministerio de 7 de junho a parte prejudicial afundou com o ministro que a applicava e os conselheiros que o dominavam; resta ao Sr. Ruy Barbosa aproveitar as idéas sãs, o impulso dado ao progresso nacional, provando que a solução immediata de uma crise prevista não importa em mais do que a acceleração do engrandecimento publico.

(Novidades.)

A installação da Republica

A situação de 15 de novembro é provisoria como organização, mas é definitiva como transformação.

Os factos não podem ainda ser estudados com calma, palpitantes, como estão, os despojos dos vencidos, sob as vistas do vencedor.

Fôra longo ir procurar nos encadeamentos da Historia a logica que produziu a Republica; bastará recordar as ultimas phases da monarchia para concluir que o imperador queria encerrar, consigo, o imperio.

Desde 1871 que uma grande expansão democratica irrompeu no seio da sociedade brasileira, com a lei que declarou livre o

ventre das mães escravas. O cerceamento da instituição servil foi o cerceamento do throno. O escravo era um esteio; o proprietario era um cumplice do regimen compressor da liberdade humana e politica.

As reformas que de então para cá se fizeram não correspondiam á ancía de independencia e de autonomia que caracterisava o poder das massas emancipadas.

A reforma de 1885, que premiou o escravo valetudinario com o direito de morrer livre, augmentou o contingente dos que se desligavam de qualquer cumplicidade com o regimen monarchico. A abolição da pena de açoites foi a eliminação do antigo senhor. A lei de 13 de maio foi a consagração e o complemento de todas as conquistas realizadas.

Desde então o imperio, em vez de consolidar-se, fluctuou na liberdade: as chamadas classes conservadoras não precisavam mais do instrumento que deu garantia á tyrannia em nome da lei.

Desde então a realza ficou collocada nesta alternativa: ou fazer-se democratica ou fazer-se de vela.

Os ultimos gabinetes ao serviço do governo pessoal prepararam afervoradamente esta ultima solução; elles acreditavam que a opressão que desce é superior em força á reacção que sobe.

Durante o periodo de oito annos da situação de 5 de janeiro, o imperador planou sobre a divisão dos partidos, como o leão sobre os irracionaes mais fracos. A esterilidade é uma consequencia fatal das forças divergentes.

Na situação de 20 de agosto o imperio foi a enfermidade, que tocou a extrema agonia.

Na situação de 7 de junho o convalescente era um invalido, que o ministerio teve a insania de suppor eterno, quando era simplesmente duravel.

Daqui veio o erro de uma politica que multiplicava impossibilidades, como em França, quando o throno de junho sentiu-se abalado.

A situação de Luiz Philippe, nos ultimos annos, era uma situação em que todas as responsabilidades se achavam deslocadas e confundidas, em que o ministerio se debatia no vacuo e nas contradicções. Recebendo toda a sua força da realza, o ministerio não a cobria mais, e servia-se della para introduzir as mais perigosas perturbações no jogo das instituições. Ensaaiando successivamente todas as politicas, elle enfraquecia o character da autoridade e depravava ousadamente todos os principios. Deixando fóra do poder os homens mais considerados do parlamento, elle não via que se expunha e se collocava alternativamente na dependencia de uns e de outros ou conduzindo-os indistinctamente e sem remissão ao campo das hostilidades sem treguas. A coalisção de todos os homens e de todas as classes tornou-se um fructo inevitavel dessa politica, que, depois de ter tentado dissolver e confundir todos os partidos, de annullar seus chefes,

acabou reunindo todos esses elementos em uma coalisão terrível contra si.

Foi assim em França; acaba de ser assim no Brazil.

O fermento dos odios e das paixões, a impaciencia dos homens e das idéas por uma outra ordem de cousas eram presentidas, mas não eram avaliadas devidamente.

No dia em que rebentou a primeira valvula, por excesso de compressão, o ministerio, que acabava de recolher-se victorioso do pronunciamento universal das urnas, cahiu esmagado pelas forças que ficaram fóra das urnas.

A sua sina foi mais funesta ainda!

A pena que o puniu abrangeu a monarchia, com aggravação, para esta, do exilio, sem o protesto, sequer, dos antigos corpos politicos do imperio! Nem uma barricada para esconder atrás della a realza, nenhum rebate nos sinos da cathedral para derramar o alarma no acampamento dos velhos legionarios!

E, deste modo, um regimen de mais de meio seculo de duração desapareceu, como a monarchia ha alguns annos em França, « sem que fosse preciso demolir, a martello, o edificio: bastou um golpe de vento para lançal-o por terra ».

E a Republica, que se achava acampada na fronteira do imperio, transpoz immediatamente a linha divisoria, entrando pelo paiz a dentro, aclamada, victoriosa, nos braços do povo, irrompendo da alma nacional, porque ella é a restauração do poder que triumphou.

(Cidade do Rio.)

A situação actual

Já não se pôde recejar que não se mantenha o novo estado de cousas. Está solidamente firmada, no Brazil, a Republica.

O commercio não se limitou a abrir com toda a confiança as suas portas: adheriu á deliberação popular e formou um batalhão para defender a Republica. A mocidade armou-se, armaram-se os estrangeiros, toda a população se collocou ás ordens do governo provisório. As antigas provincias do ultimo imperio do Brazil proclamaram todas a nova fórma de governo e constituíram, sem a menor resistencia, os Estados Federaes. E para que nenhuma sombra de duvida permaneça ainda no espirito de todos, basta dizer que toda a familia imperial deposta sahiu do territorio brasileiro.

O ultimo imperador, diz-se, quando partiu teve uma phrase, que é uma grande verdade: « Reinei 50 annos, e consumi-os em carregar mãos governos. »

Mãos governos, pessimos governos, carregou o velho monarcha deposto : governos que se succederam para os mesmos fins — corromper consciencias e envenenar o character nacional. — De espaço a espaço, um raro lampejo de honra apparecia, uma fulguração passageira de dignidade illuminava o lodo da politica.

Paranhos e João Alfredo reagiram contra a acção corruptora do meio, e 28 de setembro e 13 de maio nasciam dessa revolta moral.

Mas tudo seguia o mesmo caminho. O odio politico turbava de novo as consciencias, a paixão allucinava de novo os governos. E o mesmo systema perverso de vencer pela perfidia e pelo suborno continuava a fazer deste paiz um largo atoleiro, onde se vinha afundar toda a energia do povo.

Bem comprehendeu o velho imperador, na hora em que se viu obrigado a obedecer ás ordens do povo. Comprehendeu-o, e arrependeu-se, naturalmente, de não ter sabido sempre collocar a sua vontade acima da vontade de seus ministros, e de ter pactuado com a sua criminoso politica.

Foi, com certeza, uma hora tremenda para D. Pedro de Alcantara a hora em que pôde medir toda a extensão da sua desgraça. Visitaram-no amigos, acompanharam-no affeiçãoados. Mas não houve ninguem que francamente tomasse o seu partido e julgasse injusta a sublevação do paiz: ninguem, á excepção dos membros do ministerio do sangue, á excepção dos sete derradeiros ministros monarchicos, que, de seis mezes de governo, fizeram seis periodos de affrontas á nação e de esbanjamentos de dinheiros publicos.

O imperador deposto declarou que de nada sabia, que tudo aquillo o colhia de surpresa. Colheu-o de facto de surpresa a proclamação da Republica, e não só a elle como a todo o ministerio — tal era a affrontosa confiança que esse ministerio depositava no enfraquecimento do brio brasileiro. Ninguem, daquelle grupo de inimigos da nação, suspeitava que se pudesse interromper a serie dos seus triumphos, das demissões e das exautorações, dos insultos feitos á armada e ao exercito, da imposição de afilhados ineptos á adoração do publico.

Ainda na vespera da quêda, o Sr. Affonso Celso contava com a elevação da sua estatua.

E custou-lhe ver que sobre o pedestal preparado não foi a sua estatua que se elevou, mas um homem, a cuja espada estava, então, como sempre, confiada a missão de defender a liberdade da patria e desafrontal-a.

Respiremos. Está garantido o regimen republicano. Novos homens, em novo regimen, saberão dar á patria nova e acertada direcção.

Trabalhemos e obedecemos. Até agora o governo provisorio tem dado tantas e tão bellas provas de moderação, de prudencia, de patriotismo e de amor á ordem, que é do dever de todos os brasileiros e de todos os estrangeiros domiciliados no paiz — applaudir, sustentar e obedecer aos homens que acabam, num

dia, que ficará sendo o maior da nossa historia, de dar-nos uma patria livre, onde possamos viver livremente, e que possamos legar com orgulho aos nossos filhos.

Calma, confiança e obediencia — eis o que deve agora presidir a todos os nossos actos.

(Cidade do Rio.)

A nova Patria

Um espectáculo bellissimo é o que presenciamos e damos ao mundo a apreciar.

A Patria brasileira surge.

Até dias antes, os patriotas que oppunham seu protesto aos desmandos e corrupção do regimen monarchico quasi que se sentiam desanimados ante a indifferença a que os delegados da corôa tinham reduzido o coração, a alma brasileira, para com as questões que deviam interessar á nossa communitade.

Parecia que o amor da patria estava embotado. E nos momentos em que o pessimismo mais se apossava do espirito do observador, a nação parecia um grande corpo sem nervos.

A liberdade, tinhamo-nos acostumado a fruir como fructo da bondade de um soberano.

O brasileiro, para obter pingues meios de subsistencia, estava reduzido a andar de porta em porta em procura de recommendações de amigos que lhe facilitassem um emprego em secretaria.

E muitas vezes a necessidade arrastava-o á exploração dos caprichos amorcos dos ministros.

Os grandes compromissos da nação, nas mais solemnes contingencias, foram postos á margem.

Invalidos da patria maltrapilhos atravessavam as praças cercados pela indifferença.

Não havia direito, porque este não passava de uma palavra.

Cidadãos descrentes, arrastados pelo instincto de conservação, dominados pelo amor da familia, trocavam o exercicio dos seus supostos direitos politicos por um prato de lentilhas.

Os pequenos grupos que, das influencias officias conservavam-se afastados, doutrinando o povo, excitando a multidão á reivindicação dos direitos de cidadãos, esses eram atacados pelo governo, que se disfarçava em povo, desde as columnas da imprensa até ás ruas, calumniando a uns, tentando ridicularisar a outros, por todos os meios, desviando o espirito publico que, perdido num mar de duvidas, procurava, descrente, onde es-

tava a sinceridade e a honra, e como um esforço ultimo, nas horas em que se via esbulhado e opprimido, recorria ao chefe da nação, que tinha tido tactica bastante para collocar-se a coberto.

Nas suas expansões intimas, quando boatos, robustecidos pela imaginação popular, traziam-nos probabilidades de guerra com os nossos irmãos vizinhos, o povo referia-se ao menospreço em que estavam cahidos os velhos voluntarios do Paraguay, e todos duvidamos que o patriotismo brasileiro se despertasse para impellir aos campos de batalha os numerosos corpos de voluntarios de outr'ora.

Mas houve a revolução de 15 de novembro, a grande revolução pacifica.

Como cahiram, ante os factos, os agouros dos inimigos da liberdade dos pretos, cahem agora, ante os factos tambem, os agouros dos inimigos da liberdade da Patria.

Mas isso seria máo symptoma para a energia da nação brasileira; isso poderia indicar um prolongamento, apenas, do estado de abatimento em que se aprofundou o paiz durante o regimen passado. E, eis sinão quando, desde as academias até ao operario, erguem-se os cidadãos, como um protesto vivo, tomando armas, organizando batalhões voluntarios em defesa da nova patria.

O povo atacava com o ridiculo, ha bem pouco, a pseudo guarda nacional, e este mesmo povo, sem distincção, em massa, vae apresentar-se ao governo provisorio da Republica, pedindo-lhe armas!

Grande Patria Brasileira!

(Cidade do Rio.)

O Governo Provisorio

O governo provisorio dos Estados Unidos do Brazil expediu, hontem, communicacão telegraphica aos seus agentes consulares no estrangeiro, dando parte a todo o mundo civilisado da proclamação da Republica Brasileira.

Quanto ao modo por que em todo o mundo será recebida essa noticia, já pôde ser previsto pelos dous boatos, que correm com todo o fundamento: a Republica dos Estados Unidos da America do Norte faz questão de ser o primeiro paiz a reconhecer a Republica Brasileira, e a Republica Argentina, por intermedio de seu ministro, Enrique Moreno, mostra-se animada dos mesmos sentimentos.

Nada, portanto, se pôde agora receiar; consolidado o novo regimen, pôde o Brazil, seguro da felicidade que alcançou, entrar serenamente na larga estrada que lhe rasgou a grande data redemptora de 15 de novembro.

E, calmos e certos da victoria, é justo que desde já comece a ser escripto o elogio deste patriótico e sabio governo, que, nascido numa hora de enthusiasmo da alma nacional, iniciou a nova era da nossa historia com medidas da mais alta justiça e do mais elevado tino politico.

Todas as providencias, no mesmo dia em que surgiu e venceu a revolução gloriosa do Povo, do Exercito e da Armada, foram tomadas com uma admiravel certeza, com uma espantosa promptidão. Pôde-se dizer que na noite de 15 a Republica nascente já estava garantida.

Depois, resolvido tudo quanto devia firmar a estabilidade da instituição libertadora, o governo provisorio começou a distribuir justiça. O acto da concessão de 5.000:000\$ à familia de D. Pedro de Alcantara, negado a principio pelo Sr. Lassance, é agora confirmado pelo proprio governo provisorio. Foi o Sr. Lassance apresentar ao governo a lista das dividas do ex-imperador, declarando que D. Pedro não podia partir sem saldar essas dividas e não tinha dinheiro para isso.

O governo immediatamente providenciou para que o monarcha deposto pudesse, ao sahir do paiz, satisfazer todos os seus compromissos.

E por mais credito que mereça a palavra do Sr. Lassance, desmentindo a noticia, mais credito merece a palavra veneravel do cidadão Quintino Bocayuva, que affirma haver tido em mãos a lista apresentada pelo mordomo do Sr. Gastão de Orléans.

Fica, portanto, a Historia autorizada a declarar que a familia que era um obstaculo ao progresso do Brazil sahio do Brazil respeitada e soccorrida, tratada com todas as honras até à ultima hora, e que essa familia está hoje obrigada a nem de longe pretender ainda oppor-se à tranquillidade da nação que — fazendo-se feliz, soube tambem fazel-a feliz.

O ex-imperador era caridoso, dava esmolos, distribuia pensões, espalhava favores: a Republica toma sob a sua guarda e protecção todos os pobres soccorridos pelo imperador.

O governo republicano acaba de assegurar aos protegidos do monarcha deposto que continuarão a fruir dos mesmos favores que fruiram até aqui.

A Republica não se pôde deixar guiar por sentimentalismos; e si, de qualquer modo, essas pensões não pudessem continuar a ser dadas sem prejuizo para a comunidade brasileira, ninguem poderia por isso criminar o governo provisorio, porque os interesses particulares devem ser anniquilados, sempre que prejudicam os interesses geraes.

Mas nem essa arma ficará contra a Republica, que soube nesta difficilima phase conciliar os actos da mais severa razão com os actos do mais commovedor sentimento.

Tal tem sido a politica admiravel do nosso governo. O paiz descança, confiado na honra e no patriotismo dos cidadãos a quem entregou o seu destino.

Ordem inalteravel. Chega o povo, ás vezes, a admirar-se, encontrando ás esquinas sentinellas de carabina ao hombro, tão alheiado já está elle de todo ao receio de perigo.

A Patria está garantida. O brasileiro, sempre descrente e indifferente até aqui, acredita agora na sua liberdade, e interessa-se por ella e zela-a, como se costuma zelar uma cousa que nunca se teve e que sempre se desejou ter, e que chega de repente, realiza-se e solidifica-se.

Nem um protesto, nem uma duvida. E o povo brasileiro, orgulhoso da sua victoria, abençoando esta sublime data de 89, de que irradiam para o mundo inteiro todas as conquistas da liberdade e todos os beneficios do progresso — abençoa os cidadãos que no momento mais difficil da vida da nação puzeram-se á frente della para defendel-a e guial-a.

Sejam quaes forem os transeos por que tenha ainda de passar a Republica entre nós, nunca serão esquecidos os serviços inestimaveis do governo patriotico, que fez da nação brasileira a honra do grande continente americano.

(Cidade do Rio.)

A nova Patria

Depois da serie de providencias que o governo da Republica tem tomado, haverá quem, no Brazil, recordando-se da administração dos governos ephemeros do imperio, ainda se recuse a declarar-se franca, aberta, entusiasticamente republicano?

O governo, desde as primeiras horas da victoria, em vez de entregar-se ás alegrias do triumpho, curou logo de estabelecer medidas acertadas que garantissem a ordem.

Ao tino administrativo, ao grande espirito dos cidadãos que compoem o governo nada passou despercebido.

As condições em que a revolução nos collocava foram perfeitamente synthetisadas.

E dahi proveiu o facto de não ter havido occurrencias mais lamentaveis.

Tal o patriotismo que o inspira, tal o civismo que dirige seus actos, que o Brazil, no melindroso periodo da proclamação da Republica, não receia entrar em competencia na critica historica com todos os paizes de todos os tempos, com aquelles cujo movimento revolucionario tenha sido mais sabiamente planeado e mais sabiamente executado.

No meio do delirio da nossa população, sob o dominio do mais sincero entusiasmo, nossa alma de brasileiros tinha um sentimento: sentiamos um aperto no coração com a partida do Sr. D. Pedro de Alcantara. E' que o ex-imperador e a ex-imperatriz do Brazil tinham um grande numero de pensionistas.

Por politica ou por sinceridade de sentimentos, invalidos e viuvias recebiam da corôa mensalmente a modesta pensão que lhes amenisava os rigores da miseria.

A infancia pobre tambem recebia instrucção.

Familias, muitas familias eram agasalhadas e quasi todas de cidadãos ao serviço da corôa, de cidadãos, portanto, a quem a transformação politica arremessava na miseria.

E nós sentimos profundamente que o 15 de novembro produziu a fome e a desolação.

Pois bem, o governo acaba de decretar a continuação desses beneficios.

Bello, bellissimo, extraordinariamente bello! o governo comprehende que não será com a pratica de taes actos que as finanças do paiz soffrerão.

Elle comprehende a sua alta missão.

Depois de ter tratado os vencidos com a fidalguia digna da alma brasileira, era preciso completar a sua obra, e acaba de completal-a.

Quantas lagrimas, que hontem eram de dôr, não rolaram hoje pelas faces enrugadas da velhice, pelas faces descoradas da pobreza, como a expressão de uma alegria enorme, ao saber-se da resolução do governo!

Bravos!

A Republica no Brazil se está constituindo sobre bases de bronze.

Era preciso que desde os primeiros dias o povo comprehendesse que estava sendo governado por si mesmo. O povo vae comprehendendo-o.

Cidadãos! lamentemos o tempo que havemos perdido.

Cidadãos! viva o governo do povo pelo povo!

(Cidade do Rio.)

Paz e Fraternidade

Todos nós, que conheciamos a alma frança do ex-imperador que, como politico teve grandes erros, que se consubstanciam no aniquilamento de duas gerações de estadistas, todos estragados pelo servilismo, como dissemos a 15 de setembro deste anno, mas

que como homem tinha em alta dôse o sentimento de clemencia e de piedade e acolhia à sua sombra, pensionando do seu bolso, a muitos necessitados, sentiamos uma grande commiserção pela sorte dos indigentes, viúvas e orphãos, que ficariam ao completo desamparo, privados com a quêda da monarchia, dos unicos recursos que tinham de subsistencia.

O governo da Republica, que está espantando o mundo com as suas deliberações inspiradas pela justiça a mais severa, pela ordem absoluta, pelo respeito aos direitos adquiridos e aos interesses de todas as classes, tanto que ninguem dirá que estamos sob o regimen de um governo revolucionario, e antes parece que o estrondoso acontecimento do dia 15 foi apenas a mudança de um ministerio no mesmo partido que estivesse na posse do governo, acaba de publicar um decreto que traduz o que a generosidade tem de mais delicado, o que a piedade tem de mais santo, o que a fraternidade tem de mais divino, concedendo aos necessitados, enfermos, orphãos e viúvas as mesmas pensões que recebiam do ex-imperador.

Que grandes, que inspirados homens são estes a quem a nossa fortuna confiou o governo da Patria? De onde vieram elles? Em que mundo ideal formaram-se as suas almas cheias de tanto heroismo, de tanta abnegação, de tanta generosidade, de tanta justiça, de tanto civismo?

Santa Republica! por tua causa não se amargurará a sorte dos necessitados. Os orphãos não chorarão, não chorarão as viúvas.

Inspirados por Deus, ou inspirados pelas benções do povo, esses homens do governo estão levantando sobre alicerces tão extraordinarios o edificio da organização da nova Patria, que nós nos sentimos orgulhosos e grandes de ser brasileiros. Como traço brilhantissimo do exordio da nossa historia de povo livre, aqui transcrevemos o decreto.

(O Dia.)

15 de novembro e as reformas necessarias

O novo regimen é a consagração das aspirações democraticas do Brazil.

Taes aspirações eram incompativeis com o antigo regimen; e tanto é certo que o imperio não comportava a liberdade em todas as suas manifestações, e com todos os seus consecrarios, que com o simples advento da emancipação dos escravos, o throno imperial vacillou, e em pouco mais de um anno desabou, como edificio velho, cuja base houvera sido lentamente solapada.

A promessa de um programma de reformas liberaes mais

amplas, dando ás antigas provincias uma organização autonoma, trouxe para a brecha combatentes da ordem do actual Sr. ministro da fazenda, e á sua tenacidade na lucta pela fórma federativa deve-se com certeza o rapido caminho que fizeram as idéas de que se constituiu paladino.

Foram tão profundas as convicções implantadas pela propaganda da federação das provincias, que o ministerio passado — a omnipotencia official sobreposta á decadencia imperial — ao primeiro encontro com o povo, na jornada de 15 de novembro, reconheceu que a victoria de 31 de agosto deixara fóra das urnas a maioria da Nação.

A deposição de todos os poderes constituídos tornou-se então um facto logico, inevitavel, irresistivel, como a soberania, e a Republica alastrou subitamente toda a superficie do antigo imperio, como as aguas que transbordam de um vasto leito, indo por si mesmas formar um immenso estuario.

A' proclamação da Republica seguiu-se a decretação de actos fundamentaes da nova ordem politica, quaes fossem a constituição do regimen federal o o suffragio universal.

O governo provisorio da Republica tinha de obedecer ao imperio das circumstancias, e traçar para a Nação as normas fundamentaes do novo regimen, a saber: a consagração da fórma de governo, a emancipação absoluta da soberania nacional.

Taes actos teem de subir á sancção da Assembléa Constituinte, que opportunamente será convocada.

O governo provisorio, porém, não pôde ficar nessas duas largas linhas. Ha aspirações que no antigo regimen tolerariam um adiamento, mas que neste teem de vir completar a obra já feita, como si se tratasse de uma peça essencial á construcção gloriosa do 15 de novembro.

Assim, a separação da Igreja do Estado, garantidos ao culto e ao clero catholico os subsidios necessarios á sua manutenção; a mais ampla liberdade de cultos, assegurado, entretanto, o respeito á moral e ás instituições; a secularisação do cemiterio, como condição essencial á inviolabilidade de todas as crenças; o casamento civil, como acto indispensavel á constituição da familia sob as novas fórmias de direito, sem prejuizo dos actos religiosos que cada individuo possa praticar em respeito á confissão no culto a que pertença, são dependencias immediatas da grande victoria de 15 de novembro.

Desta sorte, com as reformas já proclamadas e com as que esperam actos especiaes para o seu reconhecimento solemne, a Republica caracterisar-se-á as liberdades triumphantes, que fizeram desaparecer o imperio, em tres categorias de actos, segundo a ordem em que elles se forem constituindo em bases da sociedade: *liberdade civil, liberdade politica e liberdade philosophica.*

Esta categoria de idéas é o producto das indagações da philosophia positivista, de onde decorrem as seguintes conquistas:

No grupo da liberdade philosophica — as liberdades de consciencia, de ensino, de imprensa e de cultos;

No grupo da liberdade politica — a liberdade de eleição, de representação, de reunião, de associação;

No grupo da liberdade civil — as liberdades de propriedade, de industria, de trafico, de contracto.

Estas tres categorias mereceram de um eminente publicista estas profundas e exactas observações:

« A liberdade civil é aquella que as sociedades melhor conhecem, e a que maiores violações tem recebido, por causa do abandono da liberdade politica ao arbitrio ou falsificação dos governos. E' só pelo exercicio da liberdade philosophica que as aspirações sociaes se converterão em opiniões, e que a sciencia virá, como um novo poder espiritual, a emancipar a sociedade do empyrismo inconsciente dos que a governam. »

Em conclusão: é essencial que o Governo Provisorio exerça a dictadura que a soberania da razão publica e da vontade nacional pôz nas suas mãos, no intuito da reconstrucção immediata da nova Patria, segundo o ideal da democracia que hoje impera no mundo.

(Cidade do Rio.)

A Republica e a Imprensa

Toda a imprensa da manhã, á excepção de um órgão que não pôde estar satisfeito com a actual ordem de cousas, manifesta o contentamento, a surpresa agradavel que lhe causam os primeiros fructos do novo regimen, manifestados pelas effusões de um contentamento indescriptivel e pela ordem inalteravel que tem reinado na capital e provincias, em meio de uma effervescencia de jubilo, que chega ao delirio.

Mais uma vez o Brazil firma os seus creditos de um grande povo, que sabe soffrer e resignar-se quando o bem da patria o exige, mas sabendo tambem reagir e impôr as suas idéas, si alguém sonha evital-o ou reduzi-lo á condição servil de um automato, em mãos de governos audazes.

Os nossos collegas do *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Noticias*, *Paiz* e do *Diario do Commercio*, em artigos editoriaes, pronunciam-se de modo altamente louvavel sobre a situação e concitam o governo a manter a ordem publica e salvaguardar todos os interesses e todas as liberdades, transparecendo dos seus artigos os votos que fazem pelo bem-estar e pela grandeza da Patria.

Vê-se que todos estão maravilhados com o spectaculo grandioso de um povo reconquistando todos os seus fóros, pela

simples força de persuasão, sem derramamento de sangue, sem violencias de nenhuma especie, em meio de aclamações, e com os olhos postos no futuro de sua grande patria.

Um governo como este, nascido do seio do povo, e tendo o apoio do exercito, da armada, do commercio e da imprensa, tem deante de si dias de immorredoura gloria.

(Gazeta da Tarde de 17 de novembro.)

Consummatum est

Hoje, ás 6 horas da manhã, deixou o Brazil o Sr. D. Pedro de Alcantara e toda a sua familia, não tendo recebido, desde o dia 15 até ao derradeiro momento de deixar o solo patrio, sinão provas da generosidade e benignidade do character brasileiro.

O governo provisório dos Estados Unidos do Brazil, interpretando bem o alcance de sua missão e pondo-se na altura da elevação do sentimento nacional, fez tudo grande e deu ao mundo um exemplo nunca visto de generosidade, moderação e largueza de vistas, provendo amplamente para que a familia, que governou o Brazil por espaço de 50 annos, possa viver, longe da patria, com a precisa decencia.

Quando o imperio francez elevou-se sobre as ruínas da Republica em 1848, deportou em massa os cidadãos mais prestantes e confiscou os bens da familia de Orléans.

A Republica de 1870 reparou esta ultima injustiça, mandando restituir á familia de Orléans os bens que a esta pertenciam, mas nos primeiros momentos, que seguiram-se á deposição da familia bonapartista, excessos foram commettidos, dando-se a maior publicidade aos papeis reservados de Napoleão III e de sua esposa, que foram encontrados no palacio das Tulherias.

Quando Amadeu nobremente renunciou á corôa de Hespanha, os republicanos conduziram-se dignamente, prestando-lhe todas as honras, até transpôr as fronteiras hespanholas.

Mas, fazer-se uma revolução sem derramamento de sangue, na melhor ordem possível, com annuencia unanime dos brasileiros do extremo norte ao extremo sul, sem a menor violencia contra quem quer que seja, não apparecendo um unico grito injurioso contra a familia decahida e provendo os meios de subsistencia desta com demasiada largueza, é facto sem precedente na historia e que causará a admiração do historiador do porvir.

Não admira, pois, que continue a reinar a maior tranquillidade no paiz, conservando-se a ordem publica inalteravel, todo o funcionalismo obediente, commercio funcionando a portas

abertas, a fé dos contractos mantida, e, mais do que tudo, o nosso credito sustentando-se no interior e no exterior, sem haver oscillação no cambio, o que é o mais seguro thermometro para julgar-se da situação actual.

Cumpra, porém, que o governo provisório providencie desde já para a convocação da Constituinte e a respeito de outros assumptos, que aliás não sendo de grande alcance, carecem, no entanto, de outra direcção.

E' assim que seria talvez conveniente á Republica declarar que não concede nem um titulo, pensão ou condecoração, ficando apenas mantida a ordem de S. Bento de Aviz; mas, que se mantenha, á semelhança da Republica Franceza, todos os titulos e pensões concedidos pelo regimen anterior.

Do mesmo modo restabeleceríamos o recurso para a suprema autoridade civil das decisões dos prelados, que no regimen decahido não tinham « recurso para a corôa ».

Em todo caso, a população do paiz, por todos os lados, mostra-se satisfetissima com o que fez a 15 do corrente e com a direcção que se tem dado ás cousas dahi em deante, pois a verdade é que agora todos os actos do governo provisório são inspirados pela prudencia, moderação e o mais accentuado espirito de justiça.

Aos honrados cidadãos que tem a responsabilidade do poder, lembramos a phrase profunda e patriótica do immortal Thiers :

« A victoria pertencerá sempre aos moderados, pois nada mais forte do que a moderação. »

(Gazeta da Tarde de 17 de novembro.)

Como pensamos

Monarchistas ou republicanos, devemos ser mais do que isto —Brazileiros. O unico meio de salvar o Brazil é garantir a ordem, é aconselhar aos nossos concidadãos que caleem os seus enthusiasmos ou os seus rancores politicos e aguardem o momento de manifestal-os nas urnas. Toda a lucta que não for esta, todos os esforços empregados que não tenderem á manifestação ampla e franca, mas legal, da opinião, será uma calamidade tremenda para os grandes interesses que nós brazileiros temos o dever de zelar, porque nelles estão empenhados o nosso credito e a nossa honra.

Toda a resistencia dos partidos monarchicos aos factos consummados, todo o tentamen de manifestação que não seja o

proaunciamento das urnas, será mais do que uma violencia condemnavel, será um crime de leza-patria.

Pensando assim, estranhámos que homens reflectidos e patriotas, hontem reunidos como conselheiros do imperador, suggerissem, ás 11 horas da noite, o alvitro nefasto de tentar o monarcha decahido a organização do um gabinete !

Isto, além de ser o cumulo do ridiculo, porque nenhum governo se pôde manter sem o apoio da força publica e esta é contraria a qualquer governo do imperador, é tambem uma demonstração de resistencia ao governo provisorio, demonstração partida de homens que devem medir tolo o alcance dos seus conselhos e que não podem ignorar que a unica manifestação legal, séria e possível é o pronunciamiento da nação convocada aos comicios.

(1) *Dia.*)

A nova phase

Entramos definitivamente num regimen de ordem e de progresso.

Para o povo brasileiro começou uma renascença de felicidade e de paz.

Dentro em breve os Estados Unidos do Brazil acumeando com os grandes centros de civilização democratica mostrarão quanto foi salutar para a America a revolução pacifica de 15.

Já não ha para a patria sinão cidadãos aparelhados para servir-a e para engrandecel-a

Cada brasileiro começou a construir para si e para os seus concidadãos o grande edificio, de cujas janellas pôe ver desassombrado e seguro o amplo painel que se descortina e que o horizonte fecha com uma moldura de céu azul para reflectir a ascendencia gloriosa de um povo que ensinou o mundo a fazer revoluções.

A incomparavel reacção democratica, tão bem caracterizada pelos actos do governo provisorio, captou desde logo a confiança no estrangeiro e definiu-se como uma garantia publica no espirito dos brasileiros.

A Republica provou, como em toda a parte, que não era um monstro devorador dos reis e espumante de sanie.

Appareceu com a sua bandeira branca de paz, perdoando os que erraram e honrando a dynastia que durante longos annos havia esterilizado o character nacional e a tendencia accentuadamente democratica do povo brasileiro.

Hoje os tímidos e incredulos dos mãos tempos do imperio podem ver si os velhos republicanos tinham ou não razão quando lhes affirmavam que a republica era a paz, que a republica era o desinteresse argamassado pelo trabalho e pela confraternisação das classes, profundamente designaes e abastardadas pelo caracter absorvente e syneretico da monarchia.

O systema politico que em poucos annos preparou a França, depois da desastrosa e horrivel hecatombe de 1870, epoca em que a grande nação parecia a todos que ia desaparecer, cerrando para sempre o seu glorioso feretro a hegemonia latina nos dous continentes, para dar combate aos inimigos do exterior, que se empenhavam em feril-a de novo, fará do Brazil uma nação forte equilibrando-se nas leis democraticas, que foram em todos os tempos o laço de união entre o presente que prepara e o futuro que executa.

Os governos mãos desaparecem sem deixar quem lhes verta, no derradeiro momento, uma lagrima de amorosa piedade — especie de fogo fatuo que enlaça no mesmo nó o coração que se abre e o tumulo que se fecha.

A dynastia desapareceu sem deixar saudosas recordações.

Nem uma contracção de desgosto, nem um grito de revolta! No emtanto, havia tempo para que esse povo, pelo menos, cerrasse os seus olhos numa expressão de profundo pezar, porque ella esteve entre nós cincoenta longos annos.

Era preciso que fosse muito má para que não deixasse um só brasileiro que lançasse ao seu esquife uma flor mortuaria ou uma pá de cal.

Boa razão tinha o autor destas linhas em affirmar, ha alguns annos, que o e-imperador não contava um amigo sincero no meio do esplendor palaciano e da cortezania submissa e salaz.

Elle partiu, e o jubilo de toda a nação não se fez esperar.

Monarchistas e republicanos abraçaram-se, como si fossem velhos companheiros de armas.

Esse desprezo pela monarchia é a mais bella apothese da Republica.

(*Correio do Povo.*)

Nova éra

Os attentados systematicos do ministerio de 7 de junho trouxeram hontem (15) o resultado, que, ha muito, receiavam os espiritos esclarecidos.

O exercito e a armada, reivindicando os direitos em cuja conculcação se comprazia o governo imperial, depuzeram hontem

o gabinete com assenso geral da população desta cidade, que recebeu o movimento com a maior satisfação, adherindo absolutamente a elle.

Disse-se que a abolição fez-se entre flores. E a revolução de hontem consummou-se entre expansões não menos cordiaes, nas quaes todas as classes sociaes tomaram a mais ampla parte.

Nunca houve pagina mais gloriosa na historia das grandes reivindicacões nacionaes; e aquelles que assistiram ao espectáculo grandioso e innenarravel dos acontecimentos passados hontem no campo da Acclamação, hão de guardar para sempre a memoria mais grata á patria e á humanidade.

O programma do novo governo resume-se nestas idéas capitais :

- Restauração da liberdade;
- Constituição plena da democracia;
- Inauguração da republica federal;
- Garantia rigorosa da propriedade e do credito nacional;
- Manutenção dos funcionarios, que continuarem a bem servir;
- Repressão absoluta e implacavel da desordem.

E', portanto, um movimento cívico, de caracter nacional, que vem fundar sobre as bases americanas o futuro do paiz.

Graças á iniciativa generosa do exercito e da armada !

Chamado, hontem de tarde, pelo marechal Manoel Deodoro da Fonseca, que o convidou a collaborar no novo governo, occupando a pasta da fazenda, o redactor em chefe desta folha, o Sr. Ruy Barbosa, julgou-se obrigado pelo seu dever a não recusar os seus serviços á patria, em circumstancias nas quaes a ordem social e o bem da Nação reclamam o concurso e os sacrificios de todes os seus filhos.

O *Diario de Noticias* nada mais tem a acrescentar á proclamação do governo provisorio.

(*Diario de Noticias.*)

A Republica

A base fundamental do regimen republicano é que todos os cidadãos intervenham na organização dos poderes publicos e que tambem o funcionalismo dependa do voto popular.

Nas republicas, o primeiro magistrado da nação, o presidente da republica, é eleito pelo suffragio popular, e exerce essas funcões por um periodo de quatro ou seis annos. Não pôde ser reeleito sem que passe igual numero de annos áquelle em que desempenhou esse elevado posto publico.

A eleição do presidente da republica faz-se directa ou indirectamente, quer dizer: é eleito pelo povo ou pelos membros da assemblea legislativa. No segundo caso os eleitos do povo, que constituem o corpo legislativo, recebem, conjunctamente com o mandato de representantes do povo, o especial de elegerem o primeiro magistrado da nação.

A eleição indirecta tropeça em graves inconvenientes. Uma assemblea legislativa eleitora do presidente da republica, subdivide-se, quasi sempre, em duas facções: uma de amigos do chefe do Estado e outra de adversarios.

O suffragio directamente exercido pelos cidadãos é aquelle que expressa a genuina vontade popular.

Nas democracias, o primeiro magistrado é o chefe do poder executivo da nação: todos os actos publicos praticam-se em seu nome e sob sua responsabilidade, mas exige-se que os subscrevam tambem um ou todos os ministros, conforme o caso.

E' uma attribuição privativa do presidente a nomeação dos secretarios de estado que compoem o ministerio; não deixando, por isso, de participar da responsabilidade dos actos, que subscrevem ante a assemblea legislativa, e ante o paiz, quando infringem as leis vigentes.

A assemblea legislativa é composta de duas camaras temporarias — a de deputados e a do senado — que constituem o supremo tribunal da nação.

O segundo poder do Estado é o da administração da justiça, igualmente de eleição popular e gozando de completa independencia no exercicio de suas funcções.

Não se concebe o systema unitario nos paizes democraticos, sinão como sendo uma anomalia ou imposição contra as prescripções do regimen republicano.

O systema federal ou confederado é aquelle que cabe, naturalmente, no mecanismo democratico, porque estabelece a descentralisação administrativa, crê a autonomia das provincias, dos districtos e dos municipios, estabelece o *self government*, a base de todas as garantias de liberdade, a que affirma a completa independencia dos poderes constituidos em cada localidade.

A eleição dos juizes inferiores e de outros funcionarios tambem depende do voto popular.

Sendó a democracia o governo de todos, o suffragio era o meio unico que podia significar a vontade popular na eleição de todos os seus mandatarios.

Esse constante exercicio ante os comicios faz com que os cidadãos se compenetrem dos seus deveres; se acostumem a interessar-se no movimento politico do paiz e a conhecer, como membros de uma commuidade, qual é a sua missão quando votantes e quando mandatarios do povo.

Os povos democraticos não concebem a liberdade com descansaço: salem que para garantir a paz, a boa direcção dos negocios publicos, é preciso defender os seus fóros de cidadãos, cumprindo o dever que lhes impõe o acto social « um por todos e todos por um ».

Essa constante actividade dos cidadãos, preocupando-se do presente e porvir da patria, faz que nos paizes democraticos constitua-se o poderoso tribunal — opinião publica; — que cada individualidade represente uma molecula da organização social; que os cidadãos se habilitem a possuir uma actividade e uma energia, e mesmo uma altivez, que lhes permitem apressar o progresso industrial, animar o espirito de associação, converter-se, emfim, cada individuo num factor do bem-estar da collectividade.

O que seria da Confederação Helvetica, que geographicamente se acha mal collocada, si não gozasse da liberdade, conciliando todos os interesses, fazendo a todos os seus habitantes solidarios e irmãos, sem ter na menor conta a diversidade de origem e de idioma?!

A segura existencia e a prosperidade de um Estado, como a Suissa, encerra em si um phenomeno historico, que unicamente se pôde dar na base constitutiva do regimen democratico que adoptou.

(Diario de Noticias.)

As reservas da imprensa européa

Quando, á porfia, cada um dos governos da livre America declara que deseja ser o primeiro a reconhecer a nova ordem politica, estabelecida no Brazil após os successos do dia 15, a Agencia Havas communica-nos que a imprensa da Europa monarchica mostra-se reservada nas suas apreciações da gloriosa revolução, mediante a qual foi instituida a republica no Brazil.

Era natural que tal se desse, visto como a nenhum espirito esclarecido pôde escapar que a bella e pacifica transformação politica operada neste extremo do occidente ha de influir moralmente na sorte dos povos, cuja identidade de passado e cujo commum destino se assignalam por uma solidariedade desde Carlos Magno.

O exemplo que o Brazil acaba de dar ao mundo, podemos dizel-o com ufania, ha de aproveitar aos povos europeus, em cujo seio preponderam ainda os elementos reaccionarios do velho regimen, que, por todos os seus orgãos sobreviventes, combate, onde quer que ellas appareçam, quaesquer manifestações de um progresso real.

Não estranhamos, portanto, as reservas da imprensa européa, addicta ás velhas instituições que o furacão revolucionario de 1789-93 varreu da face do mundo occidental, mas cujos destroços impedem ainda a fundação definitiva da nova ordem.

Estamos todos convencidos de que a imprensa européa desconhece completamente a situação do Brazil, quer quanto ás suas condições politicas e sociaes, quer quanto ás raras qualidades do seu povo. Apenas os periodistas do velho mundo sabiam que reinava neste paiz um amigo das lettras e das sciencias, tão superior aos seus governadores, que mal se concebia na Europa essa anomalia de um membro da Academia das Sciencias regendo 14.000.000 de tupis e de negros.

Que ha, pois, de estranhar no assombro com que aquelles alegres senhores da imprensa européa, a quem D. Pedro costumava condecorar, tiveram a noticia da proclamação da Republica Brasileira?

Mas apreciemos o allegado fundamento das reservas da imprensa do velho mundo, e que, no dizer da Agencia Havas, referem-se ao caracter militar do movimento.

Dada a situação dos povos modernos, nos quaes a velha organização dos exercitos, compostos de officiaes aristocratas e de soldados constringidos ao serviço do rei, se transformou nessa constituição de milicias verdadeiramente populares ao serviço da patria, nenhuma revolução se pôde legitimamente considerar nacional, tendo contra si a força armada. Acresce que o aperfeiçoamento extremo dos instrumentos de guerra e o adiantamento extraordinario da tactica, bem como os progressos da nova disciplina, tornaram impossivel a victoria de qualquer insurreição puramente civil. O apoio dos exercitos ás revoluções populares veio, pois, a ser necessario, o que significa tambem legitimo.

Advirta-se ainda que no Brazil nenhuma classe, melhor que as da armada e do exercito, pôde representar o conjunto das bellas qualidades do povo. Si o raro apêgo e a subida veneração das raças affectivas que compoem a massa do proletariado nacional, incrementam-se no coração dos simples soldados e marinheiros, os officiaes superiores representam, por seu lado, o que a mentalidade brasileira tem de mais elevado e mais selecto, em virtude da apurada educação scientifica proporcionada nos estabelecimentos de ensino militar.

Ajunte-se ainda a isto a feliz situação moral das classes militares no Brazil, despidas de toda a preocupação de egoismo industrial, resignadas a uma pobreza digna, afervoradas no culto continuo da Patria e da Honra.

Mas ainda os factos ultimamente occorridos, e porventura não sabidos da imprensa européa, confirmam as disposições e os intuitos patrioticos do exercito e armada do Brazil.

Tatou-se de algum egoistico pronunciamento militar? Absolutamente não. Os chefes militares, que promoveram, com a adhesão e o concurso effectivo dos republicanos, a revolução de 15 de novembro de 1889, esperaram, antes mesmo de proclamarem a deposição da dynastia, as manifestações da opinião publica da capital. Expressa essa opinião, elles a sancionaram.

A composição mesma do governo, em que se harmonisam os representantes das classes militares e os das civis, veio provar

que não se tratava, nem jámais se tratou de outra cousa que não o bem commum da população brazileira, — alto objectivo a que o exercito e a armada prestaram o concurso da sua força, e a que deram todas as véras do seu patriotismo.

E ainda esta revolução, effectuada pela força armada, foi a mais pacifica e generosa de quantas se teem realizado no mundo. Já o povo brazileiro havia, em 7 de abril de 1831, revelado as suas extraordinarias disposições para manter a ordem, no meio mesmo da mais profunda agitação politica, o seu horror á destruição inutil, ao mesmo passo que a sua calma energia; a revolução de 15 de novembro de 1889 veio confirmar a existencia destes altos dotes na alma da população brazileira. Com effeito, jámais o mundo presenciou mais bello espectaculo, transformação mais gloriosa, renovação mais pacifica, tão nobre emprego da força, generosidade tão grande na victoria.

Que a imprensa européa se compenetre destes sentimentos, e admire a grandeza incomparavel deste nobre povo brazileiro, cujo exemplo, esperamos, será fecundo em resultados para toda a humanidade!

(Correio do Povo.)

A revolução

O dia de hontem (15) foi de surpresas para a pacifica população industrial desta cidade. Um ministerio forte deposto sem combate, uma revolução militar triumphante, os corpos constitucionaes arredados sem discussão alguma e o regimen de governo atacado com exito inesperado, são factos que pareceriam inexplicaveis, si não se conhecesse a índole especial desta cidade, sempre disposta a aceitar os factos consummados.

De ha muito que o *Diario do Commercio* combate a especie de somnolencia que se apoderou do nosso mundo politico, collocando-o ao alcance de mão audaz, quer seja pelo lado da dictadura, quer de uma reacção popular. Tivemos primeiro o ensaio da absorção de poderes por um ministerio, e agora a effectividade de uma reacção pela unica classe que se conservou forte no meio da geral decadencia.

E' incontestavel que, á proporção do enfraquecimento dos elementos civis da sociedade, a nossa classe militar tem ido augmentando em instrucção, espirito de collectividade e coragem civica. Póde dizer-se que ella se tornou o correctivo unico das arbitrariedades do poder executivo.

A revolução de hontem é filha unicamente das energias e espirito de classe dos militares, e foram os officiaes superiores

que, passando-se para a causa democratica, a tornaram vencedora no momento.

Os elementos civis foram nulos ou improficuos e só appareceram depois de realizado o movimento, e segundo é de esperar, para occupar as posições officiaes. E', portanto, a classe militar que deve ser considerada como unico poder existente de facto e do qual depende o exito ou insuccesso da revolução.

Mesmo por não andar envolvida em nossas intrigas civis, mesmo pelas suas illesas virtudes civicas, é que a classe militar poderá evitar-nos os inconvenientes de uma surpresa que não tem ainda a sanção do voto nacional.

Existem de facto entre nós corporações constituídas que representam a nação ou a pratica administrativa, taes como sejam o senado, a camara dos deputados e conselho de estado.

A revolução tem dous alvitres a escolher: ou convocar essas corporações legaes e submitter a ellas a decisão da crise actual, ou dissolver-as, formando uma dictadura, que, sem consultar a Nação, decidirá por actos immediatos todas as questões de fórma e de pratica que actualmente se agitam.

O meio termo não é possível. Não se podem conservar inertes um senado, uma camara temporaria e um conselho de estado ante uma dictadura democratica, nem esta se arriscará talvez a decidir questões tão gravés sem consultar uma constituinte nacional, a que concorram todos os elementos da população.

Os proprios democratas não podem desejar uma sophisticação da revolução, limitando-se esta á substituição das pessoas nos cargos officiaes.

Embora o elemento civil da dictadura quizesse esta facil solução, a classe militar de certo não se prestaria a ser instrumento passivo de ambições mais ou menos justas.

Todas as resistencias da classe militar ao poder executivo teem-se originado na enérgica defesa, que a officialidade fez de seus direitos como cidadãos. Logo, não é possível que consinta na imposição de uma fórma de governo á nação, sem que esta seja consultada pelos competentes delegados.

Por outro lado, si querem uma revolução proficua e duradoura, é preciso tornal-a legal e respeitadora de todos os direitos.

Especialmente em relação aos grandes interesses commerciaes que representamos com toda a dedicação, chamamos para a posição precaria em que necessariamente se acharão, á vista dos successos de hontem, a attenção da classe militar. Ninguem calcula a somma de interesses, quantos valores se poderão garantir ou sacrificar de um momento para outro em favor ou contra o grande interesse nacional. O commercio está agitadoíssimo; cumpre tranquillisal-o desde logo, positivamente, porque é da tranquillidade e do desenvolvimento do commercio que as transacções poder-se-hão effectuar com segurança e real proveito.

Ha no paiz mais de 150 milhões de libras sterlinas de propriedade estrangeira, e uma população de diversas nacionalidades, que orça por um milhão de pessoas. Graves interesses finan-

ceiros e economicos foram ultimamente creados, que é preciso respeitar e attender.

Os ministerios passam ou cahem, mas os compromissos nacionaes são sagrados. Si ha classe briosa e que saiba comprehender os deveres da honra é a militar, e ella não deve deixar sem garantias nacionaes esses interesses que em nós se confiaram.

De que elementos poderá dispor o pessoal da dictadura para inspirar confiança á população estrangeira e assegurar o futuro dos interesses financeiros?

A excepção do elemento militar, que é o da ordem publica, não vemos socego possivel para esses interesses.

Necessariamente a dictadura terá de revogar alguns contractos que foram reprovados pela opinião publica, mas quaes são os planos financeiros de que dispõe para substituir os extinctos?

Mais do que nunca, é agora occasião de identificar commoseo a população estrangeira, de garantir a divida publica e a moeda circulante, e de promover a agricultura do paiz, si não quizerem, como em 1831, que a revolução vá naufragar em um desastre financeiro.

Si não tivermos paz social, ordem, legalidade, estabilidade financeira, o socego das ruas e dos negocios, este enthusiasmo irá dar de encontro em promptos obstaculos, que trarão a peor das reacções.

Guardemos a integridade, a liberdade constitucional e a grandeza da patria que nos deixaram nossos avós, e que não podem nunca ser sacrificadas pela nobre classe militar. Foi ella que nos deu as liberdades nacionaes, foi ella que conquistou a unidade do paiz, foi ella que provou ao estrangeiro que eramos uma grande nação.

E' della que esperamos, confiantemente, a volta do regimen da lei, da paz, do trabalho e dos direitos adquiridos.

Até agora as classes industriaes não teem sido hostis á revolução, e a volta da ordem e do socego as confirmará na sua posição, que é a da esperanza no exercito e na armada brasileira.

Realizada a installação da nova phase administrativa, é de justiça suppor que os importantissimos problemas commerciaes, agricolas, industriaes e financeiros serão resolvidos com o criterio necessario e com a precisa urgencia.

E' o que espera o *Diario do Commercio* se realize.

(*Diario do Commercio.*)

As duas corôas

Não ha ainda seis mezes era eu considerado um visionario, um despeitado, um insensato, um louco, quando na camara dos deputados vaticinava a proxima queda da monarchia, que já agonisava moribunda, e o auspicioso advento da Republica Brasileira, que começava a despontar no horizonte da patria, como todos a sonhavam, revestida de todas as galas nacionaes, adornada com todas as decorações da democracia, illuminada pelos vivos clarões do patriotismo, festejada, applaudida e endossada pelas sympathias populares com entusiastica effusão de jubilo e de felicidade.

Muita gente então me evitava, como si eu fosse um reprobado, me condemnava como um réo de crime de lesa-magestade, me repellia como um verdadeiro excommungado!

Os aulicos, na impotencia de seu furor e no empenho satânico de matar a impressão que meu discurso pudesse causar no espirito publico, tudo inventaram para amesquinhar-me, abater-me e desmoralisar-me.

Cobriram-me de injurias e de impropérios, deprimindo meu character, atassalhando a minha honra, enxovalhando minha reputação, chegando a perversidade ao ponto de espalharem que só me declarei republicano para mais facilmente abjurar e casar-me.

Reagi energicamente contra essa infamia, dando publico testemunho da integridade de minha fé catholica e da intransigencia do meu character sacerdotal.

Obedecendo aos impulsos do meu melindre pessoal, torpemente offendido, e de minha dignidade profissional, vilmente ferida e justamente revoltada, prophetisei ainda com inquebrantavel firmeza e com uma fé viva e inabalavel, que em breve a corôa imperial voaria pelos ares batida pelo sópro patriótico da democracia, mas que minha humilde corôa ficaria segura sobre a cabeça!

Tudo se realizou perfeitamente no dia 15 do corrente.

O throno imperial desabou apodrecido ao primeiro brado de *viva a Republica!* o sceptro despedaçou-se e a corôa rolou na praça publica por entre risos e flôres e no meio de jubilosas expansões populares.

Tudo desfez-se em pó, tudo desmoronou ao sópro da liberdade, tudo cahiu aos pedaços envilecido pela corrupção, elevando-se brilhante sobre as ruinas das instituições monarchicas a imagem pura, esplendida da democracia triumphante!

E entretanto, no meio desse cataclysmo, em que se submergiu e desapareceu o regimen execravel de privilegios, a minha pobre corôa, vilipendiada pelos idolatras da realeza, permanece firme e segura sobre a cabeça, attestando a plenitude da minha fé catholica e a integridade do meu character sacerdotal.

E hoje, que tudo está radicalmente transformado, que uma nova phase se abre auspiciosa aos destinos da Patria, tenho a consolação de ver multiplicarem-se as adhesões, submettendo-se quasi todos ao novo regimen, até aquelles mesmos que me apedrejaram, que me repelliram, que me diffamaram, que me consideraram um visionario, um insensato, um louco, um excomungado!

No meio, porém, dessa podridão em que se desfizeram as velhas instituições, só um vulto ficou de pé, só um caracter se conservou puro e immaculado!

O nome do Barão do Ladario se impõe ao respeito e admiração de todos que comprehendem e sentem os estímulos do brio, da honra e da dignidade.

Não se rendeu à voz do poder, que elle ainda não conhecia.

Bateu-se como um heróe, não propriamente em defesa do principio a que estava servindo, mas em defesa da propria honra, da honra do seu posto, da sua honra militar, que é sua vida, sua gloria e sua felicidade!

Todos os seus companheiros cahiram na lama, em que se deixaram envolver, só o nobre Barão do Ladario, o velho marinheiro, cioso de seu nome e de suas gl'orias, resistiu, preferindo ser abatido pela espada e pela bala, recebendo o baptismo de sangue, que purificou todas as suas culpas, e o restituiu cheio de brilho aos applausos da Patria, que apreciará sempre os seus filhos que se distinguirem pela coragem, pelo valor, pela honra, que são os caracteristicos dos verdadeiros patriotas.

Até nesse ponto se realizou minha prophecia, declarando que o bravo chefe de esquadra era homem de acção e de lucta.

Minhas homenagens de respeito, de admiração e de enthusiasmo ao intrepido e heroico Barão do Ladario!

Como agora louvavelmente se apressam a reconhecer e render homenagem ao novo poder, como quem busca fonte limpida, em que possa purificar-se de antigas maculas, como quem procura as aguas lustraes da liberdade para receber o baptismo da redempção social, ficando desaffrontados do jugo aviltante que os opprimia!

Como me devo felicitar vendo os que pareciam mais aferrados ás velhas instituições acompanhando de *tocha em punho* a marcha triumphal da idéa vencedora!

Como me apraz ver se accordarem todas as gerarchias sociaes, representadas pelo clero, nobreza o povo, para dirigir protestos de adhesão à nova ordem de cousas, que tão brilhantemente se inaugurou no paiz!

Como cresce e se avoluma a onda das conversões, que vão engrossando as fileiras do partido nacional!

Não tardará muito que se veja formado o *grande partido dos adherentes*, ficando os que já eram absorvidos e nullificados pelos que são agora.

Seja, porém, como for, essas adhesões em massa, em grande parte hypocritas e fermentidas, tem sempre o merito de denun-

ciar que a monarchia, desapparecendo deste solo abençoado, não deixou saudades, nem mesmo áquelles que mais tempo viveram á sua sombra e que mais largamente gozaram as suas graças.

E' muito commodo passar do regaço da realza, a cuja influencia se viveu sempre saboreando as delicias da monarchia, para os arraiaes do novo regimen, começando logo a chupar o *tutano* da Republica, occupando os primeiros postos, os postos de confiança, que é de esperar sejam conferidos áquelles que combateram, que se expuzeram ás iras e ao furor da tyrannia...

Não faltam agora entusiastas da causa republicana.

E o Sr. D. Pedro de Alcantara tinha a simplicidade de crer que podia contar com adhesões sinceras, quando os factos estão demonstrando que ha muito o paiz já estava *republicanizado*, passando o ex-imperador pelo dissabor de ver virados *pelo avesso* os seus amigos e os seus servos.

Só nos consola e nos tranquillisa uma consideração, e é que a dynastia extinguiu-se para sempre, apedrejada pelos que mais a sugaram, e aviltada por quem mais pretendia explorar as suas minas.

Felizmente os ultimos actos do *principe consorte* mataram de uma vez toda a idéa, toda a presumpção, toda a esperanza de restauração.

No meio da tremenda catastrophe que envolveu e esmagou a familia imperial, o Sr. Conde d'Eu não perdeu o instincto mercantil, que sempre o inspira e por onde pauta todos os actos da sua vida.

Certo de que lhe escapava o throno, que era principal objecto de suas torpes especulações, resolveu mercadejar a corôa imperial, avaliando-a em dous mil contos de réis, apresentando ao governo provisório um rol de credores e uma lista de necessidades a prover, com o que procurava justificar a exigencia daquella somma.

O governo achou que era barato e deu-lhe mais tres mil contos.

Aquella alma sordidamente metallizada, entorpecida pelos calculos inconfessaveis, obcecada pelas ambições criminosas, degradou-se ainda mais, tornou-se ainda mais vil e abjecta, apregando a corôa no nome irresponsavel do ex-imperador, desse pobre velho inconsciente pela enfermidade, aggravada pelos annos, que sempre se mostrou limpo de mãos, superior ao dinheiro, primando pelo mais nobre desinteresse, não se deixando jámais envenenar pelos sentimentos azinhavrados que movem as almas sordidamente mercenarias.

Devendo estar atordoado com o fracasso da monarchia, o *principe consorte* não perdeu o equilibrio mercantil, mandando perguntar ao governo provisório si considerava bons e válidos os contractos matrimoniaes.

E o que é mais triste e mais vergonhoso é que, quando recebeu o decreto concedendo cinco mil contos, em vez de dous mil, em que a sordida ganancia arbitrara a corôa imperial, mostrou-se commovido e profundamente grato, dizendo que nunca esperara

outra cousa de um governo de que faziam parte os seus amigos Ruy Barbosa e Quintino Bocayuva !

O Sr. Conde d'Eu, porém, tocou ao auge da miseria, chegou á ultima expressão do aviltamento, quando no officio, que dirigiu ao governo provisório, pedindo demissão do logar de commandante geral de artilharia, declarou imbecil e impudentemente que, si não fossem as circumstancias, que bem contra a sua vontade o obrigavam a sahir do paiz, *estaria prompto a continuar a servir debaixo de qualquer fórma de governo* á nação que por tantos annos o acolheu em seu seio.

E' o requinte da degradação !

O Sr. Conde d'Eu, nesse ultimo traço de sua vida no Brazil, descarnou todos os seus sentimentos sordidos, toda a sua alma apodrecida nos charcos immundos dos interesses inconfessaveis.

Os festejos feitos para solemnisar as *bodas de prata* foram os verdadeiros funeraes da monarchia.

O baile da ilha Fiscal foi um perfeito festim de Balthazar.

D. Pedro de Alcantara perdeu a corôa, o Conde d'Eu fez o seu negocio.

Dispersou-se a camarilha que me apupava, ficando eu com o direito e liberdade de exclamar, afaganda a minha *corda* e repetindo o brado que soltei na camara dos deputados :

VIVA A REPUBLICA !

PADRE JOÃO MANOEL.

Uma noite historica

(Do alto de uma janella do largo do Paço)

A's 3 horas da madrugada de domingo, enquanto a cidade dormia, tranquillizada pela vigilancia tremenda do governo provisório, foi o largo do Paço theatro de uma scena extraordinaria, presenciada por poucos, tão grandiosa no seu sentido e tão pungente, quanto foi simples e breve.

Obedecendo á dolorosa imposição das circumstancias, que forçavam um procedimento energico para com os membros da dynastia dos principes do ex-imperio, o governo teve necessidade de isolar o paço da cidade, vedando qualquer communicação do seu interior com a vida da capital. A todas as portas do edificio principal, na manhã do sabbado e ás portas das outras habitações

dependentes, ligadas pelos passadiços, foram postadas sentinellas de infantaria e numerosos carabineiros montados. O saguão foi transformado em verdadeira praça de armas.

Muitos personagens eminentes do imperio e diversas familias, ligados por approximação de affecto á familia imperial, apresentaram-se a fallar ao imperador e aos seus augustos parentes, retrocedendo com o desgosto de uma tentativa perdida.

A proporção que passavam as horas, foi se tornando mais rigorosa a guarda das immedições do palacio. As sentinellas foram reforçadas por uma linha de baionetas, que a pequenos intervallos estendeu-se pelo passeio, em todo o perimetro da imperial residencia, transformada em prisão de estado.

Novas determinações, annunciadas por ajudantes de ordens, que chegavam frequentemente do quartel-general, desenvolviam ainda mais as manobras da guarnição do edificio.

Depois que anoiteceu, foi fechado o transitio pelas ruas que o rodeiam. Ás 11 horas havia sentinellas até ao meio da grande área comprehendida entre o portico do palacio e o caes. Por todas as immedições vagueavam soldados de cavallaria, empunhando clavinotes de coronha posada ao joelho.

Adeantava-se a noite, adiantavam-se gradualmente para o mar os cordões de sentinellas.

Um boato official, inspirado pela conveniencia do interesse publico, espalhara a noticia de que D. Pedro de Alcantara (que se sabia dever embarcar para a Europa, em consequencia da revolução do dia 15) só iria para bordo no domingo de manhã. A policia excepcional do largo do Paço, porém, durante a noite de sabbado, deu a certeza de que o embarque se faria muito antes da hora do propalado consta. Demorados por esta suspeita, muitos curiosos estacionavam pelas vizinhanças do Mercado, das pontes das barcas, na rua Fresca, na rua da Misericordia, na esquina da rua Primeiro de Março.

De 1 hora da madrugada em deante as patrulhas de cavallaria começaram a dispersar os ajuntamentos.

Para os ultimos passageiros das barcas Ferry não havia mais caminho, do lado do Mercado, sinão beirando rentinho ao caes. Depois da ultima barca, o transitio foi absolutamente impedido. Tambem os mais renitentes curiosos tornaram-se muito raros, mesmo nas proximidades do largo sitiado. Um grande socoço, com uma nota accentuada de panico, reinava neste ponto da cidade. Para aacregar a physionomia do momento, circulavam nessa hora as noticias de um conflicto entre marinheiros e praças do exercito, havendo troca de tiros.

Apezar da brandura de modos com que os militares convidavam as pessoas do povo a se retirarem, apezar da completa abstenção de actos de violencia que tem caracterizado o systema policial, energico, mas extraordinariamente prudente do governo provisorio, sentia-se alli como que uma atmospheria de vago terror, como si a calada da noite, a escuridão do logar, a amplitude insondavel da praça evacuada, respirassem a presença de uma

realidade formidável. Sentia-se todo aquelle immenso ermo occupado pela vontade poderosa da revolução.

Em cima, o céu tristissimo, povoado de nuvens crespas, muito densas, que um luar fraco bordava de transparencias pallidas.

De vez em quando, das perspectivas de sombra, sahia um rumor de vozes abafadas, logo feitas silencio; de vez em quando, um rumor secco de bainhas de folhas contra esporas e um estrepito de patas de cavallo, escarvando o calçamento, batendo a passos regulares, espalhando-se em estalado galope. Em geral, silencio de morte.

Entre as poucas pessoas que, illudindo o consentimento da policia, tinham conseguido occultar-se em diversos sitios de observação, murmurava-se que não devia tardar o embarque do ex-imperador. Duas horas da madrugada, entretanto, tinham marcado os relogios das torres e nada de novo, dos lados do paço, viera agitar o solemne socego do largo.

Pouco antes dessa hora houvera um grande movimento do lado do mar. Dahi soara repentinamente um grito de alarma.

A noticia, divulgada, de assaltos provaveis de gente da armada contra a tropa, assaltos que seriam razoavelmente favorecidos pelo negrume da noite, que subia do mar sobre o caes como uma muralha preta, furada apenas pela linha de pontos lucidos da illuminação de Nietheroy, dava para impressionar de susto um grito perdido da sentinella. Houve tropel de cavallos e logo uma, duas, outra e outra, muitas denotações de espingardas, em desordenado tiroteio.

Nada havia de grave. Um individuo, que tentara embarcar-se contra a vontade da ronda, fôra preso. Escapando às mãos da patrulha de infantaria que o prendera, tinha-se lançado ao mar para fugir, nadando. Alguns soldados tinham atirado a esmo para assustal-o, enquanto outros tomavam um bote, com o qual pegaram de novo o evadido. Logo em seguida foi visto o preso passar á luz dos lanpeões, empurrado por guardas.

Houve quem suppuzesse que os tiros foram um signal. Com effeito, tal qual si assim fosse, ouvia-se pouco depois, no meio das trevas da bahia, o rebate chocalhado da helice de uma lancha a vapor. Uma pequena luz vermelha estrelou-se no escuro, deante do caes e, ao fim de poucos momentos, ao lado do molhe de embarque do Pharoux, vinha cessar o barulho da helice, com duas pancadas de um tympano de bordo e a passagem de uma rapida sombra fluctuante sobre a sombra inquieta das aguas.

— E' a lancha do imperador! pensavam os que viam, com a oppressão natural que devia provocar aquelle annuncio da imminencia de um grande momento.

Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fosse alterada a monotonia do socego da noite. A suspeita de que acabava de atracar a embarcação que devia receber o monarcha deposto, a anciedade de perceber o movimento significativo, no portão do paço, prolongou indefinidamente a duração desta espectativa. O profundo silencio do logar pareceu fazer-se

maior, nessa occasião, como si a noite comprehendesse que se ia, alli mesmo, em poucos momentos, estrangular a ultima hora de um reinado. A tranquillidade que havia era lugubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do morder de freios dos corceis da cavallaria em recantos afastados. Frouxamente clareados pela illuminação urbana, as casas ao redor do largo, os edificios publicos pareciam adormecidos. Nenhuma luz nas janellas, a não ser nos ultimos andares de uma casa de saude.

Apezar disso, que se acreditaria indicar a completa ausencia de espectadores para a scena que se ia passar, muitas janellas abertas appareciam, como retabulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitoris escuros...

Em homenagem á severidade da determinação do governo revolucionario, ninguem queria *ter sido* testemunha da mysteriosa eliminção de um soberano.

A's 3 horas da madrugada, menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagens. Para as bandas do paço houve um ruído tumulto de armas e cavallos. As patrulhas que passeavam de ronda retiraram-se todas a occupar as entradas do largo, pelo meio do qual, atravez das arvores, illuminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os post-s melancolicos dos lampeões de gaz.

Appareceu então o prestito dos exilados.

Nada mais triste. Um coche negro puxado a passo por dous cavallos que se adeantavam de cabeça baixa, como si dormissem andando. A' frente duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véos, como a buscar caminho para o triste vehiculo. Fechando a marcha um grupo de cavalleiros, que a perspectiva nocturna detalhava em negro perfil. Divisavam-se vagamente sobre o grupo os pennachos vermelhos das barretinas de cavallaria.

O vagaroso comboio atravessou em linha recta, do paço, em direcção ao molhe do caes Pharoux. Ao approximar-se do caes, apresentaram-se alguns militares a cavallo, que formaram em caminho.

— E' aqui o embarque? perguntou timidamente uma das senhoras de preto aos militares. O cavalleiro, que parecia um official, respondeu com um gesto largo de braço e uma attenciosa inclinação de corpo.

Por meio dos lampeões que ladeiam a entrada do molhe passaram as senhoras. Seguiu-se o coche fechado.

Quasi na extremidade do molhe, o carro parou e o Sr. D. Pedro de Alcantara apeou-se, um vulto indistincto, entre outros vultos distantes, para pisar pela ultima vez a terra da Patria.

Do posto de observação em que nos achavamos, com a difficuldade ainda mais da noite escura, não pudemos distinguir a scena do embarque.

Foi rapida, entretanto. Dentro de poucos minutos ouvia-se um ligeiro apito, echoava no mar o rumor igual da helice da lancha; reaparecia o clarão da illuminação interior do barco;

e sem que se pudesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda a força de vapor, o ruído da helice e o clarão vermelho afastavam-se da terra.

.....

A não do Estado

De vento em popa, pandas as velas, vae em rumo á prosperidade a não governamental. O mar de rosas está em completa calma, a brisa sopra docemente e o céu está inteiramente azul. No horizonte não se divisa nem uma nuvem negra; o Cruzeiro destaca-se brilhante; em baixo Sirius; bem em cima, a via lactea mostra-nos a estrada larga que devemos seguir na organização da Republica.

Parecia que uma tempestade enorme ia desabar, que um cyclone formidavel tudo destruisse, mas a Estrella do Brazil, a estrella boa, que nos protege, appareceu providencialmente, e, espalhando por sobre nós a sua luz encantadora e santa, nos ensinou o caminho, que na escuridão talvez não encontrassemos.

Preparada a não e posta ao mar, não podiamos avaliar a sua força, nem a sua segurança, sem uma experiencia ao menos; entretanto, vae navegando muito bem com celeridade nunca vista e promettendo fazer uma derrota deslumbrante, passando por entre os escolhos com maestria dos pilotos conhecedores dos mares e dobrando todos os tormentorios, sem temer os perigos que estas passagens ameaçam.

Dos promontorios que ficam á vista dos viajantes, nem dos bancos de areia que se escondem por sob a superficie do mar, devemos receiar um só instante, porque o bom-senso e a pratica nos afastarão desses precipicios.

Não pare a embarcação em meio da viagem, não se deixem levar os timoneiros pelo canto das sereias que os cercam, que a não caminhará segura e com applausos de todo o mundo; mas tambem é necessario que nella não embarquem marinheiros de primeira viagem, nem os veteranos viciados e que serviram outr'ora em navios corsarios.

Eliminemos os elementos perniciosos que se approximam de nós e procuremos os sãos, que nos venham trazer vida e conforto.

Ao mar os que não se conduzirem com sinceridade e que no meio da viagem pensem em recuar do caminho que o patriotismo nos traçou.

Confiantes no futuro, na grandeza de nossa terra e na magnanimidade dos brasileiros, os timoneiros da não seguem ousadamente a sua marcha, esperando encontrar o porto desejado.

Os obstaculos serão vencidos pela pertinacia e energia, e a golpes de patriotismo construirão uma patria livre e grandiosa, digna de nosso tempo e do nosso povo.

Dispondo de grandes elementos, a não supportará todos os embates que por acaso o furacão do norte possa trazer, atravessando as ondas e resistindo ás correntes oceanicas que podem querer perturbar a serenidade das aguas.

Ao norte ameaçava grande borrasca, mas a brisa do sudoeste, soprando suave, fel-a desaparecer completamente, não chegando a arrebeitar o furacão do sul.

A bordo completa paz, os commandantes mandam a manobra e a marinagem obedece, batendo palmas e confiando no piloto.

E a não segue seu curso, desassombradamente, cortando os mares serenos e confiando na tripolação, que espera com patriotismo e coragem o dia de avistar porto seguro. E não vem muito longe a hora de chegada; vé-se já a terra promettida, de onde virão as benções aos intrepidos navegadores.

A historia é um facto e os acontecimentos do dia 15 hão de ser inscriptos nella com a maior admiração do mundo, que jámais viu epopéa tão extraordinária.

Depois do memoravel 13 de maio, parecia que jámais se registrasse facto tão grande na historia, mas a Republica veio tudo supplantar, consummando a obra mais notavel que se tem visto em povos civilisados.

Proclamou-se com flores a abolição dos captivos e com flores fez-se a Republica Brasileira; e por que não havemos de confiar no futuro de nossa patria, que se nos afigura proximo e grandioso?

Trabalhem todos pela mesma causa; que o que nos resta hoje é a união completa e sincera de todos os elementos que compoem a nossa sociedade e de que carecemos para homogeneidade de pensamento.

Confiamos na sinceridade e patriotismo dos homens que dirigem o governo e que tem procurado acertar nesse curto espaço de tempo que estão na gerencia dos negocios publicos e façamo-nos de alicerce seguro para o estabelecimento da Republica, afim de que ella venha sã, pura e ideal como a desejamos.

Deixemos de parte os interesses pequeninos e tratemos de garantir a estabilidade do governo democratico, que será a nossa garantia e a garantia dos Estados Unidos do Brazil.

Os diplomatas

Os jornaes que nos chegam da Europa devem ter chamado dolorosamente a attenção do governo provisório para o nosso corpo diplomatico.

Era natural que a surpresa, causada pelo subitaneo movimento de 15 de novembro, levasse a imprensa ás nossas legações, a fim de informar-se a respeito do Brazil e dos homens que haviam assumido a responsabilidade da sua transformação politica e social. Assim foi e nada depõe mais em desfavor daquelles que estavam investidos da representação de nossa patria no estrangeiro.

Quem viajou a Europa sabe que os nossos diplomatas vivem completamente alheios a quanto occorre em nosso paiz. E' demasiado enfadonha a leitura dos jornaes brasileiros; custaria talvez a perda de uma hora de galopada nos bosques, ou de passeio de carruagem pelos parques. A vida é tão variegada... A noite é reclamada pelas maravilhas dos theatros e dos salões; os dias enchem-se da satisfação da etiqueta cavalheirosa e galante.

Como pensar neste canto de terra, cuja lingua é a sepultura do talento e dos meritos dos filhos, cujo nome figura apenas nos *vaudevilles* como fornecedor dos personagens ridiculos que pagam mancheias de diamantes pelas traições das *estrellas* do asphalto?

Ahi, toda a historia das nossas difficuldades no tocante á immigração. Legações e consulados nunca tomaram a iniciativa de uma propaganda séria para desfazer a impressão das noticias calumniosas que circulam a nosso respeito, nem tão pouco se julgaram no dever de aconselhar ao governo a reforma de leis e costumes que affectam a propagação da estima pela nossa patria.

Nem ao menos esse trabalho facilimo e agradável de communizar ao mundo os nossos progressos politicos, litterarios, artisticos e scientificos já attraheu alguma vez os nossos diplomatas.

Mesmo em Portugal, onde se falla a mesma lingua, onde era, portanto, muito simples obter da imprensa a divulgação do estado do nosso paiz, a nossa diplomacia e consulado se encarregam de tal serviço.

Imagine-se que será dos problemas que nos interessam vivamente!

Os nossos diplomatas ou vegetam numa obscuridade pasmosa, ao ponto de alguns delles não terem tido prestigio para fazer receber condignamente pela imprensa até o immortal Visconde do Rio Branco, outros só se celebrisam pelos escandalos em mesa de jogo, por tragedias e dramas de adulterio.

Ha poucos annos, em Paris, o diplomata brasileiro era celebre pelas chronicas de alguns jornaes, e principalmente do *Figaro*, relativamente ao seu lar.

Dahi as informações que appareceram nos jornaes relativamente ao movimento de 15 de novembro.

As legações não conheciam os homens que estão à frente do governo provisório, chegando o ministro de Portugal a não saber que o prestigio do chefe actual do Estado foi conquistado pelos seus extraordinarios feitos heroicos em campanha.

O nome de Benjamin Constant, que ha longos annos impõe-se à veneração da mocidade militar e paisana; o nome do profundo pensador que operou a nova orientação da maior parte da mocidade brasileira, não era conhecido pelas nossas legações, de maneira que elle figura como um venturoso vindo à tona de uma revolução por mero acaso.

O Sr. Wandenkolk apparece apenas como uma vingança pessoal contra o Barão do Ladario e os nomes de Aristides Lobo, Quintino e Ruy Barbosa enquadram-se na simples citação de serem jornalistas.

Como conheceriam essas legações os Srs. Campos Salles e Demetrio Ribeiro, que viviam glorificando as suas provincias, si nem sequer sabiam o valor dos homens que diariamente nesta capital ascendiam na admiração publica?

Deixar que continuem a dirigir a vida diplomatica e consular da nação esses mesmos homens, será condemnar a Republica à existencia ingloria do imperio, que só era conhecido pelos louvores ao ex-imperador, a quem se attribuia tudo quanto se realizava de bom e grande em nosso paiz.

A Republica precisa de se fazer representar dignamente no estrangeiro por homens, que, à semelhança da diplomacia e consulados dos Estados Unidos do Norte e da Confederação Argentina, saibam levantar o nome da patria, pela divulgacão dos seus progressos, da sua riqueza e da sensatez das suas leis.

Pouco, muito pou o se pôde aproveitar do nosso quadro diplomatico, e é urgente não deixar que o mundo pense que somos realmente uma taba de botucudos, que não podendo conviver com espiritos superiores, fizemos uma revolução para voltarmos aos nossos halitos interrompidos de selvageria.

(Editorial da *Cidade do Rio* de 6 de dezembro de 1889.)

A confiança

Teem sido de paz absoluta, de trabalho confiado, de marcha completamente normal os quinze dias de gloria que já contam os Estados Unidos do Brazil.

No interior, nenhum perigo. Os homens que mais attonitos e desorientados ficaram com essa demolição e reconstrução

instantaneas, e os estadistas de todos os partidos, são concordes em confessar que, para o Brazil, não ha hoje salvação possível fóra da Republica. Seria, pois, um crime de lesa-patria, acariciar, por qualquer modo, planos e idéas que não fossem de completa solidariedade com a actual fôrma de governo, que den vida nova à patria e unidade indissolúvel à America.

Embora os nossos compatriotas que deveram á politica imperial as altas posições que occupavam a 14 de novembro, nos mostrem ainda a physionomia congestionada de quem perde o somno, e o aspecto abatido de quem tem a minar-lhe as alegrias sãs um desgosto profundo, contamos que o balsamo do tempo lhes cicatrize essas feridas pessoas, e que o trabalho consolador os distraia das ociosas e inconsoláveis preocupações.

Quinze dias, em realidade, é muito pouco tempo para mitigar as dores de quem poz as suas esperanças na monarchia ou perdeu os seus privilegios aristocraticos com o banimento absoluto do throno.

Essa minoria, que ainda assim, pela sua reserva e pela sua quietação, dá-nos esperança de a vermos incorporada nas forças vivas da Republica, si ficasse, para sempre, inconsolavel, com os olhos no horizonte, á espera do regresso de instituições anarchicas, não seria nem mais perturbadora, nem mais para receiar do que esse partido, que a nossa antiga metropole dizem que ainda tem, composto pelos que esperam a volta de D. Sebastião, dos areas de Alcacer Quibir, em um dia de nevoeiro. Na America, porém, onde o sol dá ardor ao sangue, onde a emulação arrasta os mais tímidos, onde o empyrismo não tem proselytos, esse matiz da opinião, ridiculamente optimista, não pôde sustentar-se, nem ser tomado a serio por muito tempo. A evidencia de que a Republica é uma conquista nacional intangível, depois de abalar todas essas esperanças utopicas, tornaria alvo dos motejos geraes os que quizessem ficar parados, com o olhar fixo num ponto e o aspecto estranho de um fakir, enlouquecido pela superstição e pelo fanatismo.

Essa força nenhum poder de resistencia terá, produzindo apenas o mal para os infelizes que a acalentarem no seio.

Esses verão passar os outros, contentes e cheios de esperanças em demanda de um futuro radioso, felizes por viverem numa patria, onde o merito, o talento e o character tem todas as carreiras abertas deante de si e podem pelas proprias forças aspirar a todas as honras.

Não vemos que, no interior, tenha ficado das instituições extinctas qualquer germen que seja para receiar. O idolo ou a potestade que creava entre nós, unicamente pela sua força de presença, dous partidos monarchicos, nem mais pôde exercer qualquer influencia nos espiritos, mas até ha razão para crer que levou consigo barra fóra o segredo de arregimentar homens e de contel-os submissos ante um fetiche, na quadra scientifica e industrial, que o mundo inteiro atravessa, ao chegar ao seu zenith o glorioso sol do seculo XIX.

Do exterior, como somos limitrophes com o Atlantico e com paizes republicanos, que teem como nós os seus interesses ligados à unidade da America, não haverá territorio que se preste a conjurações, ou que vá ser quartel-general de loucas reivindicções. Da Europa, que sobre nós exerce a ascendencia de sua alta civilização, nada temos a receiar tambem. A França e a Suissa já nos deram as mãos, e a respeito das outras, quanto mais demorarem seus votos amistosos em relação a nós, mais esse bloqueio moral da democracia, que se aperta sobre os thronos, ganhará reforços, obrigando-as à defensiva desesperada, que não deixa tempo de cuidar em outra cousa, além da propria defesa.

Assim, pois, nem do interior nem do exterior ha actualmente qualquer perigo que ameace as nossas instituições. A ordem que tem reinado nas ruas, desde o advento da Republica Brasileira, é a mesma que reina nos espiritos, motivada pelas convicções antigas de uns, pelas adhesões mais ou menos leaes de outros, e pela total desesperança dos que se não podem consolar de ver abolidos os proprios privilegios.

A nosso ver, só ha um perigo serio para a Republica e este consistiria em que os homens do governo não se inspirem em principios decisivos. Ha cargos, ha logares publicos, chamados de confiança, dos quaes depende em grande parte a organização mais ou menos rapida, mais ou menos imponente, da patria brasileira. O espirito publico aconselha que para esses cargos de responsabilidade sejam escolhidos homens que tenham dado provas antes de 15 de novembro de serem absolutamente irreconciliaveis com o regimen decabido ; dos que luctaram pela Republica com as armas ou as pennas nas mãos, antes della lhes sorrir com a proximidade de uma victoria esplendida. Para os logares de confiança, homens de toda a confiança ! Para guardas da Republica, nas posições mais difficeis ou melindrosas, esses inquietaveis caracteres, que se votaram ás nossas actuaes instituições, affrontando tudo, preferindo morrer a pactuar com a monarchia. Para tudo o mais só devemos procurar as aptidões que, adherindo ao actual estado de cousas, mostrarem-se promptas a collaborar com os fundadores da Republica na grandeza nacional. Si exercerem com lealdade e zelo as suas funções, muito bem, nada teremos a dizer ; mas, si vacillarem, os afastaremos tranquillos, porque lhes offerecemos a mais nobre rehabilitação, porque os experimentamos livres das influencias perversoras, respirando a atmospherá oxygenada da liberdade e porque não se mostraram dignos da nossa generozidade.

Achamos que todo o brasileiro, mesmo os que andaram envolvidos nas malhas do regimen decabido, teem direito a que a sua lealdade e o seu devotamento pela Republica sejam experimentados. Do que fazemos questão é que essa nobre experiencia não se faça pondo-lhes nas mãos cargos de confiança, que levem o desgosto aos que já deram de si grandes provas civicas ou mesmo que possam ser motivo de qualquer perturbação ou de qualquer alento a anarchia.

Neste caminho tem seguido o governo ; neste caminho contamos vel-o, resistindo a tudo, para que os logares de confiança só sejam preenchidos por homens de inteira convicção.

Feito isso e praticado como uma religião, nada, absolutamente nada, teremos a receiar.

Do exterior não ha a minima ameaça ; do interior, desde o momento em que os nossos heróes estão de posse de todos os commandos, nada se póde receiar. A ordem publica é definitiva, as garantias que a cercam, inexpugnaveis. Podemos descansar no seio da paz, dando tempo ao paiz de preparar a sua sanção constitucional — solemne formalidade ao regimen republicano que nos felicita.

Assim pensavamos e assim pensamos, quando no banquete dos pernambucanos ao Sr. general Simeão, pelo orgão dos ministros da guerra, de estrangeiros e da justiça, vimos o nosso criterio confirmado pelas mais solemnes declarações dos secretarios de estado, de que o governo absolutamente nada receia nem quanto á união, nem quanto á Republica.

Contra a actual ordem de cousas, em meio de um povo de indole invejavel, entusiasta do progresso, e arrebatado por tudo que é nobre e grande, não ha nem intrigas, nem despeitos, nem machinações que possam vingar.

Ninguem sobre a terra teria poder de alterar o nosso regimen, nem de galvanisar esse passado sinistro de escravidão e de decadencia, em que o povo não tinha meios de ganhar com que alimentar-se e em que os cargos publicos eram um patrimonio de algumas familias felizes.

O que está feito no Brazil e na America nenhum poder humano póde destruir. Só Deus !

(Editorial do *Diario de Noticias* de 1 de dezembro de 1889.)

A data de hoje

Para quem, da America, segue os acontecimentos do continente europeu ; para quem ama a liberdade e odeia a tyrannia ; desde que o golpe de estado de Napoleão III em 1852, que estas palavras *Dois de dezembro* sóam aos ouvidos de todo homem de bem como um dobre de finados. Os que seguiram de perto os attentados desse dia nefando, de traições á liberdade, de assassinatos politicos e de sangue generoso do povo, derramado nas calçadas de Paris, ficaram para sempre, como uma das mais lugubres recordações do despotismo, gravadas no espirito. Para os que estavam na infancia, e não conservaram nenhuma recordação desse dia celebre, a penna de um genio, a penna de Victor Hugo, reconstituiu, no grande livro *HISTORIA DE UM CRIME* as scenas da

tragedia pavorosa, transmittindo, igualmente, aos que lerem essas paginas inflammadas de patriotismo, um sentimento de horror pela data que symbolisa o dia de hoje.

Entre nós, porém, nenhuma idéa má se ligava a essa ephemeride e até por ser a do anniversario do imperador, por mais de uma vez o povo a festejou com cordialidade — sem lhe ligar nenhuma das recordações da data franceza. Dous de dezembro, posto que soasse sempre mal aos ouvidos dos patriotas, pelas recordações que lhe evocavam da historia de um povo amigo, no Brazil foi sempre ou uma data de festas officiaes ou, quando muito, um dia que nos era indifferente, que, si não sublevava enthusiasmos, tambem não nos fazia acudir á mente lembranças tristes, de horrores passados em nosso paiz.

Neste anno da liberdade, porém, no sagrado 89, que commemorou o centenario dos direitos do homem, estadistas de signo fatal, haviam concebido a idéa de tornar o Dous de dezembro tão odioso ao Brazil como já era á França e á humanidade, celebrando-o por uma revolução feroz e pelo morticínio de muitos patriotas.

Desde 7 de junho do corrente anno, que pela organização de um governo audaz, trazendo no bolso o pacto de salvar a monarchia fosse como fosse, entrou nossa patria em um periodo de tormenta politica, numa perfeita revolução, que vinha de cima para baixo e que reservava os dias mais sombrios e amargos á terra brasileira. O Sr. Affonso Celso confiara as pastas militares a dous homens decididos a aniquillar esse exercito e essa armada generosos, que até hoje só tinham offerecido o peito ás balas pela honra da patria, pela libertação do escravo e pela defesa da liberdade. Rasgadas as leis, calcados aos pés os mais solemnes compromissos constitucionaes, no fim de poucos dias de governo, tornou-se claro que o ministerio 7 de junho levantava mão criminosa contra o povo, e aspirava á trucidação de todas as conquististas liberaes da nossa epoca.

O exercito começou a sentir que o dispersavam, que o exilavam para onde os seus gritos ou os seus heroismos se perdessem no vacuo.

A marinha era revolvida de *fond en comble*, como para fazer sentir aos seus bravos officiaes que havia uma pesada mão de ferro a segurar-lhes as golas das fardas. A imprensa livre era diariamente insultada e apontada como um perigo social. Tudo que era capaz de trocar as suas convicções por um punhado de ouro foi chamado a fazer guarda de honra ao ministerio salvador da monarchia.

A corôa, confiada na argucia dos Srs. Celso e Candido de Oliveira, divertia-se, indifferente aos clamores das victimas. O Sr. Conde d'Eu, muito sati-feito, achava que tudo que se fazia era excellente, comtante que as instituições não ficassem sem defesa, e que a corôa do Brazil lhe fosse assegurada. A princeza imperial, que, na epoca da abolição, parecia preferir o povo á herança magestatica, mudava de orientação e dava um veador seu, para

servir de sentinella, na pasta do ex-imperio, á salvação da dynastia. O principe D. Pedro começava a entrar em conjurações, de modo que, si a corôa do Brazil não pudesse suste-se na cabeça dos seus herdeiros naturaes, como por encanto lhe fosse ornar a fronte. No alto tudo conspirava, e o ministerio, que hauria a sua força da confiança do throno e dos seus arredores, prestava-se a todas essas machinações e pelo seu lado não poupava esforços para manietar o exercito e a marinha e abafar com uma mordaca a voz desinteressada da imprensa. Assistimos todos a essa lacchanaal das eleições de 31 de agosto, em que o *verdictum* do paiz foi roubado como os transeuntes descuidados nas estradas reaes infestadas de salteadores. Os eleitos foram corridos a golpes de fraudes audaciosas, tanto das mesas que faziam as apurações fraudulentas, como do recinto da representação nacional, onde as cadeiras eram tiradas a seus legitimos possuidores e dadas de presente aos pares, aos serviços dessa politica autocratica. E, como o povo murmurava e como a imprensa protestava, o governo armava forças que julgava suas e preparava-se para fazer uma demonstração ostentosa do seu poder illimitado, a 2 de dezembro, anniversario do imperador.

Durante os dous mezes ultimos, o dia de hoje tornou-se o pesadello e o horror de todos os que não estavam nas boas graças do ministerio 7 de junho. E como o imperador estava mal, como incorria evidentemente no art. 126 da constituição, já estava tramado que se aproveitasse essa quadra de terror, de morticínio, de dispersão de todos os cerebros e de todos os braços independentes, para se decretar a abdicação e dar inicio ao terceiro reinado. Está na consciencia de todos que uma conspiração se urdiu, ás claras, dispersando de antemão as resistencias provaveis, para inaugurar o terceiro reinado e assegurar o throno á princeza e ao Conde d'Eu fosse como fosse, não recuando deante de nada, ainda mesmo que fosse preciso fuzilar o povo em massa e exterminar, de vez, toda a geração livre de 1889.

Tinhamos, pois, uma revolução latente, prenhe de sinistros acontecimentos, com epoca marcada para fazer explosão, e que havia de alastrar-se por todo o paiz, ensanguentando esta terra bemdita, espalhando o terror e o morticínio, e cobrindo o solo da patria só de ruinas e de destroços fumegantes !

O povo seria arcabuzado no logar onde se reunisse, infringindo a disposição expressa do edital Basson ; bandos de sicarios percorreriam a cidade encarregados da exterminação dos patriotas. Sabe-se hoje que todas as milicias organizadas por esse ministerio — e que procederam nobremente a 15 do corrente, — estavam armadas em guerra, tendo-se dado até aos policias secretas revolvers de precisão e cem balas.

Que era tudo isso, sinão uma revolução contra o povo ?

Assim, pois, o grandioso factio do dia 15 que fez abortar todos esses planos sinistros, não deve de hoje em deante ser chamado mais uma revolução, mas simplesmente, e com toda a verdade, uma contra-revolução.

Gloria aos heróes desse dia immortal, que libertaram a patria do despotismo e collocaram-na a salvo da maré de sangue, que asoberbava a alma nacional !

O dia Dous de dezembro, graças ao civismo do exercito, da armada e do povo, não ficou maldito entre nós, como em França.

E ainda é um serviço que a extincta monarchia deve aos patriotas brasileiros, esse, de desviar-a, a tempo, com honras e commodidades, do caminho do crime e das maldições de um povo.

A tempestade abortou. O dia de hoje é de paz. A segurança publica e a vida dos cidadãos estão garantidas.

Gloria á Republica !

(Editorial do *Diario de Noticias* de 2 de dezembro de 1889.)

Factos diversos

Carta do Rio

A antiga e a nova intendencia municipal.— Como o imperio foi tolerado.— Como a republica estava feita.— Republica e republicanos.— Seita ou unidade nacional.— Não ha adversarios na republica.— O imperador.— A Sra. D. Isabel.— O Conde d'Eu.— O principe D. Pedro.— O principe D. Augusto.— Um programma do Sr. Ruy Barbosa.

O facto que predominou na semana ultima foi a demissão collectiva, que deu a intendencia municipal, em consequencia do decreto n. 218 de 25 do mez passado, que declarou dependentes de autorização ou approvação do governo certos actos dessa corporação ; tambem por portaria do mesmo ministerio declarou o Sr. Cesario Alvim á intendencia, que ficava suspensa a execução do novo codigo de posturas.

Estas providencias foram tomadas em razão de grande clamor, que a imprensa unanime levantou, contra o referido codigo de posturas, ultimamente decretado pela intendencia, e com o qual todas as classes laboriosas sentiram-se offendidas em antigas praticas, em interesses ou privilegios, desde longa data acceitos pela população.

Além do clamor da impresa, que, em artigos editoriaes occupou logo a brecha, ao chefe do governo provisorio e ao ministro do interior foram presentes varias representações, pedindo a revogação ou a suspensão do referido codigo.

Por sua vez a policia teve noticia de que, si em tempo o governo não attendesse ás reclamações, a ordem publica correria o risco de ser alterada, visto que todas as classes estavam no firme proposito de resistir por todos os modos á execução das novas posturas.

Tomando em consideração motivos desta ponderação, o Sr. Cesario Alvim deu-se pressa em expedir aquelles actos, que foram perfeitamente recebidos pela imprensa e pela população.

O ministro não pensou de modo algum em exautorar a intendencia; antes, assumindo nos acontecimentos a responsabilidade que compete ao governo, procurou collocar a intendencia, que é uma delegação sua, creada pelo decreto de 7 de dezembro, em condições de não soffrer um movimento de repulsa, que poderia tirar-lhe toda a força moral e prestigio, reflectindo este desastre, em ultima analyse, sobre a administração actual.

A intendencia não esteve por esta solução pacifica, e foi logo, incorporada, pedir ao chefe do governo provisório a revogação dos actos do novo ministro do interior, expondo os seus motivos numa representação, que a imprensa estampou na sua integra. Nesse documento, dizia, em substancia, a intendencia, « que, não lhe tendo sido presente o decreto de 25 do passado, expedido pelo Sr. Cesario Alvim, para avaliar até onde podem ir as suas attribuições como ministro, e bem assim — que, julgando attentatoria de suas attribuições a portaria que mandava suspender o código de posturas, preferia demittir-se a ter de sujeitar-se á propria exautoração. »

Mantidos, como foram, os actos do ministro do interior, os membros da intendencia reuniram-se em sessão extraordinaria e deliberaram dar a sua demissão collectiva, a qual foi aceita.

São passados alguns dias, e hontem deu-se á intendencia demissionaria seus successores.

O Sr. Cesario Alvim demorou-se, porque queria acertar com um homem bastante avisado e de elevado conceito publico, de respeitabilidade e capacidade provadas, ao qual commettesse o encargo de organizar a nova intendencia, escolhendo com inteira liberdade pessoal de sua immediata confiança.

A escolha recahiu no Dr. Ubaldino do Amaral, advogado conceituadissimo e homem de grande preparação intellectual. Depois de insistente recusa, o Dr. Ubaldino cedeu ás justas solicitações dos seus amigos, accetando a honrosa incumbencia e organizando logo o seu *ministerio* com homens todos capazes.

Pede a justiça que se consignem phrases de louvor á passada intendencia. Quaesquer que tenham sido os seus motivos de desintelligencia com o governo e as classes com quem abriu conflicto, a verdade é que ella tomou o governo da cidade em quadra difficilissima, trabalhou sem descanso para melhorar os varios ramos do serviço a seu cargo, e portou-se com severissima honestidade.

A nomeação do Dr. Ubaldino do Amaral importa uma grande victoria para o Sr. Cesario Alvim.

Pelo menos applicará o histerismo dos republicanos anteriores a 15 de novembro, os quaes não querem admittir que a politica do governo provisório tenha o cunho de unidade nacional. Quer-se a todo transe uma republica intransigente, uma republica de seita, quando a força da revolução de 15 de novembro veiu prin-

principalmente do unanime assentimento dos brasileiros, sem que qualquer dos partidos ou classes dirigentes e influentes do antigo regimen tentasse por qualquer modo, até agora, reagir contra os factos consummados.

Do actual governo fazem parte homens como o marechal Deodoro, como os Srs. Ruy Barbosa, Benjamin Constant e Wandenkolk, os quaes, até á ultima hora, si por um lado organizaram a resistencia da honra contra os desmandos e oppressões do imperio, por outro, jámais alistaram-se socios do Club Tiradentes ou fizeram parte das delegações reunidas periodicamente em S. Paulo e outros pontos, para a revisão dos programmas republicanos e os planos de lucta.

O Sr. Cesario Alvim, que surgiu governador do estado de Minas no dia 15 de novembro, é republicano do dia 11 de junho do anno passado, quando o seu formidavel antagonista e implacavel inimigo Visconde de Ouro Preto apresentou-se no parlamento como chefe de gabinete.

Nem por isso as convicções, a lealdade e a honra com que aquelles illustres cidadãos servem á Republica podem ser, de leve, suspeitadas, tão larga tem sido a contribuição de sacrificios e de esforços pessoaes de todos para consolidar a magnifica obra que nos tem feito um povo grande e respeitado em todo o universo.

Uma republica que tenha, sobretudo, o cunho de unidade nacional, é o ideal dos mais extrenuos defensores da democracia. Em França, a republica de 1871, nascida na hora do colossal desastre de Sédan e da deposição do segundo imperio, foi organizada e presidida por Thiers, ministro da monarchia de julho, e teve por continuador de igual missão Mac-Mahon, marechal de França sob Napoleão III. Coadjuvaram a obra do governo homens como o Duque de Broglie, nome profundamente enraizado ás tradições republicanas.

A' proporção que o tempo apaga os symbolos da monarchia e affirma a necessidade da republica, mais se enfraquecem os emperramentos legitimistas, e mais se difficultam as aspirações do Conde de Pariz, hoje o representante unico directo da realza historica da casa de França.

Além disso a republica é protegida pelas dissensões dos candidatos dynastas. Por entre o ramo legitimista e napoleónico ella passa triumphante, cada vez que se abre uma campanha eleitoral. Não é só o voto politico da nação que a protege, são tambem os votos das classes conservadoras.

Ahi está o recente processo ordenado contra o principe de Orléans, filho do Conde de Pariz, o qual, a pretexto de fazer o seu tirocinio de serviço militar, rompeu o cordão sanitario traçado á sua familia.

Esta violação foi punida por sentença do tribunal judicial, o que prova que a magistratura franceza tambem se acha ao lado da republica, defendendo-a contra ambições que não se compadeem mais com as tendencias do seculo em que vivemos.

Hoje troca-se uma monarchia por uma republica, sem a *volla*,
siquier, de uma gotta de sangue !

Quanto a nós, os acontecimentos se encarregaram de provar que a monarchia já vivia, ha muito tempo, do apoio ou da tolerancia dos republicanos. Ahi estão os factos.

Na camara dos deputados, em 1883, dizia um presidente de conselho sahido dos corrilhos da ultima regencia, em tom sarcastico : « *crezca e appareça a republica, e então lhe passaremos o ramo, quando a nação se pronunciar pelos canaes competentes* » ; e da sua impertigada oratoria zombava o Sr. João Penido, deputado republicano mineiro, apresentando uma indicação para, nos termos do art. 126 da constituição, decretar-se, pela pluralidade de cada uma das camaras, a incapacidade physica do imperador, attestada pela extravagancia dos seus sonetos e pela autoridade tutelar que sobre elle exercia o seu medico Conde de Motta Maia.

Outra vez, em pleno parlamento, um medico bisonho, mas homem convencidamente republicano, o Dr. Monteiro Manso, depois de haver derrotado o candidato do governo em Minas, apresentou-se com o seu diploma na camara. Foi immediatamente reconhecido. No dia da posse, exigiram-lhe o juramento, sob os Santos Evangelhos, *de manter a religião catholica apostolica romana, de obediencia à constituição e de fidelidade ao imperador e à dynastia imperante*, e o Sr. Manso declarou com admiravel firmeza *ser calvinista e republicano*, e que por isso não se sujeitava a tal juramento.

A camara, tripolada por enorme maioria, parecia nesse dia um navio que batera sobre um banco. O terror foi geral, e, sob a pressão do medo, o regimento foi reformado, abrindo-se as portas a todas as crenças e aos adversarios radicaes da monarchia !

Quantum mutatis ab illo !, Quando o Sr. Saldanha Marinho, o glorioso velho, que ahi está como uma reliquia sagrada da democracia, eleito deputado pelo Amazonas em 1869, recusou-se, como republicano, a ler a formula do juramento prescripto pelo regimento da camara, Martinho de Campos, que era um liberal das idéas mais radicaes em politica, levantou-se ameaçador, e exigiu que o regimento fosse cumprido. O Sr. Saldanha Marinho, fazendo *reservas mentaes*, como Frei Vital, quando jurou fidelidade ao poder civil, encurtou o effeito dramatico da scena e submetteu-se á formalidade.

E o Sr. Saldanha Marinho era adversario de temer-se, porque era e é uma das mentalidades mais poderosas que o Brazil tem produzido !

Mas o terror que o Sr. Monteiro Manso inspirou teve logo sua natural repercussão no senado. Aproveitando o effeito das circumstancias, o senador Silveira da Motta procurou accentuar

mais uma conquista do seu programma radical. Com o poder daquella eloquencia aguda e aprumada, verdadeiro contraste com a curva que os annos fizeram-lhe no corpo, o incansavel batalhador propoz que o regimento do senado fosse alterado de modo a ficar de accordo com o da camara dos deputados. Aquella colmeia de mandarins soffreu uma especie de deslumbramento com a proposta, e cedeu tambem á pressão do medo. Desde esse dia os muros chinezes, que resguardavam os *rabichos* do imperio, foram lançados por terra!

O Conde d'Eu aterrou-se com a marcha accelerada da republica e associou-se ao Sr. Affonso Celso para debellar-a no Sul, ficando o Norte por conta das qualidades seductoras de Sua Alteza. O Sr. Motta Maia cedeu ao imperador o tempo necessario ás manobras, e a 11 de junho o Sr. Affonso Celso (Visconde de Ouro Preto) apresentava-se no parlamento como organizador de uma situação cujo principal intuito politico era *debellar a republica*.

Apenas essa bandeira foi desfaldada das alturas do ministerio, o povo apupou os ministros e o presidente da camara, o Barão de Lucena, que é um homem de caracter inquebrantavel e uma organização profundamente democratica, não se julgou no direito de negar a palavra ao padre João Manoel e ao Sr. Cesario Alvim, os quaes, previamente, tiveram a lealdade de declarar-lhe que iam fazer a sua profissão de fé de republicanos.

Debalde o Sr. João Alfredo, vencido pela conspiração, procurou obter que o Sr. Lucena o ajudasse a demonstrar a continuação da sua adhesão pessoal ao imperio; mesmo expulso do governo, como foi, á ultima hora, pela imposição desbocada do conselho de estado, o Sr. João Alfredo queria mostrar-se generoso e na altura dos seus dous algozes — o imperador e o Visconde de Ouro Preto.

O Barão de Lucena não esteve pela transacção, que, nesse dia, o collocaria em odioso antagonismo com o sentimento nacional, e deu a palavra aos dous vigorosos campeões.

E o Sr. Ouro Preto teve de tremer de espanto ou de medo, ouvindo o brado revolucionario do padre João Manoel — *abaixo a monarchia, viva a republica* — e a oração solemne do Sr. Cesario Alvim junto ao ultimo ministerio da monarchia.

Quanto ao Conde d'Eu, a sua viagem foi mais fecunda á republica do que a do emerito e incansavel propagandista o Sr. Silva Jardim.

Este orador fecundo e eloquente descrevia ás massas populares, *tão fortes que dispersavam por toda a parte a policia*, o que era a monarchia vista de longe; o Sr. Conde d'Eu, porém, mostrava-a em pessoa a todo o mundo.

A desencadernação desse exemplar expunha á indifferença ou aos mais vehementes protestos a decadencia da instituição, e tirava todas as illusões á imaginação popular.

Fez-se a republica a 15 de novembro, no meio das aclamações

deste mesmo povo que delirara de prazer tres mezes antes com o tiro policial *manqué* de Adriano do Valle.

Este facto indica que o povo, que delirara, era tambem um povo policial, contractado para as portas dos theatros pelo ex-chefe de policia Basson. A alma nacional—estava á espera da sua vez solenne e exemplar para manifestar-se.

A republica atravessou triumphante as ruas desta vasta capital, sem um protesto dos antigos monarchistas. Um só não julgou necessario expôr-se ao menor perigo por essa tradição historica de tres seculos. O senado mandou perguntar no dia 16 de novembro a quem devia entregar as suas chaves. A camara recusou-se a ouvir uma indicação do deputado Zuma, talvez para perguntar si os deputados deviam ir incorporados ao quartel-general do marechal Deodoro felicitá-lo pela prisão do ministerio Ouro-Preto, e a camara era um producto exclusivo da vontade omnipotente do presidente do conselho. Não houve eleição, houve defraudação do voto.

Finalmente, quando dias depois o Sr. Silveira Martins, acreditado que podia, com um punhado de arêa atirado ao ar fazer renascer a sua antiga popularidade e impôr-se para successor do Sr. Ouro-Preto, para o que foi nomeado *in articulo mortis*, foi pedir ao supremo tribunal de justiça uma ordem de *habeas corpus*, talvez para montar a empresa da Restauração, aquella veneranda corporação, submettendo-se nobre e altivamente ao facto consummado, negou provimento a semelhante recurso intentado contra a revolução triumphante e a Republica proclamada.

O que ha, pois, a temer? No interior? Nada, ou ninguem. Todos estão conformes com o que se passou, e os ultimos e dedicados amigos da realza deposta, ao apartarem-se do imperador, vinham pressurosos e chorosos para as suas antigas officinas de trabalho dizer: « O que está feito, está feito. Pensar em restaurar a monarchia seria um erro (*e a monarchia ainda estava no porto*); vamos cuidar da republica e da patria. »

Isto mesmo escreveram todos os antigos estadistas, quando consultados pelo illustre redactor chefe do *Correio Paulistano*, ainda mesmo aquellos que foram pessoas effectivas da casa imperial e moveis do seu uso constante. Os estadistas que não fallaram, pensaram talvez obrar com astucia da raposa, quando em verdade não passavam de perús empavesados em aguias da monarchia. Foram elles *mdos governos* de que o imperador queixou-se á *ultima hora*.

Si nada temos a temer no interior, do exterior que mal nos pôde vir?

Os paizes estrangeiros nada temem que ver com o modo por que gerimos a nossa casa.

O receio estará, porventura, nos principes exilados? não é serio pensar nisto.

O imperador é uma lampada que bruxoleia, prestes a apagar-se. No seu espirito enfermo e desilludido não perpassa mais a ambição. Na sua alma talvez haja a doce mortificação da saudade

desta patria, que elle tanto amou, sem saber engrandecer-se a si e a ella.

A Sra. D. Isabel? Mas esta illustre princeza, que tem na forteza de seu character e nas energias da sua vontade as grandes qualidades que se requer em um soberano, si fosse solteira teria tido da revolução de 15 de novembro o carinho protector que a revolução de 7 de abril teve para com seu pae infante.

Si fosse viuva, seria aclamada pelo Brazil em peso, como a rainha Maria Christina de Hespanha o foi no seu luto pelo extravagante Affonso XII.

Mas, esposa do Sr. Conde d'Eu, ella participa daquella sina de principe exilado, que o acompanha desde o berço, e daquella má estrella, que nunca o fez um heróe consagrado e estimado por seus companheiros de armas, sendo um bravo nos campos de batalha; que nunca se fez popular, sendo um homem extremamente simples; que passou sempre por sordido, sendo um *mãos abertas* em favor dos necessitados.

O que era possível fazer para conquistar o titulo de brasileiro, elle fez; regulamentos, projectos de lei para melhor organização do exercito e aperfeçoamento do seu material de guerra; escolas, bibliothecas, colonias orphanologicas para a infancia desamparada, tudo, enfim, quanto podia fallar á gratidão das massas mais desprotegidas da sorte, ou ás diversas classes da sociedade, elle planeou e executou na maior parte.

Tudo era inutil; a sua surdez, a sua incorrecção de trajes, a desordem dos seus gestos, a phrase gritada e travada de *rr* asperos, a falta de esplendor nos seus palacios, a ausencia de acções grandiosas e brilhantes, certo tom pretencioso no modo de tratar com os homens publicos, a sua posição, aliás natural de conselheiro da princeza, recebida em todos os circulos como uma intervenção intrusa, eis ahí verdadeiros obices a qualquer tentativa de um terceiro reinado, mesmo no tempo da monarchia. Por todos estes motivos o Conde d'Eu jámais conseguiu ser brasileiro; foi sempre para todos — o *frances...*

Por si a Sra. D. Isabel nada fará. Educada para soberana constitucional, falta-lhe o espirito de iniciativa. Ella nunca será Maria Thereza nem D. Maria I. E ainda quando Sua Alteza possuisse qualidades, arrojo e audacia para uma mão de empenho, onde o partido para apoia-la? Todos os seus partidarios couberam no vapor que conduziu a illustre princeza ao exilio. Si alguns por aqui ficaram, esses nunca serão instrumentos para reacções.

Viverão eternamente da sua dedicação platonica e das saudades dos bellos dias, que não voltarão mais.

O exilio é uma condemnação personalissima; os cortezãos julgam faltar á etiqueta tomando parte nelle.

O que resta? Os jovens principes filhos dos Condes d'Eu? Mas estes, quando attingirem á idade de comprehender a grandeza da revolução de 15 de novembro, não poderão ter amor a esta patria. E demais, a educação que elles teem recebido prepara-os

antes para a resignação com os designios da Providencia, do que para a reacção contra o poder dos homens.

O que resta mais? Os dous principes filhos da fallecida princeza D. Leopoldina com o Duque de Saxe? Seria necidade pensar em tal.

O principe D. Pedro, si tivesse tido outra direcção, poderia fazer, talvez, adeptos. Mas, não. Até certa idade elle não passava de um noviço muito puxado pela regra do convento de S. Christovão. O imperador metteu-o depois em uma escola civil, fel-o engenheiro de minas, a profissão que mais obriga a cavar a republica. Haja vista o illustrado Dr. Ennes de Souza. O principe ficou sem pertencer a nenhuma das classes da sociedade, porque o decôro da sua posição o obrigava a não ter uma posição e a não viver pelo seu trabalho. Tinha talento, mas não tinha espirito; tinha instrução scientifica, mas faltava a educação litteraria; amava as festas dançantes, mas não tinha encantos como *coiseur* e era um valsista desgraçoso. Era um rapaz bonito, mas não era elegante, nem leu o Conde de Camors, de Octave Feuillet, para se fazer querido e temido pelas mulheres.

Ultimamente, depois da viagem à Europa, voltou mais principe do que foi: dava jantares, tinha uma bella installação, adquiriu quadros originaes de algum valor, bronzes de autores celebres, e estava fazendo um pouco o papel de homem do mundo. Mas faltava-lhe a arte de attrahir os homens publicos, de arregimental-os ou arregimentar-se com elles, não conhecia a tradição dos partidos nem as questões sociaes pelo seu lado pratico. Era um orphão emancipado e não um homem publico.

Além disso era uma natureza hesitante e timida, embora tivesse character expansivo. Tinha a preocupação de imitar o avô nos gestos, no andar, na *pose*, na dissimulação e nas desigualdades, e o avô não era precisamente um modelo...

Com taes qualidades e defeitos, o principe D. Pedro não estava preparado para luctar contra um revez. A prova ali está nas anecdotas de bordo do *Atagôas* e nas prostrações de animo que se seguiram ao pisar a terra do exilio.

O *pretendente* só pôde ser um homem marcial e tenaz como D. Carlos de Bourbon, um pamphletista como o principe Napoleão, ou um *herdeiro* como o Conde de Paris, luctando sem cessar pela reivindicacão de direitos seculares.

Falta exactamente ao principe D. Pedro Augusto a tenacidade, a preparacão para a lucta, a sciencia do pamphletista politico, a indignação que improvisa manifestos, um grupo exaltado, emfim, que faça *meetings* para apregoar a excellencia dos seus programmas.

Em conclusão: para diminuir-lhe ainda mais as proporções, bastam as intrigas domesticas. Sempre o puzeram no seu papel passivo de *collateral*, e foi para não habilital-o a mais nada que o educaram sem fastigio e sem prestigio.

Quanto a seu irmão, o principe D. Augusto, 2º tenente da armada, este, para ficar circumscripto aos privilegios da sua patente, viajava a bordo dos nossos navios sem direito a receber a

menor demonstração á sua qualidade de neto do imperador. Quasi mandaram metter a ferros o commandante do *Almirante Barroso* só porque não desfeiteou o governo do Chile recusando finezas, que as leis da civilidade impoem, feitas ao filho de uma princeza brasileira.

D. Augusto é um rapaz de boa companhia, alegre, gastador, joga, faz dividas, fuma, gosta de ir ao mundo, dansa com graça, adora os bailes; faltam-lhe, porém, certas qualidades brilhantes de salão, não sabe entreter as senhoras, não foi nunca o pensamento de uma moça de 18 annos, não é um *sportsman*, nunca fez um duello, falta-lhe, emfim, uma aventura, uma *ponta de escandalo*, que o cerque de amigos e de emulos.

Menos ainda que seu irmão conhece elle a politica e os politicos do Brazil, e talvez não tenha um compatriota a quem escreva uma carta.

Quem reune taes predicados pôde aspirar a um throno ou ser o alvo das ambições de um partido?

E' preciso pôr termo á politica da seita, fundar sobre a lei da confraternidade a republica que nasceu sobre os influxos da paz e da unidade nacional.

E não poderíamos rematar de modo mais expressivo nem mais incisivo esta correspondencia, do que transcrevendo para aqui este trecho — programma do brilhante artigo que o Sr. conselheiro Ruy Barbosa escreveu hoje no *Diario de Noticias*, commemorando o 1º anniversario de sua entrada para a redacção desse importante orgão :

« Deixem-me abraçal-os hoje, com o reconhecimento inexprimível, com a infinita saudade insaciavel dessa convivencia do espirito e do coração, que povôa constantemente as minhas vigílias e enche de melancolia as minhas manhãs de trabalho. Abençoado o dia, em que minha pasta voltar a ser aquella que eu, a 15 de novembro, deixei guardada entre os meus irmãos dessa officina!

« Entretanto, continuem elles a velar pela seriedade da regeneração republicana, contra as velhas pragas da monarchia, a parola, a afilhadagem, a inveja, a intriga. O nosso trabalho agora é de conservação, de conciliação, de assimilação de paz nos espiritos e nas cousas. O exclusivismo, a declamação, a utopia, o genio de seita são os nossos inimigos. Acima de tudo, com o plano das reformas populares quasi consummado e a constituição nacional em elaboração adeantada, carecemos, neste momento, de estabilidade, de administração, de perseverança organizadora. Os que propagam o fermento da inquietação ameaçam a patria e insinuam na Republica a mais grave das enfermidades.»

Rio, 7 de março de 1890.

JOÃO HORACIO. (*)

(*) É o pseudonymo do illustre publicista Dr. José Avelino Gurgel do Amaral, em suas correspondencias para o *Correio Paulistano*, e cuja competencia politica é bem conhecida.

Jornaes republicanos, orgãos do partido, existentes
no Brazil até 15 de novembro de 1889

RIO DE JANEIRO, CAPITAL FEDERAL

Republica Brasileira, Correio do Povo.

AMAZONAS

O Cometa, Cidade de Manaus.

ALAGOAS

Gutenberg.

BAHIA

Republica Federal.

ESPIRITO SANTO

Cachoeirano.

MARANHÃO

Novo Brazil.

MATTO GROSSO

O Porvir.

MINAS GERAES

*Conjuração, Mineiro, Propaganda, Irradiação, Regeneração,
Correio do Machado, O Povo, O Patriota, Transformação, Estan-
darte, Movimento.*

PARAHYBA

Gazeta do Serião, A Verdade.

PARANÁ

A Republica, Patria Livre.

PARÁ

Republicano.

PERNAMBUCO

Nova Patria, Republica, O Norte.

RIO GRANDE DO SUL

Federação, Clarim, Municipio, Patriota, Zig-Zag, Tribuna do Povo, Gazeta do Sul, Movimento, Cidadão, Denúncia.

RIO DE JANEIRO

Gazeta do Povo, O Povo, O Amigo do Povo, Idéa, Garatuja, Tymburibá, Cidade de Rezende, Quinto Districto, Transformação, A Revolução.

SANTA CATHARINA

Independente, Evolução, A Republica.

S. PAULO

Atalaya, Correio do Salto, Diario Popular, Diario de Sorocaba, Echo Municipal, O Patriota, Gazeta do Povo, Gazeta de Campinas, Grito do Povo, Jornal do Povo, Mez, Nono Districto, Oitavo Districto, Provincia de S. Paulo, Platça, Rebate, Revolta, Republica, Vinte e um de abril, Tiradentes, Diario do Rio Claro.

SERGIPE

Republicano, Laranjeirense.

Clubs Republicanos existentes no Brazil até 15 de novembro de 1889

RIO DE JANEIRO, CAPITAL FEDERAL

Lopes Trovão, Silva Jardim, Potyguarana, Rio-Grandense, Tiradentes, Paulista, Mineiro, Catharinense, Bahiano, Vinte de Setembro, Fluminense, Escola Polytechnica, Escola de Medicina, Quintino Bocayuva, Felipe dos Santos, e Razão e Justiça.

S. PAULO

Clubs republicanos: do Amparo, de Aréas, de Bragança, de Batataes, de Botucatú, de Brotas, da Bocaina, de Belém, de Campinas, de Cunha, de Casa Branca, de Cajurú, de Dous Corregos, do Espirito Santo do Pinhal, da Franca, de Guaratinguetá, de Itú, de Itatiba, de Itapeteninga, de Jacarehy, do Jahú, da Limeira, de Mogy-mirim, de S. Manoel, da Mocóca, de Jundiaby, de Pindamonhangaba, de Pirassinunga, de Piracicaba, do Rio Claro, do Ribeirão Preto, de Santos, de Sorocaba, de S. Carlos do Pinhal, de S. Simão, de S. João de Capivary, de S. José de Guarehy, de S. João do Rio Claro, de Taubaté, de Tatuhy, do Tietê, Vinte de Setembro, Academico, Rio Grandense, Democrata, Mineiro, S. João da Boa-Vista.

PARANÁ

Clubs republicanos: de Curityba, de Paranaguá, da Lapa, de S. João Baptista.

SERGIPE

Clubs republicanos: das Laranjeiras, da Estancia, de Iporanga.

RIO DE JANEIRO

Clubs republicanos: de Araraama, do Amparo, de Itabapoama, da Barra Mansa, de Campos, de Cantagallo, de Capivary, de Itaborahy, do Corrego da Prata, de Macahé, de Magé, de Maricá, de Nitheroy, de Nova Friburgo, de Petropolis, da Parahyba do Sul, de Rezende, do Rio Bonito, de Santo Antonio de Padua, de S. Fidelis, de Santa Maria Magdalena, de S. João do Principe, de Sapucaia, de Santa Thereza de Valença, de Valença, de Vassouras, da Estrada Nova, de Sumidouro, da Volta Redonda, de S. Sebastião do Alto.

MINAS GERAES

Clubs republicanos: de Barbacena, de Alfenas, do Amparo, de Angustura, do Carmo, de Caxambú, da Campanha, do Corrego do Ouro, de Cataguazes, do Carangola, do Curvello, da Capivara, de Cattel Altas, do Carmo do Rio Claro, do Carino do Rio Verde, do Espirito Santo do Mar de Hespanha, de Guarany, de Itabira, de Itambé, de Juiz de Fôra, de Jaguary, de Lavras, de Leopoldina, do Machado, do Mar de Hespanha, de

Monte Alegre, da Oliveira, do Pomba, do Porto de Santo Antonio, de S. Pedro, de Passos, do Rio Branco, de S. Gonçalo de Sapucahy, de Pouso Alegre, de S. Joaquim da Serra Negra, de Pitanguy, Santo Antonio do Chiador, Sant'Anna do Deserto, S. José d'Além Parahyba, S. João Nepomuceno, S. João d'El-Rei, de S. Sebastião da Estrella, de Sabará de Sarandy, de Sant'Anna dos Ferros, de Santa Maria de Itabira, de S. Paulo de Muriahé, de Tres Pontas, de Tres Corações do Rio Verde, de Ubá, de Vargem Grande, Varginha, Tiradentes, Saldanha Marinho e Aristides Lobo.

RIO GRANDE DO SUL

Clubs republicanos: de S. Leopoldo, de S. Sebastião do Cahy, de Pelotas, do Rio Pardo, do Livramento, de Bagé, do Rio Grande, de S. Borja, de Uruguayana, de D. Pedrito, de Itaqui, de Capivary, de S. Thiago do Boqueirão, de Santa Maria da Boca do Monte, de Santo Angelo, de Caçapava, de Jaguarão, de Porto Alegre, de Belém, de S. Sepé, de Taquary, de Santo Amaro, de S. Jeronymo, de Villa Rica, de Cacimbinhas, Bento Gonçalves, 20 de Setembro, 6 de Novembro, Felix da Cunha, Garibaldi, Silva Jardim, União Republicana.

MATTO GROSSO

Clubs republicanos: de Cuyabá, de Miranda, de Corumbá.

ESPIRITO SANTO

Clubs republicanos: Saldanha Marinho, Anchieta, Tiradentes, Calçadense, Alto Benevente, Rio Pardo, Itapemirim, S. Pedro de Itabapoana.

SANTA CATHARINA

Clubs republicanos: de Itajahy, do Desterro, de Camburiú, de S. Bento, de S. Francisco, de S. João Baptista, de Porto Bello, da Laguna, de Joinville, de Tijucas, do Ribeirão, de Biguassú, de Imaruhy, Assis Brazil, Garibaldi.

PARÁ

Clubs republicanos: Saldanha Marinho, de Viseu, de Bragança, de Belém, de Obidos.

MARANHÃO

Clubs republicanos: de S. Luiz de Curupú, de Caxias.

RIO GRANDE DO NORTE

Centro Republicano do Rio Grande do Norte.

AMAZONAS

Centro Republicano do Amazonas.

PIAUHY

Club Republicano de Theresina.

PARAHYBA

Centro Republicano da Parahyba.

ALAGOAS

Club Republicano Federal.

GOYAZ

Club Republicano Federal.

PERNAMBUCO

Centros republicanos do Recife, de Goyana, da Escada, do Pão d'Alho, Clubs 12 de Setembro, Frei Caneca.

CEARÁ

Club Republicano de Baturité, Congresso Republicano da Fortaleza.

BAHIA

Clubs republicanos: Federal, Academico e Bom Jesus dos Passos.

A penultima e a ultima sessão do conselho de estado

Ha poucos dias li no *Correio Paulistano* uma noticia muito curiosa sobre a ultima sessão do conselho de estado.

Como *ultima sessão* considerava o correspondente aquella que teve logar no dia 12 de novembro, para consultar sobre a abertura de um segundo credito pedido pelo ministro do imperio, Barão de Loreto, a titulo de pagamento das despezas effectuadas com a secca do norte.

Tal foi com effeito o pretexto ; mas a verdade sabida é que, em vez de secca do norte, devia-se ler — *eleições do norte*, onde na realidade o ministerio Ouro-Preto praticou escandalos só proprios de quem, para fugir á voracidade de um abysmo, atira-se ousadamente a todos os actos de desespero.

Era impossivel que o Visconde de Ouro Preto não tivesse presentedo a quêda do imperio, e que, como Olivier, no tempo de Napoleão III, não se arrojasse a todas as aventuras, só lhe faltando a da guerra, para caracterisar o ultimo grão da loucura politica. Na ultima hora o imperador dos francezes julgou poder salvar as instituições pondo-se em mais directo contacto com a nação e restituindo-lhe algumas das liberdades confiscadas em 1852.

Tambem o Sr. D. Pedro II cedeu a contragosto na reforma da eleição directa. Tratando de resto o *resto* do ministerio Caxias de 25 de junho, procurou sophismar essa aspiração pleiteada pelos dous partidos constitucionaes, e o artificio empregado consistiu em entregar essa reforma ao anglicanismo esteril do Sr. Sinimbù, a quem incumbiu de arranjar uma constituinte *que nada constituisse*. Na ultima phase, o meio que o Sr. D. Pedro II tinha para conciliar-se com a nação era fingir que acceitava o plano de reformas do Sr. Ouro-Preto, indo ao encontro do partido federalista, que se formara aos poucos em todas as antigas provincias, graças à bandeira hasteada por um homem de popularidade real e de perspicacia habil, do Sr. Dantas, — o estadista que mais cedo previu os perigos da navegação, tanto na reforma do estado servil, quanto nas reformas politicas.

E digo fingimento do imperador nas reformas politicas, porque sua magestade, apenas apanhou em S. Christovão o Sr. Ouro-Preto, fê-lo reduzir o seu programma de autonomia das provincias a algumas reformas parciais e fanadas, quasi todas de caracter administrativo e economico.

Era tarde para o Sr. D. Pedro II e muito cedo para o Sr. Ouro-Preto.

Tarde para o primeiro, porque o partido republicano já tinha feito taes conquistas à sombra da resistencia que encontravam os partidos constitucionaes, que tolo seria elle si fosse largar a preza, acceitando com esta uma conciliação, que só aproveitaria ao imperialismo. Cedo para o segundo, porque nem elle era o

chefe mais conspicuo do partido liberal, *tanto assim, que o seu nome para organizador do gabinete sahiu na conversa havida entre o imperador e o Sr. Saraiva*; nem elle conseguira, no congresso que convocára para o 1º de abril do anno passado, reunir os homens mais notaveis e de mais talento do seu partido, em torno de uma só idéa. A dissidencia Ruy Barbosa, a que prestou apoio o Sr. Saraiva, teria collocado, em outro paiz de regimen representativo, o Sr. Ouro-Preto fóra do alcance de uma organização ministerial.

Todavia o imperador gostava de organizações hybridas, para não se deixar absorver pelo regimen constitucional, e por isso desfez-se do Sr. João Alfredo, que não fóra uma criação sua e sim da princeza regente, para chamar ao poder o partido liberal, então fóra de toda a possibilidade de governar. Com esta cajadada o imperador contava matar dous coelhos, a saber: o medo que o Sr. Conde d'Eu tinha da republica, e as esperanças que os republicanos tinham nos liberaes e nos conservadores dissidentes do grupo do Sr. Paulino de Souza, o qual, depois da organização do ministerio 10 de março, *tudo confiou á indisciplina e á anarchia partidaria.*

Erro manifesto! O partido conservador, alijado ao mar como carga avariada, foi ainda assim perseguido pelo ministerio Ouro-Preto, que fazia fogo vivo sobre qualquer cabeça que surgia ao lume d'agua. O partido republicano, que o governo pensava dissolver com as viagens vertiginosas do imperador e com a nevrose de festas aos Chilenos, aos quaes procurava desaggravar, mesmo á custa da nossa propria humilhação, dos destemperos biliosos praticados no governo pelo ministro Ladario. Esse partido fez que se sujeitava ao aniquilamento: em vez de pleitear a eleição, organizou a conspiração.

Essas manobras, tão phantasmagoricas como as dos dramalhões dos theatros que exploram receita no publico idiota, custavam muito dinheiro. Por fortuna o ministerio achou no norte uma secca, a que elle deu vastas proporções officiaes, que o ajudou a fazer embarcar, reunidas, a miseria e a corrupção.

Era preciso, além disso, ajustar contas antes da abertura do parlamento, afim de abafar qualquer voz dissidente na camara, aliás prestes a reunir-se, pois a sessão solemne da abertura da assembléa geral estava marcada para o dia 20 de novembro. Dahi a reunião do conselho de estado pleno no dia 12; reunião a que um outro correspondente, ali s notavel pela circumspecção e cuidadoso estylo, chamou de *ultima sessão.*

A ultima sessão do *chapéo de sol imperial* não foi essa, e sim a que lhe vou descrever, passando para aqui informações fidedignas de um homem notavel, que assistiu á agonia da monarchia na noite de 15 de novembro.

Tinham alguns senadores e ex-deputados, todos personagens de grande prestigio no partido conservador, como fossem os Srs. João Alfredo, Correia, Taunay, Thomaz Coelho, Duarte de Azevedo, Ferreira Vianna e outros, deliberado promover a

reorganização do partido, e para este fim reuniam-se com mais ou menos frequencia em casa do senador Teixeira Junior.

Antes de proseguir, farei esta observação :

Não podia haver maior extravagancia do que a celebração de taes sessões na casa do Sr. Teixeira Junior. Este illustrado cidadão, durante o imperio, só não desertou da sua cadeira do senado, de tudo o mais a que era obrigado pelo dever de partidario e de estadista, elle se escusava com uma obstinação musulmana. Nem prestava auxilio a seus amigos nas crises ministeriaes, por occasião das modificações tão frequentes, nem era nome com que se pudesse contar para as organizações em que a vida do partido estivesse empenhada, como aconteceu na crise de maio do anno passado. Para não deixar a menor duvida sobre o seu absentismo, havia cerca de seis annos que elle abandonara o conselho de estado, pedindo licença por tempo indeterminado.

Entretanto que assim procedia, por motivo muito respeitavel de sua saude, o Sr. Teixeira Junior tinha uma vida industrial das mais laboriosas e agitadas; e quando vagou o logar de provedor da Santa Casa da Misericordia, por fallecimento do Barão de Cotegipe, esse benemerito cidadão foi o candidato eleito e assumiu o exercicio desse cargo, considerado um verdadeiro ministerio, tal é a importancia dos negocios que por alli correm, tão pesado é o trabalho administrativo desse vastissimo estabelecimento e suas multiplas dependencias.

Não se comprehende, pois, como o trabalho de reorganização do partido conservador fosse feito na casa do Sr. Teixeira Junior, quando é certo que elle deixava sempre correr á revelia a sua desorganização.

A verdade, porém, é que foi nessa phase de liquidação, que elle se prestou a collaborar com os seus amigos. Puro acto de caridade para com o moribundo!

Prosequirei.

Não se sabia do resultado dessas sessões do grupo reconstuctor, quando, no dia 15 de novembro, já estando o general Deodoro senhor da cidade, preso o ministerio, proclamada a republica, ainda aquelles crentes se reuniam no templo da indifferença.

Na rua do Bispo, no Rio-Comprido, quasi ao sopé da montanha, não chegavam os echos da quéda da monarchia e da proclamação do governo provisório. Portanto, em santa paz, no regaço da mais ingenua confiança, podiam elles deliberar sobre o congraçamento da familia que esphacelaram. Depois de bem jantados, como Luculo no seu triclinio, resolveram voltar á cidade para saber si ainda governava o partido liberal, ou si já era a vez de algum delles.

De par em par chegaram uns ao escriptorio do Sr. Ferreira Vianna, na rua da Quitanda, e outros se dirigiram logo para o paço da cidade, onde estava reunida toda a familia imperial com alguns de seus familiares, além de alguns senadores e conselheiros de estado dos dous partidos.

Ao escriptorio de Sr. Ferreira Vianna tardava em chegar um mensageiro, com quem contavam para trazer-lhes qualquer boa nova por parte do general Deodoro, e como soubessem que já estava no paço o Sr. Paulino de Souza com alguns amigos dedicados, julgaram de bom aviso deixal-os sós junto ao imperador, e dirigiram-se separadamente para aquelle ponto.

Apenas foram chegando uns e outros, a princeza dirigiu-se, muito agitada e commovida, ao Sr. João Alfredo, perguntando-lhe por que se demorara tanto, tendo ella lhe escripto tão cedo, convidando-o a ir fallar-lhe.

— Só ha pouco recebi a carta de Vossa Alteza, disse elle, e aqui estou para cumprir suas ordens.

— Preciso muito dos seus conselhos, principalmente peço-lhe que vá ter com papae e convença-o da gravidade das circumstancias, respondeu a princeza. Estou sinceramente aterrada com a indiferença que elle está manifestando nesta crise. Espero que vejam em mim mais a filha do que a princeza.

O Conde d'Eu, sem ostentar a energia de sua augusta esposa, todavia mantinha certa dignidade e calma para disrecrear sobre os acontecimentos; e, por sua vez, disse ao Sr. João Alfredo, pouco mais ou menos, aquillo que a princeza acabava de expôr.

Emquanto isto se passava a um canto da sala, o imperador conversava com o Sr. Taunay.

— Pois creia vossa magestade que o movimento militar é muito mais serio do que vossa magestade está suppondo.

— Não estou convencido ainda disto. Já me tenho visto em situações peiores.

— Perdõe-me vossa magestade, as instituições estão talvez por terra a esta hora.

O imperador, que não queria dar o braço a torcer, nem tornar mais patente o seu *estado satisfactorio*, mudou de assumpto bruscamente.

— Não gostei da viagem por terra — da estrada do Norte.

Não ha uma paisagem que alegre a vista. Apenas ao passar-se em Sarapuhy, tem-se a recordação do convento do Pantanal, depois convertido por meu pae em palacio de recreio.

O Sr. Taunay, querendo dar a essa reminiscencia todo o valor, revelou muito espirito, dizendo, para ultimar o incidente:

— Havemos de tratar disto na proxima sessão do Instituto Historico.

A distribuição dos outros grupos na sala era, pouco mais ou menos, esta:

A imperatriz, que nunca fôra informada das cousas politicas, para bem avaliar o que fosse uma crise, conservava-se com aquelle ar de bondade affectiva que lhe grangeou o nome de mãe dos Brasileiros.

O principe D. Pedro parecia o morador de um predio em chamas, tal era o seu panico.

Os camaristas, acercando-se do Sr. Paranaguá, pediam inspições á sua estrella, até então sem eclipses, e o Sr. Paranaguá

não sahia do seu antigo lemma: — *fortiter in re, suaviter in modo.*

Dos antigos ministros achava-se unicamente presente o Barão do Loreto, que ainda não se dava por vencido nem por convencido. Sua physionomia tinha a expressão firme de um baixo relevo em bronze.

As damas cortavam os angulos do salão, como andorinhas tontas presentindo a tempestade.

O Sr. Motta Maia, montando guarda ao imperador, contava os minutos que cedera aos conselheiros reunidos, além dos quaes nem elle nem a canja da dieta podiam transigir.

Era esta a disposição dos varios grupos do salão do docel, quando a princeza, aproximando-se do imperador, lhe disse :

— Papae, o Sr. Teixeira Junior entende que se deve confiar a organização do novo ministerio ao Sr. Saraiva, tendo por companheiro o Deodoro, e eu julgo que é este o alvitre que devemos seguir.

— Nunca ! Já mandei chamar o Silveira Martins, disse o imperador, e espero-o a cada instante. Quanto ao Deodoro, gosto muito delle, mas não entro em accordo com o chefe de uma revolta.

— Mas, senhor, disse o Sr. João Alfredo, a situação não admite delongas. O Sr. Silveira Martins está em viagem do Rio Grande do Sul para esta córte. Vossa magestade tem aqui quasi todos os seus conselheiros, por que não os reúne em sessão, para tomar uma resolução tão prompta como o exigem as circumstancias ?

— E' melhor assim, disse a princeza ; vamos reunir o conselho de estado, e assentaremos em uma resolução adequada.

O imperador, que não sabia resistir a sua filha, mandou accender o salão do despacho, e ahí tomou a presidencia da sessão do conselho de estado pleno.

— Falle em primeiro logar minha filha, expondo os fins desta reunião, uma vez que foi ella quem a provocou, contra o meu voto, porque o que agora me compete fazer é esperar o Sr. Silveira Martins.

A princeza referiu-se á opinião do Sr. Teixeira Junior, por ella esposada, e calou-se.

Seguiu-se com a palavra o Conde d'Eu, que disse achar muito conveniente uma organização pelo Sr. Saraiva com o concurso do general Deodoro. Acho, concluiu Sua Alteza, apoz um discurso muito prolixo — acho que o Sr. Deodoro antes de tudo é Brasileiro, e que devemos appellar para o seu patriotismo, em uma situação que se me afigura das mais graves, embora ainda perfeitamente conjuravel.

O Sr. João Alfredo manifestou-se pelo convite ao Sr. Saraiva, deixando-se-lhe toda liberdade na composição do novo gabinete.

O Sr. Paulino de Souza propugnou pela correção constitucional com que o imperador devia proceder, mesmo em situação tão anormal, e concluiu por esta fórma: — Acho que Vossa Magestade não pôde estar sem ministerio, desde que deseja assentar em uma

resolução. E' preciso um responsavel que tome a si o andamento das medidas e providencias que aqui forem adoptadas. Meu voto, pois, é que, enquanto não houver governo, não podemos deliberar constitucionalmente.

O Sr. Andrade Figuera, que estava melhor informado do que todos, porque já tinha estado no quartel-general, onde soubera da primeira prisão do Sr. Affonso Celso e da proclamação da republica, foi conciso e explicito.

— Com a devida venia, disse elle, acho que estamos perdendo o tempo, aliás precioso em tão graves circumstancias. A revolta está feita; os militares estão senhores da cidade, e delles depende o destino das instituições, que pela minha parte considero irremediavelmente perdidas. Nada justifica a inepecia de um governo que se deixa surprehender e prender...

Neste interim batem apressadamente na porta, e passaram á princeza um bilhete, que dizem ter sido do Dr. Pederneiras, do *Jornal do Commercio*, concebido mais ou menos nos seguintes termos:

« A republica está proclamada.

« Deodoro chefe do governo provisorio.

« Ministerio republicano organizado com Bocayuva, Ruy Barbosa, Benjamin Constant, Aristides Lobo, Wandenkolk, Campos Salles e um engenheiro do Rio Grande do Sul.

« Ouro-Preto novamente preso no 2º regimento de cavallaria. Ha ordem de prisão contra Candido de Oliveira. Silveira Martins já foi preso em Santa Catharina.

« Os revoltosos estão senhores do telegrapho, correio e repartição da policia. Já ha patrulhas armadas por toda parte. Reina grande enthusiasmo por toda a cidade. »

Quando a princeza acabou de ler este auto de encerramento do imperio, com aquella firmeza que lhe era habitual, sem deixar-se trahir, siquer, pela commoção da voz, o conselho de estado estava quasi todo em debandada, e entrava o Sr. Motta Maia para reclamar o seu doente, a quem vinha receitar, como nas noites calmas do verão em Petropolis, repouso absoluto.

Na sala reinava o silencio da nave de um templo, onde se de ositara um cadaver. As velas dos candelabros, quasi extinctas, bruxoleavam convulsas e sinistras, como tochas mortuarias. A monarchia estava no deposito: o paço era o seu necroterio.

Eis aqui as circumstancias e o dia em que teve logar a ultima reunião do conselho de estado.

Rio, 22 de maio.

JOÃO HORACIO.

O attentado

A policia satisfiz-se: deu por concluido o inquerito sobre o sonhado attentado contra o imperador.

O que resultou desse inquerito, aliás tão cautelosa e secretamente feito?

A simples verificação da realidade do facto, isto é — que ninguém attentou contra a vida do imperador e que do occorrido só pôde ser responsavel a cerveja ou o cognac, a não ser alguma invenção perdida da policia para ter motivo mais ponderoso e sob o aspecto de um facto grave para ser explorado no plano do governo.

Na mesma occasião da occurencia soube-se com a mais plena certeza que não se tratava de um regicidio; essa occurencia em si mesma não teve nenhum merito e tanto que — disparado o tiro contra o imperador, como a policia proclama o facto, o piquete que acompanhava sua magestade não se deu por achado, nem se moveu, e continuou em paz o seu caminho, fazendo o tracto obrigatorio até à casa em que o imperador dormiu tranquillo, sendo que ao chegar contaram-lhe exaggeradamente a historia, a que elle não deu importancia.

Nem medidas de segurança foram tomadas.

Entretanto, querendo o governo sómente o effeito da sua obra, passou nessa mesma noite pela madrugada telegrammas para todos os governos estrangeiros e para todos os presidentes de provincias, affirmando o attentado.

Como era de dever, não se fizeram esperar as manifestações de pezar, as alegrias pela vida do monarcha, as flores, os vivas (não sediciosos), os *Te-Deum*, as orações nas missas e quanta sorte de imposturas e de hypocritas formulas se tem inventado para casos semelhantes.

A outra consequencia era a de motivar perseguição aos republicanos, e tambem não se fez esperar.

Antes até do inquerito e ainda quente a mentira da vespera, surgiu o famoso edital da policia, de que tratámos em nosso artigo anterior e novamente proseguimos.

Esse edital, ou antes essa monstruosidade judiciaria, arvorou o simples — viva à republica ou ao partido republicano em crime previsto no art. 90 do codigo criminal, só agora lembrado pelo governo ou pela policia.

A severidade veiu do celebre attentado.

Ou o grito de — viva a republica era um crime e a policia prevaricou consentindo-o impune, ou não é e então a mesma policia e autoridade competente prevaricam, declarando-o crime, sem uma lei anterior que o qualifique.

Não ha, porém, crime nesse simples facto.

Para estar sob a sancção deste art. 90 é indispensavel que o grito seja dado como provocação a um ajuntamento, para conse-

cução dos factos definidos nos arts. 68, 85 e seguintes do mesmo código.

Para que seja elevada á condição de acto criminoso, é indispensavel que as simples palavras — viva a republica sejam acompanhadas da intenção de praticar os factos nos ditos artigos definidos.

Aonde a prova da intenção?

Si é de necessidade «restringir o odioso», não pôde ninguém ser preso sem culpa formada, na hypothese do art. 90.

Sem crime não ha prisão legal, e na hypothese presente é indispensavel, antes de tudo, provar que quem proferiu o — viva a republica — o fizera para dar principio de execução ou «tentativa» aos actos mencionados nos ditos arts. 68, 85, etc.

Sem isto, tanto pôde ser preso quem disser — viva a republica, como quem disser — viva o rei, viva o governo, viva o chefe de policia, viva a religião.

Não ha distincção na lei, e a igualdade, especialmente em materia criminal, deve rigorosamente ser praticada.

A autoridade policial ou judiciaria não pôde improvisar crimes; tem de obedecer á lei e nada pôde fazer sem que esta claramente o defina e ordene.

Tratou o governo de firmar a intelligencia do que seja «gritos» ou «phrases», sediciosos?

Como ligar a intenção não conhecida á palavra proferida?

A palavra «sedicio» deve necessariamente ligar-se ao que está classificado crime de «sedição», e o código, no art. 111, não se refere a nenhuma das tentativas quanto a instituições, imperante, ou altos poderes do Estado.

Refere-se simplesmente a obstar a posse de empregado publico munido de titulo competente, á privação do respectivo exercicio e ao cumprimento de ordens legais de legitima autoridade.

E, para não admittir o arbitrio na intelligencia desse art. 111, no 112 declara que não ha sedição na reunião de povo desarmado para representar contra injustiças ou exações.

Assim, pois, o que é, qual o valor que tem o grito e phrases «sediciosas» de que trata o edital?

A que sedição provoca o grito — viva a republica, quando proferido entre pessoas desarmadas e sem intensão sediciosa no rigor legal?

Quanto a armas prohibidas, perguntaremos: quaes são como taes actualmente conhecidas?

A não ser que a policia tenha, como é sabido, licenciado aos seus agentes o uso da navalha, do cacete e até do revolver para lhes dar assim superioridade de força contra os pacificos cidadãos que não gozam de igual licença, não podemos comprehender a nova invenção policial.

O uso de armas prohibidas já anteriormente e ha longos annos era considerado crime: desde antes da promulgação do código criminal.

A lei de 26 de outubro de 1831 prohibia o uso, sem licença, de

pistola, bacamarte, faca de ponta, punhal, sovela e qualquer instrumento perfurante.

Com o correr do tempo, e sob o pretexto de não estar definida a palavra « uso », porquanto muitas e respeitáveis opiniões davam a essa palavra seu rigoroso sentido, isto é — o emprego da arma, não considerando criminoso o facto de conduzir simplesmente, qualquer das armas indicadas, se deu o desuso da lei, e por isso rara tem sido a invocação do preceito anterior, e isto mesmo só por especulação da policia, como acaba de dar-se, e com revoltante escandalo, com o nosso illustrado co-religionario Dr. Campos da Paz, contra o qual apenas se pretendeu uma vingança torpe ou um meio ignobil de o impossibilitar para a eleição proxima.

E tanto era assim, que um dos empenhados em sua prisão e que não era agente de policia estava ostentadamente armado de revolver, sem que a autoridade policial o cohibisse.

Andar armado nesta terra é uma necessidade de segurança.

A navalha, o cacete e o revolver autorizado pela policia, a gantunice e o roubo em pratica, por sua inepecia, zombam da vigilancia da autoridade, quando não a tem por cúmplice, tendo-se a vida, a segurança e a propriedade sem garantia, em sobresalto e continuo risco.

Si a policia, pois, em vespuras de eleições e quando tem toda a sua gente armada, priva os cidadãos honestos do meio unico de defesa, só teve em mira, afugentando a gente séria das reuniões publicas e do transito á noite, inutilisal-a para dar ganho de causa á capangada policial.

Ainda hontem a cidade inteira foi testemunha de um espectáculo foçal e barbaro, que nos envergonha perante a mais atrasada civilização.

Imperiaes marinheiros capitaneando conhecida malta de capoeiras e malfeitores, percorreram a rua do Ouvidor, de navalha em punho, dando vivas á monarchia e morras aos republicanos.

E' a primeira vez que se vê os nossos bravos marinheiros nivelarem-se a canalha maltrapilha que a policia maneja em suas empresas ignobeis.

Em vista de taes espectaculos, onde está o direito, a possibilidade da legitima defesa e a segurança dos cidadãos ?

Estamos em pleno dominio da mais miseravel mashorca.

E' uma revoltante traição !

Ainda nos occuparemos da materia e trataremos do que o edital quer punir como ajuntamentos illicitos.

JOAQUIM SALDANHA MARINHO.

(Da Republica Brasileira.)

Os fructos

Nota-se um renascimento geral.

O abalo, a incerteza, os receios, as perturbações propositaes, fatalmente inherentes a uma mudança profunda como a que effectuámos a 15 de novembro, com assombro do mundo inteiro, vão-se esbatendo, como essas nuvens pesadas de tempestade que o sol espanca e volatiza, diariamente, em sua ascensão gloriosa.

Tudo o que é novo carece de uma condição essencial, que em parte attenua o brilho e o encanto das impressões que causa: não se sabe si será estavel, si será bastante seguro, para preencher os fins a que visa a resistir aos attritos a que tem de estar sujeito. Mesmo nos que mais arrebatados se mostram, ha sempre um receio de que a pratica não sancione o que a razão e a theoria aconselham, e que nem sempre e experiencia mostra coroados de exito. Falta tambem o habito, para com a innovação, produzindo estranhezas e choques desastrados. Si ha, porém, um interesse antagonico, ao que se innova, então é muito de receiar que a falta de confiança explorada pelos interesses infensos, perturbem a harmonia que se deseja e creem as situações anormais, em que ninguem sabe o que deve fazer.

A Republica lutava com a falta de experiencia, com a desconfiança que as novidades suscitam e com os multiplos interesses feridos, e que haviam de reagir ou mesmo provocar vingar-se. Das classes prejudicadas era um retrahimento geral; dos homens habituados ao antigo regimen uma má vontade revoltante; dos entusiastas um receio intimo de ver tantas prophcias sinistras realizadas; do credito publico uma abstenção completa; do estrangeiro, uma neutralidade armada em guerra; dos mercados financeiros uma espectativa desconfiada e antipathica.

Nestas condições o inicio de um novo regimen é sempre uma crise mais ou menos demorada, um estado morbido mais ou menos perigoso, um periodo de excepção mais ou menos obrigatorio as lutas e ao derramamento do sangue humano. Tal tem sido a historia de todos os povos! Nenhuma nação ainda passou da monarchia á republica, sem se congestionar, sem empenhar-se nas guerras fraticidas, sem derramar o precioso sangue de seus filhos.

Veja-se a historia da França e da Hespanha. Quanta luz e quantas catastrophes! Na America, então, em tantas e tantas nações, republicanas de indole, a fórma de governo ambicionada não pôde sustentar-se em parte alguma, sem o emprego das armas, sem as lutas mais crueis, sem as desgraças mais pungentes. Só uma nação, até hoje no mundo, teve de Deus o dom de fazer temerosas revoluções, pela persuasão, pela força das idéas e pelo retrahimento dos interesses reactores. Essa nação é o Brazil, cuja historia tem estes luminares incruentos

de primeira grandeza: a independência, a abolição e a República! Qual outra pôde hobrear connosco, em decisão, em bom senso e patriotismo, para chegar, immaculada e livre de uma gota de sangue humano, ao termo das mais perigosas contendas? Nenhuma. E esta gloria nos basta e este acontecimento virgem é garantia bastante do nosso esplendido futuro.

No tempo da monarchia o argumento maximo contra a nossa imminente transformação politica era este: não estamos preparados! Sentia-se, porém, que a adversidade e o infortunio nos tinham dado as qualidades heroicas, indispensaveis aos grandes lances que transformam a vida dos povos. Tínhamos confiança nas idéas e nos homens, que, pouco a pouco, vinham cheios de firmeza e de abnegação tomar um posto, difficil e arriscado, junto aos que pugnavam pela salvação da Patria.

Nada os seduzia para esse novo e aspero desflladeiro das Thermopylas sinão o fanatismo do dever e do amor da patria. No momento do perigo sabiamos que elles haviam de dar ao heroismo mais frio e mais conveniente a força dos seus braços, o alento das suas almas, o sangue das suas veias. E assim aconteceu.

A 15 de novembro, dezenas e dezenas de patriotas jogavam as suas cabeças aos azares da victoria, no altar da Patria! Os inimigos da Republica, de certo, leram nessas physionomias altivas, nesses olhares tocados por uma aza da morte, que ainda havia coragem sobre a terra. Os inimigos comprehendiram que a resistencia seria uma loucura e... adheriram!

Estava fundada a Republica em meio do espanto e do desbarato momentaneo das forças inimigas. Restava, porém, consolidar-a, e o que o heroismo fizera não bastaria por si só para eternisar a obra dos patriotas de 1889. Depois da acção era precisa a organização. Depois da heroicidade romantica e temeraria, era preciso o trabalho paciente, a lida com os algarismos, o estudo de mil questões impertinentes e fatigantes, as resoluções mais promptas e mais certas...

Diz-se, e é uma verdade: a Providencia torce-se escandalosamente pelo Brazil! Assim, no proprio dia 14 de novembro os homens mais capazes para a direcção de um povo estavam nos seus postos.

Começou o serviço do expediente, ora isolados, ora reunidos sob a presidencia de Deodoro, e os factos foram tomando o seu curso normal, e os dias da Republica fazendo voltar a calma aos espiritos, de modo tão admiravel, que em seis mezes de um regimen novo ao povo brasileiro não pôde ser assacada uma só censura grave, por ter procurado perturbar a ordem, ou cimintar com uma gota de sangue os alicerces do edificio mais altaneiro e magestoso que talvez se tenha erguido em terras da America.

Hoje já estamos tranquilos sobre o nosso futuro. Dobramos o cabo das tormentas e entrámos nas regiões benditas onde a face do mar só se enrespa com as brisas perfumadas que

veem das florestas virgens, onde são classicas as hosannas á liberdade.

Cada um dos homens do governo e innumerados delegados seus tem sabido corresponder ao que a Patria delles exigia, nos momentos supremos que teve de atravessar. Deodoro da Fonseca é perfeitamente um novo Washington, e em cada um dos seus ministros tem encontrado um auxiliar dedicadissimo. Ha erros na administração? Sem duvida. O sol tambem tem manchas; a natureza humana é precaria, mas approxima-se muito da divindade, quando, pelo devotamento, pelo olvido de si propria, se esquece e se sacrifica, para que só a Patria se engrandeça!

Em menos de seis mezes de Republica temos effectuado quasi todas as reformas que ambicionavamos e feito a nossa educação civica para o novo regimen. A opinião publica está tranquilla e confiante. As perturbações que os interesses feridos tentaram lançar, como fêras no meio de um povoado, estão açaimadas ou sem dentes. Renasce a confiança por toda a parte; ha um hymno de trabalho e de progresso em todo o Brazil, que sóa aos ouvidos dos patriotas como uma musica celestial.

Dai-me boas finanças e eu vos darei boa politica, dizia a experiencia de um sabio. Effectivamente, apoz uma quasi asphyxia economica, os mercados estão em folga, e com a criação dos bancos projectados pelo Sr. Ruy Barbosa, as facilidades para o desenvolvimento das nossas riquezas são patentes; as rendas publicas crescem, innumeradas industrias e empresas do mais esplendido futuro se organizam: ha mais conforto nos lares e mais esperanças nas almas oprimidas; os titulos brasileiros estão todos em alta, as acções das companhias sobem de valor; os bancos mostram-se folgados, o cambio tende ao seu equilibrio natural; a classe agricola tem recebido animação, e os bancos de emissão conquistam na praça a posição preponderante a que tem direito pelos innumerados beneficios feitos ao commercio e ás finanças nacionaes.

Eis os frutos da Republica.

Querer mais do que isto em seis mezes, é exigir que sejamos uma Republica, não de homens com paixões e interesses, mas simplesmente de anjos.

A Fazenda Nacional em 15 de novembro de 1889

EXPOSIÇÃO AO CHEFE DO GOVERNO PROVISÓRIO PELO CIDADÃO
MINISTRO DA FAZENDA

Senhor Marechal

Si tivéssemos tido jámais em mente desacreditar o antigo regimen, e não servir á patria sem paixões nem prevenções pessoases, o nosso primeiro passo, ao assumirmos a pasta da fazenda, teria sido expôr-vos o quadro, que ora vos apresentamos, da situação financeira legada á Republica pela monarchia. Não careciamos de outra prova, para assignalar a avidez, a corrupção e a senilidade dessas instituições, que, no periodo do seu maior esplendor apparente, quando se affirmava consolidada para sempre a estabilidade da dynastia, não tinham feito sinão accumular elementos de ruina, gravar de compromissos estereis as responsabilidades, já excessivas, do thesouro, inocular nos habitos do mundo do dinheiro entre nós noções falsas e inclinações viciosas, que difficultam agora a verdadeira apreciação das circumstancias, espalhando as mais perniciosas idéas ácerca das funcções do Estado na vida economica dos povo.

O observador superficial, que acompanhasse exteriormente as magnificencias especiosas da preparação do terceiro reinado pela politica do ministério Ouro Preto, não poderia certamente resistir á admiração pela magia do genio, que multiplicava prodigios de riqueza, de iniciativa commercial, de reformas deslumbrantes na esphera dos interesses materiaes. Emprezas sobre emprezas, bancos sobre bancos, favores sobre favores do Estado vinham attestar a energia productiva da época e os illimitados recursos do governo. Uma preamar de ouro, a derramar-se dos repositórios insondaveis do credito nacional, immergia a lavoura anemiada pela escravidão em um largo banho de elementos reconstituintes. O papel-moeda, conjurado pela sãbedoria de uma operação irresistivel, começava a escoar da circulação tonificada, que o metal dentro em pouco tempo monopolisaria. O cambio, ascendendo sobrenaturalmente, com uma celeridade vertiginosa, excedia os limites normaes do padrão monetario, librando-se magestosamente acima do par.

Os espiritos esclarecidos, entretanto, não cessaram de denunciar sob essas exterioridades espectaculosas um systema de artificios, capciosamente urdido para a obtenção de grandes effeitos theatraes. A febre do agio, o delirio das especulações

da Bolsa, promovidas e entretidas pela politica financeira da corôa, saturavam a atmosphera do fluido que devia exaltar as imaginações, alimentando essa allucinação de prosperidade, que agitava a Praça, suscitando lances de arrojo, cujas consequências a imprensa democratica prognosticou com a maior precisão. O jogo foi, pois, o principio gerador desse movimento, em que o derradeiro gabinete da monarchia exultava, e punha o futuro de seus planos, vãos e aleatorios como a base onde assentavam. O que se fazia, era amontoar os materiaes de uma crise, que a opinião independente predizia como absolutamente fatal.

Em vez de organizar solidamente o credito agricola, proporcionando nelle a industria do solo os meios naturaes da sua reconstituição, a monarchia, incuravelmente corruptora, preferio constituir um mecanismo passageiro, de fins notoriamente eleitoraes, destinado a estimular os appetites da indigencia, explorando a situação afflictiva da classe empobrecida, mediante um regimen de empréstimos, que vinha dessangrar inutilmente o credito publico, satisfazendo, quando muito, os credores da lavoura, sem fomentar o desenvolvimento da produção. A alta do cambio era necessariamente anomala, transitória, insustentavel, desde que não se firmava na expansão economica do paiz, mas nas operações momentaneas do mercado e no jogo ephemero de recursos de praça utilizado pelos agentes officiaes. Todavia, foi no presupposto, palpavelmente erroneo, da fixidez desse phenomeno, que o governo se estribou, para adoptar de preferencia a base metallica no systema dos bancos de emissão, e aventurar-se ao resgate do papel-mo-da por uma complicação de gravames e responsabilidades, que hoje pesam sobre nós, tolhendo a liberdade da administração, e obstruindo-nos de embaraços serios o caminho para o regresso ás boas normas scientificas, que, na gerencia das finanças do Estado, aconselham a observancia das leis naturaes, a desconfiança contra o regimen da tutela official nas relações organicas entre o estado economico e o estado financeiro das nações. O prestigio do encantamento dissipou-se rapidamente, apenas entrámos no dominio da verdade administrativa, apenas se retiraram da scena os interesses illegitimos empenhados em dissimular a realidade severa das cousas. Agora o que nos resta, é a sensibilidade, cada vez mais viva, das classes laboriosas á deficiencia de condições nutritivas em que a vida se lhes atrophia, é a pressa dos estabelecimentos favorecidos pelos contractos de empréstimos á lavoura em absorver o quinhão de beneficios sorteados a cada um, é a aproximação do vencimento das obrigações contrahidas para organizar esse vasto sophisma contra o thesouro e as classes apparentemente agraciadas por elle, é por ultimo a liquidação dos desvarios da agiotagem, criminosamente animados pelo governo extincto. Eis o que subsiste desse edificio apparatuso, levantado nos ultimos cinco mezes do imperio a poder de sacrificios, cujo fardo já começamos a sentir, sem que se lhes experimente o minimo effeito bemfazejo.

Releva, pois, demonstrar ao paiz que a Republica não encontrou sinão difficuldades, compromissos, urgencias imperiosas, contra os quaes não faltam por certo na vitalidade da nossa patria meios para reagir victoriosamente, mas que tornam extremamente arduo este periodo de transição, exigindo, nos que tem durante elle o encargo do governo, os mais penosos esforços, e impondo a todos os nossos concidadãos uma collaboração de patriotismo, de abnegação, de bom senso, de benevolencia, de renuncia aos nossos habitos tradicionaes, collaboração que as mais judiciosas medidas administrativas não poderiam supprir.

Em 15 de novembro confiava o thesouro em duas especies de recursos, para occorrer, não só ás despesas ordinarias do exercicio, como aos seus outros compromissos inevitaveis, recursos esses alguns dos quaes já se achavam em parte realizados, e outros se lhe ministrariam dentro em alguns mezes.

Os primeiros constavam das parcellas seguintes :

Importancia do saldo em dinheiro existente no Thesouro	1.373:635\$946	
Idem idem nas Thesourarias de Fazenda.	6.148:374\$278	7.522:010\$224
Quantia recolhida ao Banco Nacional do Brazil, saldo da segunda entrada do emprestimo interno contrahido em virtude do decreto n. 10.322 de 27 de agosto ultimo.		2.674:531\$980
Importancia existente na agencia em Londres :		
Conforme o orçamento de novembro, sobras do emprestimo, externo	£ 1.058.890	
Saques remettidos.	1.344.374	
	<u>£ 2.403.264</u>	
que ao cambio de 27 ds. por 1\$ sobem a		21.362:346\$666
Quantia em mão do Dr. Salvador de Mendonça para aquisição de prata £ 337.000, que aquelle cambio valem		2.995:555\$555
		<u>34.554:444\$425</u>

O outro grupo de recursos abrangeria as ultimas entradas do emprestimo interno, os saldos dos depositos e da renda nacional correspondente aos mezes de novembro e dezembro e ao prazo adicional do exercicio.

Desse empréstimo estão por entrar ainda 65 %, cujo recebimento se vencerá em 15 de janeiro (20 %), em 15 de fevereiro (25 %) e em 5 de abril (20 %).

Da renda publica avalia-se em importancia superior a 28.000:000\$ o que até o fim do exercicio está por arrecadar.

Na sua totalidade, quanto ao anno que vai findar, essa renda, estimada, na lei n. 3396, de 24 de novembro de 1888, em — 147.200:000\$, subirá provavelmente a 151.200:000\$, apresentando assim um excesso de 4.000:000\$ sobre o orçado. O acrescimo, que se calculara pelo Thesouro, no relatorio do ministerio da fazenda (p. 9), em 15.400:000\$, reduziu-se, em consequencia já de não haver a arrecadação, no segundo e terceiro trimestres, correspondido á do primeiro, já de se ter adoptado, por maior precaução, no computo da renda, emquanto ao semestre adicional, o valor da receita cobrada em periodo semelhante no exercicio de 1888 (7.409:730\$877), em vez do que se obteve, durante igual lapso de tempo, no anno financeiro de 1886-1887 (9.167:574\$049).

Alfora as despesas estipuladas na lei, a que, ha pouco, alludimos, de 24 de novembro, as quaes até o termo do exercicio devem passar de 40.000:000\$, pesa sobre o Thesouro a necessidade de acudir ao pagamento da parte exigivel da divida fluctuante, aos enormes gastos extraordinarios com a secca, e ás prestações que competem a varios bancos em desempenho dos contractos celebrados para auxilios á lavoura.

A parte exigivel da divida fluctuante comprehendia, na data a que se refere esta exposição :

O saldo da conta do Banco do Brazil	91:460\$311
Os bilhetes do Thesouro já vencidos e ainda não apresentados	27:500\$000
O saldo de conta da Camara Municipal desta cidade, proveniente da compra de cambiaes	3.221:553\$167
A importancia da primeira entrada por conta do resgate do papel-moeda effectuada pelo Banco Nacional do Brazil	4.500:000\$000
	<hr/>
	7.840:513\$478

Convem notar, porém, que a ultima dessas parcelas ha de satisfazer-se em apolices de 4 %, nos termos do contracto de 2 de outubro deste anno.

Na categoria da divida fluctuante se inscrevem depositos, que deixamos de incorporar na addição acima consignada; porque, apesar de se pagarem quasi diariamente, as suas contas deixam sempre sobras, que recebem a applicação estabelecida na lei n. 628 de 17 de setembro de 1851, art. 41.

As despesas com os estados affligidos pela secca formam, no orçamento, uma voragem, cujas exigencias impoem continuamente ao paiz sacrificios indefinidos. Ellas reclamam do governo

a mais severa attenção; porquanto, firmadas, como parece estarem, n'uma situação de chronicidade, perpetuada de anno a anno, e accumulando continuamente sacrificios irreproductivos, tornar-se-ia uma causa permanente de desorganização orçamentaria, a que os mais prosperos exercicios financeiros não poderiam resistir. Cumpre que a politica republicana, apenas consiga desenvencilhar-se dos grandes problemas, que envolvem a sua inauguração, busque penetrar seriamente as regiões obscuras dessa parte das nossas finanças, e descobrir a esse problema solução mais intelligente e menos detrimetosa para os contribuintes.

Dos creditos abertos sob essa consignação pelos decretos ns. 10.181 de 9 de fevereiro, e 10.215 de 20 de agosto, na somma de 12.000:000\$, restava, em 15 de novembro, a importancia de 346:439\$275. Seis dias antes fôra concedido um supplemento de 6.000:000\$. Ora, a mais de 6.000:000\$ se elevam, conforme as declarações das autoridades competentes, as contas entregues, sob essa rubrica, ás thesourarias de fazenda.

O capitulo dos *auxilios à lavoura* é um dos mais graves, no inventario dos nossos compromissos. O ministerio 10 de março celebrou tres contractos, destinados a acudir ás necessidades da agricultura, obrigando-se a concorrer para esse fim com subsidios em dinheiro no valor total de 9.000:000\$. Ampliando enormemente a entrada, que esse pretexto lhe offerecia, para penetrar nas sympathias da classe agricola, illudida e explorada, o ministerio 7 de junho lançou-se aventurosamente por esse caminho de decepções, contractando, com 17 estabelecimentos de credito, o fornecimento de capitães aos lavradores, mediante o systema de concorrer o Estado com metade dos auxilios, que, na totalidade desses actos, envolviam o Thesouro no compromisso de contribuir com a somma de 86.000:000\$000.

As obrigações estipuladas contra o Thesouro, sob esta rubrica, nos dias do ultimo gabinete, e a zona de acção desse concurso podem-se demonstrar assim :

Nome dos estabelecimentos de crédito		Zona	Summa destinada aos auxílios	Quota supprivel pelo Fisco	Importância da prestação
Ministerio 10 de Março	Banco do Brazil.....	Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes e Espirito Santo.....	12.000:000\$	6.000:000\$	
	Idem idem.....	Pernambuco, Rio Grande do Norte, Parahyba e Alagôas	3.000:000\$	1.500:000\$	
	Banco da Bahia.....	Bahia e Sergipe.....	3.000:000\$	1.500:000\$	
			18.000:000\$	9.000:000\$	
Ministerio 7 de Junho	Banco de Credito Real do Brazil.....	Todos os estados, exceptuados os da Bahia e Goyaz.....	40.000:000\$	20.000:000\$	500:000\$
	Dito idem de S. Paulo.	Goyaz, Paraná e São Paulo.....	10.000:000\$	5.000:000\$	250:000\$
	Banco Predial.....	Minas Geraes, Rio de Janeiro e S. Paulo..	4.000:000\$	2.000:000\$	100:000\$
	Banco da Bahia.....	Bahia e Sergipe.....	6.000:000\$	3.000:000\$	500:000\$
	Soc. Commercio da Bahia.....	Idem idem.....	3.000:000\$	1.500:000\$	250:000\$
	Banco territorial e Mercantil de Minas	Minas Geraes.....	3.000:000\$	1.500:000\$	200:000\$
	Banco Industrial e Mercantil do Rio de Janeiro.....	Espirito Santo, Minas Geraes, Rio de Janeiro e S. Paulo ...	4.000:000\$	2.000:000\$	250:000\$
	Banco Agricola do Brazil.....	Alagôas, Espirito Santo, Minas Geraes, Pará, Rio de Janeiro, S. Paulo e Sergipe.....	20.000:000\$	10.000:000\$	2.000:000\$
	Banco do Brazil.....	Espirito Santo, Minas Geraes, Rio de Janeiro e S. Paulo....	16.000:000\$	8.000:000\$	—
	Banco Commercial e Hypothecario de Campos.....	Campos.....	2.000:000\$	1.000:000\$	100:000\$
	Banco Provincial de Minas Geraes....	Minas Geraes.....	4.000:000\$	2.000:000\$	200:000\$
	Banco Hypothecario e Commercial do Maranhão.....	Maranhão.....	2.000:000\$	1.000:000\$	100:000\$
	Sociedade Bancaria Lorenense.....	S. Paulo.....	2.000:000\$	1.000:000\$	100:000\$
	Banco de Credito Real de Minas.....	Minas Geraes.....	4.000:000\$	2.000:000\$	200:000\$
	Banco da Lavoura e do Commercio.....	Minas Geraes, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro e S. Paulo..	40.000:000\$	20.000:000\$	5.000:000\$
	Banco Colonizador e Agricola.....	Espirito Santo, Minas Geraes, Paraná, Rio de Janeiro e S. Paulo	10.000:000\$	5.000:000\$	250:000\$
Banco Commercial do Pará.....	Pará.....	2.000:000\$	1.000:000\$	250:000\$	
		172.000:000\$	86.000:000\$		

A oitenta e seis mil contos, dos quaes até ao dia 15 de novembro já se tinham desembolsado vinte e seis mil cento e cinquenta, avulta, pois, a somma dos sacrificios apparentemente destinados a socorrer a agricultura, no systema de finanças estabelecido pelo ministerio que se propoz á salvação da monarchia, e que lhe consummou a ruina. A situação da lavoura não recebeu, entretanto, dessa origem o menor melhoramento. Outros interesses prosperaram á sombra desse artificio; e essa operação, quando se lhe liquidarem as contas, não terá deixado de si, na historia economica do paiz, outros vestigios mais que o fardo de cento e nove mil contos, em que a transacção se traduz para o erario nacional.

Bem quizeramos nós desde o primeiro momento estancar essa fonte de abusos, e extirpar radicalmente esse sophisma, cujo prestigio embalará em vão as esperanças da lavoura embahida. Mas aquelles que consultarem a severa experiencia das cousas humanas, procurando avaliar o infinito de difficuldades, que pesavam sobre nossos hombros no dia immediato á revolução, não nos recusarão a justiça de confessarem a imprudencia, que commetteriamos, si, esquecendo os interesses supremos dessa tremenda conjunctura, a preservação da paz, a estabilidade dos direitos adquiridos, a confiança nos intuitos conciliadores da transformação republicana, levantassemos immediatamente contra a nova ordem de cousas a legião immensa de interesses poderosos opulentamente armados pelo mercantilismo official dos ultimos mezes da monarchia. Antes de adoptar novo rumo, cumpriria substituir esse mecanismo illusorio pelo verdadeiro regimen de protecção á lavoura, emancipando-a desse systema de tutela e mendicancia, organizando solidamente o credito rural, modelado no exemplo dos povos, onde se acha scientificamente estabelecido o melhor typo de semelhante reforma. Infelizmente, ella não é exequivel na medida da rapidez dos nossos desejos. Mas podemos assegurar-vos que lhe havemos consagrado a mais assidua attenção, e esperamos que não será infructifera.

Dos dados, que levamos expostos, se conclue que, reservando-se, dos recursos já realizados, a importancia de 21.362:346\$666 para as despezas no exterior até ao mez de junho proximo vindouro, e a de 2.995:555\$555 para a compra da prata que se tem de cunhar, afim de proceder-se ao resgate das notas do Thesouro de pequenos valores, resta a de 10.196:542\$204, que, com a de 28.000:000\$ da receita ainda cobravel no exercicio corrente e a apuravel dos depositos, não bastará para o custeio dos serviços ordinarios no ultimo periodo do mesmo exercicio e para o pagamento em dinheiro da parte exigivel da divida fluctuante (3.340:513\$478).

Teremos, pois, de recorrer ao producto das entradas do emprestimo, quer para completar os meios necessarios a essas despezas, quer para socorrer as regiões flagelladas pela secca, e auxiliar a lavoura nos termos dos contractos existentes.

Quanto á divida fundada e á divida fluctuante não prompta-

mente exigível, os outros compromissos do Thesouro discriminam-se assim:

Divida fundada — Externa :

Emprestimo de 1863 juros de 4 1/2 %/o £.	72.800	
Dito de 1833 idem.	4.280.800	
Dito de 1888 idem.	6.265.900	
		<u>10.619.500</u>
Dito de 1890 —juros 4 %/o (Conversão). .		<u>19.800.000</u>
	£	<u>30.419.500</u>
ou, ao cambio de 27 ds. por 1\$		270.395.555\$555

Interna :

Serviço em moeda corrente	{	Emprestimos contra-		
		hidos nos termos da lei de 15 de novembro de 1827 —		
		juros de 5 %/o.	381.531:700\$	
		Juros de 4 %/o.	<u>119:600\$</u>	
				331.964:300\$
Serviço em ouro ou em moeda corrente ao cambio de 27 por 1\$000.	{	Emprestimo levantado em virtude do decreto n. 1244 de 15 de setembro de 1863 — juros 6 %/o	18.017:500\$	
		Dito do decreto n. 7381 de 19 de julho de 1879 —juros 4 1/2 %/o . . .	34.232:500\$	
		Dito do decreto n. 10.322 de 27 de agosto de 1889 —juros 4 %/o . . .	<u>109.694:000\$</u>	
				161.944:000\$
				<u>543.535:300\$</u>
<i>Divida fluctuante:</i>				
Divida inscripta no grande livro e nos auxiliares e divida anterior a 1827.				
				509:260\$581
Saldo do fundo de emancipação				
				12.622:308\$776
Emprestimo do cofre de orphãos				
				14.989:659\$366
Conta dos depositos das caixas economicas				
				25.712:191\$373
Ditas idem do Monte de Soccorro.				
				986:453\$149
Ditas idem publicos				
				1.226:270\$804
Ditas idem de diversas origens				
				17.544:037\$449
Conta dos bens de defuntos e ausentes				
				4.410:138\$781
Parte que se presume prescripta.				
				<u>1.770:720\$882</u>
				2.639:417\$899
Papel-moeda em circulação				
				179.371:166\$500
Importancia emprestada a estabelecimentos de credito nos termos da lei de 18 de julho de 1885, n. 3263				
				<u>5.100:000\$000</u>
				174.271:166\$500
				<u>250.309:769\$127</u>

Reunindo-se os diversos itens dos compromissos ou da divida passiva do Thesouro, ter-se-ha :

Divida fluctuante mais promptamente exigivel.	7.840:513\$478
Dita idem cujo, pagamento ou conversão pôde ser demorado	250.300:760\$127
Dita fundada externa ao cambio de 27 ds. por 1\$.	270.395:555\$555
Dita idem interna	543.581:300\$000
	<hr/>
	1.072.122:138\$160

Em contraposição a esta importancia, de *um milhão e s tenta e dois mil contos, que representa o passivo nacional transmitido pelo antigo regimen ao novo*, temos apenas, em divida activa, de difficil cobrança :

Os empréstimos feitos á Republica do Uruguay, capital e juros.	18.839:592\$470
Seis letras aceitas por Travassos Patri & Comp., pela venda da via ferrea da Assumpção	244:638\$980
Adeantamentos de garantia, a 2% ^o , ás vias ferreas da Bahia, Pernambuco e S. Paulo	16.951:903\$915
Varios impostos lançados	24.673:431\$574
	<hr/>
	60.759:566\$949

Avantaja-se, portanto, a um milhão de contos de réis a somma do debito nacional, que nos deixou em herança a monarchia. Essa enorme addição orça pela da receita do Estado no decurso de quasi sete annos, computando-se em cento e cincoenta mil contos de réis a nossa renda annual. Seria preciso, pois, superpôr sete orçamentos, para vencer a altura desses compromissos, os quaes estão longe de cifrar em si todas as nossas responsabilidades, uma vez que as temos tambem de outro genero, em escala mui consideravel, nas garantias em que se acha empenhada a fé publica em relação a importantes commettimentos de varias ordens.

Fica sabendo assim o paiz o que deve, por este lado, ao regimen em boa hora extinto, a quão poucas saudades tem elle direito da parte das classes cujo trabalho promove a industria, opulenta as fontes do imposto, e desenvolve a riqueza geral.

Ao mesmo tempo vem esta lição a ponto, para servir de advertencia á republica nascente, e com especialidade aos seus fundadores, cujo exemplo não pôde deixar de influir no typo dos nossos futuros costumes, afim de que saibamos evitar esse escólho da prodigalidade, que tão profunda e fatal attracção parece exercer, em nossos tempos, sobre a politica das democracias.

Cortemos energicamente nas despesas. Eliminemos as repartições inuteis. Estreitemos o ambito ao funcionalismo, reduzindo o pessoal, e remunerando-lhe melhor os serviços. Fortaleçamos e moralisemos a administração, norteando escrupulosamente o provimento dos cargos do Estado pela competencia, pelo mere-

cimento, pela capacidade. Limitemos as aposentadorias aos casos taxados na lei e, fóra destes, apenas ás exigencias mais imperiosas de uma selecção severa. Não multipliquemos as pensões, em que, gotta a gotta, se podem avolumar torrentes de despeza arruinadora. Cinjamo-nos, na criação de serviços novos, á necessidade absoluta, forcejando, quanto ser possa, para que a cada parcella, na columna dos sacrificios, corresponda uma verba compensadora na das economias. Fugamos do fihotismo republicano, transformação immoral e funesta do antigo nepotismo monarchico. Não contribuamos para continuar a mante-, sob as novas instituições, os habitos de uma nação de pretendentes. E, si procedermos assim, teremos meio caminho vencido, para a reforma das nossas finanças, a reconstituição do nosso credito e a fecundação das nossas forças vitaes.

Não nos basta, porém, ser austeros. Carecemos, não menos imperiosamente, de impulsar o espirito de progresso. Não nos encerremos nas theorias estreitas de certos utopistas, notaveis pela intransigencia do seu fanatismo e pela sua incapacidade na pratica das cousas humanas, que pretendem modelar o mundo por formulas abstractas, nunca experimentadas, querem reduzir o papel do Estado a uma perpetua desconfiança contra as maravilhas das grandes organizações industriaes, e negam a vantagem, para as nações, da interferencia discreta da administração, provocando, acoroçoando, favorecendo os empreendimentos do capital, da riqueza accumulada, das grandes agglomerações do trabalho ao serviço da intelligencia, da fortuna e da ambição temperada pelo patriotismo. A pasta da agricultura, auxiliar inseparavel da das finanças, tem, neste momento, entre nós, funções que reclamam a maxima actividade, a mais alta intuição das condições do nosso desenvolvimento material, o maior arrôjo no encarar os problemas, a confiança mais viril nos recursos do paiz. A grande naturalisação e a liberdade religiosa são instrumentos prodigiosos para a recomposição da nossa nacionalidade, debilitada pelos vicios da monarchia, que prolongava parasiticamente entre nós os habitos da vida colonial. Mas esses dous reconstituintes moraes demandam vigorosa collaboração dos poderes do Estado, ao menos nos primeiros annos da republica, afim de que a immigração européa comece a cavar neste paiz o alveo largo, estavel, profundo, por onde corra depois caudalosa, fertilisadora e crescente. Minas e especialmente S. Paulo acabam de mostrar-nos como essa politica vence todas as difficuldades e neutralisa os efeitos ruinosos das mais graves mutações sociaes.

Não temos que oppôr a impassibilidade da abstenção systematica ao impulso dos melhoramentos materiaes, á inciativa das grandes emprezas. Antes, nunca necessitámos tanto dellas. O que cumpre, é extremal-as do elemento torpe, cuja mescla as desacreditaria. Mas não seria discreto levar a precaução contra elle ao ponto de cahirmos no systema da miseria, da suspeita e da inveja elevadas á altura de programma de governo.

O paiz lucra com a formação das grandes fortunas, como com o derramamento da riqueza pelas classes populares. São dous modos parallelos do desenvolvimento nacional, que convém animar simultaneamente; o que com tanto mais facilidade nos será possível, quanto somos uma nação ainda sem proletariado, socialmente democratizada, onde as mais altas victorias do trabalho e as mais cobigaveis situações industriaes são accessiveis, sem os embaraços triviaes entre os povos antigos, á intelligencia, ao fino, á perseverança, ao caracter. Ao Estado, nesta phase social, cabe sem duvida um grande papel de actividade creadora, acudindo a todos os pontos, onde o principio individual reclame a cooperação suplementar das forças collectivas.

Si nos soubermos inspirar nestes rudimentos de senso commum, applicados ás necessidades do momento, não haverá motivo de assustarmo-nos ante a somma de embaraços que o regimen transacto nos legou. Contra esses embaraços temos, de mais a mais, recursos incommensuravelmente superiores na fortuna publica e particular do paiz, nas ferro-vias nacionaes, na importancia das fazendas, estancias, edificios e outros proprios federaes, n s haveres de cada estado em criação pastoril, em cultura agricola, em productos naturaes, em terras devolutas. Só a propriedade predial, na capital da Republica, se avalia approximativamente, segundo o computo dos impostos, o qual aliás a deixa mui abaixo da realidade, em um capital superior a seiscentos mil contos de réis. Não somos, portanto, uma nação em estado de indigencia. Temos sobejos elementos de confiança quanto ao futuro.

Carecemos, porém, de boa administração, firme e integra, circumspecta e audaz.

Em materia financeira, os castellos do antigo regimen, levado ao cumulo da sua expansão sob o gabinete 7 de junho, esboroaram de todo em todo. Os factos acabam de julgar essas medidas fascinadoras, que illudiam tantos espiritos esclarecidos. Mediante os segredos faceis, de que para esse fim dispoem todos os governos, a administração conseguia elevar o cambio ao par, acima do par; e sobre essa base ficticia, imaginaria, transitoria se constituiu tudo o que, devendo compôr a gloria daquella situação, converteu-se na peor especie de embaraços para a actual. O cambio não pôde manter-se ao par, não sophisticamente, em um paiz onde o confronto entre o activo e o passivo, no movimento commercial e monetario com o exterior, nos mostrava, ainda ha dous annos, um *deficit* de cincoenta mil contos, que corresponde a 25% da nossa circulação fiduciaria. As finanças da salvação da monarchia assentavam, pois, sobre uma fallacia palpavel.

A Republica já demonstrou que poderia perpetua-la, si fosse conveniente, ou legitima, a permanencia desse systema n'um regimen de sinceridade, qual deve ser o republicano. A baixa do cambio não nos intimida, pois, nem nos surprehende. Bem sabemos até que altura contribui para esse resultado a especulação, cujos agentes são notorios, e alguns dos quaes devem

receber opportunamente a repressão, que couber nas forças do governo, ou até que ponto o phenomeno é resultante de causas naturaes. Estas são as mesmas, que existiam sob o ministerio passado; e a prova de que, para as aggravar, em nada correu a transformação republicana, está em que transpuzemos o seu periodo mais melindroso, os seus primeiros trinta dias, mantendo inalterada a taxa, que receberamos da situação encerrada a 15 de novembro. Si havia motivos naturaes agora para a depreciação do cambio, muito mais serios haveria naquella data. O facto, portanto, perdeu o seu antigo prestigio; e a nova administração pôde encaral-o como quem lhe conhece as origens, hoje descobertas.

Não é um mal; é antes um bem. O mal estava na illusão em que entretinha o espirito publico a politica phantasiosa da monarchia. Aquelles que contestavam ao ministerio Ouro Preto a opportunidade do resgate, encetado entre glorificações delirantes, estão vendo confirmar-se-lhes o prognostico. A emissão sobre base metallica está condemnada pela contra-prova mais decisiva. Os bancos emissores retrahem-se cautelosamente, pondo a bom recato o seu lastro. E, si o não houvessem feito, si tivessem deixado sahir as suas notas, dando-lhes a expansão legal correspondente ao triplo do valor dos seus depositos em ouro, o mercado monetario e commercial estaria hoje coberto de ruinas. Não se teria estabelecido, porém, essa evidencia, si o governo republicano não preferisse a verdade leal aos sophismas da vaidade, e persistisse em sustentar o cambio com o pulso do Estado.

O cambio firmar-se-ha espontaneamente ao par, quando a prosperidade nacional o levar a esse ponto, de onde não lograrão abatel-o especulações particulares. Só então será realmente possivel, util, duradoura a normalisação da moeda pela extincção do papel inconversivel. Não serão precisos muitos annos para chegarmos a esse termo; e, começada opportunamente, a substituição consummar-se-ha sem esforço, sem interrupção, nem regresso. Nesse meio tempo, entretanto, não nos pareceria impossivel estabelecer a formula natural da nossa circulação fiduciaria, assentando-a em base estavel e justa.

A praça atravessa, neste momento, uma crise. Mas esse facto pertence ainda ao espolio da monarchia. Sob a influencia do gabinete que a perdeu, convertera-se aqui o mercado financeiro, ha alguns mezes, em praça de tavolagem, onde se celebraram à luz do dia as especulações mais insensatas sobre todas as especies de valores da Bolsa. Os titulos mais duvidosos, mais vãos, mais nullos, tiveram cotações lisonjeiras; as emprezas mais incertas, mais inconsistentes, mais phantasticas acharam credito, applauso, avidez. As acções de bancos e companhias de todo genero ascendiam ao triplo, ao quadruplo, ao quintuplo da sua importancia real. Os habitos da nossa corretagem, as facilidades do systema de comprar e vender a longos prazos, a confiança indiscreta em uma politica de thea-

tralidades apparatusas favoreceram esse movimento, que se superagitou até ao delirio. Não importava a natureza do titulo, a situação do vendedor, ou do comprador, a seriedade do intermediario: as offertas mais desatinadas achavam a mais ampla e cega procura. A liquidação dessas transacções devia ser inevitavelmente lastimosa e destruidora. A differença entre a importancia effectiva dos valores permutados e o seu preço convencional havia de resolver-se, forçosamente, nas mãos de alguns dos seus negociadores successivos, em prejuizos, cujo alcance devia corresponder ás vantagens apuradas pelos especuladores mais habeis no jogo e mais apressados no ajuste de suas contas.

Querer evitar esse desenlace fôra, a nosso ver, leviandade e crime. Quaesquer medidas, que para esse fim adoptassemos, redundariam em risco, em damno consideravel, talvez, para o Thesouro, sem produzir outro resultado mais que adiar a difficuldade, transferir o perigo de umas para outras mãos, e radicar os vícios da jogatina privilegiada pelo Estado. Sustentar o credito dos titulos do Estado era o mais que do governo se poderia exigir; e foi o que fizemos, lançando mão, para esse fim, de empréstimos ao Banco do Brazil e ao Banco Nacional sob as normas da lei de 18 de julho de 1885.

Queriam, porém, de nós que acudissemos aos papeis particulares exaggeradamente valorizados pela especulação, proporcionando a estabelecimentos de credito, ou a corretores, sommas extrahidas do Thesouro, sob a fôrma de empréstimos garantidos e fiscalizados, para facilitar o movimento de cações sobre essa classe de titulos. Resistimos a essas suggestões empiricas, não obstante a sua insistencia, a sua habilidade, a autoridade da sua procedencia, a inspiração patriótica de alguns dos seus autores. Resistimos como em um caso de consciencia, persuadido de que prevaricaríamos ao nosso dever, si procedessemos de outro modo.

Seria o mais perigoso dos precedentes, si as finanças republicanas se caracterissem nos seus primeiros dias por esse grosseiro e inepto socialismo de Estado, a cuja defesa faltava sequer a invocação razoavel do bem publico, apciando-lhe unicamente as pretensões o panico dos interesses amedrontados pela sombra dos seus proprios erros. A somma de damno será nimiamente diminuta, para interessar sensivelmente a situação. O commercio judicioso e honesto transporá incolume o incidente, de que já tivemos primeira amostra, sob a monarchia, na liquidação de outubro. E a nossa abstenção firme no conflicto das especulações traçará uma profunda linha divisoria entre as finanças do imperio e as da Republica.

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1889.

Ruy Barbosa,

MINISTRO DA FAZENDA.

Decreto n. 1, de 15 de novembro de 1889

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil decreta:

Art. 1.º Fica proclamada provisoriamente e decretada como forma de governo da nação brasileira — a Republica Federativa.

Art. 2.º As provincias do Brazil, reunidas pelo laço da federação, ficam constituindo os Estados Unidos do Brazil.

Art. 3.º Cada um desses Estados, no exercicio de sua legitima soberania, decretará opportunamente a sua constituição definitiva, elegendo os seus corpos deliberantes e os seus governos.

Art. 4.º Enquanto, pelos meios regulares, não se proceder á eleição do Congresso constituinte do Brazil, e bem assim á eleição das legislaturas de cada um dos Estados, será regida a nação brasileira pelo Governo Provisorio da Republica, e os novos Estados pelos governos que hajam proclamado ou, na falta destes, por governadores delegados do Governo Provisorio.

Art. 5.º Os governos dos Estados federados adoptarão com urgencia todas as providencias necessarias para a manutenção da ordem e da segurança publica, defesa e garantia da liberdade e dos direitos dos cidadãos, quer nacionaes, quer estrangeiros.

Art. 6.º Em qualquer dos Estados, onde a ordem publica for perturbada e onde faltem ao governo local meios efficazes para reprimir as desordens e assegurar a paz e a tranquillidade publicas, effectuará o Governo Provisorio a intervenção necessaria para, com o apoio da força publica, assegurar o livre exercicio dos direitos dos cidadãos e a livre acção das autoridades constituídas.

Art. 7.º Sendo a Republica Federativa Brasileira a forma de governo proclamada, o Governo Provisorio não reconhece nem reconhecerá nenhum outro governo local contrario á forma republicana, aguardando, como lhe cumpre, o pronunciamento definitivo do voto da nação, livremente expressado pelo suffragio popular.

Art. 8.º A força publica regular, representada pelas tres armas do exercito e pela armada nacional, de que existam guarnições ou contingentes nas diversas provincias, continuará subordinada e exclusivamente dependente do Governo Provisorio da Republica, podendo os governos locais, pelos meios ao seu alcance, decretar a organização de uma guarda civica, destinada ao policiamento do territorio de cada um dos novos Estados.

Art. 9.º Ficam igualmente subordinadas ao Governo Provisorio da Republica todas as repartições civis e militares até aqui subordinadas ao governo central da nação brasileira.

Art. 10. O territorio do municipio neutro fica provisoriamente sob a administração immediata do Governo Provisorio da Republica, e a cidade do Rio de Janeiro constituída, tambem provisoriamente, séde do poder federal.

Art. 11. Ficam encarregados da execução deste, na parte que a cada um pertença, os secretarios de estado das diversas repartições ou ministerios do actual Governo Provisorio.

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1889.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do Governo Provisorio.— *S. Lobo*.— *Ruy Barbosa*.— *Q. Bocayuva*.— *Benjamin Constant*.— *Wandenkolk*.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios do interior o bacharel Aristides da Silveira Lobo.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro das relações exteriores e interinamente da agricultura, commercio e obras publicas, Quintino Bocayuva.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, o tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear o chefe de divisão Eduardo Wandenkolk para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da marinha.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda e interinamente da justiça o bacharel Ruy Barbosa.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da justiça o bacharel Manoel Ferraz de Campos Salles.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas o engenheiro Demetrio Ribeiro.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de governador do Estado do Rio de Janeiro o Dr. Francisco Portella.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

Aristides da Silveira Lobo, ministro do interior.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de governador do Estado de Minas Geraes o bacharel José Cesario de Faria Alvim.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

Aristides da Silveira Lobo, ministro do interior.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de governador do Estado da Bahia o Dr. Manoel Victorino Pereira.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

Aristides da Silveira Lobo, ministro do interior.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de chefe de policia da capital o bacharel João Baptista de Sampaio Ferraz.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

Ruy Barbosa, ministro interino da justiça.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de director do *Diario Official* o Dr. Julio Borges Diniz.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.— Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

Ruy Barbosa, ministro da fazenda.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, considerando a subordinação e moralidade da Armada Nacional, o amor e dedicação das praças a seus officiaes, postos em evidencia nos acontecimentos que acabamos de presenciar;

Considerando que a presente data, a mais memoravel de quantas encerra a historia politica de nosso paiz, deve ficar gravada fundamente na alma de cada cidadão brasileiro, e melhor assignalção não pôde ter que a publicação de um acto de clemencia do poder que acaba de ser constituido:

Resolve, usando das faculdades inherentes ás funcções, que exercita, de chefe do Governo Provisorio, e guiado pelos sentimentos do seu coração, indultar as praças da mesma Armada do crime de 1ª e 2ª deserções; devendo ellas apresentar-se ás respectivas autoridades dentro do prazo de dous mezes, contado da

publicação do presente decreto, em cada uma das comarcas da Republica, incluindo-se neste numero aquellas praças que se acharem sentenciadas ou por sentenciar pelo referido crime, e perdoar os réos sentenciados a pena menor de quatro annos e por sentenciar, cujos delictos sejam passíveis de punição até áquelle maximo.

Sala das sessões do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, 15 de novembro de 1889.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do Governo Provisorio.— *Eduardo Wandenkolh*.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, considerando a subordinação e moralidade do Exercito, o amor e dedicação das praças a seus officiaes, postos em evidencia nos acontecimentos que acabamos de presenciar, considerando que a presente data, a mais memoravel de quantas encerra a historia politica do nosso paiz, deve ficar gravada fundamentalmente na alma de cada cidadão brasileiro, e melhor assignalação não pôde ter que a publicação de um acto de clemencia emanado do poder que acaba de ser constituido :

Resolve, usando das facultades inherentes ás funcções, que exercita, de chefe do Governo Provisorio, e guiado pelos sentimentos de seu coração, indultar as praças do mesmo Exercito do crime de 1^a e 2^a deserções; devendo ellas apresentar-se ás respectivas autoridades dentro do prazo de dous mezes, contados da publicação do presente decreto, em cada uma das comarcas da Republica, incluindo-se neste numero aquellas praças que se acharem sentenciadas ou por sentenciar pelo referido crime; e perdoar os réos sentenciados a pena menor de quatro annos e por sentenciar, cujos delictos sejam passíveis de punição até áquelle maximo.

Sala das sessões do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, 15 de novembro de 1889.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do Governo Provisorio.— *Benjamin Constant Botelho de Magalhães*.

Decreto n. 3 de 16 de novembro de 1889

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil, attendendo ao patriotismo e disciplina com que se houveram as praças da

Armada que cooperaram no movimento nacional que deu em resultado a proclamação do actual regimen, decreta :

Art. 1.º Fica reduzido a nove annos o tempo da duração de serviço na Armada para os recrutados e para os procedentes das escolas de aprendizes marinheiros.

Art. 2.º Fica abolido na Armada o castigo corporal.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca* chefe do Governo Provisorio.— *S. Lobo*.— *Ruy Barbosa*.— *Q. Bocayuva*.— *Benjamin Constant*.— *Wandenkolk*.

O marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear *João Cordeiro* para o cargo de governador do Estado do Ceará.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 19 de novembro de 1889.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.— *Aristides da Silveira Lobo*.— *Q. Bocayuva*.

O marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear *Pedro Paulino da Fonseca* para o cargo de governador do Estado das Alagoas.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 19 de novembro de 1889.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.— *Aristides da Silveira Lobo*.— *Q. Bacayuva*.

Pensões e pensionistas

O Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Considerando que o Sr. D. Pedro II pensionava do seu bolso a necessitados e enfermos, viuvos e orphãos, para muitos dos quaes esse subsidio se tornava o unico meio de subsistencia e educação ;

Considerando que seria crueldade envolver na quêda da monarchia o infortunio de tantos desvalidos ;

Considerando a inconveniencia de amargar com esses soffrimentos immerecidos a fundação da Republica ;

Resolve :

Art. 1.º Os necessitados, enfermos, viúvas e orphãos pensionados pelo imperador deposto continuarão a perceber o mesmo subsidio, emquanto durar a respeito de cada um a indigencia, a molestia, a viuvez ou a menoridade em que hoje se acharem.

Art. 2.º Para cumprimento dessa disposição se organizará, segundo a escripturação da ex-mordomia da casa imperial, uma lista discriminada quanto à situação de cada individuo ou à quota que lhe couber.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 19 de novembro de 1889.— *Manuel Deodoro da Fonseca.*— *Aristides da Silveira Lobo.*— *Ruy Barbosa.*— *Manoel Ferraz de Campos Salles.*— *Quintino Bocayuva.*— *Benjamin Constant Botelho de Magalhães.*— *Eduardo Wandenkolk.*

Eleições

O Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil decreta :

Art. 1.º Consideram-se eleitores para as camaras geraes, provinciaes e municipaes todos os cidadãos brazileiros no gozo de seus direitos civis e politicos, que souberem ler e escrever.

Art. 2.º O ministro do interior em tempo expedirá as instrucções e organizará os regulamentos para a qualificação e processo eleitoral.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 19 de novembro de 1889.— *Manoel Deodoro da Fonseca.*— *Aristides da Silveira Lobo.*— *Ruy Barbosa.*— *Manoel Ferraz de Campos Salles.*— *Quintino Bccayuva.*— *Benjamin Constant Botelho de Magalhães.*— *Eduardo Wandenkolk.*

A bandeira nacional

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil, considerando que as côres da nossa antiga bandeira recordam as luctas e as victorias gloriosas do Exercito e da Armada na defesa da Patria ;

Considerando, pois, que essas côres, independentemente da fôrma de governo, symbolisam a perpetuidade e integridade da Patria entre as outras nações ;

Decreta :

Art. 1.º A bandeira adoptada pela Republica mantem a tradição das antigas côres nacionaes — verde e amarella —, do seguinte modo : um losango amarello em campo verde, tendo no meio a esphera celeste azul, atravessada por uma zona branca, em sentido obliquo e descendente, da esquerda para a direita, com a legenda *Ordem e Progresso*, e ponteada por 21 estrellas, entre as quaes as da constellação do Cruzeiro, dispostas na sua situação astronomica, quanto á distancia e ao tamanho relativos, representando os 20 Estados da Republica e o Municipio Neutro ; tudo segundo o modelo debuxado no n. 1.

Art. 2.º As armas nacionaes serão as que se figuram na estampa n. 2.

Art. 3.º Para os sellos e sinetes da Republica servirá de symbolo a esphera celeste, qual se debuxa no centro da bandeira, tendo em volta as palavras:— Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Art. 4.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

Sala das sessões do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, 19 de novembro de 1889.— *Manoel Deodoro da Fonseca*.— *Aristides da Silveira Lobo*.— *Ruy Barbosa*.— *Quintino Bocayuva*.— *Campos Salles*.— *Benjamin C. B. Magalhães*.— *Eduardo Wandenkolk*.

Dissolução e extinção das assembléas provinciaes

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil decreta:

Art. 1.º Ficam dissolvidas e extintas todas as assembléas provinciaes creadas pelas leis de 12 de outubro de 1832 e 12 de agosto de 1834.

Art. 2.º Até á definitiva constituição dos Estados Unidos do Brazil, aos governadores dos mesmos Estados competem as seguintes attribuições:

§ 1.º Estabelecer a divisão civil, judicial e ecclesiastica do respectivo Estado e ordenar a mudança de sua capital para o logar que mais convier.

§ 2.º Providenciar sobre a instrucção publica e estabelecimentos proprios, e promovê-la em todos os seus grãos.

§ 3.º Determinar os casos e regular a fôrma da desapropriação da propriedade particular por utilidade publica do Estado, nos Estados em que a materia já não esteja regulada por lei.

§ 4.º Fixar a despeza publica do Estado e crear e arrecadar os impostos para ella necessarios, comtanto que estes não prejudiquem as imposições geraes dos Estados Unidos do Brazil.

§ 5.º Fiscalisar o emprego das rendas publicas do Estado e a conta da sua despeza.

§ 6.º Crear empregos, provel-os de pessoal idoneo e marcar-lhes os vencimentos.

§ 7.º Decretar obras publicas e prover sobre estradas e navegação no interior do Estado; sobre a construcção de casas de prisão, trabalho, correcção e regimen dellas; sobre casas de soccorros publicos e quaesquer associações politicas ou religiosas.

§ 8.º Crear a força policial indispensavel e necessaria e providenciar sobre seu alistamento, organização e disciplina, de accordo com o Governo Federal.

§ 9.º Nomear, suspender e demittir os empregados publicos dos respectivos Estados, á excepção dos magistrados perpetuos, que poderão ser suspensos para serem devidamente responsabilizados e punidos, com recurso necessário para o governo.

§ 10. Contrahir empréstimos e regular o pagamento dos respectivos juros e amortização, dependente da approvação do Governo Federal.

§ 11. Regular a administração dos bens do Estado e autorizar a venda dos que não convier conservar, mas sendo esta feita em hasta publica.

§ 12. Promover a organização da estatistica do Estado, a catechese e civilização dos indigenas, e o estabelecimento de colonias.

§ 13. Representar ao Poder Federal contra as leis, resoluções e actos de outros Estados da União, que offenderem os direitos do respectivo Estado.

Art. 3.º O Governo Federal Provisorio reserva-se o direito de restringir, ampliar e supprimir quaesquer das attribuições que pelo presente decreto são conferidas aos governadores provisorios dos Estados; podendo, outrosim, substituil-as conforme melhor convenha, no actual periodo de reconstrucção nacional, ao bem publico a paz e direitos dos povos.

Sala das sessões do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, 20 de novembro de 1889.— *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do Governo Provisorio.— *Aristides da Silveira Lobo*.

Ordem do dia do commando superior da Guarda Nacional

O brigadeiro Antonio Enéas Gustavo Galvão fez publicar hontem a seguinte ordem do dia :

«Quartel general do commando superior da Guarda Nacional da capital dos Estados Unidos do Brazil, 18 de novembro de 1889.

Ordem do dia — A data de 15 de novembro é escripta com letras de ouro na historia patria, pois não é mais do que um complemento ás de 7 de setembro e 13 de maio. Nada mais nos resta para nos dizermos um povo livre ; por isso convido a Guarda Nacional de meu commando a acatar com respeito e amor a nova instituição e a bradar bem alto:

Viva a União e Fraternidade !

Vivam os Estados Unidos da Republica Brasileira !

Vivam o Exército e a Armada !

Viva a Guarda Nacional !

O brigadeiro, *Antonio Enéas Gustavo Galvão.*»

Ordem do dia do 1º batalhão de infantaria

O Sr. Manoel Rodrigues Bragança, tenente-coronel commandante do 1º batalhão de infantaria, fez publicar a seguinte:

a Ordem do dia n. 1 — Camaradas — E' lisonjeiro para mim achar-me collocado á vossa frente ; o vosso procedimento, o patriotismo de que tendes dado exuberantes provas, desde os acontecimentos do dia 15, e que trouxeram como resultado a proclamação da Republica Federal dos Estados Unidos do Brazil, como marco miliario de uma nova era de progresso e liberdade para nossa patria, me faz exultar de prazer por ter a ventura de vos commandar. Esmagadas pela prepotencia dos governos da monarchia decahida, as classes sociaes viam com assombro serem usurpados todos os seus direitos e liberdades publicas, e cansados de soffrer a armada e o exercito brasileiros, aquellas duas classes, que nos dias angustiosos da Patria souberam tão nobre e gloriosamente defendel-a, erguendo bem alto a sua bandeira, estas duas classes, digo, uniram-se na manhã de 15 do corrente, para protestar contra este lamentavel estado de cousas, tendo á sua frente o bravo e honrado marechal Deodoro da Fonseca, actual chefe do Governo Provisorio.

O povo, em sua soberania, não podia deixar de unir-se ao Exército e à Armada, para com elle protestar contra os desmandos dos homens da monarchia, proclamando a Republica.

Camaradas! Cumpristes o vosso dever accitando a fôrma de governo proclamada pela livre e espontanea vontade do povo, que tem em vós inteira confiança, por serdes os filhos mais queridos da patria, aquelles que por ella fazem o maior de todos os sacrificios, o da propria vida.

Procedestes ainda bem acompanhando o nosso general e amigo, a quem estão confiados actualmente os interesses mais sagrados da nação. O vosso comportamento digno e brioso, que prova a noção bem clara que tendes da disciplina e respeito a vossos superiores, abrindo o portão deste quartel, cuja guarda vos estava confiada pelo governo traidor com um fim diverso daquelle que tinhamos em vista, jámais será olvidado por vosso commandante e amigo.

Viva a Republica Federativa dos Estados Unidos do Brazil!

Viva o Governo Provisorio!

Viva a Armada!

Viva o povo brasileiro!

Viva o Exercito!

Viva o 1º batalhão de infantaria! »

Quando o capitão ajudante Pedro Paulo da Fonseca Galvão terminou a leitura desta ordem em formatura do batalhão, levantou este diversos vivas.

Ordem do dia do Sr. ajudante general do Exercito

Repartição de ajudante general, 29 de novembro de 1889.

Ordem do dia n. 1 — Ao Exercito da Republica Federal dos Estados Unidos do Brazil.

Exultando do mais vivo contentamento, cumpro hoje o dever de levar ao conhecimento do bravo exercito brasileiro que, desde o dia 15 do mez andante, acha-se o torrão sagrado da patria sob a fôrma — republicana federativa.

Meu contentamento é tanto maior quanto com brilho, que jámais se apagará das paginas da historia de todo o mundo, ficou patente que ao Exercito e à Armada brasileiros, cujo patriotismo tantas vezes provou-se nos campos da batalha em meio das luctas mais renhidas em defesa da honra da Nação — e ao povo se deve não só o exito da empreza, como tambem a maneira altamente digna e honrosa por que ella foi alcançada.

É mais uma data gloriosa para aquelles que pagam o pesadissimo tributo de sangue.

Ao 7 de setembro de 1822 juntou-se o 13 de maio de 1888, que quebrou os grilhões que por tres seculos arrochearam o pulso de uma raça; ao 13 de maio, que foi uma aurora, seguiu-se o 15 de novembro de 1889, data sacratissima, porque aos posteroros relembra o advento da inteira liberdade de um povo, que a natureza opulentara com tudo quanto de grande havia de seus escrínios.

Cheio, pois, de vivissimo enthusiasmo, saudo e louvo o Exercito pela maneira digna por que se houve nesses dias em que mais necessaria era a correção da sua conducta, a prova inconcussa da sua disciplina, que se deve manter a mesma e sempre ao serviço da causa santa da patria, que deve ser o objecto do nosso ardente culto.

Viva a Republica Federativa dos Estados Unidos do Brazil!
 Viva o Governo Provisorio!
 Viva a Armada!
 Viva o Exercito!

Floriano Peixoto, ajudante general do Exercito.

Ordem do dia do 7º batalhão

Camaradas.— O vosso heroico procedimento no memoravel dia 15 do corrente fez quebrar para sempre os grilhões que nos prendiam á velha instituição da monarchia, restituindo á nossa extremecida patria a liberdade que nos deu o Creador e que nos havia sido roubada pelos despoticos governos em cujas mãos achavam-se os destinos deste paiz. O Exercito, cansado de soffrer, vendo conculcados os seus direitos, deprimidos os seus bríos e sentindo o desprezo com que era tratado, ergueu a cabeça, depoz os despotas e em fraternal amplexo com o povo, que tambem gemia na oppressão, gritou logo— Viva a liberdade!— e a Republica ficou sendo desde aquelle momento a fórma de governo da nossa patria, isto é, o governo da nação pela nação.

Ao inclyto generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, sentinella avançada e vigilante de nossos direitos e prerogativas, cidadão cujo coração só palpita pela patria, devemos as glorias que alcançamos nesta heroica jornada; a elle, pois, e á patria a nossa dedicação até ao sacrificio da vida, si tanto for preciso.

Transcrevendo a ordem do dia n. 1 do bravo general, amigo querido do Exercito, cidadão Floriano Peixoto, ajudante general do Exercito, proclamo instituido o novo governo, e saudo com o

coração transbordado de alegria ao nosso presidente Manoel Deodoro, ministro da guerra tenente-coronel Benjamin Constant, e a todos os outros membros do governo provisório, augurando à Republica dos Estados Unidos do Brazil um brilhante futuro a par de suas irmãs do continente americano. — *Tude Soares Neiva*, commandante.

Ordem do dia do corpo militar de policia

Em additamento à ordem do dia 21 deste commando sob o n. 1 de hontem, congratulo-me com os officiaes e praças deste corpo pelo modo digno por que se tem conduzido desde o dia 15 do corrente até à presente data, auxiliando com o maior empenho as forças do Exercito e da Armada, não só para o advento da Republica Federativa Brasileira, como tambem para que a ordem publica se mantenha inalteravel.

E' para mim motivo de orgulho dizer que, commandando um corpo, cuja força se eleva actualmente a 1.539 homens, e atravessando uma quadra melindrosa como esta, em que a Nação vem de passar pelo mais importante dos seus phenomenos sociologicos, não tive motivo para castigar uma só praça por actos de indisciplina ou outros que pudessem deslustrar o glorioso feito do dia 15 de novembro de 1889.

Para o governo que neste momento dirige os destinos deste paiz, fadado a um porvir grandioso, não pôde haver maior segurança de estabilidade do que as provas de brio e disciplina com que a força publica tem sabido secundar essa benefica explosão de sentimentos democraticos, que deu em resultado a eliminação de uma fôrma de governo que não podia continuar por mais tempo na America.

Assim exprimindo-me, louvo a todos os Srs. officiaes e praças e mando que sejam postos em liberdade os presos que não estiverem sujeitos a conselho, e tenham alta dos respectivos postos os que delle se acharem rebaixados temporariamente. — *Antonio Germano de Andrade Pinto*.

Ordem do dia do commando superior da Guarda Nacional

Faço publico, para conhecimento dos corpos do meu commando, que o cidadão José Mendes de Oliveira Castro, tenente-coronel commandante do 4º batalhão de infantaria da Guarda Na-

cional, pelo seu estado de saúde, passou o respectivo commando ao cidadão Jacintho Augusto de Macedo Paes Leme, capitão da 8ª companhia.

Por essa occasião determino que, até segunda ordem, fiquem sobrestados os trabalhos da qualificação, por haver nesta data dirigido uma consulta ao Ministerio da Justiça.

O brigadeiro *Barão do Rio Apa*.

Ordem do dia do 10º batalhão

Quartel do commando do 10º batalhão de infantaria no Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1889. *Ordem do dia* — Homenagem — O facto do dia 15 do corrente, assignalando uma época promettedora de esperanças para o Exercito, até aqui opprimido e tratado como um conjuncto de servos da gleba, cujo jugo devia ter seu termo, como teve, tomando o batalhão parte importante na jornada daquelle dia; em homenagem aos justos motivos de jubilo que desperta em todo o paiz esse feliz acontecimento, determino que sejam postos em liberdade todos os presos á minha ordem, de simples correcção, que se achavam no mesmo dia. — *Joaquim Mendes Ourique Jacques*, coronel.

Ordem do dia do 1º batalhão

Quartel do commando do 1º batalhão de engenharia no Realengo, 22 de novembro de 1889.

Ordem do dia n. 1 — Concidadãos — Saudo-vos com orgulho de achar-me á vossa frente no commando de tão bravos defensores da Patria.

O dia 15 de novembro despontou radiante ao Exercito brasileiro, que conquistou na historia da Patria mais um titulo á sua gratidão.

A monarchia da familia de Bragança, plantada pelo Exercito, para libertal-o do jugo do estrangeiro, não podia mais ser tolerada, depois de meio seculo de existencia, sem atrophiar o progresso do Brazil.

Era tempo de conquistar na grande America um logar como os mais Estados, que, não dispondo de riquezas naturaes, se avau-

tajavam, entretanto, e nos disputavam a primazia, pela razão unica de sua fórma de governo — a do povo pelo proprio povo.

O exercito brasileiro e a armada nacional, unidos em todas as occasiões de perigo da patria, toleravam a monarchia, de ha muito transformada nos sentimentos de aniquilal-a e abatel-a.

Estão consignados os factos do plano sinistro, que começam desde o iniquo projecto, apresentado ao senado, de montepio obrigatorio, até ao momento solemne em que era preciso quebrar essa sua resignação ante a humilhação e as ameaças do poder.

Nestas circumstancias a que os arrastaram os pessimos conselheiros da monarchia alquebrada pelo chefe do Estado, o Sr. D. Pedro de Alcantara, abrem o exercito e a armada nacional, martyres ambos das ambiciosas paixões dos dous partidos constitucionaes que se identificavam ambos nas mesmas idéas hostis á força armada, abrem os braços ao partido republicano e recebem em seu seio os herões Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa e outros patriotas sinceros para depór a dynastia reinante e arvorar o governo democratico.

E essa evolução, que se operou no memoravel dia 15 do corrente, recordará sempre o espirito de ordem do exercito brasileiro e da armada nacional, pois que não foram a sua gloria e o seu triumpho salpicados por uma gotta, sequer, do sangue de irmãos.

Nessa grandiosa obra do progresso, o 1º batalhão de engenharia não desmentiu as suas tradições, prestando os seus serviços como patriota.

Recebe ordem no dia 15 para, com urgencia, apresentar-se na capital toda a força de que dispuzesse, e essa ordem é incontenente cumprida, seguindo o major fiscal com 108 homens, entre praças e inferiores, em trem especial. Regressa á tarde e volta a seu quartel, onde é conservado de promptidão.

No dia 16, nova ordem é recebida ás 4 horas da tarde para voltarem ao campo da Acclamação : é cumprida ; embarcando o mesmo pessoal em trem especial, em que embarcou igualmente o Sr. brigadeiro commandante da escola de tiro, com uma metralhadora guarnecida com alumnos dessa escola, e determinando-me ficar com a pequena força do batalhão, então organizado com doentes no quartel e o restante dos alumnos daquella escola para guarnecer-a defensivamente, e aguardar quaesquer outras ordens sobre os acontecimentos que se dessem.

Chegado o batalhão ao quartel-general, foi incorporado á 1ª brigada, e ficou de promptidão e á disposição do Sr. marechal ajudante-general do exercito e é hoje que regressa ao quartel.

A brilhante conducta de toda essa força e os importantes serviços que prestou nessa situação de prevenção, em que se achou toda a força armada da capital, estão narrados com toda a lucidez pelo distincto major-fiscal, na sua minuciosa parte.

Transcrevo-a por isso, louvando com a maior satisfação o referido maior e todos os officiaes que por elle são recommendados e bem assím todas as praças, cujos nomes determino sejam dados

em relação no detalhe da casa da ordem, afim de ser lançado este louvor nos seus assentamentos.

Terminando, levando vivas ao exercito e á armada, ao benemerito marechal Deodoro, aos Estados Unidos do Brazil, aos heróes Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa, Benjamin Constant e outros obreiros da grande emancipação politica do paiz.

João Luiz de Andrade Vasconcellos, coronel commandante.

Ordem do dia da escola superior de guerra

O Sr. general Conrado Niemeyer, commandante desta escola, pediu a seguinte ordem do dia :

« O povo, o exercito e a armada, inspirados pelo mais acrysolado patriotismo e unidos em um só pensamento, tendo á sua frente o bravo general marechal Manoel Deodoro da Fonseca, que nos campos inimigos cobriu de glorias immorredouras o pavilhão nacional, proclamaram, em 15 do corrente mez, a Republica Federativa dos Estados Unidos do Brazil.

Aos membros dos corpos docente e administrativo desta escola convido, pois, para, em cumprimento de um dever, que o amor da Patria hoje impõe a todos os Brasileiros, prestarmos todo o apoio moral e material ao governo que acaba de ser instituido, e para acompanhar-me nos sinceros votos, que faço, para que o mesmo governo, mantendo a ordem e salvaguardando todos os direitos, como promette, promova eficazmente a prosperidade e o engrandecimento da Republica Federativa Brasileira.

E a vós, briosos alumnos da escola, que me orgulho de dirigir, que conjuntamente com alguns distinctos membros do magisterio, tomaram parte tão activa e saliente na gloriosa jornada, limitar-me-hei a felicitar-vos por vosso heroismo, e a lembrar-vos repetindo as palavras do grande cidadão Benjamin Constant, vosso mestre querido, que « á sombra da ordem e da união é que a liberdade floresce », e que foi pela liberdade que arriscastes vossas vidas no memoravel dia 15 de novembro. E a todos, terminando, devo declarar que considero cumprimento de um dever, a que nenhum soldado do Exercito nacional pôde eximir-se sem faltar ás leis da honra, auxiliar cada um, na alçada das respectivas attribuições, na medida de suas forças, e com a maxima dedicação e lealdade, o Governo Provisorio na obra ingente da reconstrução de nossa querida Patria, que hoje mais do que nunca precisa e tem o direito de exigir de nós todos os sacrificios e a maxima abnegação. »

Ordem do dia do 9º regimento de cavallaria

Quartel do commando do 9º regimento de cavallaria, em S. Christovão, 16 de novembro de 1889.

Ordem do dia n. 1 — Com letras de ouro vae ser inscripta, na historia da nossa nacionalidade, a data de 15 de novembro, em que o povo, a armada e o exército expelliram de nossa idolatrada patria a monarchia, que deslealmente nella se implantara a 7 de setembro de 1822.

Nesse certamen glorioso, que enche de assombro o mundo inteiro, valiosa foi a cooperação do 9º regimento.

Perseguido, em Ouro-Prato, pelos representantes do regimen decabido, veiu elle fazer parte da patriotica e valorosa 2ª brigada do exército, á qual, ligada a brilhante mocidade da escola superior de guerra e militar da Praia Vermelha, coube a gloria de iniciar o movimento que deu em resultado a proclamação da Republica, neste vastissimo territorio da livre America, unico em que ainda existia aquella anachronica forma de governo.

E' enorme a responsabilidade que, por tão grande commettimento, assumiram a armada e o exército.

O patriotismo e a dedicação sem limites de que tem dado as mais exuberantes provas o regimento que me orgulho de commandar contribuirão, estou certo, para que o sabio Governo Provisorio leve a effeito as humanitarias e grandiosas idéas que lhe assignalaram o posto em que legitimamente se acha collocado, idéas de cuja realização dependem o progresso e a felicidade da Patria.

Frederico Solon Sampaio Ribeiro, major commandante.

Ordem do dia do commando superior da Guarda Nacional

Para conhecimento e inteira execução dos corpos da Guarda Nacional do meu commando, publico o seguinte aviso-circular:

« Ministerio dos negócios da justiça — Circular — 3ª secção. — Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1889.

Estando determinado no art. 1º da lei n. 2595 de 10 de setembro de 1873 os casos em que a Guarda Nacional pôde ser chamada a serviço, e não havendo felizmente nos Estados Unidos do Brazil receio algum de guerra externa, rebellião ou sedição, o Governo Federal Provisorio resolveu recommendar-vos que,

enquanto permanecerem tão auspiciosas condições de ordem e tranquillidade publicas, observeis a disposição do § 5º do citado artigo, que só permite a reunião da Guarda Nacional uma vez por anno, em dia previamente designado para a revista de mostra e exercicio de instrução no districto dos respectivos corpos ; não devendo, em caso algum, effectuar-se essa reunião dous mezes antes ou depois de qualquer eleição. Saude e fraternidade.— *Manoel Ferraz de Campos Salles.*— Sr. brigadeiro commandante superior da Guarda Nacional desta capital.» — O brigadeiro *Barão do Rio Apa.*

Ordem do dia da escola militar

Ordem do dia n. 2, assignada pelo digno commandante, tenente-coronel João Thomaz de Cantuaria:

« Vejo com satisfação recolhidos a esta escola os alumnos, que desde 15 até hoje se acharam em serviço junto ao quartel-general do Exercito, constituindo um batalhão provisorio sob o commando do tenente Servilio José Gonçalves, o qual assim será mantido até ulterior resolução do governo.

Louvo o batalhão provisorio de alumnos pela importante parte que tomou no grandioso acontecimento do dia 15, que nova era de liberdade e prosperidade deu á patria ; louvo-o tambem pela sua dedicação e abnegação, provadas nos dias que se succederam áquelle, nos quaes foi effectivamente empregado na vigilancia e manutenção da ordem publica.

Nas revoltas, embora justificadas, como a que foram duramente impellidos o Exercito e Armada no dia 15, quando os revoltosos marcham certos de que vencidos, entregam a cabeça ao cutelo dos vencedores, — vae nisto um acto de heroismo, ante o qual é preciso esquecer alguns desvios indispensaveis á lucta.

Publico agora, que entrou hontem no exercicio do lugar de lente da 2ª cadeira do 2º anno do curso de infantaria e cavallaria, para que foi nomeado por portaria de 27 do corrente, o cidadão capitão Vicente Antonio do Espirito Santo.»

O Sr. general José Clarin lo de Queiroz publicou no dia 16 a seguinte ordem do dia :

« Foi hontem solememente proclamada a Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Tão memoravel acontecimento, que será escripto com letras adamantinas nos fastos da humanidade, deve encher-nos de ingente orgulho.

O Brazil é o paiz das maravilhas, e 1839 o anno sacratissimo da nossa historia.

A arvore da liberdade, plantada a 7 de setembro de 1822, cobriu-se de pujantes flores a 13 de maio do anno passado, e hontem amanheceu repleta de sezonados fructos.

Viva a Patria livre!

Viva o Governo Provisorio!

Vivam o Exercito e Armada!

O brigadeiro *José Clarindo de Queiros.*»

Assumindo o commando desta escola, publicou o tenente-coronel Cantuaria a seguinte ordem do dia:

«Honrado com a confiança do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, assumo hoje o commando desta escola, para que fui nomeado por decreto de hontem, em substituição do illustrado cidadão, brigadeiro José Clarindo de Queiroz, que foi exonerado a seu pedido.

Desvanece-me tão importante encargo, que me entrega a direcção dessa pleiade de jovens militares que, mantendo as velhas tradições desta acreditada instituição, deram exuberantes provas de bravura e civismo, offerecendo a vida em holocausto à Patria.

Quando nos ultimos dias do imperio iniqua prepotencia tentou amordaçar as classes militares do paiz e transformar a altiva hombridade da farda brazileira em humilhante subserviencia, bem alto souberam elles alevar seu estandarte nas primeiras fileiras do Exercito regenerador.

Quando, em seguida à lucta, a Patria exige de seus filhos o esforço intellectual para o trabalho de sua evolução, eil-os iniciando a generosa idéa do resgate da divida interna, eil-os que voltam calmos e decididos aos trabalhos do estudo.

Tão nobres exemplos de amor à ordem e de interesse pelo progresso da Patria são segura garantia de que me é licito esperar manter a mais estricta disciplina escolar, como dever imprescindivel à boa marcha do publico serviço, para o que igualmente confio no auxilio franco e leal do corpo docente, composto de mestres distinctos, e na dedicação do pessoal administrativo à causa da Republica.— *João Thomaz de Cantuaria*, tenente-coronel commandante.»

Algumas opiniões sobre o jornal a Republica Brasileira

E' este o titulo de uma importante revista, que deve apparecer na capital do Imperio.

Sob a direcção de illustrados e notaveis cidadãos, a nova revista politica tem por programmas: synthetisar em suas aureas columnas todos os esforços tendentes a realizar a mais bella, a mais grandiosa aspiração da nossa Patria — a Republica Federativa Brasileira.

O apparecimento da *Republica Brasileira* veiu rasgar novos horizontes ao progresso da propaganda republicana neste paiz; veiu abrir uma era mais brilhante ás nossas expansões democraticas; consequentemente nós, que propugnamos pela mesma causa, dominados pelos mesmos patrioticos sentimentos que animam a nosso illustre collega, não podemos deixar de, exultando de enorme prazer, enviar-lhe um aperto de mão e um fraternal abraço de correligionarios.

(Da *Revolução*, de 2 de junho de 1889.)

— *Republica Brasileira*, n. 1, anno I, Côte, escriptorio á rua Sete de Setembro n. 40, sobrado.

Como bem o diz o titulo do collega, é elle um dos mais esforçados paladinos que se degladiam na arena pela proxima victoria da Idéa Nova.

Bem escripto, em 8 paginas, a *Republica Brasileira* promette crescer e apparecer.

Nossas cordiaes saudações á sua illustrada redacção.

(*Echo Municipal* de 25 de maio de 1889.)

— Em fórma de revista veiu-nos ás mãos o primeiro numero da *Republica Brasileira*, da Côte, trazendo como divisa *Freedom! and Liberty!*

Possa o apoio de todos aquelles que desejam o progresso moral e social do povo coroar os esforços do novo confrade, a quem desejamos na lucta que vae travar os mais brilhantes triumphos.

(*Gazeta da Comarca* de 19 de maio de 1889.)

—Recebemos a visita desta importante folha republicana que appareceu ha pouco no Rio de Janeiro.

Traz excellentes artigos e é muito bem redigida.

Saudamos o novo campeão da democracia, que vem augmentar com o seu valioso concurso as forças da propaganda da Republica, e agradecendo a honra da visita, desejamos-lhe prospera carreira e venturoso futuro.

(*Patriota* de 25 de maio de 1889.)

—Appareceu na Côte a *Republica Brasileira*, orgão republicano e que se publica semanalmente.

Brilhantemente redigida, traz bellissimos artigos de propaganda que proporcionam o conhecimento de que a *Republica* possui um corpo de redacção distincto e exuberante de talento.

Ao collega desejamos longa e prospera carreira, retribuindo a fineza de sua visita.

(*Transformação* de 19 de maio de 1889.)

—Este interessante e bem redigido orgão republicano, que se publica na Côte, consagra a sua primeira pagina á Republica Franceza, em homenagem ao centenário da queda da Bastilha.

Para commemorar a gloriosa data—14 de julho—traz a *Republica Brasileira* na sua pagina de honra o emblema da Republica e em todas as suas columnas brilhantes artigos referentes ao grande acontecimento.

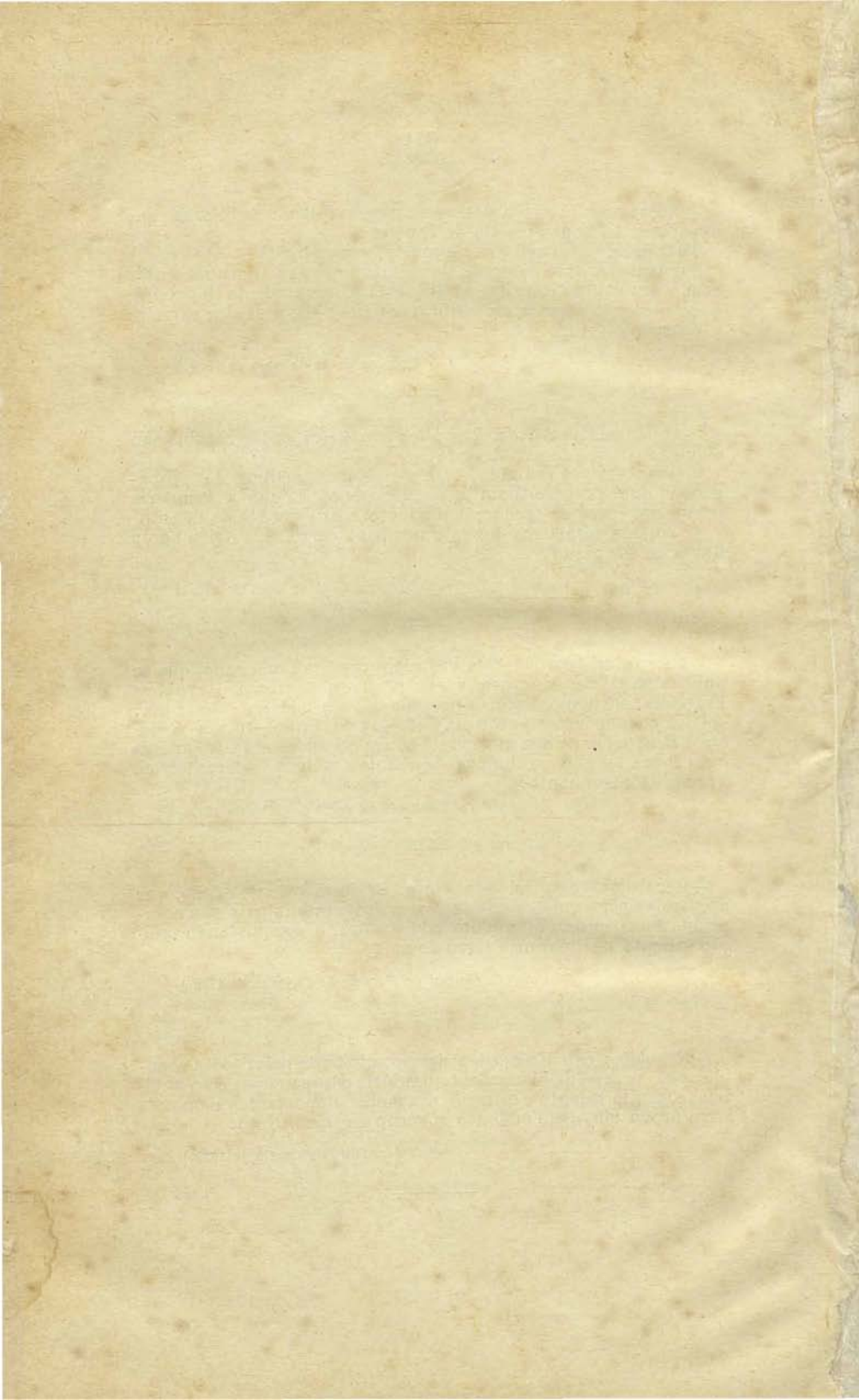
(*Echo Municipal* de 20 de julho de 1889.)

—Recebemos e agradecemos o n. 22 deste valente orgão, que apezar das perseguições dos senhores deste infeliz paiz vae cumprindo a sua missão altamente civilisadora, e conquistando posição saliente na imprensa livre do paiz.

(*Jornal do Povo* de 30 de julho de 1889.)

—*Republica Brasileira*, denodado combatente pelas idéas republicanas, vem á luz diariamente na Côte occupando-se com habilidade, muito talento e criterio dos factos importantes e successivos produzidos pelo maleficio governo de Ouro Preto.

(*Patria Livre* de 4 de agosto de 1889.)



INDICE

INTRODUCCÃO

	PAGS.
Dedicatória	III a X
Uma explicação.	XI
A Republica Brasileira	XIII
As aspirações do Brazil	XVIII

PRIMEIRA PARTE

A ultima propaganda

A Republica Brasileira	3
As nossas armas.	4
11 de maio	5
Avançamos	6
A corrupção	7
18 de maio	8
Eleição senatorial de Minas Geraes	9
A Republica Brasileira	9
Aos nossos concidadãos	10
Manifesto republicano.	10
25 de maio	12
Desorganização	13
Orientaçã	14
Crescemos e apparecemos.	15
Imposição.	16
A onda.	17
Os aulicos.	18
União	19
A liberdade de imprensa	20
Revolução.	21

	PAGS.
Fraternidade	22
A Republica Brasileira	23
Sangue !	24
Attentado !	24
O imperador	25
Continuemos	26
O terror !	27
Adulação	29
Attonitos !	30
A reacção	31
A nossa folha e a policia	32
A eleição senatorial	32
A corrupção	34
Reagir contra os planos	34
A bacchanal	35
Na luta	36
Salve !	37
Pensamentos	33

SEGUNDA PARTE

Apontamentos para a historia, datas gloriosas e factos
memoraveis

A' memoria dos Martyres da Republica	44
Manifesto de 1870	45
Acta da installação do Club Tiradentes	60
Sentença da Inconfidencia	60
O logar do supplicio	62
O 21 de abril de 1890	64
<i>Mutantur</i>	65
Tiradentes	67
21 de abril de 1792.	68
Ractelif	68
Revolução de 7 de abril de 1831.	69
Installação em 6 de novembro de 1833 do Estado Republicano	
Rio-Grandense na villa de Piratiny.	69
Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.	72
Domingos José Martins	73
Attentado contra Lopes Trovão.	73

Primeira sessão da Assembléa Constituinte da Republica Rio-Grandense.	74
A sabinada	75
Recordações valiosas da Republica Rio-Grandense.	75
Um episodio da Confederação do Equador	77
Combate do Fanfa e morte de 120 republicanos em 4 de outubro de 1836.	78
Congresso Republicano de Pernambuco	79
Pedro Ivo.	80
Club Republicano do Pará	80
Manifesto do presidente da republica Rio Grandense.	81
Congresso, Republicano Mineiro	81
Convenção de 23 de março	82
Congresso Republicano de S. Paulo	83
Republica Rio Grandense.	84
Congresso Federal Brasileiro	84
Acontecimentos de 30 de dezembro de 1888 no Rio de Janeiro	85
Carta dirigida ao Centro Republicano de Pernambuco.	87
Dous autographos do partido republicano.	88
Discurso proferido na sessão de 11 de junho de 1889 pelo padre João Manoel.	90
Camara dos deputados.	96
Chegada de Lopes Trovão.	97
Sessão solemne do Centro Republicano Lopes Trovão.	98
Congresso Federal Republicano	100
A monarchia desmentida.	101
Club Republicano Fr. Caneca	102
A proclamação da republica.	102
15 de novembro.	107
A revolução de 15 de novembro.	116
Senado.	126
Estado do Rio de Janeiro.	127
Discurso do general Almeida Barreto.	131
La America Republicana.	133
La revolucion brasileira	134
La opinion en el Brasil.	136
Primeiros indicios revolucionarios.	137
Sucesos del Brasil	141
La republica en el Brasil.	144
Repercusion de los sucesos en los Estados Unidos.	146

	PAGS.
La republica brasileira	147
Los sucesos del Brasil.	149
La republica brasileira	156
La revolution du Brésil	157
<i>Jornal dos Debates</i>	158
Do <i>Petit Journal</i>	159
<i>Le Figaro</i>	161
<i>O Intransigente</i>	163
<i>L'événement</i>	166
Pormenores interessantes.	169
A reacção.	173
Os sicarios	174
Viagem ao norte.	175
Diamantina	177
Adhesão	177
Horas no parlamento	177
Os idolos.	179
Minas Geraes.	180
Dr. Francisco Portella	182
A Nação	183
S. José do Rio Pardo.	184
Aos meus concidadãos	187
Chefia republicana.	190
Silva Jardim como agitador.	194
Fraternidade.	197
Pela republica	198
Regimen da calumnia.	199
Está proximo.	200
Terra de beccios.	202
Vozes da republica.	205
A Patria	209
Cidade e bolsa	211
A installação da republica	213
A situação actual	215
A nova patria	217
O Governo Provisorio.	218
A nova patria	220
Paz e fraternidade.	221
15 de novembro e as reformas necessarias	222
A republica e a imprensa.	224

	PAGS.
Consummatum est	225
Como pensamos.	226
A nova phase.	227
Nova era	228
A republica	229
As reservas da imprensa européa	231
A revolução	233
As duas corôas	236
Uma noite historica	239
A não do Estado.	243
Os diplomatas	245
A confiança	246
A data de hoje	249
Factos diversos.	252
Jornaes republicanos existentes no Brazil até 15 de novembro de 1889	261
Clubs republicanos.	262
A penultima e a ultima sessão do conselho de estado	266
O attentado	272
Os fructos.	275
A fazenda nacional em 15 de novembro de 1889.	278
Dec. n. 1 de 15 de novembro.	291
Dec. n. 3 de 16 de novembro.	295
Pensões e pensionistas.	296
Eleições	297
A bandeira nacional	297
Dissolução das assembléas provinciaes	298
Ordem do dia do commando superior da guarda nacional	300
Ordem do dia do 1º batalhão de infantaria.	300
Ordem do dia do Sr. ajudante general.	301
Ordem do dia do 7º batalhão.	302
Ordem do dia do corpo militar de policia.	303
Ordem do dia do 10º batalhão	304
Ordem do dia do 1º batalhão.	304
Ordem do dia da escola superior de guerra.	306
Ordem do dia do 9º regimento de cavallaria.	307
Ordem do dia da escola militar.	308
Algumas opiniões sobre o jornal a <i>Republica Brasileira</i>	310

JC

L 002/001 R 14

C/484

